

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

LÍVIA GUILHERMANO

**IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS:  
histórias de vida na transição do período industrial para o pós-industrial**

PORTO ALEGRE

2019

LÍVIA GUILHERMANO

**IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS:  
histórias de vida na transição do período industrial para o pós-industrial**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**Orientadora: Profa. Dra. Virginia Pradelina da  
Silveira Fonseca**

PORTO ALEGRE

2019

LÍVIA GUILHERMANO

**IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS:  
histórias de vida na transição do período industrial para o pós-industrial**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**Orientadora: Profa. Dra. Virginia Pradelina da  
Silveira Fonseca**

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Fábio Henrique Pereira – Universidade de Brasília

---

Dra. Marcia Benetti – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dra. Cassilda Golin – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dra. Ana Cláudia Gruszynski – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Suplente)

À minha mãe,  
que conhece cada vírgula da minha história.

Ao João,  
que chegou trazendo completude e amor para o enredo.

## AGRADECIMENTOS

Não há identidade sem o outro. Pensando nisso, não posso deixar de pensar no quanto as pessoas que fazem parte da minha vida são responsáveis pelo que sou e pelo caminho que percorri.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que me acolheu por, pelo menos, 14 anos – do ensino fundamental à pós-graduação. Muito do que sou hoje devo ao acesso ao ensino público de qualidade e à visão de mundo que construí dentro da universidade.

Aos professores da Fabico, sou grata pelos ensinamentos.

Em especial, agradeço à Virgínia Fonseca, orientadora, que se tornou amiga nesses dois anos de mestrado. Levarei com muito carinho as lembranças dos nossos encontros e das importantes trocas, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Estendo o agradecimento às colegas que acompanharam a minha trajetória e que tornaram o período do mestrado especial: Ana Paula Lückman, Taís Seibt e Vivian Eichler. Às professoras Cida Golin e Marcia Benetti, obrigada pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Agradeço muito aos jornalistas que, gentilmente, aceitaram dividir suas histórias comigo e tornar esse trabalho possível: Ana Estela de Sousa Pinto, Carlos Wagner, Elder Ogliari, Katia Perin, Marcelo Auler e Marcelo Canellas.

Também sou grata àqueles que contribuíram com a indicação dos entrevistados: Vivian Virissimo, Cida Golin, Gustavo Roth e Marcia Benetti.

Obrigada aos professores Fábio Henrique Pereira e Zélia Adghirni, que tornaram possível a minha aproximação com os professores da Université Laval, durante período de estada em Montreal, no Canadá; aos professores François Démers e Jean Charron, que gentilmente me receberam na Laval, na Cidade do Québec, e proporcionaram uma das experiências mais incríveis do mestrado; aos amigos de Montreal, em especial: Will Straw, Carla, Rafael, Nalo e Frank.

Aos meus colegas da TVE e da FM Cultura: os dois anos de mestrado também foram marcados pela luta. Sou grata por ter “companheiros de trincheira” na defesa da comunicação pública de qualidade.

Aos amigos Lírian Sifuentes e Charles Florczak, que estavam ao meu lado, em La Plata, quando recebi a notícia que a jornada do mestrado estaria começando. Que a gente possa sempre compartilhar os momentos importantes. À Maitê König, Ana Paula Oliveira, Débora Baú, Ray Lisboa, Maitê Telles e Rodrigo Santos, pela amizade ontem, hoje e sempre.

À Fabiana e Karina Guilhermano, minhas irmãs e amigas incondicionais. Obrigada por sempre torcerem para mim. Ao meu pai, Elias Castro, por todo o amor. Aos meus sobrinhos,

Henrique, Lara e Pedro, que me lembram a todo momento do que realmente vale a pena. A toda a minha família e à família do João, tão importantes para mim.

À minha mãe, Marli Guilhermano, de quem herdei a paixão pelas histórias. A você, devo o meu mundo. Obrigada pela leitura das entrevistas e pelo suporte dado nesses dois anos.

Ao João pelo amor, compreensão e por tudo o que já vivemos. Eu enfrentaria todas as adversidades do mundo, se preciso, ao teu lado. Obrigada pela contribuição essencial à dissertação.

“Tudo era mais demorado, mais difícil, mais trabalhoso.  
Então por que mal engolimos o almoço?  
Então por que estamos sempre atrasados?  
Então por que ninguém mais bota cadeiras na calçada?  
Alguém pode me explicar onde foi parar o tempo que ganhamos?”  
(Marcelo Canellas, *Províncias*, 2013)

## RESUMO

Esta pesquisa trata da identidade profissional de jornalistas na passagem do período industrial para o pós-industrial. Nosso propósito é entender mudanças e continuidades na identidade de profissionais que vivenciaram as transformações sociais, econômicas, culturais, tecnológicas e, conseqüentemente, no mundo do trabalho jornalístico entre o final do século 20 e o início do século 21. As mudanças, ainda em curso, provocam uma reconfiguração do ecossistema midiático: passamos de um período de limitações técnicas e predominância da produção jornalística em escala industrial para uma era em que produzir informação está ao alcance de todos. Esse cenário leva a novas configurações de trabalho e coloca em questão a identidade profissional. Considerando que a identidade é construída e reconstruída em sucessivas socializações, nos propomos a estudar suas significações e ressignificações ao longo da vida de jornalistas, especialmente da entrada no mercado de trabalho até a atualidade. O método utilizado para isso foi a história de vida, uma das modalidades da História Oral. Realizamos entrevistas com seis jornalistas que iniciaram suas carreiras nos anos 1980 e 1970 e que ainda estão em atividade: Ana Estela de Sousa Pinto, Carlos Wagner, Elder Ogliari, Katia Perin, Marcelo Auler e Marcelo Canellas. A análise incide sobre três âmbitos manifestos no discurso desses jornalistas: a identidade para si, a identidade para o outro e as mudanças tecnológicas e no trabalho jornalístico. Os resultados da pesquisa apontam para a *continuidade* na identidade para si, com o predomínio da manutenção do *ethos* romântico no discurso dos jornalistas. Em relação à identidade para o outro, os sentidos dominantes encontrados são os de *reconhecimento* desses profissionais por seus pares.

Palavras-chave: identidade profissional; identidade jornalística; jornalismo pós-industrial; histórias de vida.



## ABSTRACT

This research analyzes the professional identity of journalists in the transition from industrial to post-industrial era. Our purpose is to understand what changes and continuities can be observed in the identity of professionals who witnessed the social, cultural, economic and technological transformations between the end of 20th Century and the beginning of 21st Century. These changes, which are still ongoing, have promoted the reconfiguration of the media ecosystem by moving from limited techniques and the predominance of journalistic production in industrial scale to the production of information becoming available to everyone. This scenario promotes new work configurations and brings professional identity to the fore. Considering that identity is built and rebuilt by continuous socializations, we aim to investigate how identity is resignified throughout journalists' lives, specially from their entrance in the job market to nowadays. The method implemented is life history interviews, an Oral History approach modality. We interviewed six journalists who started their careers in the 1980s and 1970s, and are still working: Ana Estela de Sousa Pinto, Carlos Wagner, Elder Ogliari, Katia Perin, Marcelo Auler and Marcelo Canellas. The analysis of the journalists' discourses focuses on three areas: self identity, identity to others, and technological and journalistic changes. Results reveal that self identity is continuous across the years, with the predominance of the romantic *ethos* in the discourse of journalists. In regards to identity to others, the recognition of these professionals by their colleagues is the predominant aspect.

**Keywords: professional identity; journalistic identity, Post-industrial journalism; life history.**

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Elder Ogliari quando era repórter do Jornal Metrô, em 1985.....	77
Fotografia 2: Elder Ogliari na redação do Correio do Povo em novembro de 2018.....	78
Fotografia 3: Redação de Zero Hora no início dos anos 1980. Carlos Wagner à direita. ....	79
Fotografia 4: Carlos Wagner em sua casa em novembro de 2018.....	80
Fotografia 5: Ana Estela (à direita) na redação da Folha de S. Paulo.....	81
Fotografia 6: Ana Estela na redação da Folha de S. Paulo em novembro de 2018.....	82
Fotografia 7: Marcelo Canellas na cobertura do movimento caras-pintadas, em 1992.....	83
Fotografia 8: Marcelo Canellas em novembro de 2018 na casa da mãe, em Santa Maria.....	84
Fotografia 9: Marcelo Auler em reportagem para revista Veja, no início dos anos 1990.....	86
Fotografia 10: Fotografia de apresentação do blog de Marcelo Auler.....	86
Fotografia 11: Katia Perin na redação do Jornal da Tarde, no início dos anos 1990.....	88
Fotografia 12: Katia Perin em Porto Alegre, em dezembro de 2018.....	88

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias de análise para o estudo da dualidade da identidade social.....	43
Quadro 2: Níveis de discurso de Ribeiro (1994).....	62
Quadro 3: Relação de entrevistados e respectivas atuações no jornalismo.....	89
Quadro 4: Relação dos sentidos encontrados na análise das entrevistas.....	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>AS TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO</b> .....	20
2.1	Do industrial ao pós-industrial .....	21
2.2	O jornalista no contexto pós-industrial .....	26
<b>3</b>	<b>IDENTIDADE</b> .....	31
3.1	<i>Habitus</i> , campo e capital .....	32
3.2	Socialização e construção da identidade .....	36
3.3	Identidade profissional .....	41
3.4	Identidade no mundo contemporâneo .....	44
<b>4</b>	<b>JORNALISMO E IDENTIDADE</b> .....	52
4.1	O campo jornalístico .....	52
4.2	O jornalismo como profissão .....	55
4.3	<i>Ethos</i> romântico .....	58
4.4	Jornalismo de mercado e pragmatismo .....	63
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	67
5.1	História de vida: a biografia na história oral .....	67
5.2	Percurso metodológico.....	73
5.2.1	<i>Exercício preliminar: Lucinda Chodan</i> .....	73
5.2.2	<i>Escolha dos entrevistados</i> .....	74
5.2.2.1	<b>Elder Ogliari</b> .....	76
5.2.2.2	<b>Carlos Wagner</b> .....	78
5.2.2.3	<b>Ana Estela de Sousa Pinto</b> .....	80
5.2.2.4	<b>Marcelo Canellas</b> .....	82
5.2.2.5	<b>Marcelo Auler</b> .....	84
5.2.2.6	<b>Katia Perin</b> .....	87
5.2.3	<i>Quadro de entrevistados</i> .....	88
5.2.4	<i>Realização das entrevistas</i> .....	90
5.2.5	<i>Tratamento e análise</i> .....	90
<b>6</b>	<b>A IDENTIDADE NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE JORNALISTAS</b> .....	93

6.1	O processo biográfico e o discurso sobre a profissão .....	93
6.1.1	<i>Sentidos do discurso romântico</i> .....	94
6.1.1.1	<b>Amor</b> .....	95
6.1.1.2	<b>Inquietude e aventura</b> .....	100
6.1.1.3	<b>Missão</b> .....	108
6.1.1.4	<b>Embate</b> .....	113
6.1.1.5	<b>Politização</b> .....	117
6.1.1.6	<b>Comprometimento e entrega de si</b> .....	121
6.1.2	<i>Sentidos do discurso de mercado</i> .....	128
6.1.2.1	<b>Pragmatismo</b> .....	128
6.1.2.2	<b>As intensas rotinas produtivas</b> .....	132
6.1.2.3	<b>Sufrimento</b> .....	136
6.1.3	<i>Continuidade ou ruptura</i> .....	141
6.2	O processo relacional .....	141
6.2.1	<i>Sentidos de não reconhecimento</i> .....	143
6.2.2	<i>Sentidos de reconhecimento</i> .....	142
6.3	Mudanças tecnológicas e o trabalho jornalístico .....	150
6.3.1	<i>Mudanças na prática jornalística</i> .....	151
6.3.2	<i>Mercado de trabalho</i> .....	156
6.3.3	<i>Urgência e onipresença</i> .....	158
6.3.4	<i>O futuro da profissão</i> .....	161
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	164
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	171
	<b>APÊNDICE A</b> .....	176
	<b>APÊNDICE B</b> .....	177
	<b>APÊNDICE C</b> .....	180

## 1 INTRODUÇÃO

“Quando eu comecei, você precisava disputar o orelhão com a Dona Maria [...] hoje você pode entrar ao vivo do fundo do mar”. A comparação de Marcelo Canellas, repórter especial da TV Globo, ilustra o salto tecnológico que ocorreu no espaço de tempo de uma vida. É uma observação sobre *mudança*: o mundo de algumas décadas atrás, visivelmente, não é o mesmo de hoje. É também uma reflexão que remete à *permanência*: de alguém que construiu uma trajetória inteira dentro do jornalismo.

Esta pesquisa trata de identidade profissional, mais especificamente de um grupo social dentre os jornalistas: aqueles que vivenciaram no trabalho as mudanças culturais, sociais, econômicas e tecnológicas do final do século 20 e que permanecem em atividade nos dias atuais. Em outras palavras, é uma pesquisa que pretende analisar mudanças e permanências na identidade profissional de jornalistas que vivenciaram a passagem do jornalismo industrial para o período pós-industrial.

A identidade é um conceito, por si só, complexo. Envolve a imagem que temos de nós mesmos, a imagem do outro sobre nós e como nós achamos que somos vistos pelo outro. Relaciona-se também a valores, papéis e lugares no mundo que herdamos do nosso meio social, que visamos para o futuro e que os outros esperam de nós. Estudar identidade, portanto, é um desafio. Implica recorrer a um espaço interdisciplinar, aproximando-nos dos campos da sociologia, da psicologia, da antropologia, da linguística e da comunicação.

Da mesma forma, a identidade ligada à profissão compreende uma série de questões. Remete à forma como nos percebemos enquanto profissionais, às relações com colegas e chefes, ao espaço que pensamos ocupar em uma comunidade profissional, às expectativas dos outros sobre o nosso trabalho e, até mesmo, à maneira como nós vemos os outros. Ela é construída e reconstruída permanentemente, a partir do espaço social do qual somos originários, das nossas próprias experiências ao longo da vida, além dos modos de ver, pensar e agir no mundo, compartilhados com indivíduos da mesma categoria profissional.

Entendemos que o jornalismo construiu, historicamente, uma maneira própria de se colocar no mundo que o distingue das demais profissões. Criou e cristalizou valores, papéis e crenças que foram compartilhadas e difundidas dentro e fora da comunidade profissional. Além disso, pressupõe um conjunto de regras formais e explícitas, mas também informais e tácitas, que orienta a prática dos atores sociais (CHARRON; BONVILLE, 2016).

Nesta dissertação, partimos do pressuposto que o jornalismo é uma construção sociocultural que está, desde o início da sua história, em constante transformação, como defendem os autores canadenses Charron e Bonville (2016). Trata-se de um processo complexo, que envolve o contexto social e a sua relação com o próprio discurso jornalístico, passando também pelas condições de sua produção. Por isso mesmo, a cada período, o jornalismo é marcado por determinadas formas de concebê-lo e praticá-lo. Em determinado momento da história, por exemplo, sobressaiu-se o seu caráter opinativo (século 18 e parte do século 19), enquanto em outro, o informativo (séculos 19 e 20). As tecnologias, as práticas e as rotinas também se modificam. Algumas são rapidamente esquecidas, outras permanecem por mais tempo.

Até este momento, final da segunda década do século 21, não temos elementos suficientes para afirmar estarmos testemunhando uma mudança de nível estrutural, que represente uma forma inteiramente nova de conceber e praticar o jornalismo. Falta-nos a devida distância temporal para fazer tal afirmação, como adverte Jean Charron<sup>1</sup>. Ainda assim, acreditamos que o jornalismo vive atualmente importantes transformações. Para estudá-las, utilizamos a concepção de jornalismo pós-industrial, desenvolvida por Anderson, Bell e Shirky (2013). Na passagem do século 20 para o 21, o cenário de mídia foi fortemente impactado pela difusão da internet, fazendo com que a produção de natureza industrial, estruturada em torno de grandes organizações, aparatos e máquinas, perdesse terreno. Assim, o jornalismo pós-industrial tem sido marcado pelo desenvolvimento de novas técnicas, novos métodos de produção e novos ambientes de divulgação e consumo de conteúdo. Nesse cenário, público e fontes têm novas possibilidades de intervenção. E os jornalistas, por sua vez, têm de se adaptar a essa nova realidade.

Dentre as muitas transformações em curso nessa transição, acreditamos que a identidade profissional também seja impactada por todos esses processos. Partindo-se do pressuposto de que os processos identitários estão em permanente construção e reconstrução, parece-nos pertinente perguntar e refletir sobre mudanças e permanências na identidade profissional dos jornalistas que vivenciaram e vivenciam essa passagem da etapa industrial para a pós-industrial. Esse é o objetivo que perseguimos nesta dissertação. Para alcançá-lo, pretendemos:

a) identificar, compreender e analisar fatores na vida desses jornalistas que contribuíram para moldar a identidade para si (processo biográfico) e a identidade para o outro (processo relacional).

b) investigar questões relacionadas a valores, papéis, responsabilidades e desafios na transição do período industrial para o pós-industrial.

---

1 Em entrevista à autora em novembro de 2017, concedida na Universidade Laval, no Canadá. A entrevista completa pode ser acessada no link: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82397/51010>>

Para responder a essas questões, optamos pela utilização de uma das modalidades da História Oral – a entrevista de história de vida. Essa técnica permite que conheçamos, em profundidade, trajetórias de jornalistas, da infância à idade adulta, com maior detalhamento da fase profissional. Assim, conseguimos apreender elementos que dão contorno à identidade profissional, no início de suas carreiras e hoje.

Foram convidados a fazer parte desta pesquisa seis jornalistas: Ana Estela de Sousa Pinto, Carlos Wagner, Elder Ogliari, Marcelo Canellas, Marcelo Auler e Katia Perin. Todos são profissionais ainda em atividade, com ampla experiência em veículos, que iniciaram suas carreiras nos anos 1980 e 1970. Portanto, acompanharam a informatização das redações, a chegada da internet e todos os subsequentes impactos nas rotinas, nas práticas, no mercado de trabalho e nas configurações empresariais. Mais do que entender a mudança tecnológica, nosso intuito é estudar sujeitos: seus modos de ver e agir como profissionais, suas relações com os outros e tudo aquilo que impacta a construção das suas identidades.

Como estrutura teórica, utilizamos conceitos como *habitus*, campo e capital, de Pierre Bourdieu (1983, 2004, 1996, 2009). O sociólogo francês é um dos autores que exercem influência sobre o trabalho de Claude Dubar, outro teórico-chave nesta pesquisa. Dubar (1997, 2009) ajuda-nos a entender que a identidade é sempre reconstruída através de dois processos – o biográfico e o relacional, ou seja, a partir do olhar de si mesmo e do olhar do outro. Ele sustenta que é a análise desses processos que nos permite compreender as questões relacionadas à identidade profissional.

Para tratar sobre a identidade profissional no jornalismo, nos apoiamos em autores como Ruellan (2017), que observa um esforço dos jornalistas para demarcar suas competências no campo da comunicação. Trabalhamos, ainda, com duas abordagens que se contrapõem, a fim de refletir sobre a identidade no jornalismo: o *ethos* romântico e o jornalismo de mercado. No exercício de análise, a partir dessas duas perspectivas, buscamos apreender sentidos sobre a “identidade para si” nas falas dos jornalistas. Somado a isso, procuramos identificar a “identidade para o outro” no discurso. Por fim, investigamos como algumas das transformações em curso no período pós-industrial são observadas pelos entrevistados.

Ao fazermos um levantamento sobre o estado da arte, observamos um crescente interesse dos pesquisadores para o tema da identidade profissional no jornalismo. A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, de 2012, coordenada por professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), traz uma série de dados sobre os profissionais que atuam em todo o país. Os pesquisadores mapearam locais de atuação, salário, funções, distribuição regional, gênero, religião, etnia, além de outras informações. A publicação da pesquisa estimulou a produção de diversos artigos acadêmicos publicados em congressos, como, por exemplo, o da Associação Brasileira de



Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Em 2018, esses e outros pesquisadores interessados no tema formalizaram a criação da Rede Identidade e Trabalho na SBPJor.

Nossa pesquisa vai ao encontro desse movimento. Trata-se de um estudo sobre a identidade profissional do jornalista com um viés ainda não proposto por nenhum outro trabalho: a partir das histórias de vida de quem testemunhou a transição para o jornalismo pós-industrial.

Em resumo, consideramos que o tema tem relevância acadêmica e social, uma vez que seu recorte visa ao aprofundamento e à atualização dos estudos sobre a identidade no jornalismo, que é de interesse também para a comunidade profissional. Da mesma forma, ao estudar a identidade profissional de jornalistas na passagem do período industrial para o pós-industrial, estamos investigando mudanças sociais, culturais, tecnológicas e econômicas mais amplas. Ressaltamos, ainda, que a identidade do jornalista é elemento constitutivo do discurso que esse produz sobre a realidade social e contribui para a compreensão das pessoas sobre os diferentes aspectos do mundo.

A dissertação é dividida em sete capítulos, além das referências bibliográficas. Neste primeiro, fazemos uma introdução ao tema de pesquisa, seu recorte, problematização e objetivos. No segundo, procuramos apresentar as características gerais do que estamos chamando de períodos industrial e pós-industrial. Destacamos, entre as mudanças, aquelas que dizem respeito especificamente ao papel do jornalista. No terceiro capítulo, fazemos uma discussão sobre o conceito de identidade. Discorremos sobre a construção da realidade social e a formação da identidade profissional. Depois, trazemos perspectivas de alguns autores sobre a identidade no mundo contemporâneo. O capítulo quatro tem como objetivo relacionar o conceito de identidade ao jornalismo. Nesse momento, fazemos uma reflexão sobre o jornalismo como profissão. Também apresentamos duas abordagens possíveis para a análise da identidade jornalística: a do *ethos* romântico e a do jornalismo de mercado – a primeira marcada pelo imaginário romântico da profissão e a segunda, pelo pragmatismo. O quinto capítulo é dedicado à metodologia utilizada na pesquisa. Nele, apresentamos o método escolhido: a entrevista de história de vida, uma modalidade da História Oral. Também fazemos uma descrição do percurso da pesquisa: da escolha dos entrevistados até a análise do material recolhido; apresentamos brevemente, as biografias dos jornalistas entrevistados. No capítulo seis, procedemos à análise das entrevistas. Dividimos a análise em três instâncias: processo biográfico (identidade para si), processo relacional (identidade para o outro) e mudanças tecnológicas e no mundo do trabalho. O sétimo e último capítulo traz as considerações finais do trabalho, seguidas das referências.

## 2 AS TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO

A passagem do século 20 para o 21 foi marcada por profundas mudanças tecnológicas, culturais e sociais. Para o jornalismo, as transformações ainda estão em curso e, portanto, é preciso um esforço para dimensioná-las, uma vez que todos nós fazemos parte desse processo. Sabendo do desafio que é observar o momento presente, neste capítulo buscamos analisar as mudanças no campo jornalístico com a passagem do que chamamos de período industrial para o pós-industrial. Primeiro, buscamos caracterizar a transição de um período para o outro, ressaltando transformações no mercado, no consumo e na produção de conteúdo. Em seguida, procuramos entender quais as consequências desse novo contexto para o jornalista profissional.

Para estudar as transformações no jornalismo contemporâneo, tomamos por base o relatório “Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos”, produzido no âmbito do *Tow Center for Digital Journalism*, da *Columbia Journalism School*, por Anderson, Bell e Shirky (2013). O dossiê traz observações e previsões sobre o jornalismo, a partir do contexto norte-americano. É possível, porém, adaptá-las à realidade brasileira, uma vez que, no Brasil, observamos um movimento similar. Podemos identificar na fala dos jornalistas entrevistados nesta dissertação sinais de que o diagnóstico realizado pelos autores em relação ao jornalismo contemporâneo serve também para indicar mudanças no contexto brasileiro.

Mas o que querem dizer Anderson, Bell e Shirky (2013) ao propor a utilização desse conceito para designar o jornalismo contemporâneo? Segundo os autores, o termo foi usado originalmente em 2001 pelo jornalista Doc Searls para sugerir “um jornalismo que já não é organizado segundo as regras da proximidade do maquinário de produção.” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.37-38). De fato, o jornalismo não é mais dependente de uma lógica industrial, como era décadas atrás. Isso não significa que inexistam hoje empresas que trabalham com uma grande escala de produção, por exemplo, mas que esse modelo está sendo repensado e que ele divide o espaço jornalístico com outras iniciativas.

Assim, defendemos a tese de Charron e Bonville (2016) sobre o caráter permanente das mudanças nesse campo social e profissional. Segundo os pesquisadores, o jornalismo pode ser definido por “dois traços essenciais: primeiramente, ele recobre uma prática discursiva sobre objetos reais de interesse público [...]; em segundo lugar, remete a uma prática interdiscursiva no sentido de que o jornalismo é o encontro em um mesmo suporte material [...] de diversos discursos e de várias fontes de discurso” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 31). Essas duas dimensões estariam presentes desde a criação da imprensa. Dessa maneira, o jornalismo pode ser entendido

como “prática de produção, de coleta e de formatação, num jornal ou outra mídia, de discursos relativos a objetos reais de interesse público” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 32).

De forma complementar, pode-se compreender o jornalismo como agente construtor de sentidos sobre o mundo; como forma de conhecimento que produz não apenas o próprio discurso a respeito da realidade, mas também reproduz conhecimento formado por outras instituições sociais (MEDITSCH, 1998) e, em uma perspectiva weberiana, o jornalismo também pode ser entendido como uma ação social: uma ação social racional quanto a finalidades e quanto a valores (FONSECA, 2016). Seria uma ação racional em relação a fins porque está inserido na lógica capitalista, sendo atividade de produção de uma mercadoria, que é a notícia. Concomitantemente, é uma ação racional em relação a valores porque não é puramente negócio: é guiado por valores, crenças e uma deontologia profissional<sup>2</sup>.

No entanto, para Charron e Bonville (2016, p.124), “não existe uma realidade idêntica em todas as épocas e em todos os países, designada pela palavra jornalismo. Pelo contrário, o jornalismo é uma construção sociocultural fortemente marcada pelo contexto da sua formação”. Os autores distinguem duas formas de mudanças no jornalismo (nas suas regras, convenções e normas), reconfigurando a prática espaçotemporalmente situada: a mudança “normal” e a mutação – uma mudança em nível estrutural. O estado de mudança seria, segundo eles, inerente ao jornalismo. Assim, a mudança “normal” seria aquela que acontece simplesmente durante a prática. Algumas podem ter efeito a curto prazo, enquanto outras podem perdurar. Ao se manterem por mais tempo, elas acabam, em determinado momento, se tornando comuns dentro da prática jornalística.

Já a mutação ocorre quando certos elementos da sua configuração estável sofrem transformações capazes de provocar uma adaptação generalizada dos outros elementos. A mutação implicaria, portanto, “uma transformação tal que as regras de produção do discurso jornalístico e o próprio discurso jornalístico não são mais reconhecidos como tais” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 109). É preciso entender, além disso, que essas transformações na prática jornalística resultam em mudanças em outras instituições e estruturas sociais com as quais o jornalismo se relaciona. O jornalismo não pode ser entendido isoladamente, ou seja, fora da estrutura social.

Acreditamos estar diante de uma grande transformação, nos moldes apresentados por Anderson, Bell e Shirky (2013). Porém, concordamos com Charron<sup>3</sup> quando afirma que é preciso ter distanciamento temporal para concluir se vivemos uma mutação estrutural. Ao tentar observar o

---

2 O conceito de jornalismo é bastante amplo e complexo, mas nosso objetivo aqui não é esgotar a discussão quanto ao seu significado, mas tomá-lo como ponto de partida para debater as suas transformações.

3 Em entrevista à autora em novembro de 2017, concedida na Universidade Laval, no Canadá. A entrevista completa pode ser acessada no link: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82397/51010>>

momento presente, carregado de incertezas, ainda não podemos concluir se estamos diante de transformações que possam ser consideradas normais ou que modifiquem todo o sistema.

Outros autores, no entanto, arriscam afirmar que estamos, sim, diante de uma mutação. Pereira e Adghirni (2011) acreditam que as alterações socioeconômicas e inovações tecnológicas vivenciadas até aqui são suficientemente radicais para justificar mudanças estruturais. Eles dividem essas transformações em três eixos: 1) mudanças estruturais na produção da notícia – com a aceleração dos fluxos de produção e disponibilização da notícia, a proliferação de plataformas para conteúdo multimídia e alterações no processo de coleta de informação e da relação com as fontes; 2) mudanças estruturais no perfil do jornalista – com o aumento da precarização do trabalho e a consequente ocupação de outros espaços, que não os veículos tradicionais; e 3) novas relações com os públicos, que passam a produzir conteúdo e colaborar, impondo suas próprias normas e valores.

Ainda que não tenhamos elementos de convicção para defender uma mudança estrutural na contemporaneidade, é possível afirmar que há uma série de evidências – entre elas, as observadas por Pereira e Adghirni (2011) e por Anderson, Bell e Shirky (2013) – que apontam para transformações profundas nas formas de captar, produzir, difundir e consumir conteúdo jornalístico, especialmente depois do advento da internet. As inovações que surgiram se traduzem, sem dúvida, em transformações sociais e culturais que vão muito além de um processo tecnológico (JENKINS, 2009). Essas mudanças entre um período e outro podem ser percebidas também nas falas e na memória de jornalistas que iniciaram suas carreiras nas últimas décadas do século 20 e que ainda estão em atividade. Seja pela lembrança distante da máquina de escrever, da divisão bem definida de funções dentro das empresas, de uma jornada fixa de trabalho ou da rotina em uma redação cheia de profissionais, eles identificam sinais de que vivemos outros tempos. Por isso, optamos por trabalhar com a transição do período que chamamos de “jornalismo industrial” para o “jornalismo pós-industrial”, a fim de observar mudanças na profissão e na história de vida dos jornalistas.

## 2.1 Do industrial ao pós-industrial

Partimos do pressuposto de que o jornalismo vem passando por um período de transformações importantes que tiveram início no final do século 20. Com a expansão da internet, a partir da segunda metade dos anos 1990, e com a emergência das mídias sociais digitais, nos anos 2000, as fronteiras da atividade jornalística tornaram-se muito mais difusas, os métodos de apuração e de divulgação de informações estão sendo remodelados e o próprio mercado está buscando se

reestruturar. Antes, porém, de detalhar o jornalismo pós-industrial, que serve de alicerce para a nossa pesquisa, precisamos compreender o período que o precede.

Como já mencionamos, o termo “jornalismo pós-industrial”, adotado pelos pesquisadores norte-americanos, designa a superação de um modelo, preponderante até então, de ligação do fazer jornalístico com o maquinário de produção. Conforme Anderson; Bell; Shirky, (2013, p.38), “lá atrás, a lógica não era administrativa, mas prática: o pessoal da redação, que produzia o texto, tinha de estar perto das máquinas que reproduziriam esse texto”. Existia uma grande indústria jornalística responsável por produzir praticamente tudo o que chegaria nas mãos do público. “Era uma indústria que se mantinha em pé por coisas que em geral mantêm um setor em pé: a similitude de métodos entre um grupo relativamente pequeno e uniforme de empresas e a incapacidade de alguém de fora desse grupo de criar um produto competitivo” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.32).

Ainda que o modelo que caracterizamos como jornalismo industrial remonte ao século 19, nos Estados Unidos, no Brasil, onde se desenvolveu tardiamente, ele foi implementado somente no século 20, consolidando-se a partir dos anos 1960 – sob vigilância e controle do Estado, em um contexto de ditadura militar (FONSECA, 2005)<sup>4</sup>. É nesse período que o jornalismo se consolidou como negócio, acompanhando o desenvolvimento e a consolidação de outras indústrias culturais.

Esse jornalismo de natureza industrial era marcado, entre outras características, pela subordinação do seu conteúdo editorial à lógica capitalista de produção das empresas de comunicação. No Brasil, segundo Fonseca (2005), nesse período houve uma forte concentração de propriedade, de capital e de tecnologia, com o surgimento de conglomerados de mídia, que abrigavam diversos veículos (jornal, rádio, televisão, etc.). Esses grupos estavam nas mãos de poucos. “Nos anos 60 e 70 os grandes empreendedores do setor cultural são [...] homens que administram conglomerados englobando diversos setores empresariais, desde a área da indústria cultural à indústria propriamente dita.” (ORTIZ, 1988, p. 134).

Para Fonseca (2005), o modo de produção dos conteúdos nesse período guarda semelhança com o processo fordista de produção industrial – produção em massa para consumo de massa. Esse modelo teve implicações diretas sobre o produto jornalístico. A notícia começava a ser vista plenamente como mercadoria e, por isso, havia um esforço para torná-la mais palatável e mais leve, a fim de agradar ao consumidor. O que se via era a importação do modelo norte-americano de jornalismo, com a implantação de técnicas como a pirâmide invertida, o *lead* e o planejamento

---

4 A autora caracteriza esse período como “jornalismo de indústria cultural”, propondo uma periodização que prioriza o aspecto econômico dentro da história do jornalismo brasileiro. Para ela, o jornalismo que se desenvolveu junto à indústria cultural no Brasil, especialmente a partir dos anos 1960, corresponde a um jornalismo de natureza industrial, mantendo características do modelo fordista de produção de bens culturais. Assim, consideramos que os aspectos ressaltados pela autora em sua obra condizem com o período que estamos chamando de “jornalismo industrial”, com base no relatório de Anderson, Bell e Shirky (2013).

gráfico, entre outras novidades, além do conceito de objetividade e imparcialidade, com vistas a tornar o produto o mais neutro possível.

Entre outras características do jornalismo industrial, estavam a padronização dos textos e produtos de um mesmo grupo, o que foi possível com a implantação dos manuais de redação, e a especificação das funções dos trabalhadores. Como em uma linha industrial, nesse modelo, há “necessidade de jornalistas que exerçam especificamente a função de pauteiros, editores, subeditores, repórteres, redatores, fotógrafos, editorialistas, copidesques, secretários de redação, diretores de redação, etc.” (FONSECA, 2005, p.128). Como veremos, essa separação por funções dentro das empresas é um dos fatores a sofrer mudanças profundas com a passagem para o período pós-industrial.

Fonseca (2005) cita, ainda, como características desse período: a transformação do jornalista em um assalariado submetido a regras e normas semelhantes às de uma linha de montagem (com jornada e salário fixos, especialização de tarefas, produtividade, etc.); a integração dos setores administrativo, editorial e industrial das empresas; a publicidade como definidora dos espaços reservados ao jornalismo nas editorias; a simplicidade da linguagem jornalística e a brevidade das notícias.

Todos esses fatores têm algo em comum: são resultados de um modelo de jornalismo produzido por instituições estáveis, com alto grau de controle sobre os profissionais e, portanto, sobre o conteúdo. Nesse modelo, as empresas exercem papel central, uma vez que era preciso ter recursos e estrutura para fazer jornalismo.

Para imprimir e distribuir um jornal diário, era preciso uma equipe grande e qualificada – e maior ainda para produzir e transmitir um telejornal. A concorrência era limitada por esses custos e dificuldades, bem como pelo alcance geográfico de caminhos de entrega e sinais de transmissão. No pequeno número de organizações com meios para criar e distribuir notícias, estruturas profissionais completas foram erigidas. [...] A estrutura profissional de repórteres, editores, *publishers* e, mais tarde, ilustradores, diagramadores, checadores e todo o resto do aparato utilizado na produção de um jornal foram erguidos em torno de – ou literalmente “sobre” as – gigantescas máquinas que aplicavam a tinta ao papel. Departamentos de jornalismo de emissoras de rádio e TV seguiram o mesmo padrão, inventando categorias e práticas profissionais para subdividir e sistematizar tanto o trabalho como distintas categorias de profissionais envolvidos na produção de notícias para a radiodifusão (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.72).

Como observam Anderson, Bell e Shirky (2013), a atividade jornalística desse período seguia um processo linear. Repórteres e editores criavam o produto, decidiam quando estava pronto e o distribuíam. A distribuição, por sua vez, passava pelas torres de transmissão ou rotativas. Já a

audiência era receptora do produto, em seu formato final. “A notícia era algo que recebíamos, não algo que usávamos. Se quiséssemos tornar pública a nossa própria opinião, precisávamos pedir permissão a profissionais”, que poderiam, então, colocá-la na seção de cartas de uma publicação ou ceder um espaço limitado em um programa de rádio ou televisão aberto à participação do público (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 70). Havia, portanto, uma clareza de divisão quase total entre profissionais e amadores. Esse modelo ainda é central para muitas instituições, mas o ecossistema jornalístico<sup>5</sup> como um todo está longe de ser dominado por ele.

Nas últimas décadas do século 20, observamos diversas mudanças nas condições técnicas e materiais e nos métodos empregados na apuração e divulgação de notícias, a partir da difusão da internet e das redes sociais digitais. Chegamos à era do jornalismo pós-industrial. “Todo mundo passou a ter muito mais liberdade. Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para se comunicar, [...] sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa escrita” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.32). Os autores ponderam que o termo “audiência” não remete a uma massa de indivíduos que apenas recebem conteúdo produzido pela mídia, no sentido em que era utilizado no passado. Hoje, todo mundo pode fazer muito mais. Segundo Shirky (2011, p.25), que percebe uma emergente “cultura da participação”, “as pessoas gostam de consumir, mas também gostam de produzir e de compartilhar. Nós sempre gostamos dessas três atividades, mas a mídia tradicional premiava apenas uma delas.” Isso não significa, segundo o autor, que as pessoas vão deixar de assistir à televisão negligentemente. Em determinados momentos, elas serão apenas consumidoras, mas, em outros, agirão como produtoras, editoras e distribuidoras de conteúdo.

Toda essa liberdade trazida pelas novas condições técnicas abalou as instituições jornalísticas que, até então, eram essenciais para dar a estrutura e o financiamento necessários para que se produzisse jornalismo. A lógica básica da internet, ou seja,

a reprodução digital, disponível universalmente, sem divisão de participantes em produtores e consumidores – bate de frente com os princípios organizadores da produção jornalística desde o século 17. A abundância cria mais ruptura do que a escassez; quando todo mundo de repente passa a ter muito mais liberdade, toda relação no velho modelo – no qual o meio de comunicação cobrava para ‘operar o gargalo’ – passa a ser questionada (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.72-73).

---

5 Anderson, Bell e Shirky (2013) utilizam o termo ecossistema jornalístico para trazer a ideia da totalidade do ambiente de produção, disseminação e recepção do jornalismo contemporâneo, ressaltando a profundidade das transformações observadas.

No novo ecossistema, o anunciante pode ter contato mais direto com o consumidor, assim como o cidadão comum pode ser o primeiro a divulgar, em grande escala, uma informação. Diante desse quadro, a adaptação de empresas e profissionais é uma contingência.

Acreditamos que o grande desafio na passagem para o período pós-industrial tem sido o financiamento da produção de notícias, com a queda das receitas publicitárias que subsidiavam o jornalismo (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013; KOVACH; ROSENSTIEL, 2014; BELL; OWEN, 2017). Boa parte dos anunciantes decidiu investir na publicidade pela internet e mídias sociais digitais, uma vez que ela permite conhecer melhor os hábitos de consumo dos usuários e escolher a parcela do público que se quer atingir. Essa receita, no entanto, não subsidia necessariamente a produção de conteúdo jornalístico. Como consequências, percebe-se a redução do número de trabalhadores nas redações e, até mesmo, o fechamento de publicações.

Essa crise, no entanto, não é, primeiramente, um problema de falta de audiência. As pessoas ainda buscam informação de veículos que consideram confiáveis, seja pelos meios tradicionais ou pela internet. Como ratificam Kovach e Rosenstiel (2014, p.10), “a crise que o jornalismo organizado enfrenta é mais fundamentalmente um problema de receita. Apesar de a audiência ter migrado para veículos de notícias *on-line*, a receita não migrou”. Para Anderson, Bell e Shirky (2013) não há uma solução pronta para o problema da queda de receita. Cada empresa jornalística ou iniciativa independente vai precisar encontrar sua própria solução, segundo eles, seja um modelo de assinaturas, financiamento coletivo, parcerias ou patrocínios. O que é evidente é que o jornalismo não pode mais depender da receita publicitária da forma como dependia no século passado.

De acordo com Bell e Owen (2017, p. 9, tradução nossa), nas últimas duas décadas, “o jornalismo tem experimentado três mudanças significativas nos modelos de negócios e distribuição: a troca do analógico para o digital, a ascensão das redes sociais na internet, e agora o domínio dos *smartphones*”<sup>6</sup>. Nessa última fase, tem sido abalado pelo domínio de plataformas de redes sociais e de empresas de tecnologia, que detêm boa parte da receita dos anunciantes. Com isso, surge a necessidade de se repensar processos e estruturas.

Existe um rápido processo de empresas incluindo *Facebook*, *Snapchat*, *Google* e *Twitter* assumirem o controle do papel tradicional de editor, o que não mostra sinal de diminuir e que levanta sérias dúvidas sobre como os custos do jornalismo vão ser mantidos. Essas empresas evoluíram para além dos seus papéis de canais de distribuição, e hoje controlam o que as audiências veem, quem ganha dinheiro com

---

6 “[...] journalism has experienced three significant changes in business and distribution models: the switch from analog to digital, the rise of the social web, and now the dominance of mobile” (BELL; OWEN, 2017, p.9).



a atenção delas, e até que formato e tipo de jornalismo prospera (BELL; OWEN, 2017, p.4, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Grande parte do público migrou para os *smartphones* e para as mídias sociais digitais e as organizações jornalísticas não tiveram outra opção a não ser segui-lo. Isso significa, no entanto, perder o controle da publicação. Nesse cenário, as organizações jornalísticas deixam de publicar – distribuir, hospedar e monetizar – como atividade central. Elas estão diante de um dilema: decidir se é melhor continuar custeando o próprio negócio e ter menos audiência, mas controle total sobre a receita, marca e dados dos usuários, ou, então, ceder o controle em troca de um aumento significativo de audiência proporcionada pelas plataformas (BELL; OWEN, 2017).

É preciso observar que a qualidade do conteúdo jornalístico difundido não é a principal preocupação das plataformas de rede social e das empresas de tecnologia. A distribuição de informações é feita através de algoritmos, mas o conteúdo jornalístico de relevância requer um julgamento editorial. Por isso, a relação entre organizações jornalísticas e plataformas ainda precisa encontrar seu ponto de afinação.

A forma de distribuição de informação em grande escala também favorece a difusão de notícias falsas. Segundo Kovach e Rosenstiel (2014, p.10-11, tradução nossa), “a rede é igualmente mais aberta para quem quer manipular o público – de propagandistas a comerciantes e até governos. Portanto, maior responsabilidade recai sobre todos nós cidadãos e jornalistas para perseguir os fundamentos do jornalismo e protegê-los”<sup>8</sup>. Portanto, uma mudança fundamental é que boa parte da responsabilidade de saber o que é verdadeiro cabe a cada indivíduo.

De muitas maneiras, isso até redefine o que nós queremos dizer quanto à ideia de cidadania. [...] Em vez de depender da imprensa, Congresso, comissões reconhecidas, ou outras autoridades sociais para filtrar informações para eles, os cidadãos vão cada vez mais filtrar eles mesmos as informações a partir de uma gama de fontes concorrentes (KOVACH; ROSENSTIEL, 2010, p.12, tradução nossa).<sup>9</sup>

---

7 “There is a rapid takeover of traditional publishers’ roles by companies including Facebook, Snapchat, Google, and Twitter that shows no sign of slowing, and which raises serious questions over how the costs of journalism will be supported. . These companies have evolved beyond their role as distribution channels, and now control what audiences see and who gets paid for their attention, and even what format and type of journalism flourishes”(BELL; OWEN, 2017, p.9).

8 “Yet the network is equally open to anyone who wants to manipulate the public – from propagandists to commercialists to governments. Thus more responsibility falls on all of us citizens and as journalists to grasp the fundamentals of journalism and to protect them” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p.10-11).

9 “In many ways, it even redefines what we mean by the idea of citizenship. [...] Rather than relying on the press, Congress, esteemed commissions, or other social authorities to filter information for them, citizens increasingly will filter information for themselves from a competing array of sources” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2010, p.12).

Assim, o indivíduo ganha um novo *status* nesse ecossistema. É preciso reforçar, no entanto, que os autores acreditam que as instituições e os jornalistas profissionais continuam essenciais. Segundo Anderson, Bell e Shirky (2013), são as instituições que detêm influência e capital simbólico para garantir que informações de autoridades ou da vida pública sejam reveladas; além disso, elas também dispõem de estrutura para planejar coberturas que exigem maior investimento e organização; e, por fim, a existência delas é, de certa forma, uma garantia de que o ambiente social está sendo monitorado. Os autores acreditam que as instituições vão continuar sendo importantes, mas que precisam se reestruturar, buscando novas soluções de subsídios, além de fazer parcerias com outras organizações ou iniciativas independentes, a fim de garantir sustentabilidade financeira e manter a relevância dos seus produtos.

A adaptação também diz respeito aos jornalistas, que estão vendo suas rotinas, papéis e métodos serem transformados.

## 2.2 O jornalista no contexto pós-industrial

É provável que em tempos de celulares com câmeras e redes sociais digitais o jornalista não seja o primeiro a transmitir um acontecimento. A probabilidade de que um cidadão comum esteja em um determinado momento e local e seja capaz de registrar e divulgar uma ocorrência é muito maior. Da mesma forma, reunir uma grande quantidade de informações em pouco tempo é uma tarefa muito mais complicada para um único jornalista, se comparada à capacidade da união de várias pessoas em rede, mesmo que estejam distantes fisicamente. As máquinas, por sua vez, conseguem fazer rapidamente levantamentos de dados e cálculos, atividades que para o jornalista levaria mais tempo. De fato, esses são três fatores que hoje precisam ser considerados no ecossistema jornalístico: amadores, multidões e máquinas (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). A entrada deles em cena mexeu profundamente com a atividade jornalística profissional.

No entanto, existem situações que exigem o trabalho do jornalista profissional – especialmente se considerarmos o contexto atual da superexposição de informações. É o caso do trabalho de investigação e interpretação. De acordo com Anderson, Bell e Shirky (2013), o papel do jornalista “como portador da verdade”, formador de opinião e intérprete não pode ser substituído.

Precisamos hoje, e num futuro próximo, de um exército de profissionais que se dedique em tempo integral a relatar fatos que alguém, em algum lugar, não deseja ver divulgados, e que não se limite a apenas tornar disponível uma informação (mercadoria pela qual hoje somos inundados), mas que contextualize a informação

de modo que chegue ao público e nele repercuta (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.33).

No mesmo sentido, Kovach e Rosenstiel (2014, p.21, tradução nossa) afirmam que “a qualidade da nossa vida democrática depende, em síntese, de o público ter conhecimento dos fatos e conseguir compreendê-los. E para isso, mesmo na era das redes, são necessários jornalistas”<sup>10</sup>. Os autores discordam de Anderson, Bell e Shirky (2013) quanto à afirmação de que o jornalista foi deslocado para um ponto mais alto da cadeia editorial, deixando de fazer as observações iniciais sobre um acontecimento para fazer a verificação e interpretação. Eles argumentam que os jornalistas fazem mais do que simplesmente “dar sentido ao fluxo produzido pelo público” e que “a noção de que jornalistas como descobridores de fatos têm sido deslocados é muito teórica e até perigosa. Essa noção, dizem, deixa muito poder para o governo, corporações e outras instituições controlarem os fatos públicos”<sup>11</sup> (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p.40, tradução nossa). Segundo os autores, muitas das decisões que importam para a sociedade são tomadas longe da vista do público. Em muitos casos, saber a verdade sobre algum acontecimento só é possível através de um processo – questionar, reagir, observar, fazer novas perguntas, o que envolve esforço.

Kovach e Rosenstiel (2014) concordam, no entanto, que o jornalista não detém mais uma das suas funções mais tradicionais, a de *gatekeeper* – aquele que decidia qual informação o público deveria receber. Em tempos de internet, se um jornalista deixar de dar alguma informação, outra pessoa, veículo ou canal vai dar.

Concordamos que o jornalista não tenha perdido a função de ser o primeiro a tornar um fato público, porém ele não é mais o único a fazer isso. O trabalho de investigação, como apontam Kovach e Rosenstiel (2014), é ainda mais importante quando todos, inclusive governantes, têm a opção de tornar pública a sua própria versão dos acontecimentos. De forma similar, entendemos que a função de *gatekeeper* não é mais definidora do exercício do jornalista, mas ela continua existindo. Está presente visivelmente nas rotinas de produção dos meios tradicionais, nas quais o profissional precisa definir quais notícias vão ocupar os espaços restritos das páginas ou vão completar o espaço de um noticiário de rádio ou de televisão. Da mesma forma, na internet é preciso decidir qual conteúdo merece maior atenção do público. O que Kovach e Rosenstiel (2014) corretamente pontuam é que o indivíduo hoje tem muitas formas de ser informado sobre algum fato sem que este passe, necessariamente, pelo trabalho do jornalista.

---

10 “The quality of our democratic life depends, in short, on the public having the facts and being able to make sense of them. And that, even in a networked age, requires journalists.”

11 “The notion that journalists as fact finders have been displaced is too theoretical, even dangerous. It leaves far too much power to the government, corporations to control the supply of public facts.”

Em comparação aos veículos tradicionais, na internet não há a mesma limitação de espaço que demande uma seleção rigorosa do que deve ser publicado. Pelo contrário, é preciso que novos conteúdos sejam, a todo momento, disponibilizados. O que define aquilo que chega ao público, nesse caso, é o algoritmo. Ele próprio age como *gatekeeper*. Isso significa que o conteúdo que chega até o usuário passa por uma seleção programada dentro das plataformas de redes sociais e sites de busca. Com base nos dados e nos interesses pessoais do indivíduo, observados a partir do seu consumo na internet, as plataformas estão programadas para determinar quais os produtos – inclusive jornalísticos – chegam a ele e quais não chegam (BELL; OWEN, 2017). Percebemos, no entanto, que os próprios meios tradicionais no contexto pós-industrial são pautados pelo que está circulando na internet. Então, de certa forma, o trabalho de seleção feito pelo jornalista também é influenciado pelo algoritmo.

Se uma das suas mais tradicionais funções perdeu importância – a de selecionar o que deve ser tornado público –, o jornalista ganhou uma série de outras. Kovach e Rosenstiel (2010, 2014) citam oito: 1) de autenticador – afirmar qual informação é verdadeira e confiável; 2) de produtor de sentidos – colocar informações em um contexto e buscar conexões; 3) de investigador – manter a função de investigador público ou de cão de guarda, expondo o que tem se mantido em segredo; 4) de testemunha – simplesmente estar presente para observar e monitorar acontecimentos; 5) de empoderador – dar ferramentas aos cidadãos para produzir e receber informações confiáveis; 6) de agregador inteligente – agir como curador das informações, selecionando o que é mais relevante; 7) de organizador de fórum – ajudar a criar discussões para os cidadãos participarem ativamente; 8) de modelo – servir de exemplo para cidadãos que querem agir como jornalistas cidadãos. No momento atual em que estamos a todo o momento recebendo uma enxurrada de informações – falsas e verdadeiras – tornam-se cada vez mais importante, a nosso ver, as três primeiras funções citadas pelos autores. O jornalista precisa mais do que nunca investigar e apurar informações a fim de garantir quais são confiáveis. É essencial, também que contextualize informações que circulam de forma solta e incompleta, além de aprofundar assuntos que são de interesse público.

Isso implica que os jornalistas invistam em determinadas aptidões para fazer um trabalho relevante. É o que recomendam Anderson, Bell e Shirky (2013): especializar-se. Os autores acham que a especialização pode ser importante em tempos que as pessoas esperam receber informação de maneira já explicada. Além disso, compor narrativas a partir de dados e estatísticas também é uma habilidade que faz diferença.

Entre as exigências que recaem sobre o jornalista nesse contexto está a imposição das empresas de que o jornalista seja multitarefas e multimídia, que conheça todos as etapas do processo de produção do produto jornalístico e tenha domínio sobre a linguagem de todas as mídias.

Fonseca (2005) já havia observado essa demanda por parte das empresas no início dos anos 2000, quando as indústrias culturais do jornalismo abandonaram a lógica fordista, própria do período industrial, para se adequar à lógica da acumulação flexível, característica do período pós-fordista, que chamamos aqui de pós-industrial. Isso significa que, dentro das redações, algumas atribuições passaram a ser comuns a mais de um cargo. Quando todos são responsáveis pela criação de pautas, por exemplo, não há mais a necessidade de haver uma pessoa específica para a função de pauteiro; quando todos podem editar seu próprio texto, não há necessidade de um editor. Em resumo, na fase pós-industrial há maior flexibilidade na organização do trabalho, na jornada de trabalho e, por óbvio, nos salários. Essa flexibilidade é ainda mais evidente quando percebemos uma ampliação nas áreas de atuação do jornalista: é cada vez mais comum que o profissional atue como *freelancer*, como pessoa jurídica ou, até mesmo, em sites próprios mantidos através de financiamento coletivo.

Assim como Fonseca (2005), acreditamos que as mudanças recentes aprofundaram o caráter de mercadoria da informação jornalística, que já era visível no período anterior. Percebe-se que o conteúdo jornalístico aproxima-se do entretenimento, muitas vezes. Esse aspecto também tem implicações para o jornalista. Espera-se que o jornalista tenha uma postura informal e explique as informações com simplicidade e criatividade. Ao analisar o jornalismo norte-americano, Charron e Bonville (2016) observaram que essa questão da identidade discursiva do jornalista se tornou muito forte a partir dos anos 1970 e 1980.

Ele negocia discursivamente o sentido dos acontecimentos com os agentes sociais, toma posição implicitamente, por meio de uma grande variedade de procedimentos estilísticos na reportagem que faz sobre as ações desses agentes. [...] Ele mostra desenvoltura em suas declarações, lida naturalmente com a ironia, permite a si mesmo desvios para o registro familiar de seus leitores. Os gêneros da informação comentada também dão a ele a possibilidade de se expressar pessoalmente, de se exibir (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 240).

Esse aspecto é ratificado por Anderson, Bell e Shirky (2013) quando dizem que, entre os fatores que distinguem o jornalista dos demais atores do ecossistema midiático, está a aptidão para lidar com o público e com as fontes: o profissional com carisma e estilo diferenciado faz com que as pessoas se interessem por aquilo que ele tem a dizer. Além disso, o jornalista é capaz de manter bom relacionamento com as fontes, que são essenciais para a divulgação de informações.

Manter boas relações e saber atuar em conjunto com fontes e público é visto pelos autores como uma das formas de alcançar um jornalismo relevante. Exemplos de reportagens construídas a partir de *crowdsourcing* (quando o profissional solicita o engajamento da audiência para coletar um grande número de dados ou para responder uma pergunta) mostram que a tecnologia permite unir

esforços para chegar a um conteúdo mais aprofundado. Para Anderson, Bell e Shirky (2013. p.42), “a lista daquilo que um jornalista pode fazer cresce diariamente, pois a plasticidade de tecnologias de comunicação muda tanto os recursos de apuração de fatos como a conduta do público”. Para os autores, o trabalho de reportagem deveria ser mais valorizado, pois atende diretamente ao interesse público e “essa reportagem deveria aprender a conviver com formas mais recentes de apuração de informações de interesse jornalístico” (ANDERSON, BELL; SHIRKY, 2013, p.43).

Em um processo de colaboração com os cidadãos na produção de notícias e reportagens, o jornalista traz o acesso, a habilidade de interrogar pessoas do poder, de ir a fundo, de traduzir, de verificar e de ouvir diferentes pontos de vista, complementam Kovach e Rosenstiel (2014).

Nesta visão, jornalistas não são deslocados, reproduzidos, confinados, limitados, ou transformados em sintetizadores de significados. Essa visão não reduz o poder da narrativa, ou o significado da reportagem de observação ou a importância de simplesmente descobrir o que aconteceu. É uma visão do futuro do jornalismo que não renega seu passado. Ao contrário, essa nova visão de um novo jornalismo depende que a cultura de rede conectada se comprometa, como fez o antigo sistema, a estabelecer informação verificada e verdadeira e a construir sentido a partir desse alicerce de fatos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p.42, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Anderson, Bell e Shirky (2013), assim como Kovach e Rosenstiel (2010, 2014) são otimistas quanto à possibilidade de se fazer jornalismo de qualidade a partir da inclusão do público no processo e do uso das novas tecnologias. Apesar de não esquecerem da crise de financiamento, os autores não oferecem respostas que possibilitem enxergar como o jornalismo vai sobreviver para chegar ao modelo colaborativo proposto por eles. Tampouco mencionam as consequências das pressões que as mudanças tecnológicas exercem sobre os jornalistas, como a exigência de publicar em tempo real ou o acúmulo de funções. Conforme Adghirni (2017) e Adghirni e Pereira (2011) são justamente essas transformações que fazem o profissional questionar a sua própria identidade, como veremos adiante.

Ao contrário, Kovach e Rosenstiel (2014) veem todo esse processo de forma mais consensual. Para eles, os princípios jornalísticos se mantiveram ao longo dos anos e o compartilhamento deles com o público é a solução para um jornalismo de melhor qualidade. Se os princípios tradicionais se mantêm ou não e se são suficientes para definir a identidade de

---

12 “In this view, journalists are no displaced, replicated, confined, or elevated to synthesizers of meaning. This view does not denigrate the power of narrative, or the significance of witness-bearing reporting, or the importance of simply finding out what happened. It is a vision of journalism’s future thar doesn’t denigrate its past. Instead, this new vision of a new journalism depends on the networked media culture comitting itself, as the old system did, to establishing verified and trutful informationa, and building out from that foundation of facts toward meaning”(KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p.42,).

profissionais que vivenciam esse período de transição e de incerteza é o que pretendemos analisar neste trabalho através das histórias de vida de jornalistas.

Retomamos a discussão sobre as transformações no contexto pós-industrial e as condições do mercado de trabalho no capítulo 4, quando analisamos a identidade profissional dos jornalistas.

### 3 IDENTIDADE

Entender a dinâmica da formação e transformação da identidade profissional de jornalistas, observando suas histórias de vida, requer um aprofundamento teórico relativo ao próprio conceito de identidade, mas, sobretudo, quanto ao processo de formação de uma autoconsciência do sujeito como integrante da sociedade. Nossa ancoragem está, principalmente, no trabalho de Dubar (1997, 2009, 2011), que entende a identidade como construção e deslocamento.

De acordo com o autor francês, a identidade não nos é simplesmente transmitida no momento em que nascemos. Ao contrário, nós a construímos durante a infância e a reconstruímos com o passar do tempo, a partir de nossas orientações, autodefinições e dos julgamentos daqueles a nossa volta. Devemos olhar para ela como produto de sucessivas socializações.

A socialização se torna um processo de construção, desconstrução e reconstrução de identidades ligadas às diversas esferas de atividades (particularmente profissional, mas também familiar, religiosa, política, etc.) que cada um encontra no curso de sua vida e do qual deve aprender a se tornar um ator (DUBAR, 1991, p. 10, *tradução nossa*)<sup>13</sup>.

Assim como Dubar, entendemos a identidade como inacabada, produto do contexto social e cultural de onde viemos e das experiências que adquirimos ao longo nossa vida. Em sua obra principal, *A socialização* (1997), o autor apresenta um percurso com teorias que foram importantes para o trabalho que desenvolveu sobre identidade profissional. Desse caminho, ressaltamos autores que consideramos fundamentais para entender o seu trabalho e que também trazem contribuições para o desenvolvimento da nossa pesquisa: Berger e Luckmann (2012) e Bourdieu (1983, 1996, 2004, 2009).

Assim, iniciamos este capítulo trazendo conceitos de Bourdieu (1983, 1996, 2004, 2009) que nos ajudam a compreender a posição do indivíduo no espaço social e como o contexto de origem é importante para a sua constituição como sujeito. Em seguida, trabalhamos com o conceito de socialização usado por Dubar (1997) e Berger e Luckmann (2012), a fim de entender como a identidade é construída e reconstruída ao longo da vida, seguida da maneira como Dubar (1997) observa a formação da identidade profissional. Por fim, procuramos responder, ainda, o que

---

<sup>13</sup> Utilizamos aqui uma citação encontrada na introdução do livro *La socializacion*, de 1991, em língua francesa, uma vez que essa seção não foi incorporada na edição brasileira de 1997. No original: “La socialisation devient ainsi un processus de construction, deconstruction et reconstruction d’identités liées aux diverses sphères d’activité (notamment professionnelle, mais aussi conjugale et familiale, religieuse et politique, etc.) que chacun rencontre au cours de sa vie et dont il doit apprendre à devenir acteur” (DUBAR, 1991, p. 10).



significa falar de identidade no mundo contemporâneo. Para isso, trazemos para o debate autores como Bauman (2007), Castells (1999) e Hall (2001).

### 3.1 *Habitus*, campo e capital

A fim de analisar os processos de formação e reformulação das identidades, precisamos estudar a relação entre o indivíduo e o espaço social. Bourdieu (1983, 2004, 1996, 2009) é um dos autores que se preocupou com essa dualidade. Sua teoria, que influenciou diversos pesquisadores, nos permite compreender melhor o conceito de identidade. Entendemos que a obra de Bourdieu é extensa e requer uma ampla pesquisa para dar conta da sua complexidade. Nosso intuito, porém, é trazer apenas alguns conceitos que nos ajudam a refletir sobre a identidade profissional no jornalismo e avançar para o estudo de Dubar (1997), cujo percurso passa pelas ideias de Bourdieu.

O primeiro desses conceitos é o de *habitus*, que, conforme Ortiz (1983), o sociólogo francês retomou e deu vida nova, uma vez que é originário da escolástica, para a qual ‘hábito’ era tido como *modus operandi*, ou seja:

Como disposição estável para se operar numa determinada direção; através da repetição criava-se, assim, uma certa conaturabilidade entre sujeito e objeto no sentido de que o hábito se tornava uma segunda dimensão do homem, o que efetivamente assegurava a realização da ação considerada (ORTIZ, 1983, p.14-15).

Ainda segundo a interpretação do sociólogo brasileiro, Pierre Bourdieu, recupera o conceito de *habitus* procurando ir além do objetivismo e do subjetivismo de diferentes teorias sociológicas. Para o autor, objetivismo e subjetivismo são dois tipos de conhecimento antagônicos. O objetivista (presente no culturalismo, no estruturalismo e no marxismo) reduziria o peso da autonomia do indivíduo nas práticas sociais, tornando o ator simples executor da estrutura. Já o subjetivista (fenomenológico) negligenciaria o papel do contexto social sobre a ação do indivíduo (ORTIZ, 1983). Bourdieu procura, então, romper com essas visões dicotômicas através do conhecimento que chama de praxiológico, em que questiona os limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, mas, por outro lado, introduz questões deixadas de lado pelas teorias fenomenológicas, como as posições sociais e as relações de poder estruturadas. A praxiologia tem como objeto os processos de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade.

Dessa forma, Bourdieu retoma o conceito de *habitus* com a finalidade de aproximar as realidades exterior e individual, aparentemente opostas. Para ele, *habitus* pode ser entendido como

sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 2009, p.87).

O termo disposição é usado por exprimir, em primeiro lugar, o resultado de uma ação organizadora e, em segundo lugar, uma maneira de ser, um estado habitual, uma predisposição, tendência, propensão ou inclinação (BOURDIEU, 1983). Essas disposições não seriam imutáveis. Elas evoluem, apesar de serem duráveis.

O *habitus*, portanto, retoma a dimensão individual dos fenômenos sociais. É uma estrutura geradora de práticas, a partir da internalização inconsciente pelo sujeito dos exemplos vividos no seu contexto social. Ele carrega consigo, portanto, todo o passado que o produziu. “As práticas que o *habitus* produz [...] são determinadas pela antecipação implícita de suas consequências”, ou seja, pelas condições da sua produção, ao mesmo tempo em que tendem a reproduzir as estruturas das quais elas são produto (BOURDIEU, 1983, p.61). Assim, a tendência é que uma pessoa só almeje aquilo que ela sabe que tem possibilidade de conquistar, considerando suas experiências passadas e as dos outros ao seu redor, sem, no entanto, seguir de forma mecânica esquemas, normas ou papéis preestabelecidos.

As percepções, que orientam as nossas ações, são compartilhadas com outros agentes que possuem o mesmo *habitus* que nós. Assim, existiria uma tendência a uma regularidade das condutas, que não se origina de alguma regra ou lei. É por isso que

as condutas geradas pelo *habitus* não têm a bela regularidade das condutas deduzidas de um princípio legislativo: o *habitus está intimamente ligado com o fluido e o vago*. Espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma *lógica prática*, a lógica do fluido, do mais-ou-menos, que define a relação cotidiana com o mundo (BOURDIEU, 2004, p. 98, grifos do autor).

As condições de existência dos indivíduos de uma mesma origem tenderiam a produzir “sistemas de disposições semelhantes”, garantindo uma homogeneidade relativa do *habitus*. Para exemplificar, utiliza a analogia do ator social enquanto jogador.

O bom jogador, que é de algum modo o jogo feito homem, faz a todo instante o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige. Isso supõe uma invenção

permanente, indispensável para se adaptar às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas. O que não garante a obediência mecânica à regra explícita, codificada (quando ela existe). [...] O *habitus* como sentido do jogo é jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola. [...] As coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las. [...] Posso dizer que toda a minha reflexão partiu daí: como as condutas podem ser regradas sem ser produto da obediência a regras? (BOURDIEU, 2004, p. 81-83).

O *habitus* de cada sujeito seria constituído em condições sociais específicas, em espaços distintos, como a família, a escola, o trabalho, etc. A existência de um mundo social só seria possível após a transmissão de uma geração para outra, o que faz com que a realidade chegue à nova geração como tradição e não como memória biográfica, conforme Berger e Luckmann (2012). Considerando a incorporação do contexto social, o *habitus* seria história coletiva ao mesmo tempo em que é história individual, pois é constituído da prática do indivíduo diante do mundo social que se apresenta a ele.

O *habitus* enfoca nossos modos de agir, sentir, pensar e ser. Ele captura como nós carregamos nossa história dentro de nós, como trazemos essa história para nossas circunstâncias atuais e então como fazemos escolhas de agir de certos modos e não de outros. Esse é um processo contínuo e ativo. [...] Esse conjunto de escolhas depende de nosso contexto atual (a posição que ocupamos num campo social em particular), mas, ao mesmo tempo, as escolhas que são visíveis para nós e as que não enxergamos são o resultado de nossa jornada do passado, pois nossas experiências ajudaram a moldar nossa visão (MATON, 2018, p.77).

Assim, as práticas e escolhas dos indivíduos não podem ser compreendidas apenas pelos seus *habitus*. Os campos em que estão inseridos são a segunda parte da equação.

Na teoria de Bourdieu, os campos sociais seriam os espaços “onde as posições dos agentes se encontram *a priori* fixadas. Se definem como o *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão” (ORTIZ, 1983, p.19). Nele, manifestar-se-iam relações de poder, em uma estrutura de distribuição desigual de um capital social, que é todo o recurso que representa prestígio e honra e que permite identificar os agentes no espaço social. Assim, os campos seriam domínios especializados, dotados de regras próprias de funcionamento – por exemplo, campo econômico, campo escolar e campo da família – “onde se trocam bens específicos, materiais ou simbólicos, e onde capitais de um certo tipo produzem benefícios do mesmo tipo de acordo com regras particulares” (DUBAR, 1997, p.72).

Retomando a metáfora do jogo, o campo social pode ser entendido como o campo de futebol, em que os jogadores (atores, pessoas ou instituições) ocupam determinadas posições e o que acontece dentro dele é limitado – existem limites entre o que pode ou não ser feito (THOMSON, 2018). Como o jogo é competitivo, os agentes utilizam estratégias para manter ou melhorar suas posições. O que o jogador busca é a acumulação de capital próprio do campo, porque cada campo tem o seu capital específico. Entre os diferentes tipos de capitais estão o econômico (dinheiro, bens), o cultural (formas de conhecimento, linguagem, etc.), o social (afiliações, herança familiar, etc.) e o simbólico (tudo aquilo que representa as outras formas de capital, como diplomas e credenciais). Jogadores que começam a partida com mais capital próprio do campo em que atuam têm vantagem em relação aos demais e maior facilidade de avançar.

O campo é uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições [...]. Cada posição é objetivamente definida por sua relação objetiva com outras posições ou, em outros termos, pelo sistema das propriedades pertinentes, isto é, eficientes, que permitem situá-la com relação a todas as outras na estrutura da distribuição global das propriedades. Todas as posições dependem, em sua própria existência e nas determinações que impõem aos seus ocupantes, de sua situação atual e potencial na estrutura do campo, ou seja, na estrutura da distribuição das espécies de capital (ou de poder) cuja posse comanda a obtenção dos lucros específicos [...] postos em jogo no campo (BOURDIEU, 1996, p. 261).

Para Bourdieu, nossas práticas são resultados “das relações entre nossas disposições (*habitus*) e nossa posição num campo (capital), dentro do estado atual do jogo nessa arena social (campo)” (MATON, 2018, p. 76). Portanto, *habitus*, campo e capital são conceitos entrelaçados.

Acreditamos, assim, que o jornalismo constitui um campo, cujos profissionais (jogadores) compartilham um *habitus*: eles têm introjetada a forma de jogar o jogo, a partir da sua história individual e da história coletiva, e baseiam nelas suas maneiras de pensar e agir, ainda que não seja uma obediência irrestrita a regras. Assim como podemos falar na existência de um *habitus* jornalístico, entendemos que os integrantes desse campo também compartilham um *ethos*, que pode ser entendido como uma dimensão do *habitus* (BOURDIEU, 1996). De acordo com Lago (2002, p.80), “o *ethos* implica um conjunto de disposições (que temos pela repetição costumeira de condutas e valorações a que estamos expostos no decorrer da existência), de percepções valorativas frente ao mundo”. É nesse sentido que entendemos o *ethos* no campo jornalístico como um conjunto de valores, ideias e crenças, compartilhado entre os profissionais e transmitido entre gerações como saber comum (CHARRON; BONVILLE, 2016).

Esses conceitos são retomados no capítulo 4 para tratar das especificidades do campo jornalístico e suas implicações sobre a identidade profissional. O conceito de *ethos*, particularmente,

será aprofundado, uma vez que se mostra útil para o estudo da constituição dos jornalistas enquanto grupo profissional.

Com Bourdieu (1983, 2004, 1996, 2009) iniciamos o estudo sobre a construção da identidade, a partir da compreensão do indivíduo como possuidor de um *habitus*, posicionado em determinado espaço (campo social), onde o que está em disputa é o capital próprio do campo (dinheiro, bens, prestígio, honrarias, etc.). Isso realizado, prosseguimos agora com Dubar (1997) e Berger e Luckmann (2012), a fim de entender como essa identidade é reconstruída e remodelada, a partir de sucessivas socializações, para, depois, chegarmos à investigação de como se dá a constituição de uma identidade profissional.

### 3.2 Socialização e construção da identidade

Ao se debruçar sobre a obra de Bourdieu, Dubar (1997) ressalta que duas reduções feitas pelo sociólogo francês são importantes para o entendimento da formação da identidade dentro de um grupo ou uma classe. A primeira é de que o *habitus* é definido por uma posição, ou seja, ele é produzido através de um ponto de vista único e coerente que resume a trajetória de classe (dentro das trajetórias possíveis) e o lugar de um indivíduo em um campo social. A segunda redução é a de ligar necessariamente a percepção do campo social à orientação necessária para gerar práticas sobre esse espaço.

É essa dupla redução [...] que, segundo Bourdieu, permite assimilar o *habitus* a uma identidade social definida como *identificação a uma posição* (relativa) *permanente e às disposições que lhes são associadas*. Ela permite assegurar a permanência das identidades individuais e a reprodução das estruturas sociais [...] através de todas as formas de mudança, que não são mais do que reconversões de estratégias objetivas que não modificam a estruturação do espaço social (DUBAR, 1997, p.75, grifo do autor).

A teorização de Bourdieu é interessante para refletirmos sobre o quanto a identificação de uma pessoa a um grupo ou a uma classe está intimamente ligada ao contexto social de pertencimento, onde se constroem as experiências individuais e coletivas. O *habitus* privilegia a continuidade em detrimento da ruptura. Permite que analisemos a reprodução da ordem social, uma forma de socialização que, contudo, não é a única. Dubar (1997) procura ampliar essa visão. O autor entende que a socialização deve ser entendida como “processo biográfico de incorporação das disposições sociais vindas não somente da família e da classe de origem, mas também do conjunto dos sistemas de ação com os quais o indivíduo se cruzou no decorrer da sua existência” (DUBAR,

1997, p. 77). A história vivida continua atuando sobre o presente, mas não há qualquer determinação mecânica de um “momento” que seja mais importante que os outros.

Nesse sentido, Berger e Luckmann (2012) constroem uma teoria que dá o peso devido tanto ao contexto social de nascimento do indivíduo, quanto aos acontecimentos no decorrer da vida, que podem (ou não) promover uma ruptura com o grupo de origem e provocar mudanças na identidade social. Os autores dividem o processo de interiorização da realidade social em duas partes: a socialização primária e a socialização secundária.

De acordo com eles, o indivíduo não é um membro da sociedade quando nasce, porém tem a predisposição para a sociabilidade. Então, na infância, ele passa pela socialização primária. É nessa fase que ele vai observar e compreender o mundo dos outros ao redor e tomar esse mundo como seu próprio, no mesmo sentido tratado por Bourdieu (1983, 2004) ao descrever o *habitus*. Na socialização primária, “estabelece-se entre nós um nexo de motivações que se estende para o futuro. Mais importante ainda é o fato de haver agora uma contínua identificação mútua entre nós. Não apenas vivemos no mesmo mundo, mas participamos cada qual do ser do outro” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 168-169). Percebemos, então, que é na socialização primária que acontece essa primeira identificação com o outro, passo inicial para a constituição de uma identidade.

Todo mundo nasce em uma estrutura social objetiva e nela encontra o que Berger e Luckmann (2012) chamam de “outros significativos”: indivíduos que se encarregam da sua socialização. Os “outros significativos” fazem a mediação do mundo, reconstruindo-o e, ao mesmo tempo, transmitindo-o. Nessa mediação, esses “outros significativos” selecionam aspectos para serem destacados de acordo com a sua localização na estrutura social e com suas particularidades como indivíduos.

Assim, a interiorização do mundo pelo sujeito

só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus. *Por meio desta identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de identificar a si mesma, de adquirir uma identidade* subjetivamente coerente e plausível (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 170-171, grifo nosso).

Portanto, o indivíduo assume o mundo dos “outros significativos” e tem a sua identidade definida a partir da localização deles nesse mundo. “Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 171). A apropriação subjetiva da identidade e a do mundo social são aspectos distintos de um mesmo processo de interiorização.

As crianças apreendem normas e papéis ao observar os “outros significativos” e, após, realizam uma abstração, ao relacionar essas atitudes e regras às pessoas em geral, que os autores chamam de “outros generalizados”. “O indivíduo identifica-se agora não somente com os outros concretos, mas com uma generalidade de outros, isto é, com uma sociedade. [...] O indivíduo agora tem não uma identidade em face deste ou daquele outro significativo, mas uma identidade *em geral*” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 172, grifo dos autores). Assim, a tomada de consciência da existência do outro generalizado seria uma fase importante da socialização, pois ela marca a interiorização da realidade objetiva e o estabelecimento subjetivo de uma identidade.

Dubar (1997, 2009) ressalta que a relação com o outro é intrínseca à definição de identidade. Segundo ele, a identidade provém de um paradoxo: o que há de único é o que é partilhado. A identidade é a diferença, uma vez que remete à singularidade de alguma coisa ou alguém em relação a outros; mas é também o pertencimento comum. “Não há, nessa perspectiva, identidade sem alteridade. As identidades, como as alteridades, variam historicamente e dependem de seu contexto de definição” (DUBAR, 2009, p. 13).

Para o autor, o conceito carrega uma dualidade própria: a identidade para si e a identidade para o outro. Elas são inseparáveis, uma vez que o indivíduo só sabe quem é através do olhar do outro. Ao mesmo tempo, a experiência do outro nunca é totalmente apreensível. Não se pode ter certeza se a identidade para si coincide com a identidade para o outro. Assim, o autor procura inserir o conceito no interior do processo de socialização.

Deste ponto de vista, a identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjuntos, constroem os indivíduos e definem as instituições (DUBAR, 1997, p.105).

Dessa maneira, percebe-se que a socialização nunca é acabada e a “interiorização da sociedade, da identidade e da realidade não se faz de uma vez para sempre” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 178). Após a socialização primária, quando o conceito de “outro generalizado” – e de tudo o que o acompanha – é apreendido, acontece a socialização secundária, que é a interiorização de “submundos” institucionais, determinados pela divisão do trabalho e pela distribuição social do conhecimento.

Na socialização secundária, o indivíduo adquire conhecimento de funções específicas, diretamente ou indiretamente ligadas à divisão do trabalho. A construção da identidade profissional insere-se nesse processo. No caso do jornalismo, conforme já mencionamos, os saberes e valores

são apreendidos através do ensino formal, mas especialmente nas rotinas de trabalho e na relação com os colegas mais experientes.

Nessa etapa de socialização, o treinamento e o ensino são importantes. “O tom de realidade do conhecimento interiorizado na socialização primária é dado quase automaticamente. Na socialização secundária tem de ser reforçado por técnicas pedagógicas específicas” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 184). É nesse momento que se dá a apreensão de vocabulários específicos de funções, “o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.179). Além disso, também são adquiridas compreensões tácitas desses campos semânticos, seus componentes normativos e afetivos. Tais aquisições são evidentes quando observamos a entrada do indivíduo no campo profissional do jornalismo, assim como rituais e símbolos que também são transmitidos na socialização secundária.

A linguagem é um dos principais veículos de transmissão da realidade social, tanto na socialização primária quanto na secundária. É ela que permite criar tipificações, categorizar objetivamente aspectos subjetivos do mundo. São através das tipificações que nós apreendemos o outro e o outro nos apreende: categorizamos o outro como “homem”, “jovem”, “brasileiro”, assim como o outro também busca nos enquadrar em categorias. Além disso, utilizamos as tipificações para definir a nós mesmos. “Ao objetivar meu próprio ser por meio da linguagem, meu próprio ser torna-se maciça e continuamente acessível a mim, ao mesmo tempo que se torna mais alcançável para o outro” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 56).

As tipificações também possibilitam a objetivação de identidades. “As estruturas sócio históricas particulares engendram *tipos* de identidade, que são reconhecíveis em casos individuais. Nesse sentido, é possível falar que um americano tem uma identidade diferente da de um francês” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.221). Os tipos de identidade, portanto, são produtos sociais, relativamente estáveis, da realidade social objetiva. Da mesma forma, Goffman ressalta que

a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas (1963, p. 5).

É nesse mesmo sentido que Dubar (1997) explica o ato de escolher categorias socialmente disponíveis para enquadrar o outro (da mesma forma que o outro faz conosco), além da possibilidade de negar essa tipificação e definir-se de outra forma. A tese do autor é de que é na relação com outras pessoas que um indivíduo é identificado, assim como é conduzido a aceitar ou



recusar as identificações que recebe dos outros ou das instituições. Aqui, Dubar (1997) identifica dois processos heterogêneos que fazem parte da construção da identidade: o primeiro diz respeito à atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes que interagem com o indivíduo, que o autor vai chamar de *processo relacional*, e o segundo à incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, denominado de *processo biográfico*. Goffman (1963) faz uma distinção similar ao criar os conceitos de identidades sociais “virtuais” – aquelas dadas pelos outros – e identidades sociais “reais” – aquelas construídas pelos próprios indivíduos. É possível que esses dois processos não coincidam. A construção da identidade pode traduzir-se por acordos ou por desacordos entre identidade virtual e identidade real.

De acordo com Dubar, os dois processos – o biográfico e o relacional – coexistem. São complexos e autônomos. O desafio que se coloca é o da articulação entre eles, pois “não se faz identidade das pessoas sem elas e, contudo, não se pode dispensar os outros para forjar sua própria identidade” (1997, p. 110). No processo relacional acontece o que Dubar (1997) chama de transação objetiva: uma negociação entre identidades propostas, que nos são atribuídas pelos outros, e identidades assumidas, que decidimos ou não incorporar. Já no processo biográfico, a transação é subjetiva: a negociação acontece entre a manutenção ou não das identidades herdadas pelo indivíduo e a vontade de construir novas identidades para o futuro, ou seja, identidades visadas. A abordagem do autor considera a articulação entre as duas transações como chave no processo de construção das identidades sociais.

A tipificação proposta por Berger e Luckmann (2012), é comum aos dois processos. As categorias que servem para identificar os outros e a si próprio variam de acordo com os espaços sociais onde acontecem “as interações e as temporalidades biográficas e históricas onde se desenvolvem as trajetórias” (DUBAR, 1997, p. 110).

Existe uma priorização dos campos profissional e escolar, que confere legitimidade às categorias ligadas a eles. Segundo Dubar (1997), essas categorizações legítimas influenciam o processo de construção da identidade para si, apesar de não as determinarem mecanicamente, nem de uma vez por todas.

Por um lado, os indivíduos de cada geração devem reconstruir suas identidades sociais “reais” a partir: das sociedades sociais herdadas da geração precedente (como diz Laing “a nossa primeira identidade social é sempre conferida”); das identidades virtuais (escolares...) adquiridas no decorrer da socialização inicial (primária – B e L); das identidades possíveis (profissionais...) acessíveis durante a socialização secundária. Por outro lado, *as próprias categorias de identificação social evoluem no tempo* (DUBAR, 1997, p. 111, grifo nosso).

Portanto, as próprias categorizações legítimas, compartilhadas por membros da sociedade, estão suscetíveis a se transformar e, assim, impactar as identidades para os outros e para si.

### 3.3 Identidade Profissional

Conforme a visão de Dubar (1997), se as categorias sociais ligadas aos campos escolar e profissional adquiriram historicamente tanta legitimidade é porque as esferas do trabalho, do emprego e da formação constituem domínios relevantes para as identificações sociais dos próprios indivíduos. Isso não significa que as identidades sociais podem ser reduzidas a estatutos de empregos e nível de formação. Antes de se identificar com determinado grupo profissional, o indivíduo constrói sua identidade sexual, étnica, de classe social a partir da herança de seus pais e daqueles que o criaram. No entanto, pondera, “é nas e pelas categorizações dos outros [...] que a criança experimenta a sua primeira identidade social” (DUBAR, 1997, p. 112), cujo momento decisivo se dá na entrada da escola primária.

Para o autor, um dos momentos mais importantes para a formação de uma identidade autônoma é a saída do sistema escolar e o confronto com o mercado de trabalho. É nesse momento que se dá “a identificação pelo outro das suas competências, do seu estatuto e da carreira possível e a construção para si do projeto, das aspirações e da identidade possível” (DUBAR, 1997, p.113). Esse processo não diria respeito apenas à escolha de um ofício ou à obtenção de um diploma, mas à criação de uma estratégia identitária pessoal, que envolve a imagem de si, apreciação de capacidades e projeções para o futuro.

O trabalho, portanto, constituiria um espaço para negociações identitárias, as quais darão origem a uma identidade profissional. Para ele, essa identidade profissional resulta das relações de trabalho, que se fundamentam na luta pelo poder em um contexto de acesso desigual.

Dentro da chamada “sociologia das profissões”, Dubar (1997) diz que a questão da profissão é abordada tanto pelo funcionalismo como pelo interacionismo simbólico. A abordagem funcionalista trabalha com a noção de que os profissionais formam comunidades unidas em torno de valores e ética. Nessa perspectiva, haveria aceitação e difusão de um código deontológico que leva à conquista de um *status* profissional. Além disso, a aquisição de um saber teórico garantiria a competência para o trabalho. O autor filia-se ao interacionismo simbólico, que considera importante analisar as profissões a partir das relações com os outros e da divisão do trabalho. “Essa perspectiva coloca a socialização profissional no cerne das análises das realidades de trabalho” (DUBAR, 1997, p. 139). Ele fundamenta sua concepção em Hughes (1958), que concebe a socialização profissional

como uma iniciação à cultura profissional e uma posterior conversão do indivíduo a uma nova concepção de si e do mundo, ou seja, a uma nova identidade. A abordagem do interacionismo simbólico permitiria, assim, uma análise com ênfase na carreira e nas trajetórias sócio-profissionais. Para Pereira (2011), essa perspectiva destaca o caráter contextual da ação social, colocando a *interação* no centro da análise dos fenômenos sociais. Essa interação adquire um caráter transformador, “construindo a identidade e a conduta individual, e também funcionando como instância de construção da realidade social” (PEREIRA, 2011, p.32).

Com essa filiação teórica, Dubar trabalha com as transações objetivas e subjetivas que resultam em *formações identitárias*. Isso significa que, ao ingressar no mercado de trabalho, o indivíduo se confronta com os processos biográfico e relacional. O biográfico é aquele em que vai haver uma negociação entre a identidade herdada e a projetada para o futuro. No entanto, a primeira identidade profissional para si não seria definitiva. “É regularmente confrontada com as transformações tecnológicas, organizacionais e de gestão de emprego das empresas e das administrações” (DUBAR, 1997, p.114). Está suscetível a sofrer ajustamentos e reconversões. A entrada no mercado de trabalho é, portanto, fortemente marcada pela incerteza.

Ao construir uma identidade profissional para si, no entanto, o indivíduo se confronta com o outro, uma vez que os processos são simultâneos. As relações de trabalho, com colegas e chefes, além das atividades coletivas das organizações, serão determinantes no processo identitário relacional. O que estaria em causa seria o reconhecimento da identidade. “A transação objetiva entre os indivíduos e as instituições é, antes de mais, aquela que se organiza à volta do reconhecimento e do não-reconhecimento das competências, dos saberes e das imagens de si que constituem os núcleos duros das identidades reivindicadas” (DUBAR, 1997, p.118).

Assim, os dois processos identitários são articulados na construção de uma identidade profissional. A transação subjetiva (identidade para si) pode levar a uma *continuidade* entre identidade herdada e identidade visada ou a uma *ruptura* entre a definição do eu da trajetória anterior e a projeção do eu no futuro. As identidades construídas como uma *continuidade* “implicam um espaço potencialmente unificado de realização, um sistema de emprego no interior do qual os indivíduos desenvolvem trajetórias contínuas” (DUBAR, 1997, p. 235). Esse espaço pode ser profissional ou organizacional – o indivíduo pode reconhecer sua identidade em relação ao ofício ou em relação à empresa. Há, portanto, uma projeção de si para o futuro. Já as identidades construídas no modo *ruptura* implicam a “impossibilidade de se construir uma identidade de futuro no interior do espaço produtor da sua identidade passada” (DUBAR, 1997, p. 235). Nesse caso, para o indivíduo voltar a achar sua identidade, precisa mudar de espaço.

Já a transação objetiva (identidade para outro), pode levar a um reconhecimento social ou a um não reconhecimento. Enquanto o reconhecimento resulta de interações positivas entre o indivíduo e o outro que lhe confere identidade virtual, o não-reconhecimento, ao contrário, é produto de interações conflituosas.

Podemos entender as categorias de análise do autor conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Categorias de análise para o estudo da dualidade da identidade social

	<b>Processo biográfico</b>	<b>Processo relacional</b>
	Identidade para si	Identidade para o outro
	Identidade real	Identidade virtual
Estratégia identitária (negociação feita pelo indivíduo)	Transação subjetiva entre: - identidades herdadas - identidades visadas	Transação objetiva entre: - identidades atribuídas - identidades incorporadas
A transação pode resultar em	Continuidade ou Ruptura	Reconhecimento ou não reconhecimento

Fonte: elaborado pela autora com base em esquema de Dubar (1997, p. 109)

Dubar (1997) estudou casos de trabalhadores franceses entre os anos 1960 e 1980 e observou a existência de formas identitárias típicas<sup>14</sup> – ao relacionar os processos biográfico e relacional, questionando se havia continuidade ou ruptura da identidade para si e reconhecimento ou não reconhecimento da identidade para outro. O próprio autor observa, no entanto, em obras posteriores (2009, 2011), que as transformações que aconteceram de lá para cá fazem com que o estudo da identidade tenha se tornado mais complexo. Sua pesquisa (em conjunto com outros pesquisadores do LASTREE<sup>15</sup>) foi centrada na observação de como trabalhadores de grandes empresas lidavam com a inovação no trabalho. Consideramos que hoje há muitas outras configurações de trabalho, na comparação com o período analisado por Dubar (1997). Fazendo um paralelo com o tema do capítulo 2 desta dissertação, sobre o jornalismo pós-industrial, hoje as

14 Dubar (1997) chegou a quatro formas identitárias típicas: identidade de empresa (quando há uma combinação de continuidade da “identidade para si” e reconhecimento na “identidade para outro”); identidade de rede (resultado de ruptura + reconhecimento); identidade de ofício (continuidade + não-reconhecimento); identidade de fora-do-trabalho (ruptura + não-reconhecimento).

15 Laboratório de sociologia do trabalho, da educação e do emprego, Universidade de Lille I. (Em francês: *Laboratoire de sociologie du travail, de l'éducation et de l'emploi*)

grandes corporações não detém o monopólio da produção. Por isso, pretendemos avançar na discussão sobre identidade, trazendo o tema para o contexto contemporâneo, na próxima seção.

Até agora, neste capítulo, tratamos da construção da identidade pelo sujeito social. Iniciamos discutindo a obra de Bourdieu (1983, 2004, 1996, 2009), que nos permite refletir sobre o indivíduo e sua posição no campo social, dotado de um *habitus* – um sistema de disposições que atua sobre suas escolhas e modos de pensar, sem produzir ações mecânicas e sem levá-lo a cumprir um papel preestabelecido. Avançamos com Berger e Luckmann (2012) e com Dubar (1997), a fim de demarcar a importância das mudanças vividas pelo indivíduo para a construção e a reconstrução da identidade. Com Dubar (1997), vimos que a identidade social é formada a partir de dois processos – o biográfico (identidade para si) e o relacional (identidade para outro) – e que, articulados, eles permitem observar a constituição da identidade profissional pelo sujeito. Retomaremos essas ideias mais adiante, no capítulo de análise, onde procuramos identificar as mudanças na identidade profissional de jornalistas que vivenciaram a transição do período industrial para o pós-industrial.

Na próxima seção, visamos entender como o contexto de um mundo marcado pela globalização do capital, pelas transformações tecnológicas e pelas mudanças sociais e culturais impacta o conceito de identidade. Assim como Dubar (2005, 2011), autores como Bauman (2005, 2007), Hall (2001) e Castells (1999) também analisam as identidades no mundo contemporâneo. Em comum, esses pesquisadores afirmam que as identidades não podem ser entendidas como coerentes e fixas; que, para observá-las, é preciso levar em conta toda a mobilidade do mundo atual.

### 3.4 Identidade no mundo contemporâneo

Diferentes conceitos e abordagens têm sido adotados por pesquisadores recentemente a fim de propor maneiras de se observar a identidade na contemporaneidade. Temos clareza que cada uma dessas obras representa uma tradição diferente dentro da pesquisa científica<sup>16</sup>, mas, aqui, nossa intenção é ver o que dizem e, eventualmente, tentar identificar o que têm em comum. Inicialmente, parece-nos que todas se propõem a analisar as questões de identidade levando em consideração a fluidez e a complexidade do mundo atual.

Hall (2001, p.7) inicia a sua obra sobre identidade na contemporaneidade, que denomina de pós-modernidade, defendendo a existência de um novo argumento na teoria social: o de que “as

16 É importante ressaltar que neste trabalho não estamos nos filiando a nenhum dos conceitos trazidos por esses autores – modernidade líquida, pós-modernidade e sociedade em rede. Conforme já explicitado, trabalhamos com os conceitos de industrial e pós-industrial, para designar as mudanças tecnológicas, culturais e sociais observadas na passagem do século 20 para o 21.

velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. De acordo com essa concepção, as identidades modernas estão sendo “descentradas”, deslocadas, fragmentadas. Uma mudança estrutural passou a transformar as sociedades modernas no final do século 20, o que está transformando

as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2001, p. 9).

Ao fazer uma retomada histórica, Hall (2001) observa a prevalência de três concepções de identidade ao longo do tempo: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e, por fim, a do sujeito pós-moderno. A primeira concepção, a do sujeito do Iluminismo, no século 18, estava baseada na ideia de indivíduo centrado, dotado de razão e consciência. As transformações da modernidade “libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2001, p. 25). Esse foi o nascimento do sujeito moderno, com a formação do individualismo, que permitiu uma nova concepção de sujeito individual e de sua identidade.

Bauman (2005) também observa como a identidade se transformou na passagem para a modernidade. Nos estados pré-modernos, segundo o autor, a identidade era determinada pelo nascimento e havia poucas oportunidades para que a pessoa se perguntasse: “quem sou?” Com a modernidade, e o surgimento das classes, as identidades se tornaram “tarefas que os indivíduos tinham que desempenhar [...] por meio de suas biografias” (BAUMAN, 2005, p.55). Durante a modernidade, cada classe tinha sua trajetória estabelecida de maneira clara: cada pessoa sabia o caminho a seguir e podia monitorar o seu progresso. Já havia maiores possibilidades, na comparação com as sociedades pré-modernas. “Fazer da ‘identidade’ uma tarefa e o objetivo do trabalho de toda uma vida [...] foi um ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis” (BAUMAN, 2005, p. 56). A autoidentificação era acompanhada de uma confiança em si mesmo e nos outros, e na durabilidade das instituições.

Foi na modernidade que a “identidade” (particularmente a “identidade nacional”) passou a ser inserida na consciência de homens e mulheres. Ela não surgiu naturalmente na vida das pessoas, mas foi produto da formação dos Estados-nação. “A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do

pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26).

Complementarmente, Hall (2001) afirma que a modernidade trouxe primeiramente as condições para o surgimento do indivíduo centrado em si, mas à medida que as sociedades se tornavam mais complexas, elas adquiriam um formato mais coletivo.

As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do Estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna. [...] O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno (HALL, 2001, p. 30).

Surge, assim, a segunda concepção de identidade formulada pelo autor, a do sujeito sociológico. Trata-se de um entendimento mais coletivo e mais social. O indivíduo passou a ser visto a partir da sua localização dentro dessas grandes estruturas da sociedade moderna. A sociologia o inseriu dentro de processos em grupo: desenvolveu uma explicação de como os indivíduos são subjetivamente formados, a partir das suas relações sociais, e também como as estruturas são sustentadas pelos papéis dos indivíduos. Essa “internalização do exterior” e essa “externalização do interior”, como vimos na obra de Bourdieu (1983), influenciou diversos estudos que tratam do sujeito de forma relacional, inclusive o trabalho de Dubar (1997, 2009, 2011). De acordo com essa abordagem, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2001, p.11). Para essa concepção, a identidade é o que alinha os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos; que costura o sujeito à estrutura. Hall (2001) afirma que nessa mesma época teria surgido ainda um outro tipo de sujeito: o indivíduo isolado, ou alienado, que se perde no meio da multidão. Um exemplo deste sujeito seria o *flâneur*, de Benjamin<sup>17</sup>, que caminha pelas ruas observando a metrópole. Para Hall (2001), essa imagem do sujeito isolado antecipa o que aconteceria na pós-modernidade.

Uma série de rupturas no pensamento moderno abriria espaço para o descentramento do sujeito. Essas rupturas são nomeadas de distintas formas pela sociologia contemporânea, como pós-modernidade, pós-industrialismo, sociedade da informação, sociedade em rede, modernidade líquida, entre outras. Castells (1999) descreve esse momento como sendo de perda da soberania do Estado, com o fim da sua capacidade de representar os cidadãos. Além disso, as instituições e organizações da sociedade civil têm cada vez mais dificuldades em manter vínculos com as vidas e

<sup>17</sup> Walter Benjamin, ao escrever sobre o poeta Baudelaire e sua relação com a cidade de Paris, colocou em evidência a figura do *flâneur*: o indivíduo errante, observador das cidades e das multidões; aquele que “vê a cidade sem disfarces” (BENJAMIN, 2000, p.56).

os valores das pessoas. Observa-se, a partir daí, uma “dissolução das identidades compartilhadas, sinônimo da dissolução da sociedade como sistema social relevante” (CASTELLS, 1999, p. 418). A análise do autor vai ao encontro da concepção de sujeito pós-moderno de Hall (2001, p.13): “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. O processo de identificação torna-se mais provisório e problemático. Assim, o que para o Iluminismo era uma identidade fixa e coerente dá lugar a “identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno” (HALL, 2001, p.46).

As mudanças profundas nas sociedades contemporâneas, onde se dá esse deslocamento do indivíduo, têm origem na globalização – entendida como processos, atuantes numa escala global, que atravessam as fronteiras nacionais, integrando comunidades e tornando o mundo mais interconectado, e modificando noções de tempo e espaço (HALL, 2001). Bauman (2007) entende que esse cenário vem acompanhado de uma tendência à efemeridade e à fragmentação que atinge diversos aspectos da vida. Para ele, vivemos em um ambiente novo, caracterizado por mudanças tais como: a) a passagem da modernidade sólida para a líquida, que significa uma condição em que as organizações sociais não podem mais manter a sua forma por muito tempo, pois não duram o tempo suficiente para se estabelecer; b) a separação entre o poder e a política, ou seja, parte do poder de agir, antes reservado ao Estado moderno, agora se afasta na direção de um espaço global, enquanto a política não consegue operar em dimensão planetária; c) a redução da segurança provida pela comunidade e a constituição de laços humanos cada vez mais frágeis e temporários; d) o colapso do pensamento, do planejamento e da ação a longo prazo, que resulta em um desmembramento da história política e das vidas individuais em projetos a curto prazo; e) a exigência de que se resolvam dilemas voláteis, que faz com que a virtude proclamada não seja a da conformidade, mas a da flexibilidade – a capacidade de mudar, abandonar compromissos e lealdades.

Segundo Bauman (2007), esse período, que denomina de modernidade líquida, afeta, sobretudo, a nossa compreensão de identidade. “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2007, p.18). Existem múltiplas ideias e princípios em torno das quais se desenvolvem comunidades e é pouco provável que cada pessoa seja exposta a apenas um grupo de ideias de cada vez. Nos tempos atuais, “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2007, p.19). Segundo o autor, é desejável que seja assim, porque o indivíduo da era líquido-moderna busca manter suas referências comunitárias de



identidades em movimento, ou seja, procura grupos igualmente móveis, para que sejam mantidos por um momento, mas não por muito tempo. Não há uma crença na durabilidade dessas estruturas de referência e se, por outro lado, elas fossem mais fixas, logo se mostrariam desconfortáveis, por não permitirem acomodar novas identidades, que se encontram disponíveis.

O autor reitera que o anseio por identidade vem do desejo de ter segurança. Não saber o seu espaço e vagar sem apoio pode gerar ansiedade. No entanto, no mundo atual, ter uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é atraente. “Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2007, p.35).

Ainda que propondo uma abordagem diferente, os trabalhos mais recentes de Dubar (2009, 2011) vão ao encontro das ideias de Hall (2001), Bauman (2005, 2007) e Castells (1999), ao proporem uma transformação na forma de encarar a identidade no mundo atual. Dubar defende que nas últimas décadas observa-se um movimento de passagem de determinados tipos de formas identitárias a outras.

Ele chama de formas identitárias o resultado da combinação entre os processos biográfico e relacional, ou “formas sociais de identificação dos indivíduos em relação com os outros e na duração de uma vida” (DUBAR, 2009, p. 17). Para o autor, as formas (identitárias) comunitárias, existentes até então, estão dando lugar às formas societárias (termo que buscou na obra de Max Weber). As comunitárias “supõem a crença na existência de agrupamentos chamados ‘comunidades’ [...]. Nessa perspectiva, cada indivíduo tem um pertencimento considerado principal como membro da sua ‘comunidade’ e uma posição singular como ocupante de um lugar no seio desta” (DUBAR, 2009, p. 15). Já as societárias, mais recentes,

supõem a existência de coletivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem por tempo limitado e que lhes fornecem recursos de identificação que eles administram de maneira diversa e provisória. Nessa perspectiva, cada um possui múltiplos pertencimentos que podem mudar no decorrer de uma vida (DUBAR, 2009. p.15).

As formas societárias de Dubar (1997) remetem ao sujeito fragmentado e contraditório da pós-modernidade, de Hall (2001), e ao efêmero e fluido da modernidade líquida, de Bauman (2007), em oposição às formas comunitárias do período anterior. O indivíduo deixa de ter sua identidade vinculada a uma comunidade de origem e instituições tradicionais, uma vez que se vê diante de muitas outras possíveis identidades. Por isso, há na ideia de formas societárias de Dubar (2009, 2011), uma primazia das identificações “para si” em relação às identificações “para outro”. As

identidades coletivas do período anterior são desestabilizadas e desestruturadas, enquanto o individualismo parece imperar. Isso não significa que o “indivíduo” substitua o “coletivo”, uma vez que não existe identidade do “eu” sem a identidade do “nós”, “mas sim que há uma passagem de formas sociais de tipo dominante comunitário (Nós > eu) para formas sociais de tipo dominante societário (Eu > nós)” (DUBAR, 2011, p. 178). As formas societárias emergem, segundo Dubar (2009), da abertura de fronteiras, da globalização do capital e dos mercados financeiros, da desregulamentação das atividades econômicas e da exploração crescente de novas forças de trabalho.

O autor trata essa passagem das formas comunitárias para as formas societárias como uma “crise das identidades”, uma passagem difícil, para muitas pessoas, de uma forma dominante de relações sociais a outra. Entram em crise “maneiras de pensar, de dizer, de fazer do que se denomina primeira modernidade, aquela do progresso, dos Estados-Nacionais e do Estado Social, da primazia das instituições, mas também da persistência dos vínculos comunitários fortes e protetores (cidades, corporações, famílias e religiões)” (DUBAR, 2011, p. 179). A partir disso, estabelece-se uma crise nas maneiras de se autodenominar. “Não se falava mais de operário, mas de operador, ou, ainda melhor, de colaborador. Não se falava mais de qualificações (fruto da negociação coletiva), mas de competências (reconhecidas ou não pelas empresas, com base no desempenho individual)” (DUBAR, 2011, p. 179). As negociações coletivas foram substituídas por transações individuais.

As crises identitárias, no entanto, não são ajustes à conjuntura econômica, de acordo com Dubar (2011, p. 183): “nenhuma identidade é redefinida porque a internet substitui a imprensa”. Elas são crises em relação ao outro. Elas colocam em questionamento as imagens preconcebidas sobre si e sobre o outro. Assim, não se trata “apenas da passagem de um momento do ciclo econômico a outro, mas também a invenção de novas maneiras de viver em conjunto no mundo, as quais não são mais simplesmente guiadas pelas instituições” (DUBAR, 2011, p.184).

Como dito no capítulo 2, as transformações nas últimas décadas levantam muitos questionamentos em relação à imagem de si e à imagem do outro no campo jornalístico. Não estamos assumindo, porém, o argumento de Dubar quanto a uma “crise das identidades”, no sentido generalizado. Acreditamos que ela pode ser sentida, sim, por algumas pessoas, mas outras talvez não deem o mesmo peso para os questionamentos que surgem sobre si e sobre o outro no contexto atual. Concordamos, porém, que há uma tendência à individualização e que, de uma forma geral, os indivíduos não são mais ligados a laços comunitários, como eram décadas atrás.

Nesse sentido, Hall (2001), identifica três possíveis consequências para a identidade diante dessa aceleração de fluxos observada na globalização. Ainda que seu olhar esteja voltado para as

identidades nacionais, é relevante analisarmos as tendências mencionadas pelo autor. A primeira é de que, para alguns teóricos, as identidades nacionais estão se desintegrando, pois a globalização levaria a uma homogeneização cultural. A segunda é de que as identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas, como resistência à globalização. Já a terceira trata do surgimento de identidades híbridas. Em relação a essa última, Hall (2001) observa a emergência de identidades culturais que não são fixas, mas estão em transição; “que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado” (HALL, 2001, p. 88). É a fusão de diferentes tradições culturais formando algo novo que o autor chama de hibridismo. Assim, como conclusão provisória, sugere que

a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionadas, mas políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins [...] chama de “tradução”<sup>18</sup> (HALL, 2001, p.87).

Assim, além de demarcar a possibilidade de surgimento de identidades híbridas, Hall (2001) também vê um possível movimento de reafirmação das identidades de origem. Para Castells (1999), na realidade atual, que ele denomina de sociedade em rede, em que o Estado e as instituições não detêm o monopólio do poder, identidades podem ser reconstruídas, a fim de marcar posição e de buscar a transformação da estrutura social. Uma nova forma de poder seria possível através da organização em rede.

Por isso as identidades são tão importantes e, em última análise, tão poderosas nessa estrutura de poder em constante mutação – porquanto constroem interesses, valores e projetos, com base na experiência, e recusam-se a ser dissolvidas estabelecendo uma relação específica entre natureza, história, geografia e cultura. As identidades fixam as bases de seu poder em algumas áreas da estrutura social e, a partir daí, organizam sua resistência ou seus ataques na luta informacional pelos códigos culturais que constroem o comportamento e, conseqüentemente, novas instituições (CASTELLS, 1999, p. 424).

---

18 Tradução é um conceito usado para designar formações de identidade que são transferidas, transportadas entre fronteiras, resultando em culturas híbridas. Um exemplo usado por Hall (2001) é o imigrante que sai da terra natal e se vê obrigado a negociar com a nova cultura, sem ser assimilado por ela.

O reforço de identidades diante de tantas possibilidades trazidas pela globalização parece ter um caráter de resistência. Para Castells (1999), essa resistência aparece como uma oportunidade para a transformação social. Dubar (2009) reconhece que existe um potencial transformador na passagem das formações comunitárias para as societárias, ainda que, ao contrário de Castells (1999), veja como algo distante.

A individualização significa, potencialmente, a preeminência crescente dos Eus sobre os Nós, a participação ativa dos cidadãos naquilo que lhes diz respeito, a consideração das *identidade pessoais* nas decisões coletivas. Pode-se considerar que ainda estamos muito longe disso. Mas é um processo lento, complexo e incerto (DUBAR, 2009, p. 260).

Assim, entendemos que é importante considerar como consequências do mundo globalizado a dissolução, o hibridismo e o reforço de identidades. Trouxemos, nessa seção, abordagens de diferentes autores que (cada um à sua maneira) enxergam efeitos das transformações do mundo contemporâneo sobre as identidades. Assim como eles, entendemos o momento atual como de constante mobilidade e de redução do peso das tradições e do papel do Estado na definição dos indivíduos.

Propomos, com isso, trazer uma reflexão sobre a resistência ou flexibilidade da identidade jornalística diante de todas as identidades disponíveis. Estão em curso mudanças na forma de produzir, consumir e distribuir conteúdo, mas também uma nova fluidez nos papéis e valores da profissão no contexto do jornalismo pós-industrial, conforme vimos anteriormente a partir de Anderson, Bell, Shirky (2013). Nosso intuito é observar, nas falas dos jornalistas entrevistados, de que forma esse contexto vem atuando sobre a identidade jornalística. Ela é reforçada ou está em dissolução no decorrer das transformações vividas na sociedade contemporânea?

## 4 JORNALISMO E IDENTIDADE

Conforme vimos no capítulo 2, o jornalismo está em constante transformação. Ao longo dos anos, solidificou-se como prática social e discursiva, configurando um *habitus* profissional, composto por um *ethos* específico. Ao possuir um *habitus*, o jornalismo forma uma comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), que compartilha determinados valores, crenças, mitos e uma deontologia profissional.

Neste capítulo, procuramos identificar as características do campo jornalístico que se consolidaram ao longo do tempo e nos permitem compreender as diferentes concepções da identidade profissional no campo jornalístico. Começamos explicando o nosso entendimento de campo jornalístico, a partir do conceito de Bourdieu (1983). Em seguida, discutimos o processo de reconhecimento do jornalismo como profissão e a busca pela delimitação das fronteiras profissionais. Os dois últimos pontos do capítulo são, a nosso ver, complementares. Dizem respeito a uma dicotomia que percebemos nos estudos de jornalismo e que nós acreditamos ser possível observar na realidade social: o *ethos* romântico da profissão e o jornalismo de mercado. Enquanto um diz respeito à manutenção dos princípios tradicionais que posicionam a profissão em termos da relevância da sua função social, o outro apresenta uma visão mais pragmática, que vê o jornalismo conforme as leis do mercado.

### 4.1 O campo jornalístico

No capítulo anterior, vimos que o conceito de campo desenvolvido por Bourdieu (1983, 2004, 1996, 2009) ajuda-nos a compreender a identidade social, uma vez que possibilita pensar sobre a posição dos sujeitos – possuidores de um *habitus* – no espaço social, suas ações e relações com os outros. O campo, conforme o autor, é uma ferramenta utilizada pelo pesquisador, cuja principal função é possibilitar a construção científica de objetos sociais. Sendo assim, ele mostra-se útil também para estudarmos o funcionamento do espaço social ocupado pelo jornalismo.

São poucos os trabalhos de Bourdieu que tratam especificamente do campo jornalístico. O mais difundido deles é o pequeno livro *Sobre a televisão* (1997), onde o autor dá uma atenção maior à lógica televisiva e expõe uma visão demasiadamente crítica em relação à mídia. Convém, no entanto, extrairmos dele algumas ideias para refletir sobre o jornalismo.

Conforme Bourdieu (2005, p.30, tradução nossa), um campo “pode ser comparado a um campo de forças físicas; mas não é redutível a um campo físico – é o espaço de ações e reações

desempenhadas pelos agentes sociais dotados de disposições permanentes, em parte adquiridas pelas suas experiências naqueles campos sociais”<sup>19</sup>. Segundo ele, é no campo que acontecem as disputas dos agentes sociais por legitimidade. O campo constitui um espaço relativamente autônomo, com regras próprias, embora seja definido também pela sua relação com outros campos.

Para Bourdieu (1997, 2005), o campo jornalístico tem pouca autonomia, pela sua clara dependência do campo econômico. Está “permanentemente sujeito à prova dos veredictos do mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência” (BOURDIEU, 1997, p. 106).

Entendido como lugar por excelência da difusão cultural, o campo jornalístico seria regido por duas lógicas, ou dois polos: o comercial e o intelectual. O primeiro, caracterizado pela lógica de mercado; e o segundo, pela atenção aos valores e princípios da profissão (BOURDIEU, 1997, 2005). Traquina (2012) compara-o a um campo magnético, cujo polo positivo – que chama de ideológico – define o jornalismo como serviço público necessário para o desenvolvimento da democracia, enquanto o negativo, o econômico, carrega a concepção do jornalismo como negócio e da notícia como mercadoria. Ainda que os autores façam uma crítica ao polo econômico, é importante para nós esse entendimento – de que o jornalismo está voltado tanto aos princípios sociais quanto aos de mercado.

Para Bourdieu (1997, 2005), apesar da pouca autonomia, o campo jornalístico exerce grande influência sobre outros campos (da produção cultural, político, sociológico, jurídico, literário, etc), uma vez que a lógica midiática – e comercial – passa a ser considerada nas ações dos atores desses outros campos. O campo jornalístico seria dotado de poder simbólico – o poder de “fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo” (BOURDIEU, 1989, p.14). O acontecimento midiático, de acordo com Grohmann (2009), se daria na intersecção entre os diferentes campos sociais, porém seria o campo jornalístico o que detém o poder simbólico de nomear. De maneira semelhante, Lago (2002, p.72) afirma que “é no interior do campo jornalístico que se luta pelo monopólio da expressão legítima da opinião pública, sendo este, portanto, o capital específico do campo – o direito de informar. Uma luta que envolverá não só os agentes jornalistas, mas também agentes de outros campos”.

Já Berger (1998), no entanto, considera que a credibilidade é o capital específico do campo do jornalístico, o que colocaria os jornais em disputa entre si e, até mesmo, entre eles e outros campos sociais. Segundo a autora, é no campo jornalístico que “se encontra o poder de incluir ou de

---

19 No original: “[field] is comparable to a field of physical forces; but it is not reducible to a physical field – it is the site of actions and reactions performed by social agents endowed with permanent dispositions, partly acquired in their experience of those social fields” (BOURDIEU, 2005, p. 30).

excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar e tornar público” (BERGER, 1998, p. 22).

Essa concorrência identificada por Berger é, para Bourdieu (1997), uma das propriedades do jornalismo, decorrente das pressões exercidas no polo comercial. Seria ela a criar a corrida pelo *furo*, ou seja, o esforço para dar a notícia em primeira mão. Além disso, a concorrência tenderia a favorecer aqueles profissionais que priorizam a velocidade e a renovação permanentes.

Além da concorrência, a preocupação constante com o tempo e os critérios de noticiabilidade (o que deve ou não virar notícia) seriam elementos constitutivos do *habitus* jornalístico, entendido como os esquemas de percepção compartilhados pelos jornalistas no espaço social (GROHMANN, 2009). Isso significa que cada jornalista compreende o funcionamento do campo e cria suas próprias estratégias de ação de acordo com a posição que ocupa no campo. É esse mecanismo, segundo Pereira (2008), que explica a diversidade de posturas e trajetórias no jornalismo, sem que isso implique perda de identidade, tampouco uma subversão na estrutura do campo.

A ação dentro do campo requer uma participação interessada no jogo, que se instaura na relação conjuntural entre o *habitus* e o campo, conforme Bourdieu (1996). Trata-se da *illusio*, outro conceito do sociólogo francês interessante para a análise do campo jornalístico.

*A illusio é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar. De fato, em um primeiro sentido, a palavra interesse teria precisamente o significado que atribuí à noção de illusio, isto é, dar importância a um jogo social, perceber que o que se passa aí é importante para os envolvidos, para os que estão nele. Interesse é ‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos. (BOURDIEU, 2008, p.139, grifos originais).*

A *illusio* é, portanto, a adesão, consciente ou inconsciente, dos indivíduos ao campo em que estão inseridos; é a possibilidade de manter “uma relação encantada com um jogo”. Todo campo social tende a obter daqueles que nele entram essa relação com o campo chamada de *illusio*. Assim, cada indivíduo desenvolve sua prática no campo a que está ligado, ajustando-se às exigências e especificidades objetivas próprias para transitar naquele espaço. Estar preso ao jogo, ou acreditar que o jogo vale a pena é importante no momento em que o sujeito entra no campo jornalístico. Ele aprende a reconhecer e, então, tende a incorporar o *habitus* jornalístico, composto de um *ethos*. Esse *ethos* é construído de maneira contínua através da articulação de um *ethos* sociológico – valores compartilhados por um grupo social – e um *ethos* discursivo – a imagem de si que o locutor constrói discursivamente (ALFONSO, 2017).

A existência de um *ethos* profissional não exclui a capacidade de escolhas individuais dos jornalistas. Eles detêm uma autonomia relativa, que varia de acordo com a posição que ocupam no espaço social, ao mesmo tempo em que compartilham valores, crenças e saberes profissionais. Assim, “é possível visualizar algum espaço de mudança social a partir dos agentes, embora a teoria dos campos tenda a enfatizar o peso das estruturas sociais como fator determinante para essas transformações” (PEREIRA, 2008, p. 23).

Esse entendimento é importante para esta pesquisa, uma vez que é possível identificar, no discurso, o *ethos* em seus diferentes níveis – a imagem de si, bem como a imagem de um grupo dotado de valores e crenças. As escolhas pessoais – *ethos discursivo* – podem expressar um desejo de continuidade ou de ruptura com o *ethos sociológico*. Afinal, a identidade está em constante construção.

#### 4.2 O jornalismo como profissão

Defendemos, nesta pesquisa, que refletir sobre identidade profissional significa pensar em termos relacionais. Conforme se vê a partir de Dubar (1997), a construção da identidade se dá na intersecção da maneira como o indivíduo se define e como os outros ao redor o definem. No campo jornalístico não é diferente, como deixa claro Bourdieu ao afirmar que é no espaço social que ocorrem as disputas em torno do capital simbólico.

O jornalista como identidade existe devido ao outro. É por meio das suas relações com fontes, públicos, colegas e chefes que ele constrói a sua identidade. Essa premissa, a qual compartilhamos, é fundamental na pesquisa de Ruellan (2017). O autor francês assumiu a sociologia interacionista – da mesma forma que Dubar (1997) – a fim de estudar o jornalismo como profissão. Considera o jornalismo uma construção e não uma realidade estável. O autor destaca: “o ser profissional é o resultado da história, de sua própria história, mas também de uma história maior que ele, que finca suas raízes no passado. E quanto mais essa história é rica, complicada, conflituosa, mais a identidade do ser profissional é complexa” (RUELLAN, 2017, p.9). Para ele, a história do jornalismo é particularmente densa porque a atividade precisou ganhar seu próprio espaço entre práticas discursivas concorrentes, como, por exemplo, a literatura, a política e a sociologia.

A fim de reivindicar o seu espaço, foi preciso estabelecer a sua especialidade. O registro profissional e o diploma de curso superior são instrumentos simbólicos que permitiram nomear quem é ou não é jornalista. É por isso que, no Brasil, o fim da obrigatoriedade do diploma para



exercer a profissão, em 2009, provoca, ainda hoje, grande discussão. As reações ante o fim da exigência só reforça o argumento de Ruellan (2007) de que a identidade jornalística é fluida.

Os jornalistas reivindicam a sua legitimidade no campo social, mas também buscam conservar uma identidade mais ampla, ao escrever textos com estilo literário, ou ao se colocar como autoridades políticas, capazes de analisar a sociedade, por exemplo. Foi para explicar essa identidade que considera plural que Ruellan (2007) criou o termo *flou identitaire* (imprecisão identitária). De acordo com o autor, essa imprecisão seria constitutiva e construtiva. “Constitutiva, pois o jornalismo é herdeiro de culturas diversas; e construtiva, pois permite que o jornalismo utilize meios de produção diversificados. Assim, ele se estabelece em um território mais amplo do que é mencionado pela definição legal de ‘jornalista profissional’” (RUELLAN, 2007, p.11-12).

O esforço em estabelecer uma definição de jornalista foi, segundo o autor, a forma encontrada pelos profissionais para limitar o acesso aos empregos e regular as tensões do mercado de trabalho. A identidade jornalística se estabelece após os jornalistas observarem a necessidade de lutar pelo seu espaço. Assim, para Ruellan (2001), o jornalismo possui uma cultura profissional híbrida por natureza, ainda que os discursos tendam a representá-lo como um mundo estruturado e fundado sobre uma competência clara e específica.

Isso não inviabiliza o estudo do jornalismo como profissão, como afirma Pereira (2004, p.3). “Na verdade, subjacente à fluidez deste status profissional há um sentimento de funcionalidade social que vai permear a construção identitária do jornalista”. Ainda que seja uma construção, é visível a existência de um grupo profissional identificado com a atividade, seus valores, princípios e saberes.

Zelizer (2000) propõe que os jornalistas sejam vistos como uma comunidade interpretativa, que compartilha um discurso e interpretações dos acontecimentos públicos relevantes. Conforme a autora, ao contrário de outras profissões, no jornalismo haveria um peso maior da prática profissional para o aprendizado da atividade e a identificação com colegas do que o percurso educacional e a conquista do diploma. “Uma comunidade se revela menos por indicadores rígidos como a aprendizagem ou a educação – como acontece de acordo com o enquadramento da profissão – e mais por associações informais que se produzem em torno de interpretações compartilhadas” (ZELIZER, 2000, p. 38). Ao conviver, os agentes passariam a partilhar quadros de referências comuns.

Traquina (2013), por sua vez, afirma que a emergência de um grupo social formado por jornalistas, que reivindica o monopólio do saber – o que é a notícia –, se deu no século 19, nos Estados Unidos, com a transformação da informação em mercadoria. Na verdade, diversos grupos buscaram a profissionalização nesse período de industrialização e urbanização, com o objetivo de

ter mais liberdade e autonomia, além de ter um estatuto social, como as profissões de médicos e advogados. Para com Figaro (2013), o jornalismo nasceu inspirado nos ideais do Iluminismo e do Racionalismo, movimentos que colocavam o homem no centro das decisões sobre os rumos da sociedade. “É uma narrativa da urbanidade, da pólis, do cidadão e da cidadania, mas delimitada pelos valores do liberalismo econômico” (FIGARO, 2013, p.9). Mas foi no século 20, no entanto, que o jornalismo se consolidou como a narrativa produzida por profissionais especializados. Essa profissionalização teria feito também com que as empresas jornalísticas virassem grandes grupos de comunicação, tornando-se um setor de relevância na economia, acredita a pesquisadora.

Conforme Traquina (2013, p. 33), “embora os jornalistas tenham falhado nas suas tentativas de ‘delimitar’ o seu campo de trabalho, conseguiram definir uma identidade profissional ligada a papéis sociais claramente definidos”. Assim, argumenta que os jornalistas não conseguiram “fechar o seu território”, mas foram capazes de forjar uma forte identidade profissional.

A cultura profissional dos jornalistas inclui modos de ser, de agir, de falar e de ver o mundo, o que constitui um *ethos* profissional. De acordo com Ruellan (1997), existe um reconhecimento coletivo das responsabilidades específicas dos jornalistas no espaço público, responsabilidades que constituem elementos importantes de uma cultura profissional, que estão associadas a toda uma mitologia construída nos últimos séculos.

A construção de uma identidade coletiva, conforme o autor (2017), é um processo de estabelecimento de uma *ordem do discurso* (no sentido descrito por Foucault), que procura determinar uma representação do mundo. Essa ordem está em constante movimento. Ela se impõe aos indivíduos, ao mesmo tempo que é feita por eles. Ela é construída e apreendida nas rotinas produtivas, ao mesmo tempo que é reforçada por outras instâncias, como os códigos de deontologia, as leis, obras de pesquisadores universitários, livros e artigos.

A construção dessa cultura profissional se deu com base em uma visão romântica da profissão, como veremos a seguir. É preciso ressaltar, porém, que o profissionalismo é visto com cautela por alguns pesquisadores. Para Soloski (2016), é uma espada de dois gumes. Por um lado, o profissionalismo forneceria aos jornalistas uma base de poder independente que limita a interferência direta das organizações. Uma sucessão de coberturas tendenciosas seria facilmente identificada, por exemplo, prejudicando a reputação de um jornal. Por outro lado, permitiria o controle dos jornalistas pelas empresas, uma vez que estabelece padrões e normas de comportamentos e determina o sistema de recompensa profissional. Um exemplo dado pelo autor de norma profissional que acaba por limitar o trabalho do jornalista é a objetividade, pois a tentativa de relatar as notícias com objetividade tende a manter o *status quo*. Já a recompensa profissional, como

a promoção ou o aumento de salário, é uma forma de a empresa manter a lealdade de determinados profissionais.

Feitas essas ponderações, sobre os possíveis constrangimentos que Soloski (2016) observa a partir do profissionalismo, passaremos, a seguir, a descrever dois aspectos, através dos quais acreditamos ser possível observar a identidade profissional no jornalismo. Por um lado, existe uma visão mais romantizada da profissão que molda a identidade jornalística, a do jornalista-herói. Por outro, há a concepção do jornalismo mais pragmática, que caracteriza o jornalismo como uma profissão como qualquer outra.

#### 4.3 *Ethos* romântico

Poucas profissões tiveram tanto êxito na elaboração de uma cultura rica em valores, símbolos e cultos, reconhecida dentro e fora do grupo profissional, quanto o jornalismo. Essa observação de Traquina (2004), com a qual concordamos, reforça a existência do *ethos* jornalístico, entendido como a maneira como se deve ser (jornalista)/ estar (no jornalismo), compartilhada entre os profissionais.

No processo de consolidação de uma cultura profissional, os jornalistas desenvolveram uma maneira própria de ver (ou seja, uma capacidade de reconhecer os acontecimentos que têm valor como notícia), uma maneira de agir (sabem como coletar os dados para elaborar a notícia e lidar com a pressão do tempo) e uma maneira de falar (compartilham uma linguagem própria, o *jornalês*, e sabem como compilar as informações e construir uma narrativa noticiosa) (TRAQUINA, 2004, 2013). Na mesma direção, Charron e Bonville (2016) descrevem a existência de um saber comum e um conjunto de regras de produção discursiva, imperativos do paradigma jornalístico. O saber comum inclui conhecimentos que dizem respeito aos referentes jornalísticos: as instituições, e os elementos que constituem as esferas política, econômica, social, cultural, etc. Noções como democracia, economia de mercado e liberdade de expressão também fazem parte desse saber comum e são consideradas evidentes pelos jornalistas contemporâneos de uma forma geral. Já as regras de produção discursiva podem ser divididas em regras de edição (alocação de recursos, seleção das ocorrências, valorização dos eventos), de redação (procedimentos de escrita como o *lead* e a pirâmide invertida), semânticas (atividade de seleção e interpretação da informação), procedimentais (atribuições cotidianas na coleta de informação) e normativas (prescrevem comportamentos profissionais). Crenças e valores também são considerados por Charron e Bonville (2016) como constituintes do saber comum.

Como dissemos anteriormente, a construção do *ethos* jornalístico se deu historicamente com base em uma visão romântica da profissão. Segundo Traquina (2004, 2012), ao longo dos anos, ficou demarcado que ser jornalista implica crer em determinados valores, tais como: a liberdade, ou seja, a imprensa livre como uma condição para a democracia; a credibilidade, a qual o jornalista procura manter diante do público e que estimula o trabalho constante de verificação dos fatos; a independência ou autonomia dos profissionais em relação a outros agentes sociais; a verdade, como valor que deve ser perseguido; a objetividade, inicialmente entendida como um culto aos fatos em detrimento da opinião, mas depois substituída pela ideia de procedimentos estratégicos adotados a fim de evitar críticas ao trabalho, uma vez que a inevitabilidade da subjetividade passa a ser reconhecida (SCHUDSON, 2010). Essa alteração no sentido do termo objetividade teria ocorrido a partir de meados do século 20.

No contexto das críticas feitas ao mito da objetividade jornalística, surgiu nos anos 1960 a concepção do jornalista como defensor da sociedade (ALSINA, 2009). Nesse modelo, o jornalista precisa ser comprometido; deve olhar para os que não têm porta-vozes na sociedade. Uma derivação dessa concepção é a do jornalista como cão de guarda, ou sentinela. Ele “não só deve defender os setores que não têm poder comunicativo, para que possam dar a sua versão dos fatos nos acontecimentos jornalísticos, mas também, e fundamentalmente, deve investigar e denunciar as injustiças, a corrupção, etc. que acontecem dentro dos círculos de poder da sociedade” (ALSINA, 2009, p.219-220). Junto a essa ideia está a de que os meios de comunicação constituem o “quarto poder” que vigia os outros três – o executivo, o legislativo e o judiciário.

O papel do jornalista como sentinela continua sendo dominante para alguns autores na atualidade. Kovach e Rosenstiel (2014), por exemplo, ao atualizar sua obra *Os elementos do jornalismo*, escrita originalmente em 2001, defendem que alguns princípios do jornalismo sobreviveram ao longo do tempo, pois atendem o propósito de oferecer às pessoas a informação necessária para se autogovernarem. São eles:

- 1) A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade; 2) A primeira lealdade é com os cidadãos; 3) Sua essência é a disciplina de verificação; 4) Seus praticantes precisam manter a independência daqueles que cobrem; 5) Precisa servir como vigilante do poder; 6) Precisa oferecer um fórum público para a crítica e o compromisso públicos; 7) Precisa se esforçar para tornar o significativo, também interessante e relevante; 8) Precisa apresentar a notícia de forma compreensiva e proporcional; 9) Seus praticantes têm uma obrigação em exercitar a sua consciência pessoal; 10) Os cidadãos têm direitos e responsabilidades quando se fala em notícias – mais ainda quando se tornam produtores e editores (KOVACH, ROSENSTIEL, 2014 p.22).

Percebemos que os princípios do jornalismo apontados pelos autores dizem respeito não só aos jornalistas profissionais, mas também aos cidadãos na condição de consumidores e produtores, o que condiz com a realidade do jornalismo pós-industrial. O *ethos* jornalístico está, portanto, difundido na sociedade e, para os autores, as responsabilidades devem ser compartilhadas. Por ora, queremos destacar o caráter “ideal” contido em cada concepção. São princípios, ou valores, que fortalecem uma visão romântica da profissão.

Em sua tese de doutorado, Lago (2002) identificou o *ethos* romântico em metatextos jornalísticos, ou seja, aqueles que tratam sobre o próprio jornalismo, como, por exemplo, livros teóricos. A autora faz a ressalva de que ele não existe na forma pura. “Suas características podem aparecer concentradas, ou isoladas, dificilmente serão encontradas em sua totalidade em um mesmo autor, ou em um momento preciso” (LAGO, 2002, p. 152). Para ela, o *ethos* romântico aparece de forma mais ou menos clara dependendo do período histórico analisado.

Ainda de acordo com a autora, o *ethos* romântico no jornalismo pode ser caracterizado como uma resistência a um sistema racionalizado e burocratizado. Ele resgata o comprometimento do sujeito jornalista, que se confunde com uma missão a ser realizada. Em seu estudo, identificou cinco características do *ethos* romântico: 1) Paixão – o jornalismo é exercido de forma apaixonada pelos profissionais, tendo em vista o compromisso social que é o seu imperativo; 2) Individualismo – contra o anonimato do fazer burocrático, a subjetividade e a genialidade do profissional são ressaltadas, a partir do destaque à grande reportagem e da aproximação do jornalismo com a literatura; 3) Missão – a ideia é difundida por meio dos estereótipos, como o do homem abnegado, que exerce seu ofício em prol da coletividade, como uma missão ou uma religião; 4) Utopia revolucionária – o jornalista tem uma missão revolucionária: ajudar a transformar a sociedade, alterando as estruturas sociais, agindo, assim, de maneira heroica; 5) Nostalgia e melancolia – o saudosismo em relação à outra época de prática do jornalismo vem acompanhado de uma crítica ao novo, ao progresso e suas consequências; traz a ideia de que o jornalismo cumpria melhor o seu papel no passado.

O terceiro aspecto observado por Lago (2002), a missão, tem como desdobramento a “entrega de si” do jornalista à profissão. Travancas (2011) observara esse aspecto em 1991, em sua dissertação de mestrado, quando realizou uma pesquisa etnográfica. Nessa pesquisa, a autora percebe que os jornalistas se viam completamente voltados para o trabalho, o que significa que doam seu tempo e compartilham os espaços das suas vidas pessoais com o jornalismo. “O ponto de partida para a entrada na profissão é a entrega do seu tempo. É estar ligado à redação o tempo todo. Há uma cobrança implícita, se não explícita, de que ser jornalista significa ser jornalista 24 horas por dia e não só quando se está no jornal ou fazendo matéria na rua” (TRAVANCAS, 2011, p.30).

A autora chamou de *commitment* (comprometimento, em inglês) a adesão dos jornalistas ao seu trabalho, ao doarem seu tempo e ao se envolverem na atividade profissional apesar dos relatos sobre os problemas na profissão, como salários baixos, dificuldades no mercado de trabalho e censura interna. O comprometimento com a profissão em contraste com os problemas vividos “faz com que essa relação [com o trabalho] vá desde um envolvimento afetivo e emocionado, carregado de paixão, até outro mais cético e descrente dos prazeres e do sucesso desse trabalho” (TRAVANCAS, 2011, p. 188).

Essas contradições também são visíveis na pesquisa realizada por Ribeiro (1994) nas redações dos jornais *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo*. O autor afirma que a cultura dos jornais apresenta fortes marcas de uma religião secular, apesar de o jornalismo proclamar que sempre coloca em prática a dúvida racional. Entre os traços observados dessa religiosidade estão: o ideal da onipresença (o jornal precisa saber de tudo e estar em todos os lugares); a ideia do fazer jornalístico como uma missão a ser cumprida em defesa do público; a importância dada às figuras carismáticas do grupo profissional; os rituais, que são comportamentos simbólicos formalizados, como modos de vestir, de falar e de agir. Para o autor, esses traços, que aparecem nos discursos do corpo funcional das redações entram em conflito com a lógica empresarial.

O elevado teor místico do ambiente jornalístico, que se cristaliza em torno de temas como missão e sofrimento, é alimentado pelas empresas e assimilado pelos jornalistas. Embora não corresponda mais à realidade de uma atividade que se industrializou, essa mística pode tanto ser fator de resistência profissional como, transformada em fantasmagoria, contribuir para uma *gloriosa* extração da mais-valia (RIBEIRO, 1994, p. 140, *grifo original*).

Percebemos que os autores que trazem características do *ethos* romântico no jornalismo não deixam de relatar os problemas vividos pelos profissionais nas suas rotinas diárias ou de ressaltar o viés de mercado do jornalismo e suas consequências para a identidade profissional. Lago (2002, p.212) acredita que há uma hegemonia de um discurso que vincula o jornalismo ao mercado, mas, ainda assim, “focos de resistência persistem, reivindicando e defendendo valores que podemos identificar junto a esse *ethos* romântico. Um *ethos* que é uma reação ao jornalismo praticado ‘como uma profissão qualquer’”.

Já Ribeiro (1994) avalia que a identidade do jornalista evolui, de forma não linear, buscando manejar o duplo discurso assumido pelas empresas: o humanista e o tecnológico-mercadológico. O primeiro nível do discurso corresponde à fase tradicional e ideológica da imprensa, já o segundo, ao período industrial, conforme quadro criado pelo autor:

Quadro 2 – Níveis de discurso de Ribeiro (1994)

1º nível	Cultural	Liberal	Confiança	Missão	Herói	Imagem Pública
2º nível	Industrial	Disciplina	Competência	Trabalho	Operário	Anonimato

Fonte: Ribeiro (1994, p.164)

De acordo com Ribeiro (1994), o jornalista vive uma situação complexa, buscando dar sentido ao duplo discurso e sendo afetado por ele. “Antes de se profissionalizar, como integrante do público em geral, absorve o primeiro nível do discurso como parte da sua socialização. Mas quando ingressa na imprensa, passa a ser alvo direto do segundo nível do discurso” (RIBEIRO, 1994, p. 44). O resultado é uma identidade profissional e pessoal contraditória. O autor afirma que muitos jornalistas consideram que a profissão ainda goza de um prestígio na memória social e, portanto, colabora para a manutenção da imagem mítica. No entanto, cada vez mais se veem como funcionários de grandes conglomerados.

Cabe ressaltar que pesquisa de Ribeiro foi desenvolvida no final dos anos 1980 e início dos 1990. Travancas (2011) observou as rotinas de produção de jornalistas nos anos 1990, chegando a resultados semelhantes. Diferentemente desse período, no entanto, o ecossistema midiático sofreu alterações e, nele, hoje os grandes conglomerados já não detêm o monopólio da produção no campo jornalístico. As empresas estão precisando se reestruturar, muitas vezes, diminuindo suas redações devido à queda do financiamento publicitário. Com isso, muitos jornalistas acabam buscando outras formas de trabalhar: seja como autônomo ou em outras iniciativas (assessorias de imprensa, agências de conteúdo, rádios *web*, sites financiados por assinatura ou *crowdfunding*, etc.). Esse é um dos aspectos que devemos considerar nessa dissertação. Mesmo que estejamos analisando períodos diferentes do jornalismo, acreditamos que há conflitos no discurso dos jornalistas sobre sua profissão. Por isso, pretendemos, nesta pesquisa, investigar de que forma eles aparecem nas entrevistas com jornalistas que vivenciaram a transição para o pós-industrial.

Entendemos, portanto, que a visão romântica da profissão foi construída e fortemente reforçada ao longo dos anos e é responsável por um *ethos* profissional romântico considerado, por muitos, a essência do “ser jornalista”. Por outro lado, também existe uma visão mais pragmática da profissão, que caracteriza o jornalismo de mercado.

#### 4.4 Jornalismo de mercado e pragmatismo

Consolidada nos Estados Unidos, a expressão “jornalismo de mercado” destaca a pressão dos imperativos comerciais sobre o jornalismo. Conforme explica Neveu (2006), determinadas características dão contorno a essa concepção: prioridade para as editorias que atraem maior público; valorização das *soft news* e da informação de serviço; aumento do anedótico e do chocante; inclusão na mão de obra jornalística de estágios gratuitos, *freelances* e contratações por tempo determinado; e tendência à perda da autonomia das redações diante dos departamentos de gestão. Pereira (2004) acredita que esse tipo de jornalismo entrou em ascensão no contexto norte-americano a partir dos anos 1970, em detrimento da concepção romântica. “O ‘jornalismo de mercado’ colocaria em xeque todo o ideal romântico que perpassa a profissão. De certa forma, há uma radicalização do caráter mercantil da imprensa, intrínseca à própria produção noticiosa” (PEREIRA, 2004, p.8).

O processo de concentração dos veículos em grandes conglomerados propiciou a visão de que o jornalismo é mais um setor entre todos os outros dentro das corporações. No Brasil, como sublinha Pereira (2004), soma-se a essa realidade o fato de que são, principalmente, grupos familiares que controlam os jornais e, conseqüentemente, os desempenhos profissionais. Nesse contexto, as pautas jornalísticas ficam, muitas vezes, submetidas aos interesses comerciais.

No século 21, ao se consolidar o jornalismo pós-industrial, as pressões econômicas ganharam novas proporções. É no cenário de expansão global do capitalismo financeiro e de transformações econômicas e tecnológicas que “a separação entre o jornalismo e o departamento comercial da empresa, antes fundamental, hoje sequer faz parte do repertório das novas gerações” (FIGARO, 2013, p.11).

A lógica comercial trouxe consigo, ainda, a necessidade de redução de custos das empresas e a conseqüente precarização do mercado de trabalho, caracterizada pela flexibilização e pela informalidade (PEREIRA, 2004). Ao analisar o Perfil do Jornalista Brasileiro (2012), que reúne dados sobre profissionais em todo o país, Mick (2013) observa a existência preponderante de dois grupos de jornalistas: o primeiro é formado por aqueles que têm empregos ainda protegidos por direitos sociais e trabalhistas que, no entanto, sofrem com “uma combinação perversa entre salários e jornada, em que a ascensão a todas as faixas de remuneração superiores a 4 mínimos é majoritariamente assegurada àqueles que trabalham mais de 8 horas diárias”; já o segundo, é composto por trabalhadores informais ou com contratos desprotegidos por direitos – um grupo heterogêneo, integrado por *freelancers* mal remunerados, mas também por pessoas jurídicas (PJ) no topo da carreira (MICK, 2013, p.12). É nesse sentido que Figaro (2013) afirma que



a reestruturação produtiva ocorrida no mundo do trabalho, principalmente a partir dos anos 1990, transformou as relações de trabalho. Foi a partir dessa década que aumentou o número de jornalistas contratados sem registro em carteira profissional, abrindo caminho para o surgimento de trabalho por tempo determinado, contrato de pessoa jurídica (PJ), cooperados e *freelancers*, entre outros. São os jovens, não sindicalizados, que mantêm vínculos precários, trabalham entre oito e dez horas por dia e em ritmo acelerado. O fato de a maioria dos *freelancers* receberem o pagamento a partir de nota fiscal fornecida por um terceiro e trabalharem no setor de revista e internet dá indicações claras de onde estão os problemas contratuais (FIGARO, 2013, p.45).

Ainda segundo a autora, os jovens que entram no mercado de trabalho não costumam planejar a vida fora do curto prazo e apresentam um perfil deslocado dos valores coletivos; possuem um comportamento mais atrelado à lógica comercial.

Além do crescimento dos vínculos frágeis e do aumento do ritmo de trabalho, Figaro (2013) destaca como consequências da evolução tecnológica nas redações a redução da mão de obra e a formação de equipes menores. O discurso da convergência, atrelado ao modelo integrado de redação, que reúne em um mesmo espaço as equipes do jornal *on-line* com a redação tradicional, reflete-se no aumento das atribuições dos jornalistas, que devem ser capazes de cobrir todas as etapas do processo – como pesquisa, redação, edição, publicação e pós-publicação – além de produzir conteúdo para vários formatos – impresso, TV, rádio, *on-line*. O resultado é a sobrecarga de trabalho (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

As mudanças características da passagem para o período pós-industrial aprofundam, ainda, a fluidez das fronteiras da profissão. De acordo com Neveu (2006, p. 157), “os desenvolvimentos da tecnologia nas redações e a chegada dos recursos de multimídia redefiniram as competências profissionais, ameaçando banalizar o jornalismo num *continuum* das profissões de comunicação”. Há, portanto, para o autor (2010), uma mudança gradual da força de trabalho dos jornalistas para a dos trabalhadores da informação. Esse trabalhador não é definido por uma especialização, mas por uma capacidade de cobrir espaços de notícias, com diferentes temas e para diversas mídias.

Além disso, a crescente produção de notícias *on-line* torna as fronteiras entre amadores e profissionais e entre notícias originais e recicladas mais nebulosas (NEVEU, 2010). Jornalistas veem-se diante de uma realidade em que fontes e público passam a ser produtores de notícias. Com a delimitação da profissão sendo mais questionada, as condições de trabalho muitas vezes precárias e, ainda, as pressões mercadológicas sobre a atividade profissional, alguns autores acreditam que o esse período mais recente do jornalismo é marcado pelo pragmatismo. Nele, o jornalista passa a assumir o papel de simples operário, como em qualquer outra profissão.

Para se manter no emprego ou conseguir um melhor status, o jornalista se vê cada vez mais tentado a desrespeitar algumas regras morais e deontológicas da profissão (como a checagem sistemática das fontes ou o respeito à veracidade da informação). Com isso, o texto jornalístico adquire um caráter cada vez mais instrumental, identificado com os interesses do mercado (PEREIRA, 2004, p.10).

Com isso, o jornalista hoje estaria mais disposto a “vestir a fantasia da circunstância, que lhe permite subir na vida profissional ou simplesmente sobreviver diante do desafio das ‘rotinas produtivas infernais’ às quais está submetido dentro de um mercado desconfigurado pelas tecnologias e pela legislação trabalhista”, como observam Pereira e Adghirni (2011, p. 48-49).

Adghirni (2017) acredita que as dificuldades da profissão aliadas à introdução de novas tecnologias na produção e distribuição de notícias desencadeiam uma crise de identidade nos jornalistas no século 21. Depois de realizar entrevistas semiestruturadas, a autora observa que, nas últimas décadas, as redações ficaram mais novas e mais femininas e que os jornalistas mais velhos foram perdendo espaço. Assim, a autora não percebe uma identidade comum entre as gerações dos iniciantes e dos jornalistas sêniores, mas o crescimento do jornalismo pragmático. Para ela, o jornalista dos anos 2000 e 2010 tem um perfil mais burocrático e híbrido, “ora identificado com as rotinas da redação, ora como assessor de imprensa, ora como jornalista/funcionário” (ADGHIRNI, 2017, p. 107). Apesar disso, ressalva que muitos jornalistas recorrem à defesa dos valores nobres da profissão, como a responsabilidade social e os princípios éticos, sem aprofundar esses conceitos, porém.

A defesa dos valores no discurso dos profissionais diante desse jornalismo de mercado também aparece na pesquisa realizada por Figaro (2013).

As falas dos jornalistas entrevistados deixam entrever a vontade, a necessidade de aprofundar a discussão sobre os valores e os fundamentos da profissão para reafirmar, atualizar e criar identidade; do perfil, média irreal, ao sujeito jornalista de rosto e alma na defesa de seu saber profissional, mas profundamente conformado pelas injunções do mercado de trabalho (FIGARO, 2013, p. 113) .

A expressa necessidade de repensar nos valores e princípios da profissão é significativa, pois demonstram algum nível de resistência ao pragmatismo. Os mitos profissionais, para Neveu (2010), são vantagens que os jornalistas têm para reforçar a sua importância nesse cenário. O autor trabalha, portanto, com a ideia de que o jornalismo de mercado faz a identidade profissional ser questionada, mas, a mitologia profissional continua sendo uma fonte de poder, pois é capaz de reafirmá-la.

[Os mitos] são sempre maiores e melhores que uma realidade profissional que é também composta de compromissos, ceticismo e constrangimentos. Enquanto

durarem, vão injetar nas subjetividades dos jornalistas a sensação de que eles servem à verdade, à democracia ou à comunidade, mas algo superior a rotinas. Os mitos podem apoiar o que Bourdieu chama *illusio*, uma fê autopropulsora e energia, maior e mais poderosa do que aquelas do homem mercenário de relações públicas ou o blogueiro de meio expediente (NEVEU, 2010, p. 53).

O autor francês sugere, assim, caminhos para que o jornalismo não se limite a uma atividade burocrática de produtores de dados, entre eles: unir-se ao público que quer participar e produzir, em vez de oferecer resistência; usar as Ciências Sociais para fazer um jornalismo mais forte e inovador; e explorar e inventar novos gêneros para conquistar novas audiências.

Entendemos que há uma necessidade de um aprofundamento maior sobre a identidade profissional do jornalista na contemporaneidade. Conforme lembram Adghirni e Pereira (2011, p.49):

Se a prática dos jornalistas começa a ser desenvolvida majoritariamente fora das redações tradicionais, é preciso se questionar que tipo de definição pode legitimar a profissão quando exercida em outras condições. Sobretudo quando outro elemento da ideologia que define o jornalista – sua posição como mediador frente ao público – começa a ser questionado.

Assim, pretendemos ir mais a fundo nessa investigação. Considerando as diferentes concepções sobre a identidade jornalística e os impactos das mudanças tecnológicas nas rotinas produtivas, a presente pesquisa se propõe a analisar qual a percepção de jornalistas que vivenciaram a transição do período industrial para pós-industrial. Observamos que a identidade profissional no jornalismo está vinculada, por um lado, à adesão emocional, aos mitos e crenças do *ethos* romântico, mas também à noção de que o jornalista está cansado e deseja apenas sobreviver à rotina estressante, por outro. Está claro, porém, que as concepções se misturam e se intercalam: dentro da visão romântica há sinais de reconhecimento do pragmatismo, assim como o jornalismo pragmático não deixa de retomar princípios ideais da profissão. Desejamos, assim, confrontar essas perspectivas ao analisarmos as histórias de vida dos sujeitos que escolhemos para esta pesquisa.

## 5 METODOLOGIA

No presente capítulo, apresentamos o percurso metodológico da nossa pesquisa. Primeiramente, tratamos sobre a metodologia escolhida. A história de vida, tipo de entrevista da tradição da História Oral, despontou como método adequado para o nosso propósito: investigar mudanças e permanências nas identidades profissionais de jornalistas que vivenciaram a passagem do período industrial para o pós-industrial. A entrevista de história de vida, semiestruturada, pareceu-nos interessante para conhecermos a fundo suas trajetórias e experiências, além de permitir investigarmos suas percepções sobre o jornalismo contemporâneo.

Em seguida, explicitamos o caminho percorrido durante a pesquisa: os critérios de escolha dos entrevistados, o exercício preliminar – realizado a fim de testar o método adotado –, a realização e a análise das entrevistas. Apresentamos também, brevemente, as trajetórias dos jornalistas entrevistados: Ana Estela de Sousa Pinto, Carlos Wagner, Elder Ogliari, Marcelo Auler, Marcelo Canellas e Katia Perin.

### 5.1 História de vida: a biografia na História Oral

Na presente pesquisa, optamos pelo emprego da metodologia da História Oral, com a realização de uma de suas modalidades: entrevistas de história de vida. Dependendo da natureza da pesquisa, a História Oral pode ser definida como método de investigação, técnica de produção e tratamento de depoimentos ou fonte de pesquisa (ALBERTI, 2004). Como método de pesquisa qualitativo, pertencente a um terreno multidisciplinar (utilizado pela História, Antropologia, Ciências Sociais, etc.), a História Oral “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2004, p.18). Assim, o método de pesquisa pode ser útil ao estudo de acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais e movimentos, mas sempre do ponto de vista daqueles que vivenciaram o momento ou circunstância estudada. Portanto, o importante não é aproximar-se do passado tal como ele ocorreu, mas de como ele foi apreendido e interpretado.

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e

interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (ALBERTI, 2004, p. 19).

É importante observar, ainda, que o uso da História Oral possui algumas especificidades, de acordo com Alberti (2004): ela só pode ser empregada em pesquisas sobre temas relativamente recentes, dentro de um período em que a memória do entrevistado alcance; ela produz deliberadamente a própria fonte de análise; existe uma estreita relação entre pesquisa e documentação – as entrevistas requerem um projeto de pesquisa, objetivos, hipóteses e orientação teórica definida; há uma participação direta do entrevistador na produção do documento de história oral – juntos, entrevistado e entrevistador, constroem, num momento sincrônico, uma abordagem sobre o passado, condicionado pelo momento da entrevista; por último, como já ressaltamos, requer uma postura de privilegiar a recuperação do vivido conforme a pessoa que viveu – considerando que a importância dada aos acontecimentos varia de indivíduo para indivíduo e do momento ocorrido para o momento recordado.

Dentro da História Oral, é preciso escolher o tipo de entrevista a ser realizado de acordo com os objetivos da pesquisa. As entrevistas temáticas são aquelas que priorizam a participação do entrevistado no tema definido. Já na história de vida, o interesse maior é o próprio indivíduo, sua trajetória da infância até o momento presente, passando por acontecimentos e conjunturas que presenciou. “Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da história de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados” (ALBERTI, 2004, p.38). A entrevista de história de vida abrange um período no tempo maior do que a temática, com cortes de maior profundidade em determinados momentos. Porém, ambos os tipos, seja priorizando um tema ou um indivíduo, têm como eixo a biografia do entrevistado e a sua vivência. A autora recomenda a história de vida para, por exemplo, casos em que é importante conhecer e comparar trajetórias de vida, ou, ainda, se a pesquisa versar sobre uma categoria profissional ou social, sua estrutura ou transformações na história – como é o caso desta pesquisa.

No nosso entendimento, a escolha da história de vida e, portanto, da História Oral, encontra justificção já na própria formulação do problema de pesquisa: “quais mudanças e permanências podem ser observadas na identidade profissional dos jornalistas que vivenciaram a transição da etapa industrial para a pós-industrial?”. Segundo Maria Immacolata Lopes (2001), devem-se considerar pelo menos três critérios no momento da opção metodológica: o primeiro diz respeito à adesão a um quadro teórico de referência; o segundo, à seleção dentro de uma multiplicidade de

métodos de análise de pesquisa; e o terceiro tem caráter mais operacional (o que é possível fazer com certos recursos em determinado tempo).

Assim, indo ao encontro da afirmação da autora, selecionamos a história de vida, diante de outras opções de métodos, devido aos objetivos do nosso trabalho e do quadro teórico de referência. Em primeiro lugar, acreditamos que a história de vida despontou como método pertinente a partir da nossa curiosidade em estudar a identidade profissional dos jornalistas. Considerando que a identidade em si é formada a partir do *habitus* e da identidade herdada e sucessivamente reconstruída através das ações do indivíduo na sociedade e na relação com os outros (DUBAR, 1997), entendemos que analisar a biografia é um caminho eficaz para entender qual a percepção do indivíduo sobre esse processo. Além disso, é na socialização secundária (BERGER; LUCKMANN, 2012), ou seja, no aprendizado de saberes especializados e na entrada no mercado de trabalho, que se forma a primeira identidade profissional. A história de vida permite que se conheçam as experiências do entrevistado nessa fase da vida e as ressignificações subsequentes dessa identidade.

Em segundo lugar, aliado ao fato de trabalharmos com o conceito de identidade profissional, está também o nosso interesse em investigar a passagem do jornalismo que chamamos de industrial para a fase pós-industrial, o que faz com que reconheçamos a história de vida como método apropriado para apreender possíveis alterações nos processos identitários nessa transição. Com exceção dos profissionais novatos, muitos jornalistas veteranos, ainda em atuação, vivenciaram o processo de transição tecnológica e testemunharam, em maior ou menor grau, a mudança social, cultural e econômica nas últimas décadas. Acreditamos que a metodologia escolhida permite analisar esse cenário de transformação do ponto de vista subjetivo de pessoas que vivenciaram esse momento.

É preciso ressaltar que a história de vida, no entanto, comporta ambiguidades ou limitações, para as quais é necessário que se mantenha atenção. Bourdieu (2006) alerta, por exemplo, que quando falamos de história de vida estamos supondo que a vida é uma história. Como diz o senso comum, a vida seria um caminho, uma estrada, um trajeto que percorremos, em um deslocamento unidirecional, que tem início, meio e fim – no sentido duplo de fim como encerramento e como finalidade. Isso é o que chama de ilusão biográfica.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão teórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 2006, p.185).

Conforme o sociólogo francês, a nossa tendência é pressupor que a vida constitui um conjunto coerente e orientado, como uma história que transcorre segundo uma ordem cronológica e lógica, que deve chegar a um término, que também é um objetivo (BOURDIEU, 2006). O próprio relato do entrevistado se baseia geralmente na preocupação em dar sentido aos acontecimentos, de extrair uma lógica, mesmo quando não são coordenados em ordem cronológica. Ele seleciona os momentos que são considerados significativos, estabelece uma conexão entre eles e “conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido” (BOURDIEU, 2006, p.185).

Assim, ao procurar colocar uma ordem nos momentos vividos e apresentar uma imagem coerente de si, o entrevistado “tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída” (BOURDIEU, 2006, p.186). O autor lembra que o mundo social é cheio dessas objetivações. O próprio nome seria um exemplo de tentativa de unificação do “eu”. O relato de vida se aproximaria, então, de modelos de apresentação oficial de si: carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, etc.

A nosso ver, a objetivação não é ruim, pois permite que tenhamos acesso a uma representação da realidade, a formas de ver o mundo. Mas ficaremos vigilantes, no entanto, para não cair na armadilha mencionada por Bourdieu (2006) – a de tentar compreender uma vida unicamente como série de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não seja o sujeito, que não é constante. Para isso, é indispensável reconstruir o contexto, a superfície social, a cada instante – o que ele chama de “necessidade de desvio pela construção do espaço”.

Não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Contudo, como afirma Levi (2006, p. 168), “a biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”. O autor argumenta que as biografias não devem tratar do contexto como algo rígido e coerente, nem da conduta do indivíduo como espelho de uma época ou de um grupo social, porque o meio social é, na verdade, formado por normas incoerentes que possibilitam uma diversificação das práticas. Reconhecer essa incoerência é importante, segundo o autor, para não abordar a realidade histórica a partir de um esquema de ações e reações.

Não se pode negar que há um estilo próprio a uma época, um *habitus* resultante de experiências comuns e reiteradas, assim como há em cada época um estilo próprio de um grupo. Mas para todo indivíduo existe também uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências dos confins sociais e que suscita a mudança social. Portanto não podemos aplicar os mesmos procedimentos cognitivos aos grupos e aos indivíduos; e a especificidade das ações de cada indivíduo não pode ser considerada irrelevante ou não pertinente (LEVI, 2006, p.182).

Ainda que o relato de um indivíduo não possa ser tomado como representativo de todo um grupo, é inegável que a rememoração tem um caráter social e, ao mesmo tempo, individual. É a partir do entendimento da memória como fenômeno individual e social que Bosi (1994), seguindo a teoria de Halbwachs, propõe uma reflexão sobre o ato de lembrar. Segundo a autora, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com grupos de convívio e de referência. A lembrança, quando evocada, é tratada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo de pertencimento do sujeito. “Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros ‘universos de discurso’, ‘universos de significado’, que dão ao material de base [...] uma *versão* consagrada dos acontecimentos” (BOSI, 1994, p. 67). No mesmo sentido, Pollak (1989), afirma que a referência ao passado é usada para manter a coesão dos grupos e das instituições, manter a coerência interna e defender suas fronteiras, a partir de quadros de referências. A História Oral seria uma metodologia eficaz, portanto, para ter acesso à memória daqueles que geralmente não são ouvidos, ou seja, à memória não-oficial.

Bosi (1994) reforça que o ato de recordar é um exercício de reconstrução do passado. Ao lembrar, a pessoa não revive, mas refaz, reconstrói, com imagens e concepções de hoje as experiências do passado. “Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 1994,p.55). Assim, mesmo que a intenção seja resgatar ao máximo o momento tal como foi vivido, o relato sempre é uma criação. É por isso que Pollak (1989) afirma que a história de vida deve ser considerada como instrumento de reconstrução da identidade.

Por definição reconstrução a *posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade cronológica. Através desse trabalho de reconstrução tende a definir



seu lugar social e suas relações com os outros (POLLAK, 1989, p.13, grifo do autor).

Becker (2006) ressalta que não se pode perder de vista o caráter da História Oral enquanto “arquivo provocado”. Sempre constituído depois do acontecimento, ele pode resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função de acontecimentos posteriores ou ainda modificadas deliberadamente para ‘coincidir’ com o que é pensado muitos anos mais tarde, etc. O autor pondera que é preciso ter em mente que o indivíduo não fala em nome de um grupo e dificilmente é possível coletar muitos depoimentos; além disso, nunca será possível retificar sentimentos ou atitudes expressas no relato, enquanto um erro em um documento é facilmente detectado.

No entanto, Alberti (2004) lembra que o objetivo da história de vida é ampliar o conhecimento sobre acontecimentos a partir de experiências particulares. Não deve ser visto como negativo o fato de haver falhas de memória, distorções e erros no relato. O importante é incluir essas ocorrências na reflexão, questionando por que o entrevistado entende o passado de uma forma e não de outra e por que sua visão é diferente (ou não) da de outros entrevistados. Essa ressalva também é feita por Bosi ao observar falhas nos relatos em entrevistas que realizou com pessoas idosas: “A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”(BOSI, 1994, p. 37).

Trata-se de conhecer os desafios do uso da História Oral (e da história de vida) e encarar as suas características subjetivas enquanto metodologia de pesquisa qualitativa. Aliás, para a qualidade da pesquisa é preciso que o próprio entrevistador assuma a sua subjetividade.

Porém reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Pode-se mesmo dizer, sem paradoxo, que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico (JOUTARD, 2006, p. 57).

Além de compreender a inevitabilidade da sua subjetividade, o pesquisador deve tentar reduzir as distorções intrínsecas à relação entre pesquisador e entrevistado. Para isso, Bourdieu (2007, p. 694) propõe o uso da reflexividade, ou seja, um esforço contínuo “para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas”. É preciso reconhecer que há uma dissimetria no momento da entrevista, uma vez que o pesquisador é

quem estabelece as “regras do jogo”. Cabe a esse instaurar uma escuta ativa e metódica, a fim de reduzir ao máximo a distância em relação ao entrevistado. Para Bourdieu (2007), trata-se de um exercício de colocar-se no lugar do entrevistado em pensamento, a fim de provocar uma aproximação. É preciso *compreender* suas condições de existência e os condicionamentos psíquicos e sociais associados à sua posição e trajetórias particulares. Assim, resume o autor, “a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida” (BOURDIEU, 2007, p. 704, grifos do autor).

Levando em consideração os desafios da aplicação da entrevista de história de vida, consideramos o método adequado aos nossos propósitos de pesquisa, uma vez que não se limitam aos acontecimentos, mas visam entender como eles foram vividos e percebidos pelos indivíduos. Através deles, podemos investigar como esses profissionais vivenciaram as mudanças no mundo do jornalismo nas últimas décadas e questionar quais seus sentimentos e impressões sobre a profissão, as rotinas de trabalho e o contexto social.

## 5.2 Percurso metodológico

Após definirmos o tema, os objetivos da pesquisa e a metodologia a ser aplicada para a consecução desses objetivos, fizemos um exercício preliminar, que nos permitiu testar o método história de vida para compreender as mudanças na identidade profissional com a passagem do jornalismo industrial para o pós-industrial. Para isso, aproveitamos o período de estada na cidade de Montreal, no Canadá, para entrevistarmos Lucinda Chodan, editora-chefe do jornal Montreal Gazette e vice-presidente da região leste do grupo *Postmedia*, no dia 12 de janeiro de 2018. A entrevistada assinou previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com o uso da entrevista para fins acadêmicos.

Levamos os resultados do exercício metodológico para a banca de qualificação, o que permitiu-nos discutir as categorias utilizadas para a análise da entrevista, bem como redefinir os critérios de seleção para escolha dos entrevistados, os quais explicitamos a seguir.

### 5.2.1 Exercício preliminar: Lucinda Chodan

Da infância em uma cidade interiorana da província de Alberta, no Canadá, até chegar ao comando de 11 jornais do grupo *Postmedia* – em especial o Montreal Gazette, do qual é editora-

chefe –, a entrevista com Lucinda Chodan revelou aspectos interessantes para serem considerados nas entrevistas de história de vida desta dissertação. Em primeiro lugar, observamos em seu discurso mudanças características desse período de transição do industrial para o pós-industrial. Em suas lembranças, estão presentes as dificuldades que encontrava no início de sua carreira, devido a limitações tecnológicas. “Hoje, você pode checar duas vezes, muito rapidamente. Naquela época, você tinha que ter livros”, diz Chodan (2018). Assim, considera que o avanço tecnológico facilitou a vida de jornalistas. No entanto, trouxe também para o cenário amadores, que “não são jornalistas de verdade”. Assim, observamos que seu discurso aponta satisfação em relação à facilidade trazida pelo desenvolvimento tecnológico, mas que entra em contradição com o alargamento do espaço antes destinado aos jornalistas. O fato de que o ecossistema jornalístico envolve, cada vez mais, outros agentes, como os amadores, ainda não é visto com tranquilidade.

Além disso, o discurso em relação à profissão mostra uma predominância dos sentidos vinculados ao *ethos* romântico da profissão. A sensação de “fazer a diferença” prepondera no seu discurso, do início da sua carreira até hoje. Ainda que relate as extensas horas de trabalho e o fato de sua vida pessoal muitas vezes ficar em segundo plano diante da atividade profissional, não acredita que a sua visão em relação à profissão tenha mudado do início da carreira até hoje.

As falas de Lucinda Chodan foram importantes para construirmos um roteiro geral de perguntas, que foi adaptado a cada entrevistado em roteiros individuais. Além disso, a partir dela, chegamos a algumas considerações em relação aos critérios de escolha dos entrevistados: eliminamos a necessidade de escolha de profissionais que representassem diferentes mídias, uma vez que entendemos que isso não seria determinante para os resultados finais da pesquisa; optamos por utilizar apenas entrevistas com profissionais brasileiros e, portanto, eliminar a entrevista de Lucinda Chodan da análise final deste trabalho, uma vez que cada país – como o Brasil e o Canadá – têm diferenças importantes de contexto social, econômico e de mercado; optamos, por último, por selecionar profissionais que não estejam em posições de chefia, como a própria Lucinda Chodan, uma vez que, nesses casos, muitas vezes, o discurso da empresa se sobressai na fala do profissional em detrimento do discurso pessoal.

### 5.2.2 Escolha dos entrevistados

A partir do exercício preliminar, elencamos alguns critérios para a escolha dos entrevistados, a fim de atingir os objetivos da pesquisa: a) ter iniciado suas carreiras na década de 1980 ou de 1970, uma vez que entendemos que os profissionais que começaram nessa época

testemunharam a inserção dos computadores e da internet nas redações e outras transformações técnicas que caracterizam a passagem do período industrial para o pós-industrial; b) ter experiência em veículos no setor de jornalismo – excluimos, por exemplo, profissionais de assessoria de imprensa, por entender que a natureza da atividade é distinta, o que se reflete na identidade profissional; c) ser brasileiro(a); d) estar ainda em atividade; e) não se encontrar em cargo de chefia.

Os dois últimos pontos, porém, mostraram-se conflituosos, no decorrer da seleção e da aplicação das entrevistas. Optamos por flexibilizar o critério “d) estar em atividade” para além da atuação em veículo de comunicação, porque, em nosso levantamento, deparamo-nos com profissionais que atuam atualmente como *freelancers*, ou que estão aposentados, mas mantêm *blogs* e *sites* noticiosos. Decidimos não excluí-los do grupo de análise por entendermos que essas formas de produção jornalística são representativas do período pós-industrial. Além disso, decidimos não excluir a entrevista de Katia Perin, que no momento da gravação havia sido demitida, há pouco, da editora Abril. Em primeiro lugar, concluímos que sua saída era muito recente e, portanto, a rotina de trabalho ainda estava bastante presente em sua memória, o que não prejudicaria os resultados da pesquisa; em segundo lugar, consideramos o fato de que a entrevistada não desistiu da profissão e pretende buscar novos projetos; por fim, a demissão em um momento de crise financeira de uma grande empresa é um dado que se mostra relevante para o nosso estudo sobre as mudanças no jornalismo.

Outro ponto que precisou ser tensionado é o “e) não possuir cargo de chefia”. Considerando o grupo que decidimos estudar – profissionais que iniciaram suas carreiras nos anos 1980 ou 1970 e que ainda estejam em atividade –, notamos que muitas pessoas que se enquadram nesse perfil já estiveram em cargo de chefia ou ainda estão, uma vez que é incomum um jornalista estar por muitos anos na profissão e não ascender profissionalmente. Decidimos, então, excluir profissionais em altos cargos nas empresas (executivos) e incluir aqueles que hoje são responsáveis por editorias, por exemplo. Observamos, além disso, que muitos dos profissionais que são repórteres atualmente, mesmo depois de muitos anos na profissão, hoje têm o *status* de repórter especial, o que os diferencia dos repórteres menos experientes.

Nossas escolhas foram determinadas, também, pela disponibilidade e localização dos entrevistados, levando em conta o cronograma previsto para realização das entrevistas. Acabamos dando preferência a profissionais de diferentes empresas de comunicação e veículos, que estivessem em cidades às quais tínhamos fácil acesso. Por isso, realizamos entrevistas em Porto Alegre (RS), Santa Maria (RS), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP).

Decidimos realizar seis entrevistas, considerando que esta é uma pesquisa qualitativa e o número de informantes não tem sentido estatístico. Entendemos que essa revelou-se uma

quantidade suficiente para dar conta dos objetivos pesquisa. Além disso, por se tratar de entrevistas em profundidade, consideramos que o número de entrevistados não pode ser elevado para que se possa fazer uma análise criteriosa das respostas no tempo destinado à dissertação.

Percebemos uma maior recorrência de jornalistas do sexo masculino dentro dos critérios definidos para a escolha dos entrevistados. Assim, foi necessário um esforço maior para encontrar mulheres que iniciaram suas carreiras nos anos 1980 ou antes e que ainda estejam em atividade, porém não em altos cargos de chefia. Esse aspecto é relevante para analisarmos os resultados do nosso trabalho, ainda que não seja objetivo da pesquisa o foco no estudo de gênero.

Chegamos, portanto, aos seguintes entrevistados: Elder Ogliari, Carlos Wagner, Ana Estela de Sousa Pinto, Marcelo Canellas, Marcelo Auler e Katia Perin. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando em participar da pesquisa. O projeto desta dissertação foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP).

A seguir, apresentamos um resumo das trajetórias dos entrevistados.

### 5.2.2.1 Elder Ogliari

Elder Ogliari nasceu em Anta Gorda, no Rio Grande do Sul, no dia 21 de maio de 1961. Como sua mãe tinha familiares na cidade, decidiu ter o filho lá, apesar de estar de mudança com o marido para Lagoa Vermelha. No entanto, foi Xanxerê, em Santa Catarina, a cidade onde Elder passou a infância e a juventude com seus pais, um irmão e uma irmã até ir para Porto Alegre estudar.

O contato com o jornalismo veio cedo. Aos 12 anos, fazia um jornal datilografado, chamado A Pedrada, com notícias do bairro, que distribuía entre os amigos. Nessa mesma idade, começou a vender revistas nas ruas: *Manchete*, *Cruzeiro*, *Veja*, *Placar*, *Capricho*, etc. Na sexta série, criou um jornal no colégio, junto a três colegas. Porém, era Elder quem estava à frente do projeto. No segundo grau, fez um curso técnico em contabilidade e chegou a exercer a atividade por três anos em escritórios. Sabia, no entanto, que queria cursar jornalismo. Trabalhou, ainda, por cinco anos no banco Bradesco, até que conseguiu transferência para uma agência em Porto Alegre, onde começou a faculdade de Jornalismo. Prestou vestibular na PUC e seguiu trabalhando no banco para custear os estudos. Formou-se em 1984 e largou o trabalho de bancário seis meses depois.

Trabalhou como *freelancer* para o jornal *O Repórter*, de Guaíba. Foi essa experiência que fez Elder ser convidado para fazer parte da equipe do *Metrô*, um jornal de distribuição gratuita nas estações do trensub. Em 1986, foi convidado a assumir a chefia de redação, em Chapecó, do

recém-implantado *Diário Catarinense*, o primeiro jornal a ter uma redação totalmente informatizada no país. Em agosto do mesmo ano, voltou para o Rio Grande do Sul a convite da *Gazeta Mercantil*, para trabalhar no *Diário do Sul*. Na ocasião, voltou a ser repórter e a trabalhar com máquina de escrever. Dois anos mais tarde, o *Diário do Sul* fechou e Elder conseguiu um novo emprego: foi preparar a inauguração da rádio FM Cultura. Trabalhou na rádio por cinco anos, período em que atuou como *freelancer* na revista *Placar* e também fez parte da equipe do *Jornal do CREA*. Da FM Cultura, foi transferido para a TVE, onde atuou como editor-chefe do telejornal e como chefe de reportagem.

Elder voltou a trabalhar na *Gazeta Mercantil* em 1997, enquanto ainda estava na TVE. Algum tempo depois, foi convidado a ser subeditor na sucursal de Florianópolis. Aceitou a oferta, que coincidiu com a separação do seu primeiro casamento, em 2000. Pouco tempo depois de chegar em Florianópolis, foi promovido a editor-chefe. No mesmo ano de 2000, iniciou um novo relacionamento. Sua companheira, no entanto, morava em Porto Alegre. Retornou mais uma vez para o Rio Grande do Sul e foi correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, até fechar a sucursal gaúcha do jornal, em 2015. O segundo casamento durou 12 anos depois que voltou a Porto Alegre e coincidiu com o período em que trabalhou no *Estadão*. Atualmente, é editor de rural do jornal *Correio do Povo*.

Fotografia 1 – Elder Ogliari quando era repórter do *Jornal Metrô*, em 1985



Fonte: cedida pelo entrevistado

Fotografia 2 – Elder Ogliari na redação do *Correio do Povo* em novembro de 2018



Fonte: a autora

### 5.2.2.2 Carlos Wagner

Nascido em 1950, em Santa Cruz do Sul, Carlos Wagner veio de uma família de imigrantes alemães. Grávida aos 16 anos, sua mãe tornou-se prostituta. Wagner é o primeiro de sete filhos. Na infância, morou primeiro em Santa Cruz e depois em Rio Pardo, onde sua mãe abriu um cabaré. De lá, foram para Encruzilhada do Sul, onde ela abriu dois cabarés. Em Encruzilhada, Wagner viveu dos 7 ou 8 anos até os 18 anos de idade. Em suas palavras, nasceu oprimido. Era perseguido por outros garotos, por ser filho de prostituta. Isso foi determinante para sua entrada no jornalismo. Segundo ele, viu na profissão, inicialmente, uma oportunidade de fazer mal àqueles que tinham lhe prejudicado na juventude.

Antes de tornar-se jornalista, porém, Carlos Wagner mudou-se para Porto Alegre para prestar o serviço militar obrigatório. Quando terminou, ficou um período desocupado. Viajava pedindo carona pelo Brasil e sobrevivia fazendo “bicos”. Considerava-se uma espécie de *hippie*. Aos 24 ou 25 anos (não sabe precisar), fez vestibular e ingressou na faculdade de Letras da UFRGS, porém, não assistia às aulas.

Foi quando estava estudando Letras que chegou à redação do *Coojornal*, por acaso. Começou como datilógrafo e depois montou o departamento de circulação do jornal. Era



responsável por pegar o jornal quando saía da máquina e distribuir nas bancas. A partir dessa experiência, decidiu pedir transferência interna para o curso de Jornalismo. Suas lembranças desse tempo remontam, especialmente, aos dias passados em uma churrascaria próxima à faculdade com os colegas, o que explica a demora para se formar. Foram sete anos no curso de Jornalismo na UFRGS: de 1975 a 1982. Durante a faculdade, trabalhou no jornal *O Interior*, de Carazinho. Depois, atuou como *freelancer* por cerca de um ano e meio, até que foi convidado para ser repórter na *Zero Hora*. Fez carreira no jornal do grupo RBS, a maior parte do tempo como repórter especial. Lá, recebeu 38 prêmios, sendo sete deles, *Esso* regionais. Assinou reportagens emblemáticas sobre a questão agrária e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, além de matérias investigativas, como a que desvendou uma rede de prostituição infantil no Rio Grande do Sul. Aposentou-se do jornal *Zero Hora* com 64 anos. Antes, porém, criou um blog, para o qual continua escrevendo matérias jornalísticas e reflexões acerca da profissão. Além disso, segue trabalhando em livros-reportagem, em parceria com colegas de profissão. Wagner tem quatro filhos: duas mulheres e um homem adultos, além de uma menina de 11 anos.

Fotografia 3 – Redação de *Zero Hora* no início dos anos 1980. Carlos Wagner à direita.



Fonte: cedida pelo entrevistado



Fotografia 4 – Carlos Wagner em sua casa em novembro de 2018



Fonte: a autora

### 5.2.2.3 Ana Estela de Sousa Pinto

Ana Estela de Sousa Pinto nasceu em São Paulo, em 1965. Filha de uma dona de casa com um professor universitário, passou a infância em uma casa próxima à Universidade de São Paulo. Tinha dois irmãos. Um terceiro nasceu anos depois. Ao sair da escola, entrou na faculdade de Agronomia, pois tinha a intenção de trabalhar na fazenda do seu avô. Formou-se em Agronomia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP, em Piracicaba. Porém, desistiu da profissão por achar que não poderia se manter trabalhando na propriedade pequena do avô. Informou-se com uma colega de colégio que trabalhava na *Folha de S. Paulo* e decidiu inscrever-se na primeira turma do programa de treinamento do jornal.

Entrou no programa em 1988 e está na *Folha de S. Paulo* até hoje. Depois de terminar o treinamento, foi contratada como repórter de ciência e educação. Para Ana Estela, tornar-se jornalista não foi uma decisão e, sim, uma oportunidade que apareceu em um momento em que estava procurando uma nova ocupação.

No mesmo ano em que entrou na *Folha*, decidiu fazer a faculdade de Jornalismo na USP, porque o diploma era obrigatório para o exercício da profissão, embora o jornal não seguisse a regra. Achou melhor ter o diploma como segurança, caso deixasse de trabalhar lá. Depois de ser

repórter de ciência e educação, Ana Estela tornou-se redatora do caderno de negócios. No mesmo ano, trabalhou nas páginas dois e três, de colunas e artigos. Em 1989, ano da eleição de Fernando Collor, foi para a editoria de política trabalhar como editora-assistente e, em seguida, para a secretaria de redação. Foi chamada para ser editora da primeira página das edições regionais da *Folha de S. Paulo* e, depois, editora-chefe da *Folha da Tarde*.

Em 1992, virou editora de fotografia da *Folha de S. Paulo*. Nessa posição, coordenou o processo de transição da fotografia do analógico para o digital. Deixou o cargo em 1995, quando passou quatro meses nos Estados Unidos, participando de um programa para jornalistas internacionais. Quando retornou, assumiu o programa de qualidade da *Folha*. Em 1997, teve uma filha. No retorno da licença-maternidade, voltou para comandar o programa de treinamento, onde ficou por 15 anos. De 2012 a 2016, foi editora de economia do jornal. De lá para cá, trabalha como repórter especial. Ana Estela casou-se três vezes com colegas de trabalho. Foi com o último marido que teve sua filha e com quem ficou mais tempo: 15 anos.

Fotografia 5: Ana Estela (à direita) na redação da *Folha de S. Paulo*



Fonte: cedida pela entrevistada

Fotografia 6: Ana Estela na redação da *Folha de S. Paulo* em novembro de 2018



Fonte: a autora

#### 5.2.2.4 Marcelo Canellas

Marcelo Pasqualotto Canellas nasceu no dia 16 de outubro de 1965, em Passo Fundo. Porém, todas as lembranças da sua infância estão ligadas a Santa Maria, cidade para onde foi sua família quando ainda era bebê. Canellas tem um irmão, de idade próxima a sua, e uma irmã, 12 anos mais nova. Seu pai foi gerente regional da Emater na cidade do Centro do Rio Grande do Sul. Ele viajava muito e trazia para casa jornais das cidades por onde passava.

Apesar de cogitar cursar jornalismo, por gostar muito de escrever, o primeiro vestibular que prestou foi para agronomia na UFSM. Era um universo conhecido seu, já que era a profissão de seu pai. Descobriu, porém, que não era a profissão que queria seguir. Desistiu depois de completar o primeiro semestre da faculdade e voltou a fazer cursinho. Entrou na faculdade de Jornalismo, em 1984. Sempre ligado ao movimento estudantil, foi presidente do Diretório Acadêmico da Comunicação Social, diretor do DCE e da executiva nacional dos estudantes de Comunicação. No movimento estudantil, acompanhou a campanha das Diretas Já e a redemocratização.

Ainda na faculdade, seu primeiro trabalho foi cobrindo as férias de um repórter de polícia no jornal *A Razão*, em 1987. Formou-se no final daquele ano. Estimulado por seu professor de



sociologia, fez teste para entrar na RBS TV de Santa Maria. Trabalhou seis meses como repórter, apesar de nunca ter pensado em atuar na televisão. Chegou a ficar uma semana na RBS TV de Porto Alegre, mas acabou sendo indicado para uma vaga na TV Ribeirão, no interior de São Paulo, em julho de 1988. Pouco mais de um ano depois, tornou-se o repórter do *Jornal Nacional* para a região de Ribeirão Preto.

Em setembro de 1990, foi contratado pela Rede Globo e foi para o Rio de Janeiro. Três anos mais tarde, foi enviado pela Globo para Brasília, para fazer cobertura de política. Foi lá que conheceu a mãe de seus filhos, com quem foi casado por 15 anos. Na época, ela era apresentadora do Globo Esporte. Canellas recebeu o convite para voltar para o Rio de Janeiro em 1997. Sua esposa foi contratada pela Globo News no Rio de Janeiro, porém não se adaptou à cidade. Com a carreira já consolidada, Canellas decidiu, então, negociar o seu retorno à Brasília em 2000, quando passou a ser repórter especial, fazendo matérias especialmente para o *Globo Repórter*.

Em novembro de 2018, no momento do nosso encontro, seus filhos tinham 17 e 12 anos. Por causa deles, Canellas decidiu continuar vivendo em Brasília. A partir de 2010, tornou-se repórter exclusivo do *Fantástico*. Hoje, retorna com frequência a Santa Maria, onde mora sua mãe, e onde tem projetos paralelos, como documentários que realiza em parceria com jovens da região.

Fotografia 7 – Marcelo Canellas na cobertura do movimento caras-pintadas, em 1992



Fonte: MEMÓRIA GLOBO, *on-line*

Fotografia 8 – Marcelo Canellas em novembro de 2018 na casa da mãe, em Santa Maria



Fonte: a autora

### 5.2.2.5 Marcelo Auler

Nascido em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1955, Marcelo José Cruz Auler foi o sexto de sete filhos de uma família de classe média baixa, bastante religiosa. Seu pai era engenheiro arquiteto e sua mãe, professora primária. Chegou a pensar em ser padre, mas era muito inquieto. Estudou engenharia no científico, atual ensino médio. Na mesma época, tornou-se relações públicas do grêmio estudantil do colégio e passou a escrever para o jornal dos estudantes. Para ele, a consciência política dos tempos do colégio começou a crescer quando ingressou no curso de Jornalismo da Faculdade Hélio Alonso, em 1974, aos 18 anos. No entanto, não chegou a se formar.

Começou a trabalhar em 1974, antes mesmo de iniciar a faculdade, na Rádio Globo, como radioescuta. Um ano e meio depois, pediu demissão e fez uma viagem de um mês com amigos pelo Nordeste. Na volta, trabalhou por alguns meses no jornal *O Globo* e foi demitido. Nessa época, começou a participar do movimento sindical dos jornalistas. Desempregado, trabalhou como *freelancer*. Fazia reportagens como colaborador para *O Pasquim* e para o jornal *Movimento*, ambos semanais. Em 1977, entrou para a equipe da revista *Manchete*. Foi para viajar com a equipe da revista que decidiu trancar a faculdade. Acabou retomando os estudos mais tarde, em Brasília, porém, novamente não chegou a terminar. Em 1978, envolveu-se mais na luta sindical e conheceu

Luis Inácio Lula da Silva, de quem se tornou amigo. Da *Manchete* passou para a revista *Fatos e Fotos*, da mesma editora. Quando foi demitido, naquele ano, decidiu mudar-se para Brasília.

Ao chegar na capital federal, foi indicado para repórter na sucursal do *Jornal do Brasil*, onde ficou um ano. Assumiu como secretário de redação do *Jornal de Brasília*. Em seguida, passou a ser chefe de reportagem e editor da editoria de cidade do jornal. Quando o editor-chefe do *Jornal de Brasília* pediu para Auler demitir onze pessoas da sua equipe, ele próprio decidiu pedir demissão, a fim de poupar o emprego de dois ou três colegas.

Em 1980, participou da criação do PT e do registro do partido no Tribunal Superior Eleitoral. Em uma viagem para São Paulo para comemorar o aniversário de Lula, acompanhar um colega na entrega do prêmio Vladimir Herzog e participar da assembleia do sindicato dos metalúrgicos, conheceu sua primeira esposa. Com isso, quinze dias depois, mudou-se para São Paulo. Foi chamado para trabalhar na *Folha de S. Paulo*, no caderno Fovest, sobre vestibular. Depois, foi para a editoria de educação. Enquanto trabalhava na *Folha*, chegou a ser assessor comunitário a convite do governo de São Paulo.

Em 1985, Marcelo Auler pediu demissão da *Folha*, o que coincidiu com o fim do seu relacionamento. Voltou, em 1987 para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como *freelancer*, fazendo revistas técnicas para a *Gazeta Mercantil* sobre administração e marketing e balanço financeiro. Da *Gazeta* foi para a sucursal da *Isto É*, onde ficou pouco tempo. Também atuou por cerca de um mês em um jornal recém-lançado, chamado *Retrato do Brasil*. Depois de ficar um período novamente atuando como *freelancer*, voltou para o *Jornal do Brasil*, mas desta vez na editoria de economia do Rio de Janeiro. Lá, passou pelo caderno de cidade e depois de política. Em 1989, na primeira eleição para presidente da República do período democrático, tirou férias do JB para trabalhar na campanha de Lula. Foi nesse ano que Auler casou pela segunda vez. Com essa esposa, teve duas filhas.

Uma mudança geral no jornalismo do JB fez com que Marcelo Auler fosse para a revista *Veja*. Lá, trabalhou em diversas reportagens investigativas. Um ano depois do nascimento da sua segunda filha, pediu para ser demitido da *Veja*. Começou a trabalhar no jornal *O Dia*, como repórter especial. Devido a denúncias que fez nesse período, foi processado diversas vezes. Nesse momento não estava mais casado com sua segunda esposa. Em 2003, trabalhou no Rio de Janeiro, no governo Lula. Depois, foi para a TV Alerj e, em seguida, para o *Estadão*, onde foi repórter especial. Por corte de gastos, foi demitido do jornal. Ficou um curto período na TV Escola e trabalhou para a *CartaCapital*. Quando foi criada a Comissão da Verdade no Rio de Janeiro, foi convidado a ser assessor, para trabalhar na descoberta dos crimes da ditadura militar.

Em 2008, casou-se pela terceira vez com uma procuradora, que conheceu durante a apuração de uma reportagem na época do jornal *O Dia*. Aconselhado por ela, criou um blog, onde, hoje, publica grandes reportagens. Recentemente, o blog foi censurado, por ação judicial. Auler responde, ainda, a processos devido a denúncias que fez sobre irregularidades na Operação Lava Jato e sobre corrupção envolvendo policiais federais. Atualmente, não é mais casado. Escreve também matérias especiais para o *Jornal do Brasil*, na condição de colaborador.

Fotografia 9 – Marcelo Auler (à esquerda) em reportagem na revista *Veja*, no início dos anos 1990.



Fonte: ABI, *on-line*

Fotografia 10 – Fotografia de apresentação do blog de Marcelo Auler



Fonte: MARCELO AULER, *on-line*

### 5.2.2.6 Katia Perin

Em 18 de julho de 1963, nasceu Katia Perin, em Santo André, São Paulo. Foi lá que morou durante a infância, com seu pai, que era operário da Volkswagen, sua mãe, dona de casa, e seu irmão. No ensino médio, participava da equipe que fazia o jornal do colégio. Porém, sua intenção era estudar física. Prestou vestibular na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas optou por cursar engenharia no Instituto Mauá. Ficou por apenas um semestre e percebeu que não gostava do curso. Voltou para o cursinho e, em 1984, passou no vestibular para jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo.

Ao terminar o curso, em 1988, foi estimulada por um professor a fazer o curso de jornalismo da Editora Abril. O treinamento durou pouco mais de um mês. Katia Perin foi convidada a trabalhar como *freelancer* para a revista *Cláudia* como repórter. Cerca de seis meses depois, foi convidada a ir para a revista *Placar*; desta vez com carteira assinada. Ela era a única repórter mulher em uma redação cheia de homens. Era uma tradição da revista ter uma mulher na equipe.

Na *Placar*, começou fazendo coberturas de jogos de futebol e, mais tarde, escrevia grandes reportagens, que exigiam maior tempo de apuração. Lá, recebeu três prêmios Abril e um prêmio *Esso*. Foi na redação da *Placar* que Katia conheceu Silvio, seu marido. Quando houve mudanças na *Placar*, os dois resolveram deixar a revista, em 1992. Conseguiram emprego no *Jornal da Tarde*, ela na editoria de geral e ele na política. Mais tarde, ele foi para a política do *Estadão* e Katia deixou a reportagem para trabalhar no fechamento do jornal. Foi subeditora de geral por um tempo, depois subeditora de variedades. Também foi editora de cultura.

Então, ficou grávida de sua filha e, quando ela completou um ano, decidiu aceitar a proposta de ir para a revista *Veja*, em 2000. Lá, foi responsável por recriar o site, que deixou de ser uma réplica da revista para ser um veículo que produzia conteúdo. Por 18 anos, esteve à frente da equipe *on-line*, chefiando oito editorias.

Foi então que a Abril entrou em uma crise financeira e começou a reduzir o tamanho das equipes. Ao longo do ano de 2018, demitiu um grande número de funcionários. Em agosto, Katia Perin foi demitida junto com dois executivos. No momento da nossa entrevista, afirmou que estava aproveitando para descansar depois de tantos anos de trabalho, mas planejava retomar a atuação no jornalismo em 2019, de preferência como *freelancer*.



Fotografia 11 – Katia Perin na redação do *Jornal da Tarde*, no início dos anos 1990.



Fonte: cedida pela entrevistada

Fotografia 12 – Katia Perin em Porto Alegre, em dezembro de 2018



Fonte: a autora

### 5.2.3 Quadro de entrevistados

Quadro 3 – Relação de entrevistados e respectivas atuações no jornalismo

	<b>Local e ano de nascimento</b>	<b>Formação</b>	<b>Primeiros contatos com jornalismo</b>	<b>Empresas ou veículos onde trabalhou</b>	<b>Atuação em 2019</b>
<b>Elder Ogliari</b>	Anta Gorda (RS)- 1961	Técnico em contabilidade (ensino médio);  Formado em jornalismo na PUCRS - 1984	A Pedrada (jornal de brincadeira do bairro);  Venda de revistas nas ruas, aos 12 anos;  Jornal da escola	Bradesco (bancário); O Repórter (freelancer); Metrô; Diário Catarinense; Gazeta Mercantil; Gazetinha; Diário do Sul; FM Cultura; TVE; Placar (freelancer); Jornal do CREA (freelancer); Estadão; Correio do Povo	Editor de rural do Correio do Povo
<b>Carlos Wagner</b>	Santa Cruz do Sul (RS) - 1950	Ingressou em letras na UFRGS (não se formou);  Formado em jornalismo na UFRGS 1982	Coojornal, como datilógrafo e responsável pela distribuição nas bancas	Coojornal; O Interior; Zero Hora; blog Carlos Wagner	Editor do blog Carlos Wagner; livros-reportagem
<b>Ana Estela de Sousa Pinto</b>	São Paulo (SP) - 1965	Formada em agronomia na USP – 1986;  Formada em jornalismo na USP – 1995  Mestre em administração de negócios e gestão de pessoas (FGV)	Programa de treinamento da Folha de S. Paulo	Folha de S. Paulo; Agência Folha; Folha da Tarde; blog Novo em Folha	Repórter especial da Folha de S. Paulo
<b>Marcelo Canellas</b>	Passo Fundo (RS)- 1965	Ingressou em agronomia na UFSM (não se formou);  Formado em jornalismo na UFSM – 1987	Quando criança, colecionava jornais das cidades por onde seu pai passava;  Memória afetiva do pai, tios e avó lendo Correio do Povo, Folha da manhã, Folha da Tarde e Zero Hora em Curumim (RS)	A Razão (contrato temporário); RBS TV Santa Maria; TV Ribeirão; Rede Globo	Repórter especial do programa Fantástico (Globo)
<b>Marcelo Auler</b>	Rio de Janeiro (RJ) - 1955	Ingressou em jornalismo na Faculdade Hélio Alonso, SP (não se formou).  Pedi transferência para CEUB, em Brasília (não se formou).	Jornal do grêmio estudantil;  Estágio na Rádio Globo	Rádio Globo; jornal O Globo; O Pasquim (colaborador); Movimento (colaborador); Manchete; Fatos e Fotos; Jornal do Brasil; Jornal de Brasília; Folha de S. Paulo; Gazeta Mercantil ( <i>freelancer</i> ); Isto É; Retrato do Brasil; Veja; O Dia; TV Alerj; Estadão; TV Escola; CartaCapital ( <i>freelancer</i> ); blog Marcelo Auler	Editor do blog Marcelo Auler; colaborador do Jornal do Brasil
<b>Katia Perin</b>	Santo André (SP)- 1963	Ingressou em engenharia na Mauá (não se formou);  Formada na Universidade Metodista de São Paulo-1988	Jornal do colégio	Revista Cláudia ( <i>freelancer</i> ); revista Placar; Jornal da Tarde; site da Veja	Período sabático após a demissão da Veja

Fonte: elaboração própria.

#### 5.2.4 Realização das entrevistas

Para a realização das entrevistas, percorremos o caminho sugerido por Alberti (2004). Segundo a autora, a pesquisa deve começar com uma revisão teórica sobre o assunto, que serve de base para a criação de um roteiro geral de perguntas para a entrevista. Construímos, portanto, um roteiro geral, que foi apresentado à banca de qualificação do projeto. A partir dele, após definidos os entrevistados, passamos à criação de roteiros individuais. Considerando que, dentre as modalidades de História Oral, escolhemos como método de entrevista a história de vida, foi necessário levantar informações sobre a biografia de cada entrevistado e, a partir daí, fazer uma adequação do roteiro geral a cada um deles, sempre tendo em mente os objetivos da pesquisa.

Durante as entrevistas, além do gravador, foi importante o uso do caderno de campo, a fim de anotar observações extras: a relação que se estabeleceu entre entrevistado e entrevistador, momentos de interrupção, o que foi dito com o gravador desligado, etc. No momento da entrevista, explicamos aos entrevistados os propósitos da pesquisa e a possibilidade de desistência ou supressão de algum trecho do relato, caso achassem necessário.

Segundo Alberti (2004), existem diferentes formas de conduzir a entrevista de história de vida. Decidimos seguir a sugestão da autora de realizar entrevistas diretivas. Nesta modalidade, a entrevista ganha o tom de conversa prolongada, sendo conduzida pelo pesquisador, que deve conceder bastante espaço para o entrevistado falar. Isso significa que o roteiro individual serve como elemento para orientar o trabalho do entrevistador e, portanto, não é rígido. Muitas outras perguntas devem surgir ao longo do depoimento. Procuramos seguir a recomendação de Bourdieu (2007, p. 695) de instaurar uma escuta afastada da “pura não-intervenção da entrevista não dirigida”, assim como do “dirigismo do questionário”, e assumir uma postura, em relação ao entrevistado, de “submissão à singularidade de sua história particular”. Ainda que não seja um exercício simples de se colocar em prática, o esforço empreendido foi no sentido de ouvir atentamente os relatos, buscando reduzir a distância em relação ao entrevistado.

#### 5.2.5 Tratamento e análise

Após a realização das entrevistas, procedemos à transcrição do material (disponível em *link* ao final desta dissertação). Essa etapa da pesquisa, por mais simples que possa parecer, também

merece ser tensionada. Conforme sublinha Bourdieu (2007, p.709), “a transcrição muito literal (a simples pontuação, o lugar de uma vírgula, por exemplo, podem comandar todo o sentido de uma frase) já é uma verdadeira *tradução* ou até mesmo interpretação”. Compreendendo que transcrever é, de certa forma, reescrever, procuramos perseguir a fidelidade quanto ao que foi dito, mesmo sabendo que a escrita nunca é igual à fala.

Após a transcrição, passamos à análise das entrevistas, as quais dividimos em três partes. Buscamos identificar no discurso dos entrevistados: 1) o que foi dito sobre o processo biográfico – imagem de si; 2) o que foi dito sobre o processo relacional – imagem para o outro (DUBAR; 1997); 3) a presença da passagem do período industrial para o pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY; 2013). Ao investigar o processo biográfico, buscamos identificar palavras e frases vinculadas ao *ethos* romântico da profissão ou ao jornalismo de mercado. Conforme lembra Dubar, a imagem de si é a união entre a identidade herdada e a identidade visada. Por isso, demarcamos as dimensões da fala sobre o “eu no passado” e o “eu no presente ou no futuro”, uma vez que o nosso propósito é entender as mudanças na identidade dos jornalistas no início da carreira até os dias atuais.

Já na seleção do que foi dito sobre o processo relacional, procuramos sinais de reconhecimento e de não reconhecimento do outro, conforme Dubar (1997), levando em consideração o fato de que a visão do outro é relatada sempre pelo próprio indivíduo e ela nunca é totalmente apreensível. Portanto, não é pretensão nossa atingir o que realmente pensa esse outro, mas observar o que cada jornalista pensa sobre como o outro o vê.

Por fim, buscamos nas falas dos entrevistados reflexões sobre o jornalismo pós-industrial. Nessa parte, não pretendemos dar conta de todos os aspectos que caracterizam o período, mas apenas levantar questionamentos e percepções sobre alguns temas relevantes para pensarmos o jornalismo na atualidade. Acreditamos que nessas falas também conseguimos apreender ideias que retratem a forma como os entrevistados se colocam na profissão hoje, o que, portanto, impacta na identidade para si.

A análise do nosso trabalho deu-se não apenas a partir das entrevistas, mas também das anotações do caderno de campo. Observações como o primeiro contato com os entrevistados, impressões sobre o local e andamento das entrevistas e os contatos posteriores às entrevistas foram levados em conta na análise. Acreditamos, por exemplo, que o local escolhido por cada entrevistado para o encontro é representativo da sua identidade. Enquanto conversamos com Marcelo Auler em bares, tendo a necessidade, em determinado momento, de interromper a entrevista para que ele cumprisse um *deadline* para o Jornal do Brasil, Ana Estela de Sousa Pinto recebeu-nos na redação

da Folha de S. Paulo, empresa na qual trabalhou a vida inteira. Assim, o caderno de campo mostrou-se um importante auxiliar na análise das entrevistas.

## 6 A IDENTIDADE NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE JORNALISTAS

Como mencionado anteriormente, procedemos, neste capítulo, à análise das entrevistas e das observações do caderno de campo. Dividimos o processo em três partes: o processo biográfico e o discurso sobre a profissão; o processo relacional; e mudanças tecnológicas e no mundo do trabalho. Destacamos em negrito as palavras e as frases que melhor representam o sentido mencionado em cada um dos tópicos trabalhados. Abaixo, relacionamos as categorias de análise criadas e os sentidos encontrados nos discursos dos entrevistados.

Quadro 4 – Relação dos sentidos encontrados na análise das entrevistas

Divisão da análise das entrevistas		Sentidos encontrados	
Identidade	Processo biográfico e o discurso sobre a profissão (imagem de si)	Sentidos do discurso romântico	Amor
			Inquietude e aventura
			Missão
			Embate
			Politização
			Comprometimento e entrega de si
	Processo relacional (imagem para o outro)	Sentidos do discurso de mercado	Pragmatismo
			Intensas rotinas produtivas
Processo relacional (imagem para o outro)	Sentidos do discurso de mercado	Sufrimento	
		Não-reconhecimento	
Processo relacional (imagem para o outro)	Sentidos do discurso de mercado	Reconhecimento	
Mudanças tecnológicas e o trabalho jornalístico		Mudanças na prática jornalística	
		Mercado de trabalho	
		Urgência e onipresença	
		O futuro da profissão	

Fonte: elaboração própria.

### 6.1 O processo biográfico e o discurso sobre a profissão

A partir do entendimento de que a identidade social de cada indivíduo é formada por dois processos simultâneos – o biográfico e o relacional – que ocorrem ao longo das sucessivas socializações (DUBAR, 1997), optamos por analisar os discursos dos jornalistas entrevistados

nesses dois âmbitos. Nesse primeiro tópico, destacamos as passagens nos discursos que remetem à “identidade para si” dos jornalistas, ou seja, procuramos identificar o que cada um expressa sobre sua identidade desde a infância até o presente, com destaque para a formação e ressignificação da identidade profissional. Reunimos também aqui as passagens em que falam sobre “o jornalismo”, pois entendemos que falar da profissão não necessariamente é falar de si, porém, a visão que se tem da profissão é representativa da forma como cada um se coloca nesse mundo, assim como das expectativas e desejos relacionados à carreira. Apenas em uma entrevista, a de Ana Estela de Sousa Pinto, falar da profissão distancia-se do ato de falar de si, questão que aprofundaremos a seguir.

Como nos ensina Dubar (1997), é possível pensar na identidade para si em termos de continuidade ou de ruptura da identidade do passado, considerando as experiências ao longo da vida. As identidades profissionais são reconstruídas ou reforçadas continuamente a partir do ensino e da entrada no mercado de trabalho, em outras palavras, no decorrer do processo de socialização secundária (BERGER; LUCKMANN, 2012).

Assim, destacamos os trechos das entrevistas que apontam para a identidade para si no passado, no presente e a imagem que cada um tem da profissão. Procuramos identificar, a partir do nosso referencial teórico, marcas ou sentidos nos discursos que remetem, por um lado, ao *ethos* romântico da profissão (LAGO, 2002) e, por outro, à lógica racional ou pragmática característica do jornalismo de mercado (NEVEU, 2006). Nosso propósito é observar se há continuidade ou ruptura na imagem de si nos relatos recolhidos, analisando se os discursos remetem mais a uma concepção romântica do jornalismo ou mais pragmática. Não pretendemos, conforme adverte Lago (2002), encontrar o romantismo na sua forma pura – e o mesmo serve para o pragmatismo. Entendemos que os discursos podem trazer sentimentos e ideias que se misturam e são, por vezes, ambíguos, uma vez que o indivíduo por si só é complexo e as experiências podem ser traduzidas das mais diversas maneiras. No entanto, fazemos um esforço para identificar os principais pontos trazidos em cada entrevista e analisar criticamente, sem esquecer, ainda, dos desafios de se trabalhar com a História Oral, mencionados no capítulo anterior.

### 6.1.1 Sentidos do discurso romântico

O *ethos* romântico no jornalismo, conforme Lago (2002), pode ser entendido como um contraponto às noções de racionalização e burocratização. No centro desse conceito está o sentido de comprometimento com a profissão. Esse *comprometimento* foi o sentido relacionado ao ideal romântico que mais se destacou nas entrevistas realizadas. Em vários momentos, observamos uma

*entrega de si*, ou seja, uma predisposição a colocar a atividade profissional como prioridade em relação a outras instâncias da vida. Esse foi, portanto, um dos sentidos do discurso romântico destacado na presente análise.

Nesse processo, encontramos nos discursos marcas do *ethos* romântico apontadas por Lago (2002), especialmente a *paixão* e a *missão*. As outras características mencionadas pela autora, como o individualismo (no sentido de criatividade individual), utopia e nostalgia foram identificados, porém com recorrência menor e, portanto, não constaram como categoria de análise. Em alguns casos, eles aparecem implícitos em trechos que contêm outros sentidos predominantes. A nostalgia, por exemplo, pode ser identificada como sentido secundário em diversos momentos em que os entrevistados falam sobre comprometimento e amor pela profissão.

Juntamente aos três sentidos predominantes – que, aqui, chamamos de *amor*, *missão*, *comprometimento e entrega de si* – identificamos outros três que se sobressaíram nas falas dos entrevistados – *inquietação e aventura*, *embate* e *politização*.

### 6.1.1.1 Amor

O discurso de amor ou de paixão pelo jornalismo opõe-se à ideia do exercício da profissão de forma pragmática. Ele pressupõe envolvimento emocional. Conforme Lago (2002), o *ethos* romântico definido pela paixão contrapõe-se à noção do jornalismo como uma profissão como outra qualquer. Trabalhar com amor é o contrário de trabalhar por obrigação ou por puro profissionalismo.

Muitas vezes, esse olhar afetuoso em relação à profissão vem desde cedo, constitui um imaginário na infância. No caso de Katia Perin, o jornalismo não foi sempre uma escolha propriamente, mas o gosto pela escrita e pela leitura era marcante desde cedo. Aos 10 anos, ganhou um concurso de redação promovido pela prefeitura de Santo André. Mais tarde, foi uma das responsáveis pelo jornal da escola. Apesar de ter prestado vestibular para Física e ter cursado um semestre de Engenharia, relata que os sinais mostravam que o seu futuro seria na escrita.

**Eu sempre fui uma criança de leitura**, eu nunca tive o aspecto físico, sempre esse aspecto de ler. Minha filha, igual. Então, eu **sempre lia muito. Eu era meio um ser estranho na minha família**. Eles não eram de ler. (Katia Perin)

Eu passei por alguns testes vocacionais, porque eu realmente não sabia o que eu queria fazer muito bem. Esses testes vocacionais davam sempre isso. **Davam sempre alguma coisa nessa área de escrever**. (Katia Perin)



O jornal estudantil fez parte da vida de quatro dos seis entrevistados. Além de Katia Perin, também tiveram experiência semelhante Marcelo Auler, Marcelo Canellas e Elder Ogliari. Fazer parte da equipe de produção do jornal foi o que fez Auler “botar na cabeça que seria jornalista”, por volta dos 16 anos.

A brincadeira de fazer jornalzinho dentro do colégio marista... não era nem um jornal impresso. Era um boletim com olimpíadas, uma coluna de fofocas, etc... **a repercussão que aquilo tinha, a visita às redações de jornal para levar a notícia.** E aí eu comecei a ter contato com jornal, como é que era... e aí **comecei a gostar** e disse “**vou ser jornalista**”. (Marcelo Auler)

Já Marcelo Canellas e Elder Ogliari relatam um vínculo afetivo muito forte com o objeto jornal, antes mesmo do ensino médio. Além de já ser um leitor, Elder, aos 12 anos, começou a vender revistas para ter uma renda, no turno inverso ao da escola. Então, quando criou o jornal estudantil, poucos anos depois, colocou em prática um interesse que já existia. Ele já se via como jornalista.

Eu jogava bola, fazia tudo o que os outros faziam, mas eu **gostava muito de ler** também... coisa que a maioria não gostava, então... eu lia muito gibi, muita revista em quadrinhos nos primeiros momentos. Depois, **com 11 ou 12 anos, por aí, comecei a ler jornal.** E depois quando eu tinha... isso foi em 1973... deixa eu ver se foi 73... quarta, quinta série do primário... **em 1973, eu passei a vender revistas nas ruas.** Você imagina uma banca. Não era uma banca, era uma livraria que recebia as revistas *Cruzeiro, Manchete, Veja, Placar, a Sétimo Céu, Capricho*, todas as revistas da época e os gibis também. Então eu pegava, **eu estudava de manhã... à tarde eu ia para essa livraria pegar... eu escolhia assim as que eu achava que podia vender e saía pelas ruas oferecendo né?** (Elder Ogliari)

**E assim eu fui me familiarizando mais com uma coisa que... eu já gostava de ler jornal, revista... eu ficava próximo desse mundo.** Daí foi meio que automático. Fui **me interessando, me interessando...** e assim **com 15, 16 anos eu já me imaginava jornalista, né?** Na sexta série, **eu inventei um jornal da escola.** Eu fazia mimeografado. Eu tive muito incentivo de um amigo. **A gente fazia em quatro. Mas na verdade quem mais fazia era eu.** Eles mais davam pitacos. Ficou meio automático. Eu, assim, claro... quando a gente tem essa idade até pensa em outras coisas, né? **Mas a coisa que eu direcionei mesmo era jornalismo... já sabia.** (Elder Ogliari)

Durante a entrevista, Elder esqueceu de relatar que o interesse pelo jornalismo veio ainda mais cedo. Conforme registrado no caderno de campo, ele entrou em contato alguns dias após o nosso encontro para fazer algumas correções. Disse que, em visita à casa da sua mãe, revisitou arquivos antigos e lembrou que, na quarta série do primário, datilografava um jornalzinho, de

brincadeira, que passava de mão em mão entre os amigos do bairro. O jornal *A Pedrada* tratava de temas como: o circo que chegou na cidade, jogos de futebol, carros que atolaram na lama e brigas entre os garotos.

Portanto, **meu gosto pela coisa** é até anterior ao que lhe narrei. (Elder Ogliari)

Da mesma forma, Marcelo Canellas criou um vínculo afetivo com o objeto jornal desde cedo. Seu pai era agrônomo da Emater, responsável pela assistência a mais de 80 municípios. Portanto, viajava bastante pelo estado. Em uma dessas viagens, trouxe um jornal de alguma cidade por onde passou, o que virou um hábito.

Não me lembro se era Candelária... Rio Pardo... não sei. **Mas aí eu gostei daquilo e pedi para as cidades que ele passasse, ele me trouxesse o jornal da cidade. Então eu cheguei a ter em casa mais de 100 jornais empilhados.** Jornais diferentes. **Passei a colecionar jornais e passei a gostar de manipular e manusear esses jornais.** (Marcelo Canellas)

Na fala de Canellas, a carga afetiva é ainda mais evidente, porque o ato de ler jornal e também o de ouvir e contar histórias está vinculado às lembranças de infância junto à família. Remetem à reunião com primos, tios e avó nas férias em Curumim, no litoral gaúcho. O relato traz sentidos de amor e nostalgia nas lembranças dos momentos de compartilhamento, sentimentos que foram transferidos e ressignificados, mais tarde, para o jornalismo.

Era um período muito bacana da vida da gente. Todo o mês de janeiro a gente encontrava os primos em Curumim. E tinha quase um **ritual dos meus tios, do meu pai, da minha vó, de ler os jornais...** de ler o *Correio do Povo*, que era um **jornalão imenso. As pessoas ficavam reunidas** lendo o jornal: *Correio do Povo*, a *Folha da Manhã*, a *Folha da Tarde* e a *Zero Hora*. **Os jornais matutinos e vespertinos na época circulavam nas mãos da família.** Então, era uma coisa, assim, que **sempre me remetia a uma coisa boa, de partilha, de reunião da família...** para mim **sempre foi uma coisa agradável, manipular o jornal. Lembro da minha vó fazendo palavras cruzadas no Correio do Povo.** Enfim, acho que fui criando uma **relação de simpatia com esse objeto jornal.** (Marcelo Canellas)

Mas eu acho que a **ideia de contar história vem também da infância**, vem também da praia, porque **a minha vó**, mãe do meu pai, que a gente via uma vez por ano, ela **punha eu, meu irmão, meus primos para dormir e sempre contava uma história antes da gente dormir.** Esse era um momento **extremamente agradável** das nossas férias e **desde muito pequenininho eu ouvia essas histórias da minha vó.** Com o passar do tempo a gente **continuou ouvindo.** As histórias foram mudando de narrativa, mas **ficou muito forte.** Eu **acho que vem daí o meu prazer de ouvir e contar histórias, remete à infância.** (Marcelo Canellas)

As histórias da infância constituem uma continuidade na identidade de Canellas. O primeiro vestibular que prestou foi para agronomia, seguindo o exemplo de seu pai. Porém, logo percebeu que não seria feliz seguindo aquela profissão e voltou-se para o jornalismo. A narrativa sempre foi tão essencial que enveredou-se pelo caminho da grande reportagem e dos temas sociais.

Na faculdade [de Agronomia], eu vi que aquele não era o meu universo. **O meu universo era o universo da narrativa. Eu teria que fazer alguma coisa necessariamente ligado à narrativa** e o que me parecia mais viável, mais próximo de mim – **eu gostava de notícia – era o jornalismo.** (Marcelo Canellas)

Desde muito cedo, de muito moleque, fui **atraído mais por histórias, personagens, uma narrativa um pouco mais elaborada.** Fui sugerindo desde cedo mais matérias de comportamento, que eu acho que tinha mais a ver com o tipo de narrativa que me atraía. (Marcelo Canellas)

O carinho pelo trabalho do repórter aparece em diversos momentos nas entrevistas, ainda que as dificuldades da atividade também não deixem de ser relatadas. Ainda que nos últimos anos seu papel de gestora a tenha afastado da escrita, Katia Perin lembra com amor das grandes reportagens da sua carreira, ainda que o processo até a finalização fosse sempre difícil. “Descobrir algo do zero” era algo que lhe dava muita satisfação.

**Eu gostava muito de ser repórter, muito. Porque eu conseguia descobrir alguma coisa, me comover com alguma coisa,** sabe? Mas também não quero dizer com isso que eu não gostava de ser editora. São duas coisas diferentes. Mas **eu gostava da coisa de poder trazer o novo, sabe? Alguma coisa que ninguém esperava.** Sabe? (Katia Perin)

A vontade de ser repórter é mencionada também por Elder Ogliari em diversos momentos, até mesmo quando era promovido a editor ou a um cargo ainda maior. Quando foi convidado a ser chefe de redação do *Diário Catarinense*, de Chapecó, fez questão de continuar escrevendo: “eu já entrei num cargo de chefia. Não que eu quisesse isso, eu queria era passar pela reportagem”. O gosto pelo trabalho de repórter se mantém por toda a carreira.

Agora eu sou editor e eu não escrevo mais. Mas também não tenho tempo... porque o jeito que a gente... mas lá dava. Então, eu fazia matérias e eu coordenava a redação. Eu que distribuía as pautas, determinava o que cada um ia fazer... mas, assim, para mim, **eu queria mesmo ser repórter na época. E até te diria até hoje. Eu acho que o repórter é a alma do jornalismo.** Eu acho, assim, **o repórter deveria ser quem mais ganha na redação.** (Elder Ogliari)

A paixão pela profissão, em especial pelo trabalho de repórter, tem sua maior evidência na entrevista de Carlos Wagner, por exemplo, quando diz: “Lívia, a nossa vida é maravilhosa”. No caso de Wagner, a aproximação com a profissão aconteceu na vida adulta. Ele teve uma infância difícil no interior, sendo filho de uma prostituta. Seu *habitus* remete à marginalização e à sobrevivência. As dificuldades que enfrentou foram importantes para a construção da sua identidade profissional, uma vez que viu na profissão uma oportunidade de fazer justiça. O contato com jornalismo, no entanto, deu-se na entrada no mercado de trabalho, ou seja, na socialização secundária referida por Berger e Luckmann (2012). Sua aproximação do jornalismo se deu atuando como datilógrafo no *Coojornal*. Na época, cursava Letras, na UFRGS.

- Quando você decidiu que iria fazer jornalismo? (Lívia)
- Quando eu vi o André Pereira<sup>20</sup> trabalhar, quando eu vi o Caco Barcellos<sup>21</sup> trabalhar, quando eu vi o Humberto<sup>22</sup> trabalhar... **quando eu vi que tu pode mexer com as coisas fazendo reportagem. Quando eu vi o poder que o repórter tem. Tu pode mexer, tu pode mudar as coisas fazendo reportagem.** (Carlos Wagner)

Do início no *Coojornal* até hoje, já aposentado, sua paixão pela profissão só se aprofundou. Wagner fala do gosto pela profissão, especialmente da reportagem, de forma exacerbada.

- Sua percepção sobre ser jornalista mudou do início da sua carreira para hoje ou não? (Lívia)
- Olha, eu acho que se aperfeiçoou. Eu acho que hoje, eu simplifico tudo em uma frasezinha curta: **eu tenho pena de quem não é repórter.** Sabe? (Carlos Wagner)
- Por quê? (Lívia)
- **Ah, deve ser uma vida ridícula, né, tchê? [risos] Tu já pensou ser tudo igual?** (Carlos Wagner)

A frase de Carlos Wagner contém uma crítica às profissões burocráticas. No exemplo acima, todas as outras profissões são tratadas como desinteressantes. Essa visão de Wagner nos leva a outros dois sentidos característicos do discurso romântico da profissão: o jornalismo como aventura – profissão para os inquietos – e o jornalismo como profissão que exige comprometimento.

---

20 André Pereira é um jornalista gaúcho que iniciou sua carreira no Diário de Notícias. Passou pelas redações de Zero Hora, Veja, O Interior, Folha da Tarde, Diário do Sul e Coojornal. Também trabalhou na Câmara de Vereadores de Porto Alegre e na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

21 Cláudio Barcellos de Barcellos, ou Caco Barcellos, é jornalista, repórter investigativo e escritor. Iniciou sua carreira na Folha da Manhã. Foi um dos fundadores do Coojornal. Trabalhou nas revistas IstoÉ e Veja e ganhou destaque como repórter da Rede Globo.

22 Falecido em 2007, Humberto Andreatta foi um jornalista gaúcho que trabalhou em diversos veículos: TV Difusora, Zero Hora, Caldas Jr., Coojornal, FM Cultura, Jornal do Grêmio, O Interior, revista Agricultura & Cooperativismo, Folha da Manhã e Diário do Sul. Além disso, foi correspondente da revista IstoÉ e do Jornal do Brasil.

### 6.1.1.2 Inquietude e aventura

Entre os mitos da profissão está a ideia de que “o jornalismo é a antítese do trabalho das ‘9 às 5’ [...]. É identificado com o imprevisto; o inesperado poderá acontecer ao virar da esquina” (TRAQUINA, 2013, p.52). Em diversos momentos, os discursos dos entrevistados apontam para essa noção de que o jornalismo é uma atividade profissional que não deixa espaço para monotonia. Em algumas falas, destacamos o sentido de inquietude pessoal, capaz de ser suprida pela rotina dinâmica da profissão.

Ele [o repórter] **é uma pessoa inquieta naturalmente e os problemas te trazem a inquietude.** Se tu não tem problemas, tu não é uma pessoa inquieta. Dificilmente... **o problema, o confronto, ele te desafia** a soluções e esses desafios fazem tu crescer. Entendeu? E **para tu ser repórter tu tem que estar procurando o pote no final do arco-íris, né?** [...] **O repórter é um eterno inconformado.** (Carlos Wagner)

Em outros trechos, especialmente nos relatos sobre grandes reportagens ou trabalhos de investigação, essa visão ganha maior proporção e o jornalismo passa a ser tratado como propulsor de aventuras e de adrenalina.

A inquietude aparece com um traço constitutivo da identidade de alguns entrevistados, reforçado com a entrada na profissão. Criado em uma família religiosa, Marcelo Auler chegou a cogitar ser padre, mas, a imagem de si ao lembrar da infância mostra que sua escolha profissional não poderia seguir o caminho da introspecção.

Eu era muito **bagunceiro**, muito **zoneiro**... aí me levaram para a escola dos maristas **para ver se eu me santificava um pouco.** Eu **quase fui expulso** lá. (Marcelo Auler)

O jornalismo mostrou-se uma alternativa ideal para ele, que não gostava de ficar parado. Ao falar sobre o seu primeiro emprego, logo no início da faculdade, destacou que trabalhava dois turnos e estudava no outro. A satisfação de não se limitar a uma atividade burocrática foi ressaltada, quando questionamos se ele gostava do que fazia, mesmo trabalhando tantas horas.

**Adorava. Eu nunca ficava trancado na sala que eu tinha que ficar. Levava bronca toda a hora. Ficava rodando...** em pouco tempo eu estava trabalhando com telefone... apuração por telefone. Depois eu passei pra a programação da rádio para ser repórter de rua. Eu fazia programas policiais. (Marcelo Auler)

Também foi ao encarar o pragmatismo característico do curso de Engenharia, que Katia Perin percebeu que queria fazer parte de um universo mais descontraído e dinâmico.

**Quando eu cheguei lá, ninguém conversava, sabe? Aquela compenetração, fazendo cálculos, aquilo não tinha nada a ver comigo. Eu era de bater papo, sabe? Conversar sobre cinema e tal. E eu: “Gente, quem são essas pessoas?”. Não tinha nada a ver comigo. Eu comecei a entrar em parafuso, assim, sabe? Nossa, eu não vou conseguir fazer nada aqui dentro. Tinha algumas aulas de cálculo que eu não estava nem entendendo. Aí eu entrei em crise. Eu só chorava. Chorava porque eu descobri que não era aquilo, que eu tinha feito uma grande burrada.** (Katia Perin)

Ao contrário, quando entrou na faculdade de Jornalismo, encontrou um ambiente que possibilitava estar em constante movimento e criar, a cada momento, novos projetos.

Eu me encontrei dentro de um grupo que era muito bom e **a gente fez grandes coisas na faculdade.** Vou te dar um exemplo, assim. E **grandes coisas dentro do universo da faculdade, né? A gente fazia vídeo. A gente gostava de fazer alguns trabalhos em vídeo. Começamos a fazer alguns vídeos por conta nossa, assim. “Vamos fazer?”. “Vamos!”** (Katia Perin)

Mas é assim, o que eu acho que tinha **era este princípio de iniciativa,** sabe? A gente gostava de... no intervalo do curso, não é recreio, né? Não tinha recreio. Mas tinha vários intervalos. **“Muito morto, né? Vamos fazer uma rádio no meio do intervalo?” Aí inventavam...** pegavam o material de rádio da Metodista e colocavam no meio da praça e faziam uma *playlist* para aquele dia. Aí no próximo dia já vinha alguém: “Ah, eu quero sugerir uma *playlist* assim... **Pode?”. “Pode”.** (Katia Perin)

Nesse sentido, o caso de Elder Ogliari é bastante representativo. Ele saiu do colégio com o diploma de técnico em contabilidade, segundo ele, “já sabendo que não era aquilo que eu ia exercer”. Na época, havia duas opções de formação no segundo grau – a outra era o magistério. Elder acabou trabalhando três anos em escritórios de contabilidade e cinco como bancário. O banco possibilitou o pagamento da faculdade de Jornalismo.

Me formei no final de 1984. Fiquei no banco mais 6 meses. E aí, assim, no banco **eu nunca aceitava promoção.** Eles vieram umas cinco, seis vezes: “Tu tem que passar para uma condição de superior ou de caixa. O banco quer progressão”. **“Ah, mas eu não tenho interesse. Eu quero estudar.”** Fiquei esperando ser demitido, até porque eu queria mais a indenização, eu precisava. (Elder Ogliari)

Assim, Elder negou-se a seguir a carreira de bancário, mesmo quando as oportunidades apareceram. Sua inquietude e ímpeto de fugir da burocracia ficam claras na passagem em que relata o seu primeiro trabalho como jornalista, ainda como *freelancer*. O jornalismo ganha o sentido de liberdade.

Deixa eu só terminar de responder a pergunta anterior [...] A anterior era: quando eu me senti jornalista. Eu acho que foi num dia que eu estava lá em Guaíba fazendo uma matéria e, assim, eu fui para lá às 10 horas da manhã e **eu me senti, assim: “Bah! Eu não tô mais na prisão do banco, de bater ponto e ficar atrás do balcão e atendendo gente... Eu tô liberto. Tô aqui caminhando, em busca de uma fonte... a liberdade... Tô me sentindo jornalista**, acho que foi uma coisa assim lá em Guaíba”. (Elder Ogliari)

Não ser uma profissão burocrática foi uma das razões que levou Elder ao jornalismo. No entanto, mesmo atuando como jornalista, relata momentos de inquietação. Quando a rotina não está suficientemente dinâmica, é preciso buscar novas tarefas, mesmo com outras já em andamento.

[No *Diário do Sul*] eu fui meio coringa, porque uma coisa que eu adotei já ali é... eu queria trabalhar ali, mas eles me chamaram para a editoria de projetos especiais onde tinha muita economia e eu não queria economia, eu queria geral e esportes. Mas é onde tem eu vou né? Mas eu também **me vendia para as outras**. Trabalhava nos projetos especiais, mas às vezes passava no lazer e comportamento, que era onde estava o esporte e dizia: “ó, tenho uma ideia, **vocês não querem uma matéria?** Eu não posso fazer cinco por dia, mas...”. Aí o editor: “claro que quero sim”. **Eu ia fazendo paralelo** e na semana seguinte entregava. Eu fiz isso com a cultura também. “Tem um show na cidade que esse pessoal é meio intelectual... vai querer cobrir? **Deixa que eu faço...**”. (Elder Ogliari)

“**Quem sabe é a hora de eu pedir para mudar [da FM Cultura]?**” **Porque a rádio era assim muito burocrática**. Não sei como é hoje. Tu tá lá perto, talvez tu saiba. Mas acho que, assim, a gente **só redigia matérias que chegavam via telex, radioescuta e alguma matéria ligava para alguma fonte para confirmar algo**. **Não era aquela coisa dinâmica de jornalismo**, que também não sei se caberia no perfil da rádio, né? (Elder Ogliari)

Para quem fez uma carreira no jornalismo, a hora de se aposentar é também um momento de refletir sobre essa inquietude. No caso de Carlos Wagner, parar não era uma opção. Por isso, preparou-se antes de sair da *Zero Hora* e procurou novos projetos.

Eu saí de lá e: “**tá, como é que eu vou sair e seguir enchendo o saco das pessoas?**” **Eu tenho que incomodar. Se eu não incomodar, eu me sinto mal**. O que eu fiz? Aí eu montei um blog. (Carlos Wagner)

A história de vida de Marcelo Auler é repleta de movimento: conta hoje com experiência em pelo menos 19 veículos de comunicação, em três cidades, além de ter tido três casamentos. A vontade de mudar, de buscar o novo, aparece em diversos momentos no seu discurso. É o caso do episódio em que dispensa um emprego no *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, onde morava, para mudar radicalmente de vida.

Eu liguei para o cara do JB e disse: “estou te ligando para te agradecer à promessa de que você ia me arranjar um emprego, mas estou te dispensando. Fui demitido da revista Manchete”. **“Como assim, cara? Você foi demitido da revista Manchete e está dispensando emprego?”**. “É... eu resolvi **fazer uma loucura e vou conhecer Brasília. Vou me mudar para Brasília.**” (Marcelo Auler)

Eu fui pra Brasília. Conheci. Voltei e **vim aqui pegar meu carro e minha mudança que cabia dentro do meu fusca: meu colchonete, alguns livros, uma máquina de escrever...** aquela época não tinha nem disco de vinil. **E fui embora.** (Marcelo Auler)

A inquietude e a propensão à aventura exigem que o indivíduo tenha coragem de mudar. Reunir os pertences e mudar de cidade é um ato de coragem, assim como encarar grandes desafios profissionais. Katia Perin foi contratada pela editora Abril, não muito tempo depois de formada, para ser a única mulher em uma redação repleta de homens, na revista *Placar*, especializada em esportes.

Mas eu entrei lá completamente crua, né? [...] Na Placar, **eles me jogavam para fazer cobertura de jogo. Sabe? “Vai lá fazer Santos e Palmeiras”. E eu ia...** eu e o fotógrafo. **Era uma loucura completa. Foi uma loucura completa...** até hoje... Então eu tinha 24 anos, 23 anos, e ia cobrir esses jogos. **Ficava na frente do vestiário esperando os caras saírem.** Imagina, né? Naquela época... E em muitas situações não tinha tempo para esperar os caras saírem. [...] em alguns estádios... porque também tem estádios do interior que a gente ia, né? Eles tinham uma pré-sala no vestiário. E era uma pré-sala, onde a imprensa de rádio entrava. A imprensa de rádio era a que tinha urgência da coisa, né? A imprensa de rádio entrava e ficava ali esperando os caras tomarem banho... O primeiro que saía para se secar, já ia falando com o cara do rádio. Em muitos lugares eu fiz isso, porque eu não tinha tempo. Porque quando a gente ia, por exemplo, para São José do Rio Preto, isso no final de semana, eu voltava para a redação para escrever meu texto ainda. Então, **era uma loucura, porque o carro ia correndo, voltava correndo, e eu tinha que escrever o texto,** porque tinha o horário de fechamento da revista. **Nesses lugares, eu não podia esperar o cara tomar banho,** fazer as entrevistas com o pessoal de rádio, sair para me falar... **Então, eu entrava junto com o rádio. E entrei em várias situações, onde os caras estavam tomando banho.** Não era bom para mim, não era bom para eles. (Katia Perin)



O episódio relatado por Katia Perin traz elementos que discutiremos mais adiante, como as rotinas exaustivas do jornalismo e o comprometimento com a profissão, que faz com que o jornalista ultrapasse obstáculos para entregar um bom trabalho. A nosso ver, no entanto, também retrata o jornalismo como profissão não rotineira, que tira o trabalhador da sua zona de conforto. Diversas coberturas lembradas pelos entrevistados apresentam o jornalismo nesses termos.

Em alguns momentos, porém, o sentido de inconstância ganha intensidade e o jornalismo passa a ser visto como aventura ou atividade que proporciona adrenalina. Traquina (2013) menciona o jornalismo como aventura como um dos mitos da profissão, representado principalmente pela figura do repórter. Ele seria o profissional que “está lá, em cima do acontecimento, em contato direto, a presenciar, testemunha ocular da história em devir” (TRAQUINA, 2013, p. 54). A concepção de jornalista como testemunha da História, capaz de participar de acontecimentos importantes, é trazida por Elder Ogliari e Marcelo Canellas.

De certa forma, **a ideia que me moveu** foi essa, sim. Se tiver que resumir, é **a ideia de participar da História ou de estar perto da onde aconteciam coisas.** (Elder Ogliari)

– Por que você fazia questão de ser repórter? (Lívia)

– Porque eu estava no começo. **Tinha muita coisa pra fazer ainda, né? Muita coisa ainda tenho para aprender.** Mas, assim, naquela época **era um mundo a enfrentar.** (Elder Ogliari)

**Várias vezes eu fui ao Uruguai cobrir encontros presidenciais,** como foi o período do Lula. Teve vários do Lula com o Tabaré, o Jorge Batlle, com o Mujica, depois a Dilma também, algumas vezes... e **aquilo que eu dizia de estar na História acontece...** tem coisas, assim, fui **cobrir o segundo enterro do João Goulart... uma matéria minha fez o Brasil mudar a sua política para o arroz.** Tem coisas, assim, que são gratificantes, né? (Elder Ogliari)

**Sim, eu achava que aquilo** [a cobertura dos caras-pintadas] **ia entrar para a História do Brasil. Mas naquele momento, com a moça pintando, eu não tinha ideia da força simbólica daquele acaso, né?** De ter encontrado aquela moça e ela fazer aquilo... foi pura obra do acaso. E que foi resumido de força simbólica. Algo que ali eu não tinha ideia. **Mas claro que, como em tantos momentos da profissão da gente, a gente tem a sensação de estar cobrindo a História do Brasil. Foi o caso em vários momentos: chacina da Candelária, chacina de Vigário Geral, Massacre de Eldorado de Carajás, tragédia de Santa Maria, eleição do Lula em 2002,** que eu cobri intensamente, **a ideia era de estar acompanhando a História do Brasil diante da gente, diante dos olhos.** (Marcelo Canellas)

Os relatos de determinadas coberturas trazem notadamente os sentidos de aventura e de adrenalina. Eles estão presentes, por exemplo, nas lembranças dos primeiros anos de Marcelo Canellas como repórter da Globo no Rio de Janeiro.

Eu fui para a Globo com 24 anos. Eu era muito verde, embora tivesse potencial; eu estava aprendendo. E foi um grande aprendizado mesmo, especialmente nos primeiros anos lá no Rio, porque **a gente cobria muito a violência. Aliás, é inacreditável pensando hoje no que tu fazia na época... de acompanhar operações policiais junto com a polícia, levar tiro, ficar escondido atrás de um muro. Quantas vezes a gente já fez isso?** Hoje é uma coisa absolutamente impensável. Todas as normas de segurança hoje são muito rígidas. A TV Globo hoje impede a gente de fazer o que a gente fazia antigamente. **Estava em risco permanente.** (Marcelo Canellas)

Segundo Canellas, estar em situações de risco de vida é menos comum hoje do que no passado. Esses momentos, no entanto, fizeram parte da formação da sua identidade profissional. Coberturas perigosas seguiram existindo, porém, com o passar do tempo, exigiam maior precaução. No relato sobre a série Terra do Meio – Brasil invisível, o sentido de aventura é marcante.

Fiz uma série em 2007 de conflitos de terra no sul do Pará, chamada Terra do Meio – Brasil invisível, que foi uma das séries mais premiadas que eu já fiz, pelo Bom Dia Brasil e com grande repercussão. Eu fiz com o Quilião<sup>23</sup>, que era o meu colega, em que a gente mostrou a vida dos beradeiros no Rio Xingú, **a ocupação ilegal de terras públicas**, de reservas ambientais... a gente mostrou isso tudo de uma maneira muito **inédita. A gente foi a lugares que nunca ninguém tinha ido [...]. A gente preparou essa reportagem, ficou bastante tempo produzindo... até porque envolvia riscos. A gente estava tratando de grileiros, né? De ocupação ilegal de terras públicas.** (Marcelo Canellas)

O perigo também é revelado nos discursos dos entrevistados que mencionam ameaças de morte. Foi o que aconteceu com Katia Perin, quando denunciou um esquema de corrupção dentro da Federação Paulista de Futebol. Nesse episódio, o fato de ela ser mulher representou um obstáculo. Para realizar a entrevista com o acusado, Eduardo José Farah, Katia precisou ser acompanhada de um repórter do sexo masculino. No entanto, a ameaça de morte veio depois da entrevista.

Porque eu **era menina e ia enfrentar o Farah sozinha.** Então, um repórter foi comigo. O que não se faz, né? Você não põe um outro repórter para... Mas ele não pôs, **porque ele desconfiava que eu...** entendeu? Ele pôs para me proteger. Fomos em dois repórteres entrevistar o Farah. Não deu outra [...]. O Vendite já sabia que eu estava por dentro... Ele era meu amigo. Foi meio que para fazer **papel de segurança** ali, né? (Katia Perin)

23 Repórter cinematográfico da Rede Globo, falecido em 2015.

Dois dias depois o Juca<sup>24</sup> recebeu um telefonema, falando assim: “Você tem uma repórter chamada Katia Perin. Olha, **cuidado que pode cair uma pedra na cabeça dela quando ela tiver atravessando a rua**”. Falou isso para o Juca. O Juca ficou desesperado. O que o Juca fez? Ele pôs o motorista para me levar e me trazer de casa todo o santo dia. Olha que coisa doida. (Katia Perin)

Já Carlos Wagner relata que, no caso do repórter investigativo, a família também pode ser colocada em situações de risco.

**Eu era um cara muito visado, muito ameaçado, eu não podia sair com a minha família para jantar... eu tinha algumas restrições.** Uma vez eu estava num hotel de férias. Aí eu to passando assim... e um cara... Eu estou passando na frente e a minha mulher atrás. E um cara estava entre eu e ela, caminhando. Aí, o cara fez assim na minha cabeça [**faz sinal com a mão imitando uma arma**]. E a minha mulher, que estava atrás, deu um encontrão no cara. Então, sabe, Lívia... **tu não pode misturar família.** Se tu notar em tudo o que falo de depoimentos, **eu deixo a família fora, porque a família é o ponto frágil do repórter.** (Carlos Wagner)

Ainda assim, ele encara a vida de repórter como uma verdadeira aventura. A falta de rotina definida e os imprevistos encontrados ao longo do caminho são motivos de paixão pela profissão.

– Lívia, a **nossa vida é maravilhosa. É uma montanha-russa.** A nossa vida é uma **montanha-russa. É viciante.** Sabe? A nossa vida é **viciante. É uma montanha-russa.** (Carlos Wagner)

– Mas em que sentido? De não ter rotina? (Lívia)

– **No sentido de que não tem rotina. É uma novidade minuto a minuto. É um desafio segundo a segundo.** O que tu vai fazer, como é que tu vai, como é que tu vai resolver... Entendeu? Eu te digo uma coisa, **Lívia, para ti ser repórter, para ti ser jornalista, tu tem que ser diferente. Se tu acha que tu vai entrar nessa profissão nossa e vai ser um padeiro... nada contra os padeiros, né? Tu vai te frustrar. Tu vai te dar mal.** (Carlos Wagner)

**O risco tem um sabor especial. Tu caminhar no fio da navalha é uma coisa maravilhosa...** (Carlos Wagner)

Os relatos de coberturas de Marcelo Auler também trazem frequentemente o sentido de aventura e adrenalina. Ao falar da investigação jornalística sobre a morte de uma mulher na praia de Grumari, utiliza termos como “trama” e “novela”. O jornalista vê-se como um detetive, que precisa resolver o caso, ou seja, encontrar o culpado. Nesse episódio, discorre sobre a eficiência do seu trabalho em comparação ao da polícia.

<sup>24</sup> Juca Kfoury é um jornalista esportivo, nascido em São Paulo. Foi chefe de reportagem e diretor de redação da revista Placar e também diretor de redação da revista Playboy. Passou, ainda, pela TV Tupi, TV Record, SBT, TV Globo, Rede TV!, ESPN, CNT, TVT, Folha de S. Paulo, Rádio CBN e Uol.

O enfermeiro namorado dela deu um golpe e matou ela. Ia se beneficiar da herança, não sei como. **Esses casos a gente, então, trabalhava neles como se fosse novela. Isso ensinou muita gente da minha geração a investigar na frente da polícia. Enquanto a polícia tinha toda uma burocracia** da intimação, chamar o cara, depor, prestar depoimento, não sei o quê, **nós íamos lá e ouvíamos as pessoas.** (Marcelo Auler)

Para conseguir respostas, Auler não media esforços. Em muitos casos, seguia por caminhos perigosos ou não convencionais.

Conversando comigo banalmente qualquer coisa, [um amigo] me contou que o processo do Manoel Fiel Filho<sup>25</sup> estava arquivado lá e nunca nenhum jornalista ido lá pegar. Claro que **se eu fosse lá como jornalista, eu não ia conseguir.** Então, o que nós fizemos? **Arranjei um advogado amigo meu para ir lá tirar o processo.** Foi lá, o processo estava arquivado na calada. Ninguém nem se preocupou nem em olhar quem era. Mas aí se eu publicasse qualquer coisa, o advogado poderia ser responsabilizado. Então, o que nós fizemos? **Arranjamos mais dois ou três advogados. Eles foram lá e tiraram o processo.** Foram lá, registraram, tiraram, saíram, voltaram... Aí eram quatro. **Eles não teriam como identificar.** (Marcelo Auler)

Ao longo da entrevista, Auler cita envolvimento com políticos, autoridades, procuradores, policiais e até a seu mesmo com criminosos. Uma das situações emblemáticas relatadas foi o recebimento de um telefonema de Fernandinho Beira-Mar quando estava em um ambiente impróprio para o assunto: a escola de suas filhas.

Em um belo dia, eu fui no advogado de um cara chamado **Fernandinho Beira-Mar, que era o maior traficante do Rio, que estava fugido na Colômbia, no Paraguai, ninguém sabia onde.** [...] Eu disse: “Doutor Lídio, o senhor fala com o seu cliente, não fala? Manda um recado para ele? **Diz que o Marcelo Auler do jornal *O Dia* quer falar com ele. Manda ele me ligar**”. E o cara me ligou. [...] Ele ligava em um celular via satélite. Aparecia 0000... **Às vezes eu estava em reunião na escola das minhas filhas e tocava o celular.** Era ele. Eu pedia licença. **Aí depois os pais dos alunos iam para o botequim comigo: “O que ele te falou?”** (Marcelo Auler)

Através de seus contatos, conseguia informações importantes que rendiam grandes reportagens. Foi com a ajuda da polícia que sobrevoou a fazenda de Beira-Mar, mas também não deixou de denunciar policiais quando encontrou sinais de irregularidades.

Sáimos dali e fomos para Ponta Porã na divisa do Mato Grosso com o Paraguai. Fomos falar com a polícia do Paraguai. **Entramos no Paraguai com a polícia**

25 Operário metalúrgico morto durante a ditadura militar, em 1976. A morte, registrada como suicídio, foi investigada pela Comissão Nacional da Verdade

**federal do Rio**, para cortar pé de maconha lá no Paraguai. Alugamos um avião. **Sobrevoamos a fazenda do Fernandinho Beira-Mar, fotografamos, o piloto morrendo de medo... Fizemos uma série sobre o Fernandinho Beira-Mar. Saiu na capa primeira página do *Estadão* a fazenda dele no domingo.** (Marcelo Auler)

As experiências relatadas por Auler também retomam ideias de: missão – o jornalista precisa agir em prol da coletividade; de embate – o trabalho jornalístico, muitas vezes, leva ao confronto; e entrega de si – é preciso se doar para ser um bom jornalista.

### 6.1.1.3 Missão

A evocação do jornalismo como missão é uma das representações do *ethos* jornalístico mais aceitas, dentro e fora da comunidade profissional. Ela refere-se ao jornalista como agente que possui, no campo social, mais do que um simples emprego: ele tem o dever de informar e proteger os interesses dos cidadãos. De acordo com essa ideia de missão, “o jornalismo é um instrumento de intervenção na realidade social, a serviço de interesses maiores” (LAGO, 2002, p. 170), como revela o trecho a seguir.

O que mudou foi a tecnologia, algumas técnicas, algumas teorias, mas a essência acho que é a mesma coisa. É buscar boas histórias, contar boas histórias, **histórias que sejam de interesse público, decisões importantes que afetem a vida das pessoas.** (Elder Ogliari)

Quando eu vi o poder que o repórter tem. **Tu pode mexer, tu pode mudar as coisas fazendo reportagem** (Carlos Wagner)

Nessa categoria, encontramos sentidos que fazem parte da mística profissional: a do jornalista como herói – indivíduo abnegado a serviço da coletividade – como cão de guarda – que vigia a atuação dos demais poderes – e como protetor da democracia. Ter uma missão remete-nos, ainda, à noção de jornalismo como religião (RIBEIRO, 1994), que olha para o bem de todos.

Então, te permite produzir algo, digamos, para o **bem da sociedade** por um lado, por outro te dá acesso a muita coisa, né? [...] acho que é uma **profissão muito rica.** (Ana Estela de Souza Pinto)

A minha visão do jornalismo, eu acho que é essa: que é um trabalho que tem que procurar levar informação relevante e interessante para o público, informação **capaz de manter as instituições funcionando bem, olhar criticamente para os poderes, dar publicidade e tentar trazer luz a abusos de poder que estejam sendo cometidos, ou que alguém esteja tentando esconder...** Enfim, tentar

**esclarecer as pessoas** sobre informações que **mudam a vida delas**, que melhoram a vida delas, acho que é um pouco isso... (Ana Estela de Souza Pinto)

Como aprofundaremos a seguir, os trechos destacados na fala de Ana Estela de Sousa Pinto são uma exceção, porque seu discurso é bastante pragmático. Apesar de trazer esses traços românticos, entendemos que, apenas no caso dela, há uma separação entre a imagem que ela tem da profissão e a imagem que tem de si mesma. Ana Estela aborda o jornalismo de uma forma um pouco mais romantizada quando trata da instituição, da qual ela não se sente inteiramente pertencente. Na maioria das vezes, quando traz algum elemento romântico, logo retoma o pragmatismo. É interessante, no entanto, perceber que a ideia do jornalismo como missão é tão naturalizada que se encontrada em todas as entrevistas, até mesmo na mais pragmática. Essa observação vai ao encontro da reflexão de Fernanda Lopes (2013, p.104) de que “algo que foi mistificado toma ares de natural, como se todo o processo histórico que contribuiu para construção daquele sentido fosse apagado e que as coisas fossem percebidos como essenciais e permanentes – e não fruto de construção o resultado do uso dado a elas”.

Uma das noções ressaltadas por Ana Estela é a do jornalista como cão de guarda, ou sentinela, conforme Alsina (2009), cujo propósito é defender da sociedade. A ideia de que as autoridades precisam ser vigiadas de perto e, quando necessário, criticadas e denunciadas, é recorrente nas entrevistas.

Uma coisa que eu aprendi também com o Dines<sup>26</sup> lá atrás, né? **Jornalista não é para falar bem de governo, mesmo que você concorde. Jornalista é para falar mal do governo, porque você não é assessor, você é jornalista. Então, mesmo que o governo faça algo de bom, o seu papel é falar mal do governo.** Então, por isso que todo mundo fala “jornalista é urubu”. Está sempre falando o que é ruim. Mas porque esse é o papel do jornalismo. **O jornalista tem que falar o que é ruim, o que é bom é o assessor que faz.** (Katia Perin)

Eu acho que o repórter é um **filha da puta de plantão. Hoje mais do que nunca.** O governo mente, sempre mente. Todo o governo mente. **Tu é o cara que está ali para lembrar que ele é um filha de uma puta. Entendeu? Nós somos a pessoa desagradável. Sempre vamos ser. Esse é o nosso papel.** Nós somos a pessoa desagradável. (Carlos Wagner)

O entendimento de que existe uma missão a ser cumprida pelo bem de todos é um importante elemento para o fortalecimento daquilo que Bourdieu (2008) chama de *illusio*: acreditar

---

26 Alberto Dines foi um jornalista, professor e escritor brasileiro. Iniciou sua carreira na revista A Cena Muda. Passou pelas redações da revista Visão, Manchete, Última Hora, Jornal do Brasil, Diário da Noite, O Pasquim e Exame. Criou o Observatório da Imprensa, periódico de crítica da mídia. Faleceu em 2018, aos 86 anos.

nas regras do jogo, que o jogo merece ser jogado. Para colocar-se em campo é necessário crer que há um objetivo a ser alcançado, uma missão que valha a pena o esforço. O papel de cão de guarda pode ser observado em diversos momentos na fala de Marcelo Auler, que trabalhou – e ainda trabalha – para que a corrupção, as irregularidades, os malfeitos tornem-se conhecido de todos. Algumas vezes, atuou a pedido do veículo de imprensa, mas percebe-se que, em muitas outras, foi uma escolha pessoal (como no episódio em que buscou o contato de Fernandinho Beira-Mar, que retomamos a seguir). A imagem de agente que vigia os poderes e, até mesmo, a de herói, que defende os cidadãos dos bandidos e dos corruptos, integra a imagem que tem de si.

Ele [Fernandinho Beira-Mar] **denunciando policial, denunciando corrupção, denunciando... Eu cobrando dele, que ele tinha mandado cortar a orelha do cara que comeu a namorada dele, torturado o cara até morrer.. mas eu tinha um diálogo com ele. Fiz várias matérias com ele. Denunciei polícia federal para caralho... denunciei um cara que trabalhava na CPI do narcotráfico e tinha extorquido o Fernandinho Beira-Mar, que foi demitido. Denunciei um deputado que tinha extorquido o Fernandinho Beira-Mar, que tinha comido um churrasco com traficantes para poder ganhar votos do morro, em Niterói.** (Marcelo Auler)

Aí quando eu fui para o *Estadão* para fazer matérias especiais... e eu **conhecia muito o esquema da polícia federal...** e assim como **eu conhecia o esquema corrupto da polícia federal**, eu conhecia alguns esquemas decentes (Marcelo Auler)

E aí eu comecei a **descobrir podres da Polícia Federal**. E aí me contam uma história de que um **juiz estadual concedia irregularmente** uma autorização para a polícia pessoal do combate às drogas levantar junto às empresas telefônicas dados sobre número de telefone. (Marcelo Auler)

Eu tinha feito matérias com ele sobre **escândalos nos jogos pan-americanos, escândalo da Polícia Federal**. (Marcelo Auler)

**Eu desmistifiquei político. Senador da República...** É um cidadão está cumprindo... hoje está desmistificado, mas **eu desmistifiquei em 78 e 79. Sabia que tinha ali nego fazendo sacanagem**. Lidava com eles, porque eu precisava da informação, mas perdeu aquela aura assim: ah, política! (Marcelo Auler)

Assim, para desvendar segredos e esquemas ilícitos, estreitou laços com criminosos, políticos, juizes e policiais. Não deixou, porém, de denunciá-los quando teve oportunidade, segundo afirma. Tudo isso foi feito devido à crença no bem maior e da convicção de que o jogo merece ser jogado (BOURDIEU, 2008).

Acreditar que o jogo vale a pena também pode ser estimulado pela ideia de que o jornalista tem como missão dar voz a quem normalmente não é ouvido e mostrar realidades que, muitas

vezes, são esquecidas ou apagadas. Entre os entrevistados, Marcelo Canellas é o principal defensor dessa concepção. A imagem de si quando pequeno – de gostar desde cedo de narrativas e personagens – evoluiu para uma visão de si como jornalista que cumpre um papel: buscar histórias não contadas e apresentar para o mundo pessoas desconhecidas, que têm ensinamentos a passar.

Eu sempre achei que o papel do jornalista fosse o de **jogar uma luz sobre temas que são obscurecidos ou pela arrogância do poder, ou pela visão cansada das pessoas de tornar aceitável o inaceitável**. Pra mim sempre foi essa... (Marcelo Canellas)

Fiz uma série em 2007 de conflitos de terra no sul do Pará, chamada Terra do Meio – **Brasil invisível [...] a gente foi a lugares que nunca ninguém tinha ido [...]**. (Marcelo Canellas)

Eu me lembro de uma matéria de um **bombeiro que fazia filmes na periferia de Brasília. Era um campeão de audiência na periferia de Brasília**. Fazia filmes B, de aventura, de porradaria, chamava-se Afonso Brasa. Na periferia de Brasília, exibido nos cinemas da periferia. **Isso era um fenômeno social que a gente mostrou no Fantástico. Então, a gente mostrava uma Brasília fora da ambiência do poder**. (Marcelo Canellas)

Me atraía muito o **Brasil real, do conflito, das contradições, mas das pessoas comuns, que era o que eu buscava**. (Marcelo Canellas)

Na sua missão de mostrar o Brasil “real” ou “invisível”, como chama, Canellas entende que é obrigação sua – e de todos os jornalistas – tentar emplacar pautas, ou seja, convencer os chefes de que essas histórias merecem ser contadas. Entende, porém, que nem sempre é possível conseguir o que deseja. Essa compreensão é expressa nos mesmos termos de Bourdieu (2008): as regras do jogo são conhecidas.

Sempre tive espaço. Sempre tive espaço para sugerir. E **é do dia a dia da profissão... é da nossa prerrogativa tentar interferir, né? “Não” tu vai receber... é da rotina da profissão receber “não”. Mas também é da rotina da nossa profissão emplacar pauta. É a regra do jogo. Isso sempre houve e sempre haverá**. (Marcelo Canellas)

Assim como Canellas, Carlos Wagner também reforça o sentido de que o jornalismo deve contar histórias de pessoas comuns, que merecem ser conhecidas pelo mundo.

O que é mais relevante além do dia a dia do jornalismo? É tu contar a história daquele cara que um dia olhou para a mulher, para os filhos, para o cachorro e disse assim: ‘Chega! Vou para o tudo ou nada! Ninguém mais vai passar fome nessa casa. Nós vamos apostar tudo o que nós temos numa chance.’ Então eu



comecei a me aproximar dessa gente. **Essa gente, Livia, que vive no extremo. [...] Eu encontrei gente pobre, rico, remediado que um dia mudaram as suas vidas.** Aí, um dia, Livia, eu vi que eu **precisava me aproximar dessa gente. Escrever a história dessa gente.** Aí, se tu pegar todos os meus livros: Brasil de Bombachas, Os Infiltrados... **é tudo história de pessoas, né?** Porque eu acredito, Livia, que **o mundo é feito pelas histórias das pessoas.**

**Livia, o conhecimento está nas ruas e não o contrário. Se tu souber ouvir a rua, souber conversar com a rua, as coisas acontecem para ti.** (Carlos Wagner)

Ainda correspondendo à ideia de missão, está a representação do jornalista como perseguidor da verdade e guardião da democracia e da liberdade (TRAQUINA, 2013). Nos relatos de Katia Perin e de Marcelo Auler esses valores são citados como essenciais para o desenvolvimento da sociedade.

[O meu entendimento hoje] é o mesmo. É fundamental. O mesmo que eu achava lá no comecinho, eu acho... é fundamental. **Não tem país sério e desenvolvido sem jornalismo bom e de qualidade.** Não tem. (Katia Perin)

Em princípio eu acho a mesma coisa. Eu **acho que é fundamental para que a democracia exista. É fundamental para que a sociedade seja desenvolvida. É fundamental para a formação das pessoas.** Tudo isso é a essência do jornalismo. (Katia Perin)

A liberdade de imprensa não pertence ao jornalista, nem aos jornais. **A liberdade de imprensa que está na Constituição pertence ao cidadão. Ele tem o direito de que os jornais sejam livres para ele receber os mais diversos tipos de informação e ele escolher qual que ele vai usar,** ele saber com base nas informações diversas que ele recebe, tomar **uma decisão na hora de dar um voto.** Na hora de fazer... então, a **liberdade de informação é um direito do cidadão, um dever do jornalista.** Não é direito... não tem direito nenhum. Tem o **dever de contar a verdade** ao meu leitor. **Na medida em que os jornais não me deixam contar a verdade, eu estou falhando com o meu dever. Na medida em que os jornais não contam a verdade, a liberdade de imprensa é uma mistificação.** (Marcelo Auler)

Eu não tenho a pretensão de achar que o jornalismo diz a **verdade, mas eu acho que procuro. Quem é jornalista do bem procura.** (Elder Ogliari)

A fim de defender os direitos do cidadão, o jornalista, muitas vezes, entra em confronto. Um exemplo já citado é a defesa de Marcelo Canellas pela prerrogativa de emplacar pautas, ainda que isso signifique enfrentar o outro. Essa é a ideia trazida no próximo tópico: o embate.

#### 6.1.1.4 Embate

Se houvesse um profissional que sintetizasse o embate no jornalismo, ele seria Carlos Wagner. São recorrentes em seu discurso termos que remetem a sentidos de confronto e de guerra. Seus colegas de profissão, amigos próximos, são chamados por ele de “companheiros de trincheira”, “amigos de trincheira” ou “companheiros de luta”.

A ideia de tu sair de uma redação não é pelo jornal, é pelos teus **amigos de trincheira**, né? (Carlos Wagner)

Esses colegas de luta são apontados como corresponsáveis pelo sucesso de muitas reportagens de Wagner, algumas feitas em conjunto. O repórter relata ter vivido ao lado deles momentos em que enfrentou o “inimigo”, maneira como se refere, por exemplo, ao editor.

É mais fácil tu **brigar com o editor e ir de matilha para cima dele do que ir um só. O editor é o inimigo**. Então, se tu faz uma matéria importante com três, quatro caras... **tu cerca o cara e bate no cara, né, tchê? Esvazia os pneus do cara, ameaça a família do cara... Faz horrores... [risos]** É que a matéria quando ela é feita em duas, três cabeças, ela é melhor, porque tu **discute, tu briga, tu te agarra no pau. Tu te supera**. (Carlos Wagner)

Então, eu e **colega de trincheira**... eu e o Etchichury<sup>27</sup>, uma vez, pesquisando para uma matéria... chegamos lá e o editor diz assim: “**A matéria de vocês não vai sair**”. “**Como não vai sair? Trinta dias de trabalho!**” Depois, saiu a matéria. **Então, tu sente falta é do teu companheiro**. (Carlos Wagner)

Então, tu tinha que saber que para tu ter algum progresso na tua profissão, tu tinha que ter uma postura de **enfrentamento com os editores**. Por outro lado, isso **te mantinha na corda bamba**. Tu podia perder o teu emprego por ser **um cara chato**, um cara **que estava questionando**, um cara que estava **enchendo o saco sempre**. (Carlos Wagner)

Como nos lembra Bourdieu (1983, 1996), o campo é o espaço, por definição, onde são travadas as disputas entre os agentes sociais. Na concepção de jornalismo como embate, de acordo com a visão de Wagner, o campo jornalístico aproxima-se da ideia de campo de batalha, em que os integrantes lutam para avançar posições, disputam o capital próprio do campo, o de poder dizer. Conforme já mencionamos, o campo jornalístico, como todos os campos, possui regras particulares e posições fixadas *a priori*, que, no, entanto, estão permanentemente em disputa, em conflito: o

---

27 Carlos Etchichury é editor-chefe do jornal Zero Hora.

editor, por exemplo, tem autoridade para decidir o que será publicado ou não. Para Wagner, esse editor é um dos obstáculos na luta do repórter pela conquista de capital (recursos), dentre os quais está o sucesso na profissão.

A faculdade forma jornalistas, **o cotidiano forma repórteres, a luta forma repórteres**. O repórter é um **eterno inconformado**. (Carlos Wagner)

Tu está sempre correndo. Está sempre **tentando fuder alguém e fuder uma pessoa não é fácil. Tu tem que ter prova**. Tu está sempre no **teu mundo**. Tu está sempre à procura de alguma coisa para **detonar alguém**. (Carlos Wagner)

A imagem de si de Carlos Wagner é claramente vinculada ao seu *habitus*. Conforme vimos a partir de Bourdieu (1983), as práticas decorrentes do *habitus* são condicionadas pela antecipação das consequências, com base nas experiências passadas do indivíduo e do grupo social no qual está inserido. O fato de Carlos Wagner ver o campo jornalístico como uma arena de lutas está diretamente relacionado com as experiências que teve na infância e na juventude. Em vários momentos da entrevista, ele ressalta, que sendo filho de prostituta em uma cidade pequena, precisou, desde muito cedo, aprender a se defender e a atacar.

**Marginalizada é uma palavra** que a Taís colocou... **elegante** [em um texto sobre a vida de Wagner]. **Eu era bandido. Eu nunca levei desaforo para casa**. Tu entende? Quando tu é... **quando tu não pertence**, quando tu tá numa cidadezinha e **tu é a exceção, né? Tu tem que botar respeito. Todo mundo vai bater em ti. Eu era um brigador. O cara podia me bater, mas eu pegava ele à traição depois**. Sabe? Tu não tem chance. **Acho que aí foi o que me moldou**. [...] Eu acho que eu fui abençoado de **desde criança saber navegar**. Não basta tu ser inteligente, **tu tem que saber navegar, porque todo mundo te bota uma casca de banana na frente**. (Carlos Wagner)

Tu ter uma infância e uma adolescência em uma cidade do interior, quando a tua mãe é a puta da cidade, ou tu vê as coisas ou tu não vê e tu te fode. É sempre assim, porque... **eu acho que o repórter é aquele cara que tem problemas, que tenta se superar no trabalho**. (Carlos Wagner)

Olhar para o mundo com desconfiança e saber brigar são disposições que vêm da sua própria vida, mas também da história coletiva, no seu contexto social (BOURDIEU, 1983). O modo de agir e pensar de Wagner também têm origem nas experiências dos outros significativos (BERGER; LUCKMANN, 2012): da sua mãe, avós e outras pessoas presentes na sua criação.

A minha família nasceu no interior de Santa Cruz. Aí, na Segunda Guerra, o vô era chamado colono forte. Colono forte era quem emprestava dinheiro. Aí, os caras

inventaram que o vô era nazista. Mas no interior de Santa Cruz, tu fala alemão. Eles não falam português. **Aí a Brigada foi espionar o vô. Estou te falando na Segunda Guerra. Aí, a minha vó atirou uma chaleira de água quente em um brigadiano. Foram presos, né?** E teve lá em Santa Cruz, na Segunda Guerra, **muitas famílias perderam tudo.** (Carlos Wagner)

A mãe me ganhou, tinha 16 anos. **O que uma alemoazinha, que mal falava português, com um ratinho no colo, que era eu, com 16 anos, iria fazer para sobreviver? Ser puta, né?** (Carlos Wagner)

**Eu cresci, Lívia, vendo as mulheres lá da mãe apanharem, sendo humilhadas, né? Pelo simples fato do cara não ter levantado bem aquele dia. Então, eu tenho uns freios sociais muito fortes nesse setor.** (Carlos Wagner)

A visão de mundo formada na infância e reforçada na adolescência foi determinante para a escolha da profissão e, segundo ele, também para o sucesso do seu trabalho.

**Lívia, eu fui para o jornalismo para me vingar dos caras que tinham me detonado a vida toda. Eu vi na primeira história que eu vi no jornalismo, uma oportunidade de vingança.** (Carlos Wagner)

A gente vai movido por uma série de coisas, que a gente não sabe exatamente o que é. Com o andar da carroça, as melancias vão se acomodando. Mas eu te digo uma coisa: **foi a vingança que me puxou para o jornalismo e foi a razão que me fez transformar o meu sentimento de vingança em uma coisa positiva.** (Carlos Wagner)

– **Essas experiências têm relação com o fato de você ter se tornado jornalista?** (Lívia)

– **Não. Isso tem a ver com eu ter me tornado um repórter de sucesso, de eu ter 17 livros e ser um dos caras mais premiados, ter sido homenageado pela Abraji o ano passado, ou retrasado. Tem a ver com o meu sucesso.** (Carlos Wagner)

O *habitus*, como lembra Bourdieu (1983), é durável, porém, não imutável. Há espaço para mudanças. Os modos de ver e agir no mundo são portanto transformados, reforçados, ressignificados. Através das sucessivas socializações ao longo da vida, a identidade é reconstruída (DUBAR, 1997), como se pode ver no trecho a seguir.

**Durante a vida do repórter, coisas vão acontecendo...** coisas que tu bota para fora, que tu não quer, e coisas que tu quer. E lá no final tu escolhe o teu perfil de trabalho. É assim que a coisa acontece. **Agora, isso não significa que quem é filho de uma prostituta seja um fracassado. Entendeu?** (Carlos Wagner)

Tu pode nascer em berço esplêndido ou tu pode nascer em berço classe média, ou tu pode nascer em berço pobre, ou tu pode ser filho de uma prostituta, que é o meu

caso. **O que vai dizer para o que tu veio ao mundo é o teu trabalho.** (Carlos Wagner)

O trabalho do repórter, por si só, pode gerar situações de embate. É o que percebemos nos trechos, citados no tópico anterior, sobre as coberturas perigosas e ameaças de morte que alguns entrevistados relatam. Investigar, cumprir o papel de cão de guarda, pode gerar conflitos com os quais o repórter tem que lidar. O grande número de processos judiciais enfrentados, ainda hoje por Marcelo Auler, bem como as ações de censura contra o seu blog, são um exemplo disso.

No O Dia eu **recebi 67 processos**, com uma única matéria. Quatro matérias. (Marcelo Auler).

Os três juízes sabiam, os procuradores da área criminal sabiam. Aí apareceram **50 denúncias contra mim, processos de danos morais e nove queixas-crime.** (Marcelo Auler)

Na minha época, que eu frequentava a Procuradoria, eles faziam uma denúncia, que não era segredo de justiça, eles me mostravam a denúncia. Mas eu ia lá ouvir os outros lados. Eu ia lá checar. Não era receber e publicar apenas. **Tanto que eu sou processado, condenado a pagar mil salários-mínimos a um juiz que morreu.** (Marcelo Auler)

Aí eu descobro que um outro delegado que eu tinha denunciado também tinha pedido **censura e tinha conseguido censurar mais oito matérias.** (Marcelo Auler)

E aí eu começo a minha **briga** judicial. (Marcelo Auler)

A censura é citada pelos entrevistados que vivenciaram de perto o período da ditadura militar. Carlos Wagner e Marcelo Auler precisaram encarar a ditadura nas redações. Esse foi um período tipicamente de conflito. Apesar disso, em vários momentos, a saída relatada era a de tentar driblar a repressão ou a autocensura. Os relatos das passagens em que conseguiam enganar o censor remetem à imagem do jornalista como estrategista.

**A gente driblava isso.** Lembro que nós fizemos uma bela matéria sobre comunidades eclesiais de base. Era a maneira que a Igreja estava organizando o povo, comunidades locais, para reagir, para se defender, defender seus direitos, essa coisa toda... então **algumas coisas a gente conseguiu emplacar.** (Marcelo Auler)

**Muitas vezes cortava.** Então você tinha que fazer um texto voltado para **driblar. Eu tive matérias inteiras dribladas e outras censuradas.** (Marcelo Auler)

Eu me lembro que ele [Chico Buarque] foi ensaiar o show, em um teatro ali na Lagoa e marcou de conversar comigo lá. **Aí eu gravei ele falando sobre censura, sabendo que não ia sair no Movimento. Saiu a matéria no Movimento, foi reproduzida em um jornal de Portugal...** meses depois eu precisava fazer um trabalho da faculdade de rádio. Com aquela gravação, **eu e o grupo fizemos a censura na obra de Chico Buarque, então a gente foi botando as músicas censuradas,** foi o maior sucesso, e o Chico falando... e **depois essa matéria sobre censura, quando *O Pasquim* deixou de ser censurado, a gente publicou, no final do ano, o Chico falando sobre censura.** (Marcelo Auler)

Eu fui **enfrentar a ditadura militar** em 83 na redação da *Zero Hora*. **Ali o bicho pegou.** Ninguém dizia para ti que tu não pode escrever. Tu sabia que tu não podia escrever. Todo mundo sabia o que tinha que escrever e o que não tinha que escrever... **O que tinha que mascarar no texto, todo mundo sabia. Justamente eu escolho na *Zero Hora* fazer matérias sobre os Sem-Terra. Eu tive grandes problemas, mas eu naveguei.** (Carlos Wagner)

Marcelo Canellas lembra dessa época não pela censura no trabalho: ainda não era jornalista nos anos de repressão. Mesmo assim, foi uma fase em que desenvolveu uma consciência política, importante para a sua formação.

Era um **período duro** em Santa Maria. Santa Maria tem **um dos maiores contingentes militares do Brasil** proporcionalmente ao número de habitantes. Se eu não me engano são 13 quartéis, mais a base aérea... enfim, era uma cidade que vivia, viveu o ápice da ditadura. [...] **Fui entrar em contato com a realidade do arbítrio da ditadura na adolescência, né? Eu entrei na escola, aí comecei a me atentar.** Meus pais sempre foram muito ligados à questão de direitos humanos, ligados à área social da igreja, das comunidades eclesiais de base, uma família de esquerda, esquerda católica, digamos assim.

A tomada de consciência política é um elemento importante na construção da identidade pessoal e profissional de Canellas e de outros jornalistas. É, por isso, um sentido do discurso romântico a ser explorado.

### 6.1.1.5 Politização

A politização e o ativismo são sentidos que vinculamos à natureza do jornalismo como agente construtor da realidade social. São, portanto, importantes para muitas pessoas que escolhem a profissão. A consciência política está estreitamente relacionada com o interesse pelas questões sociais e a vontade de modificar a realidade. Aproximam-se dela alguns sentidos já discutidos aqui: a defesa da democracia e da liberdade, a vigilância dos outros poderes e o interesse em dar voz àqueles que normalmente não são ouvidos. A politização é um sentido recorrente, especialmente,

nas falas de dois jornalistas: Marcelo Auler e Marcelo Canellas, Está presente desde antes da formação da identidade profissional até hoje.

Conforme adiantamos, as lembranças da juventude de Canellas são bastante relacionadas à política e ao desenvolvimento de uma visão crítica do mundo. Durante o período de faculdade, seja no curso de Agronomia ou de Jornalismo, militou no movimento estudantil. Ele relata uma intensa militância nos tempos de ditadura militar e na redemocratização, assim como um envolvimento político no âmbito acadêmico.

**A ditadura já estava nos seus estertores e as manifestações... já se tinha a questão da anistia, já se começava a respirar ares mais democráticos.** Depois, eu entrei na universidade primeiro na Agronomia. O primeiro vestibular que eu fiz foi para Agronomia. Ainda era o governo Figueiredo, 1983. Eu entrei na universidade, passei em Agronomia. **E militava no movimento estudantil. Fazia passeatas contra a ditadura e então vivi intensamente esse período.** (Marcelo Canellas)

– E como foi o seu tempo de UFSM? (Lívia)

– Foi um período maravilhoso. **Vivido intensamente e com intensa militância no movimento estudantil, tanto no movimento estudantil mais geral... assembleias da UE, UNE, até o movimento estudantil da comunicação social. Eu fui presidente do Diretório Acadêmico da Comunicação Social, fui diretor do DCE e fui da executiva nacional dos estudantes de Comunicação.** Santa Maria teve um ano em que a gente foi eleito para executiva nacional dos estudantes de comunicação. Integrei como representante dos estudantes uma coisa que havia na época que é comissão nacional pela melhoria do ensino de jornalismo, que era dois jornalistas da Fenaj, dois professores e dois estudantes. Eu era um dos estudantes. [...] **participei ativamente da vida universitária e da vida do movimento estudantil e acadêmica ligada ao jornalismo, das discussões sobre o currículo, sobre teoria da comunicação mesmo.** (Marcelo Canellas)

O reitor naquela época, Gilberto Benetti, **foi eleito pelo voto universal de estudantes,** funcionários e professores, que, naquele momento, era um grande avanço simbolicamente falando de afirmação da democracia. [...] Naquele momento da vida brasileira, **o voto universal era simbolicamente um passo adiante na conquista da democracia.** Eu me lembro de uma assembleia no estádio da universidade completamente lotado, com 5 mil pessoas, em que os candidatos a reitor falaram. (Marcelo Canellas)

Acabaram as minhas próprias férias. Cumpri o último ano de faculdade. **Militando no movimento estudantil, como sempre.** Me formei no fim de 87. (Marcelo Canellas)

A política andou lado a lado com o jornalismo também na vida de Marcelo Auler até hoje. O interesse surgiu nos tempos de escola. No entanto, a todo o momento no relato da sua vida esse sentido é retomado.

Essa **politização** veio no colégio marista [...] Aí eu consegui começar a discutir, a **ganhar consciência política**. Essa **consciência cresce** em 1974, quando eu entro no jornalismo. (Marcelo Auler)

Enquanto para Canellas, a politização foi um elemento de identidade herdada (DUBAR, 1997), uma vez que caracteriza sua família como sendo de esquerda católica, ligada à questão de direitos humanos, Auler construiu sua visão política separadamente da família. De seis irmãos, apenas um se aproximava dele politicamente.

**O ser de esquerda era visto com reservas** e com certo... em determinado período meu pai não gostava. Ele tinha uma irmã que era freira. Uma vez eu peguei uma conversa dele e com a irmã, dizendo que **lamentava ter um filho jornalista de esquerda e um padre progressista na família**. (Marcelo Auler)

A consciência política foi um elemento da sua identidade reforçada ao longo da vida e sua carreira, a partir do envolvimento com movimentos sindicais, da participação na formação do Partido dos Trabalhadores e da relação pessoal construída com Luiz Inácio Lula da Silva.

Nesse período eu já **começo a participar do movimento sindical** dos jornalistas, que era pela **retomada do Sindicato dos jornalistas**, que **estava entregue nas mãos dos pelegos**<sup>28</sup>. (Marcelo Auler)

Toda a vez que o Lula ia à Brasília, nós bebíamos juntos, conversávamos juntos, **discutíamos o Partido dos Trabalhadores juntos. Lula, Jacó Bittar**<sup>29</sup>, **Olívio Dutra**<sup>30</sup>... **conheci o Lula em 78 e isso teve influência na minha vida profissional e pessoal. Ir pra Brasília foi uma grande jogada que eu fiz profissionalmente**. (Marcelo Auler)

Estava **envolvido** com o trabalho, **envolvido com o movimento sindical. Entrei no sindicato**... nunca fui diretor, nunca fiz mandato no sindicato. Me convidaram, mas eu nunca aceitei. **Mas eu sempre participei e botei a cara a tapa. Eu participava disso tudo e não tinha saco para a faculdade**. (Marcelo Auler)

Um exemplo de comprometimento com a política é o episódio em que sai de férias a fim de trabalhar na campanha de Lula para presidente da República, em 1989. Ele estava na editoria de política do *Jornal do Brasil* e decidiu dividir a decisão com a chefia.

28 “Pelego” era a forma como eram chamados os líderes sindicais ou do movimento estudantil que se situavam à direita no espectro político-ideológico

29 Jacó Bittar foi um dos fundadores do Sindicato dos Petroleiros de Paulínia e Campinas, da Central Única dos Trabalhadores e do Partido dos Trabalhadores.

30 Olívio Dutra é um político e sindicalista brasileiro. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores. Foi governador do Rio Grande do Sul (1999-2003) e prefeito de Porto Alegre (1989-1993). Também foi ministro das Cidades no governo Lula (2003-2005).



”Nas minhas férias eu posso fazer o que eu quiser da minha vida?”. “Pode”. “Ótimo. Estou dando só uma satisfação para vocês não saberem pelos outros. **Eu vou tirar férias e vou trabalhar gratuitamente na campanha do Luiz Inácio Lula da Silva**, com meu amigo, meu irmão, Ricardo Kotscho<sup>31</sup>. **Eu não vou ganhar dinheiro.** (Marcelo Auler)

Ainda que Auler defenda abertamente um partido político, falar em politização não significa tratar do vínculo com algum grupo ou candidato específico. Está relacionada, no entanto, com o envolvimento com temas sociais e com consciência crítica. Não à toa, Marcelo Canellas construiu uma carreira marcada por reportagens de cunho social. Além disso, mostra-se ainda um ativista. Mantém um grande engajamento com questões que envolvem a cidade de Santa Maria: envolveu-se com o movimento de vítimas da boate Kiss; atua na defesa do patrimônio arquitetônico da cidade.

**Participei ativamente do movimento pela desapropriação da Kiss**, que o perfeito concretizou, e pela realização de um concurso público para construção de um memorial às vítimas da tragédia no lugar da boate. **Aproximei a prefeitura, a associação das vítimas e Instituto dos Arquitetos do Brasil. Fiz o meio campo.** (Marcelo Canellas)

Eu sempre fui encantado com essa **arquitetura antiga da cidade e os casarões antigos, muitos deles em ruínas**. O **casarão que eu achava mais bonito da cidade, me dava uma pena de ver ele sendo destruído pelo tempo**. Um dia eu bati lá, perguntei quem era o dono. Me explicaram quem era... **fiz uma proposta e comprei o casarão**. [...] **Aí conheci os meninos da TV Ovo. Eu já sabia que era uma ONG nascida na periferia**, na zona Oeste da cidade, onde ficam as vilas pobres de Santa Maria [...] A TV Ovo se dedica à memória, fazendo documentários sobre, os distritos, bairros, pessoas... com a capacitação de jovens da periferia. Eles estavam para ser despejados pela prefeitura. [...] Eu fui e conheci os meninos e: “esses caras são sensacionais. Fazem um trabalho maravilhoso”. Chamei eles e: **“o que vocês acham de ocupar esse galpão?”** (Marcelo Canellas).

Agora estamos fazendo um **documentário sobre o acervo Art Déco na arquitetura da cidade**. (Marcelo Canellas)

Quando questionado se sua visão do jornalismo mudou do início da sua carreira para cá, a resposta de Canellas reforça o *ethos* romântico, envolvendo o sentido aqui explorado: o ativismo. Tanto ao lembrar do passado quanto no presente, seu discurso carrega traços de utopia e emotividade.

---

31 O jornalista Ricardo Kotscho passou por alguns dos principais veículos de comunicação do Brasil: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, IstoÉ, Época, TV Globo, CNT, SBT, Rede Bandeirantes, TV Record, Revista Brasileiros. Foi, ainda, secretário de Imprensa e Divulgação da Presidência da República, de 2003 a 2004, no governo Lula.

**Quando mais jovem você acha que vai mudar o mundo fazendo jornalismo. Depois você aprende que, sim, o jornalismo ajuda a mudar o mundo, mas ajuda a mudar o mundo jogando luz sobre aquilo que está obscurecido. O que muda de fato a realidade é a sociedade politicamente organizada. Isso o jornalista tem que saber. Eu continuo com o mesmo desejo de mudar o mundo que eu tinha quando me formei. Só que hoje eu sei que eu sou um dos agentes dessa mudança. Mas eu não sou o principal. O principal é a sociedade politicamente organizada.** (Marcelo Canellas).

#### 6.1.1.6 Comprometimento e entrega de si

Elencamos como “comprometimento” todas as passagens no discurso que tratam sobre uma dedicação ao jornalismo, que exige esforços do profissional. Já a entrega de si é o comprometimento em um nível mais profundo. Significa uma dedicação total ao jornalismo, a ponto de a profissão estar em primeiro lugar diante de outras esferas da vida pessoal. Juntos, compromisso e entrega de si, formam a categoria mais recorrente nos discursos dos jornalistas entrevistados, o que é um dado importante para reflexão. Essa categoria vai ao encontro da tese defendida por Travancas (2011) de que ser jornalista implica em adotar um *commitment*, uma adesão à profissão.

Traquina (2013, p.51) discorre sobre o que chamamos de entrega de si. O autor a considera naturalizada na cultura jornalística: “O jornalista casa-se com a profissão; o jornalismo exige dedicação total; o jornalista trabalha 24 horas por dia. Ainda mais, o jornalismo exerce-se sempre em clima de urgência; o jornalista não tem tempo: não pode jantar em paz; não tem tempo para luas de mel”. Percebemos, assim, que o “casamento com a profissão” é, de fato, uma ideia já naturalizada, para usar o termo do autor, o que é confirmado na análise das entrevistas.

É preciso ressaltar que estamos trabalhando com uma linha tênue. O amor e a dedicação com a profissão são sentidos positivos, que compõem a visão romântica do indivíduo sobre a sua atividade. Ao mesmo tempo, ao ultrapassar as fronteiras do trabalho, essa entrega total ao jornalismo acaba transformando-se em sofrimento e angústia para satisfazer as exigências das empresas e do mercado, como exploraremos a seguir. Temos clareza, portanto, que essa condição também produz danos para a vida pessoal dos profissionais. Aspectos da profissão como longas horas de trabalho e falta de tempo para a família são alguns dos elementos que serão retomados na discussão sobre o discurso de mercado.

O forte compromisso que se estabelece com a profissão faz com que o jornalista ultrapasse barreiras para cumprir com a sua tarefa (ou missão). É o caso, já mencionado, de Katia Perin e as coberturas de futebol nos estádios. Diversas vezes, ela precisou enfrentar constrangimentos para entrevistar os jogadores nos vestiários e cumprir a sua função.

Eu sempre fui uma pessoa bem na minha, assim, e mais tímida, assim. Então, **não era uma situação que eu estava completamente à vontade. Mas quando eu tinha que fazer isso, eu fazia. Eu entrava e ficava esperando.** (Katia Perin)

Várias situações que os caras... como eu falei, a grande maioria respeitava. A grande maioria entendia. Mas **sempre tinha o abobalhado que achava que eu estava fazendo aquilo, porque eu queria ver alguém pelado lá, sabe? Sempre tinha. E é futebol, né?** A gente não pode esquecer que futebol também tem lá uma parcela de gente muito baixa ali, né? De gente muito despreparada ali, jogando principalmente. **Técnicos que me proibiam de ficar onde outros jornalistas ficavam, por exemplo, do lado do banco. O técnico achava que eu não podia ficar do lado do banco, quando outros homens ficavam.** Entendeu? (Katia Perin)

**Eu podia dizer: “Não. Esse aqui não é o emprego para mim, né?” Não. Eu fui e fiz.** Então também foi uma forma de exercer o feminismo, né? **Eu fui lá e fiz. Era o meu trabalho, como era o trabalho de um homem.** Se é o trabalho de um homem, é o meu trabalho também, né? Não era o trabalho de um homem. **Era um trabalho de um jornalista e eu era uma jornalista. Então, eu estava lá.** (Katia Perin)

O compromisso com a profissão levou Marcelo Canellas a enfrentar uma das coberturas mais difíceis da sua vida: o incêndio da Boate Kiss, em 2013. Como já mencionado, o jornalista tem uma relação muito próxima com a cidade onde cresceu e onde hoje vive sua mãe. Ele estava de férias no dia da tragédia. Ainda assim, recebeu um pedido para que fosse até a cidade fazer a cobertura. Canellas conta que, primeiramente, negou o pedido, pois se sentia emocionalmente envolvido. No entanto, depois, decidiu aceitar. Interrompeu as férias e encarou o retorno à cidade em luto.

**Eu estava de férias** no dia 27 de janeiro de 2013. **Eu estava de férias.** O diretor da época, o Luiz Nascimento<sup>32</sup>, me ligou “Pô, a gente acha que você tinha que fazer uma matéria. Tu é de lá...”. E eu: “Bah, Luizinho. Não tô legal pra fazer”. “Não, beleza...”. Mas aí isso era domingo. **Quarta-feira eu liguei “quer saber de uma coisa? Eu preciso ir.” Aí fui.** Cheguei em Santa Maria na quinta-feira. Tinha acontecido no domingo, né? Fiz uma matéria com as famílias dos sobreviventes e **foi complicado porque eu me via naqueles meninos, né?** Eu durante os quatro anos da faculdade de jornalismo eu ia todo o fim de semana para a boate do DCE, que funcionava na catacumba da casa de estudante. Só tinha uma portinha de entrada e saída e ficava umas 800 pessoas lá dentro todo o fim de semana. Se acontecesse alguma coisa lá, morria todo mundo. Acho que seria uma tragédia pior que a da Kiss. Então, **eu me via naqueles meninos. Sem contar que eu conhecia boa parte... boa parte não.. umas dez famílias eu conhecia.** (Marcelo Canellas)

---

32 Luiz Nascimento foi diretor do programa Fantástico, da Rede Globo, por 25 anos. Deixou o cargo em 2017.

Em diversos momentos, o comprometimento com a profissão é vinculado ao sentido de persistência. Para conseguir finalizar uma reportagem investigativa ou revelar algo novo, é preciso um esforço pessoal, que ultrapassa as condições normais da jornada profissional. É o que relata Katia Perin sobre uma apuração que marcou a sua carreira. Ela recebeu o desafio de encontrar todos os meninos que fizeram parte do primeiro time de futebol do Pelé, em Bauru.

Era uma foto preto e branco do time do Pelé, quando o Pelé tinha 10 anos de idade. [...] Ele agachado e os outros meninos fuleiros, tudo lá, 12, 13 anos. Atrás tinha: Maninho, Paçoca, Fuleco, Pelé. Todos os apelidos. Era a escalação do time. [...] “Sempre pensei em fazer onde que estão esses caras, quem são esses caras hoje. Já dei essa pauta para muita gente, nunca ninguém achou. Você não quer tentar?” [...] **Aquilo foi muito legal de fazer. E não foi fácil. Essa era uma matéria que foi longa, porque cada um morava em uma parte do país. Eles todos tinham seguido vida. [...] Mas foi o maior trabalho... porque hoje você faz nas redes sociais, né? Você vê o cara... “Esse aqui. Vamos ver a lista de amigos dele. Tem aqui o fulano...”. Em dez minutos você achou todo mundo. Eu levei quatro meses para achar todo mundo.** E era assim... [...] Tá, o Vladimir Pereira da Silva, você sabe que hoje está morando em Sorocaba. **Aí eu ia para a lista telefônica e ficava ligando para todos os Vladimir Pereira da Silva,** entendeu? “O senhor foi o que jogou com o Pelé quando era criança?”. “Quê?”. Não era. Sabe, era assim. Era esse o sistema. Até que eu fui e achava um. Achava um e esse um sabia de mais dois. Sabe? (Katia Perin)

A persistência aparece diversas vezes na fala de Marcelo Auler também. Muitas vezes por conta própria, tomava caminhos difíceis, cansativos e até não convencionais para descobrir alguma informação. O furo jornalístico aparece algumas vezes, nessa categoria, como uma recompensa para aquele jornalista que tem comprometimento com a profissão e não desistiu de perseguir a notícia.

E aí eu aprendi isso,  **você garimpar matéria. Ir conversar; bater na porta do gabinete. “Olá, como vai? Tudo bem? Que novidade tem?” As pessoas nem sempre fazem.** Ou hoje fazem por telefone. E quando a conversa frente a frente é muito melhor. (Marcelo Auler)

Eu não entendia porra nenhuma de economia, como não entendo... macroeconomia. Eu **fui buscar meu filão:** sindicalismo, fraudes no banco... **dando furo em cima de furo.** Eu era amigo de uma garota do O Globo e eu **dava furo nela todo dia,** porque eu peguei um filão. (Marcelo Auler)

Como o superintendente era meu amigo, **eu liguei para ele,** contei a história e ele me solta: **“Porra. Essa história eu não falo para você”.** E eu: “Então, é  **sinal de que é verdade.** Estou indo para aí” [...]. **Aí eu liguei para uns amigos meus. Consegui entrar no registro do Detran.** [...] O Ancelmo<sup>33</sup> dizia: “Isso aí não vai render nada”. **“Ancelmo, liga para São Paulo e diz que precisa visitar as fábricas que blindam carros. A maior delas é a Marsale”.** [...] Isso me deu um

33 Ancelmo Gois é um jornalista e colunista brasileiro. Assinou, por muitos anos, o Informe JB, do Jornal do Brasil. Mantém uma coluna no jornal O Globo. Foi chefe do escritório da revista Veja, no Rio de Janeiro.

**Prêmio Esso na equipe de jornalismo.** Mas foi a **persistência, correr atrás, ligar, checar, vamos lá, vamos fazer.** (Marcelo Auler)

Assim eu recebi os livros de contabilidade. Aí eu **tive o saco de fazer o que ninguém fez.** Eu, com vários operadores no computador, que naquela época era uma merda. Eram operadores de receber anúncio por telefone. **Pegamos três ou quatro caras desses e mandamos digitalizar todo o livro.** Toda a contabilidade. Depois **fizemos os cruzamentos. Aí começamos a descobrir quem foi que ganhou mais dinheiro, quem foi que ganhou menos dinheiro, que gastou...** Saímos fazendo a reportagem [...] **Viramos a madrugada toda refazendo isso.** Mas aí quando saímos com a matéria, **destruímos todo mundo.** (Marcelo Auler)

Eu **ia diariamente nas salas dos procuradores.** [...] **Eu corria atrás.** E tinha uma procuradora que estava investigando o jogo do bicho, a fraude da Receita Federal. Aí eu comecei **a fazer um jogo, que eu sempre fiz na minha vida. Eu levava informação, para depois pedir informação.** (Marcelo Auler)

Em cada processo desses vinha o nome de policiais federais, então eu **copiava à mão nome por nome.** Foram **960 nomes ou coisa assim que eu copiei.** Depois, eu **ia no terminal burro, jogava e anotava os processos criminais que tinha.** Depois, eu **tinha que ir nas varas para saber que processo é aquele,** para saber se aquele cara era mesmo policial federal, não era um homônimo dele (Marcelo Auler)

Ontem ela me falou: pô, consegui falar com um médico. Eles não estavam falando. Aí depois ela me contou: **fui expulsa de seis clínicas.** Aí eu disse: **mas é assim que se consegue. Sendo expulsa de seis, na sétima você consegue.** [...] **tem que ralar no espinho. Tem que gastar sola de sapato.** (Marcelo Auler)

Essa é uma característica forte da identidade profissional de Marcelo Auler – a *illusio*, de Bourdieu (2008). A imagem de si é a do verdadeiro jogador. Ele acredita no jogo; acredita que o jogo merece ser jogado, cria estratégias para alcançar seus objetivos e não mede esforços. O furo, o prêmio e o reconhecimento são formas de capital próprias do campo jornalístico que procura alcançar. Essa imagem de si não é apenas a do passado, como mostram os trechos em que fala de acontecimentos recentes.

Noticiar é isso... **um escândalo, mas dá trabalho. Você tem que correr atrás.** Eu **vou ter que sentar de hoje para amanhã e ajudar o meu advogado** lá, que ele vai fazer uma petição jurídica (Marcelo Auler)

No momento da entrevista, Marcelo Auler tinha retornado há pouco de uma viagem, paga por ele próprio, ao Ceará, onde foi fazer uma grande reportagem.

Quando eu soube que tinha uma caminhada lá em Senador Pompeu, no Ceará, **eu do meu bolso paguei uma passagem.** Se eu estivesse no jornal, eu ia dividir com

o JB. Tenho esse acordo. **Mas eu fui lá ver. E ao andar pela cidade. Eu desci de avião em Juazeiro. Eu tinha que ir a Iguatu, que era a sede da Diocese, onde tava o bispo, que me deu informação, onde tava um padre amigo meu. Então um carro foi me buscar. Eu fui até Iguatu. De Iguatu eu fui a Senador Pompeu. De Senador Pompeu eu voltei a Iguatu, [...] eu fui a Pedra Branca, e aí eu voltei... aí eu fui rodando e fui olhando, cada casa, nos mais diversos locais, mais longínquos, com uma cisterna d'água – a cisterna do Lula. Aí eu percebo que no Ceará tem sete anos que não chove. E não tem flagelo. Por quê? Porque tem água em casa.** Então, pô, eu fui fazer a caminhada, a história do campo de concentração. Fiz, teve uma repercussão enorme. **Podia ter ido embora. No meio do caminho eu parei e filmei, fotografei. Agora eu vou escrever uma matéria sobre cisterna.** (Marcelo Auler)

O pagamento da viagem do próprio bolso aparece em mais de um momento na entrevista. O comprometimento é, assim, intensificado, ultrapassando os limites da atividade profissional e avançando para outras áreas da vida pessoal. A entrega de si é recorrente na fala de Auler e de todos os outros jornalistas entrevistados.

Lá vou eu, **com a minha conta**, porque aquela altura o livro que eu ia fazer dançou. O cara que ia pagar a minha passagem não pagou. **Eu morri na grana. Vou eu por minha conta. Volto a Curitiba. Falo com o procurador.** (Marcelo Auler)

Quando a profissão passa a tomar todo o tempo e a atenção da pessoa, a família é normalmente prejudicada. Canellas conta que sempre viajou muito, inclusive quando seus filhos eram pequenos. “Eu *tive* que fazer uma viagem longa”, diz, o que sugere o compromisso como a profissão. No entanto, acredita que consegue lidar bem com isso, pois, quando está em Brasília, consegue aproveitar o tempo que tem com eles.

Eu tinha uma qualidade de vida junto com eles... **tem um episódio cômico**, assim, em que o Pedro, meu filho mais velho... ele tinha poucos meses quando **eu tive que fazer uma viagem longa**. A criança com poucos meses, ela cresce muito. Quando eu vi ele de novo, **ele estava bem diferente e ele não me reconheceu** [risos]. **Me estranhou no começo, chorou, não queria vir no meu colo.** Depois, com o tempo, ele foi sacando que eu era eu... então tem um episódio cômico... das minhas primeiras viagens na vida do Pedro. (Marcelo Canellas)

Já Katia Perin e Marcelo Auler chegaram a optar pela troca de emprego para ter mais tempo para os filhos, o que, no fim, não significou uma menor dedicação ao trabalho.

Aí o cara me chamou para almoçar com ele, o Mario Sergio Conti<sup>34</sup>. “Por que você quer ir embora?”. **“Porque eu quero ser feliz. Eu quero ver a minha filha crescer. Minha filha vai fazer um ano. Eu não encontro minha filha. Eu não vejo a minha filha. A *Veja* me consome. Eu estou ficando burro”** (Marcelo Auler)

**Aí minha filha já tinha nascido e o que eu pensava? A proposta da *Veja* era me dar os finais de semana, que eu não tinha.** Trabalhava um sim, um não, no jornal. **A Clara tinha um ano e eu disse: “Acho que vai ser um ganho. Eu vou ter, pelo menos, os finais de semana.”** (Katia Perin)

**Eu mudei de emprego porque eu achei que ia ter mais tempo. No fim, não foi o que acabou acontecendo, porque eu fazia plantão. Mas determinou nesse momento, que eu achei que ia ter mais tempo no final de semana.** Mas em nenhum outro momento. **Eu sempre me dediquei ao trabalho da mesma forma, igualmente. O que eu fazia era tentar me desdobrar ao máximo, quando ela era pequenininha, para tentar ficar o máximo de tempo possível com ela [com a filha].** (Katia Perin)

A intenção de buscar um emprego que exigisse menos do profissional para dar mais atenção à família revela uma dose de sofrimento nesse comprometimento total ao trabalho. Marcelo Auler, Elder Ogliari e Carlos Wagner afirmam que tiveram casamentos desfeitos por não conseguirem conciliar profissão e vida familiar. Retomaremos esse assunto adiante, nos tópicos sobre o sofrimento e as rotinas intensas.

Para finalizar a análise sobre o discurso romântico, cabe explorar a noção de naturalização da entrega de si no jornalismo. Carlos Wagner é o entrevistado que mais ressalta o quanto se comprometer totalmente com a profissão é uma prerrogativa do jornalismo. É o que mostra o trecho, já mencionado, sobre o quanto o repórter, suscetível a ameaças de morte, precisa proteger a família.

**Porque a família é o ponto frágil do repórter. Lívia, tu não sai na chuva para não te molhar. A nossa profissão, ela exige dedicação exclusiva. Tem que pensar nela...** depois quando tu ficar velha como eu, tu pode viver dos livros que tu fez, das coisas... **mas até tu sair de uma redação, tu tem que te ralar.** (Carlos Wagner)

**Eu tinha um horário na Zero Hora. Mas eu na Zero Hora trabalhava 24 horas. Entendeu? Não é à toa que tenho um monte de casamentos fracassados. Por que eu trabalhava 24 horas? Lívia, quando tu escolhe uma profissão de repórter, de jornalista, ou tu entra pra valer, ou tu não... e aí tu vai te machucar. Entende? E a profissão, Lívia, ela é muito cruel. Ela exige muito de ti. Ela exige muito de ti.** Ela é muito... sabe? **Tu acaba te envolvendo. Tu está fora do jornal, mas aí tu tem que fazer fonte, tem que saber o que está acontecendo, tem que**

---

34 O jornalista Mario Sergio Conti trabalhou por 15 anos na revista *Veja*, onde foi diretor de redação. Também passou pela *Folha de S. Paulo*, *TV Cultura*, *Rádio Bandeirantes*, revista *Piauí*, *O Globo* e *GloboNews*.

**tomar pé... conversar com o cara, tem que ligar, estar rolando o dia todo.** Entendeu? Tem que estar rolando o dia todo, né, Lívia? (Carlos Wagner)

Wagner não tem dúvidas quanto à necessidade de o jornalista colocar a profissão em primeiro lugar. Trabalhar 24 horas por dia é visto por ele com naturalidade. A interferência da profissão na vida pessoal também aparece como algo “que faz parte do jogo”. Segundo ele, é compreensível que o jornalista tenha problemas no casamento e dificuldades de acompanhar de perto o crescimento dos filhos.

- Você conseguia dar atenção à sua família de alguma forma? (Lívia)
- **Agora que eu estou conseguindo. Tanto é que nenhum filho meu é jornalista. Tanto que eu sacaneei a mãe deles.** Uma é farmacêutica; a outra é fisioterapeuta; o José está fazendo Economia e a **Manuela, não sei o que vai fazer... mas provavelmente não vai fazer jornalismo, porque eu sacaneei a mãe deles.** (Carlos Wagner)
- Como assim? (Lívia)
- Claro. **Eu não estava presente nos aniversários; não estava presente na escolinha; eu estava sempre viajando... estava sempre no mundo da lua. Quando eu estava em casa, eu estava pendurado no telefone.** (Carlos Wagner)
- E você acha que isso influenciou na escolha da profissão deles? (Lívia)
- **Se tu tivesse um pai assim, tu seria jornalista?** (Carlos Wagner)

Assim como a falta de tempo para a família, também o estresse de estar sempre ligado ao trabalho é visto como natural. Para Wagner, é, até mesmo, desejado. Ser jornalista é visto como uma escolha pessoal, que pressupõe certas demandas.

**Tchê, o estresse é uma coisa maravilhosa, tchê. O que seria da nossa vida se não fosse o estresse? O que é ruim é a cerveja quente. Lívia, nós escolhemos ser complicados.** Entendeu? É isso o que a gente faz. **Para viver, nós falamos mal das pessoas. As pessoas não gostam de nós. Ainda bem. Nós vamos em uma festa infantil pensando que vai dar uma merda. Nós pegamos um avião, torcendo para que dê uma merda e a gente sobreviva para contar a história. Lívia, nós somos uns doentes mentais.** Nada contra os doentes mentais, mas na visão do homem comum a gente não vale nada. (Carlos Wagner)

- Isso você vê como uma coisa boa... ter tanta entrega para a profissão? (Lívia)
- **Eu acho que isso aí é maravilhoso. Lívia, ninguém me forçou a ser repórter. Eu quis ser. Lívia, ninguém te forçou a entrar na faculdade de jornalismo.** Ou teu pai foi lá torceu o teu bracinho e te deu um ponta pé na bunda: “entra”? Eu duvido que ele tenha feito isso aí. **Tu entrou porque quis.** (Carlos Wagner)

O discurso de Carlos Wagner revela uma exacerbação do *ethos* romântico. Aproxima-se da observação de Ribeiro (1994, p.141) quanto ao jornalismo como religião: “A mística comporta uma forte dose de ascetismo e de valorização do sofrimento, que confere um glamour à exploração



sofrida”. O amor e a dedicação à profissão são tão fortes que tomam conta da vida do jornalista, que encara o cansaço e o estresse como inevitáveis para o cumprimento do que considera uma vocação.

### 6.1.2 Sentidos do discurso de mercado

O polo comercial do campo jornalístico, caracterizado pela lógica de mercado (BOURDIEU, 1997, 2005), em oposição ao polo ideológico, também é constitutivo da identidade profissional. Conforme lembra Neveu (2010, p.35), “gerenciar redes ou produzir jornais nunca foi uma atividade filantrópica”. A visão de mercado destaca os imperativos comerciais da profissão, ao contrário da visão romântica.

Nesta seção, exploramos os sentidos do discurso do processo biográfico – a imagem que o jornalista tem de si –, que podem ser vinculados à lógica de mercado. Selecionamos trechos das histórias de vida dos entrevistados e os separamos em três categorias: *pragmatismo*, *rotinas intensas* e *sofrimento*. Como já mencionamos, muitos trechos aqui destacados remetem também ao *ethos* romântico, afinal as categorias servem para organizar a análise, sem a pretensão fechá-las. Além disso, algumas ideias trazidas aqui serão retomadas na seção sobre as mudanças tecnológicas e nas rotinas do jornalismo, uma vez que algumas transformações na passagem do período industrial para o pós-industrial reforçam a lógica de mercado.

#### 6.1.2.1 Pragmatismo

O pragmatismo no discurso sobre a profissão é caracterizado pela visão do jornalismo como uma profissão como qualquer outra. Esse discurso nega, portanto, o *ethos* romântico. O jornalista pragmático tem uma identidade mais vinculada ao profissionalismo e à racionalidade. Sente-se mais um funcionário que segue os princípios da empresa e do mercado e é menos vinculado ao ideal romântico.

Ana Estela de Sousa Pinto é, dentre os entrevistados, a única que faz um discurso predominantemente pragmático, que condiz com a ideia de compreensão da lógica de mercado. É significativo o fato de que o único momento em que ela expressa uma visão idealizada é aquele em que fala sobre sua primeira escolha profissional: a agronomia.

A gente viajava sempre pro sítio do meu avô... **tinha uma vida bem de moleque no sítio. Por isso que eu quis fazer agronomia depois**, porque eu pensava em

**trabalhar com agricultura** mesmo, com fazenda e tal... (Ana Estela de Souza Pinto)

Eu terminei a faculdade de Agronomia... eu não tinha muita ideia do que eu ia fazer. Eu já sabia que não ia trabalhar nessa área, **porque eu tinha uma visão bem romântica de tocar o sítio do meu avô**, assim... e vi que não era correspondente com a realidade, que não era possível sobreviver com uma propriedade tão pequena como a dele. (Ana Estela de Souza Pinto)

**Eu fiz Agronomia para morar lá, trabalhar lá no interior e cuidar do sítio dele.** (Ana Estela de Souza Pinto)

É interessante observar que Ana Estela de Sousa Pinto, assim como outros três jornalistas entrevistados – Marcelo Canellas, Carlos Wagner e Katia Perin – ingressou na faculdade em outro curso antes de fazer jornalismo. No entanto, ela foi a única a finalizar os estudos em outra área.

Assim como Marcelo Canellas, Ana Estela relata que o jornalismo estava presente no ambiente familiar durante sua infância e adolescência, porém, diferentemente dele, não considera que esse contato tenha sido relevante para a construção da sua identidade pessoal e profissional.

Era algo **muito presente** na minha casa, **mas não que passasse pela minha cabeça trabalhar com isso. Não tem ninguém jornalista na minha família e nunca tinha me ocorrido trabalhar com jornalismo, não**". (Ana Estela de Sousa Pinto)

Ao longo da entrevista, em diversos momentos, ela reitera que a entrada no jornalismo não foi uma questão de escolha pessoal. Utiliza termos como “acaso” e “contingência”, para contar a forma como ingressou na profissão. Aconteceu em um momento em que tinha acabado o curso de Agronomia e estava à procura de “algo pra fazer”.

Eu **não nasci jornalista, nem cresci jornalista**, e acho que virei jornalista pelas **contingências da vida**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Eu estou feliz com **o que aconteceu. Não chegou a ser uma escolha, escolha**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Então foi **meio por acaso. Não foi nada muito: “Ah, vou ser... quero ser jornalista”**. Foi um pouco por **falta de opção... eu estava procurando alguma coisa pra fazer e apareceu essa oportunidade. Eu acabei sendo selecionada e depois apareceu essa vaga. Eu comecei a trabalhar e fui ficando, fui ficando...** estou aqui até agora. (Ana Estela de Sousa Pinto)

O pragmatismo no discurso de Ana Estela não se limita ao início da vida profissional. Quando diz que “foi ficando, foi ficando”, demonstra que a permanência na profissão segue um pouco a lógica da inércia, ou seja, não foi propriamente um desejo pessoal. O mesmo vale para o fato de ter trabalhado a vida inteira na mesma empresa, a *Folha de S. Paulo*.

Eu meio que **fui deixando as coisas acontecerem e como nunca aconteceu...** nunca aconteceu de me chamarem. [...] Enfim, **nunca pensei não em mudar de empresa, nem de trabalho.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

O ingresso na faculdade de Jornalismo ocorreu depois de Ana Estela ter começado a trabalhar na *Folha*. A entrada no curso, assim como na profissão, não foi por escolha ou desejo pessoal. A entrada no curso está relacionada à conquista do diploma para adequação às leis de mercado. Além disso, a entrevistada não expressa envolvimento emocional através de lembranças da faculdade, uma vez que diz ter aprendido o que precisava saber na prática profissional.

– Por que você decidiu entrar [na faculdade]? (Lívia)  
 – **Porque na época era obrigatório ter o diploma de jornalista** e eu não queria... **embora a *Folha* não seguisse a regra, eu não queria ficar totalmente dependente da *Folha*.** Eu queria ter o diploma, **eu achava importante ter o diploma, para se eu precisasse no futuro trabalhar em outro lugar.** [...] A faculdade eu acho que me **acrescentou muito pouco.** Foram poucos os professores ou as matérias que realmente me acrescentam alguma coisa, porque eu já estava aqui trabalhando. [...] Mas, enfim, **fiz porque eu precisava fazer,** na verdade. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Do início de sua carreira até hoje, Ana Estela expressa uma identidade desvinculada da sua atividade profissional. Mesmo depois de ter acumulado experiência em diversas funções e editorias em um dos jornais mais importantes do país, a *Folha de S. Paulo*, a imagem que tinha da profissão ao ingressar no mundo do trabalho não mudou, uma vez que nunca se apropriou da visão romântica. Desde o início, lidou com o pragmatismo da rotina produtiva.

No começo da minha carreira, eu **não tinha a menor ideia do que era um jornalista.** Realmente, não tinha ideia... [...] então, passou do “zero” a alguém que trabalha há 30 anos nisso, né? Então, eu acho que eu **nunca tive nenhuma visão romântica do jornalismo,** porque eu **não tinha ideia do que o que ele fazia,** então, **eu não passei por essa fase de achar que jornalista é o cara que vai mudar o mundo** e depois perceber que não é isso. Eu **nunca passei por isso, porque eu não achava nada sobre o que era o jornalismo.** Eu já caí direto na redação, fazendo um monte de **tarefas do dia a dia, de rotina** e tal, coisas menores, já entrei de cara nessa realidade, então eu não tive essa.. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Em alguns momentos, Ana Estela expressa gosto pelo que faz e trata o jornalismo como uma profissão interessante. No entanto, mesmo nesses momentos, o sentido predominante no seu discurso acaba sendo o pragmático. Além de ressaltar que não foi uma escolha, afirma que poderia ter sido feliz em outra profissão, revelando que, para ela, o jornalismo é uma atividade como as outras.

Eu estou feliz com **o que aconteceu. Não chegou a ser uma escolha, escolha.** Mas eu acho que é uma profissão muito interessante, que primeiro te permite atuar na sociedade de fato, sabe? Muitas das matérias que eu fiz tiveram impacto na vida das pessoas. Elas relataram isso para mim. [...] acho que é uma profissão muito rica. Então, eu fico feliz, assim, com esses caminhos pelos quais eu fui. **Se eu tivesse ido para outra profissão, talvez eu também estivesse contente,** assim. Não é que... mas **eu não me arrependo de ter continuado como jornalista, nem falo, assim, de ter escolhido... como eu te falei, eu acho que não foi uma escolha minha... mas eu não me arrependo de ter seguido por esse caminho, não.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

A identidade para si no âmbito profissional é motivo de conflito para Ana Estela de Sousa Pinto. Não chega a ser uma ruptura, conforme o conceito de Dubar (1997), pois ela nunca chegou a pensar no jornalismo de outra forma a não ser a pragmática. No entanto, percebe-se no seu discurso um sentido de não pertencimento à comunidade profissional. Ela se compara com os colegas de profissão e sente que eles se identificam com o jornalismo de uma forma que ela não consegue. Depois de décadas de trabalho, ainda não vincula a imagem que tem de si ao jornalismo, o que parece causar angústia.

**Eu acho que até hoje eu não me sinto jornalista. Eu muitas vezes me questiono sobre isso, assim. Eu vejo tantas outras pessoas que realmente têm o jornalismo no sangue, que têm uma mentalidade muito diferente da minha e uma forma de ver o mundo muito específica do jornalismo e eu acho que eu não tenho.** Eu acho que sou bem uma pessoa bem mais generalista, assim, e isso traz vantagens no meu dia a dia como jornalista, mas também muitas dificuldades, porque eu acho que eu tenho um **ponto de vista um pouco diferente da maior parte dos meus colegas e dos meus editores.** Então, é sempre um **conflito constante,** entre a minha curiosidade mais genérica, menos... menos quente, talvez, sabe? Menos formatada pelo jornalismo. Eu tenho esse **conflito cotidianamente.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

– **Às vezes fico na dúvida se me falta alguma qualidade, talvez, pra ter mais facilidade nesse trato com o jornalismo.** (Ana Estela de Sousa Pinto)  
 – Mas como você acha que os outros são e que falta para você? (Lívia)  
 – Então, eu não sei. Eu acho que **muitas das pessoas com quem eu trabalho têm uma segurança maior ao tomar decisões.** Enfim, talvez tenham menos dúvidas do que eu. Ou, talvez, todo mundo tenha dúvidas, mas as pessoas não expressam. Então, não sei, mas **até hoje eu não me sinto assim uma jornalista.** “Sou uma

**jornalista”. É o que eu faço.** Eu gosto muito [...] Acho que eu consigo fazer com um grau de qualidade, mas **não é algo com o qual eu me identifique de forma fácil, nem natural.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

Juntamente à visão pragmática, é possível observar uma constante menção às rotinas intensas do jornalismo, que caracterizam a lógica de mercado. Esse sentido é reforçado não apenas por Ana Estela, mas por todos os entrevistados, tamanha a sua vinculação com a profissão.

### 6.1.2.2 As intensas rotinas produtivas

A pressão exercida pelo mercado em condições precárias de trabalho, intensificada pelas mudanças tecnológicas no mundo contemporâneo, está deixando os jornalistas cansados, segundo Adghirni (2017). Com isso, observa a autora, eles preferem ser pragmáticos, a fim de subir na carreira ou simplesmente sobreviver às rotinas extenuantes.

De fato, as longas jornadas de trabalho, os horários irregulares, o pouco tempo de folga e o acúmulo de atividades são situações citadas por todos os jornalistas entrevistados, até mesmo entre os mais identificados com o *ethos* romântico. Conforme Travancas (2011), para muitos, o tempo dedicado ao jornalismo é praticamente uma prerrogativa para o ingresso na profissão.

O tempo passado no trabalho – ou até o trabalho que levam para casa – é um sentido que pode ser relacionado às ideias de comprometimento com a profissão e a entrega de si, que discutimos anteriormente. Isso, no entanto, é uma exigência da lógica de mercado no jornalismo. Ainda que usada, algumas vezes, pela mitologia romântica para ressaltar a importância que o profissional dá à sua atividade, ela é, na maioria das vezes, causadora de sofrimento.

O número de horas diárias trabalhadas é uma das principais expressões das rotinas extenuantes dos jornalistas.

Hoje a gente ainda **trabalha muito**, mas quando eu comecei a trabalhar **era tranquilo ser 15 horas por dia**, sabe? Era bem comum. Então, era muito mais **intensivo** o aprendizado do que na faculdade. E também, por outro lado, como **eu trabalhava 15 horas por dia eu não conseguia me dedicar** tanto à faculdade, né? (Ana Estela de Sousa Pinto)

**Os horários da Placar eram coisas absurdas**, porque quando eu trabalhava na Placar, eu ainda morava em Santo André. Então, só de Santo André para a Abril, que na época era no Brooklyn, **eu demorava umas duas horas**. Então, eu **acordava à noite ainda. Eu saía de casa umas 5 e meia, no máximo 6, todo o dia**, para chegar na Placar. É que a Placar tinha uma coisa boa, que eles levavam os repórteres em casa depois, se passasse de um certo horário, né? Então, toda a vez que eu tinha uma matéria para fechar, como a Abril fez em todas as revistas durante muito tempo, **eles levavam todo mundo em casa se passasse de umas 10**

**da noite.** E como na redação da *Placar* tinham três pessoas que moravam no ABC, **a gente meio que sempre tinha uma condução para voltar. Mas era das 8 da manhã às 10 da noite, direto.** (Katia Perin)

Marcelo Auler menciona as longas e irregulares jornadas em vários veículos onde trabalhou. Ressalva que, algumas vezes, gostava da sua rotina, porém, outras eram sacrificantes.

Em 77, eu entro para a revista *Manchete*, para um **plantão que começava 9 ou 10 da noite e terminava às 7 da manhã. Era uma coisa maluca.** (Marcelo Auler)

[No *Jornal de Brasília*] **Eu entrava às 7 horas da manhã e saía à 11 da noite.** Eu e o cara que me levou, José Negreiros. **Mas foi um período belíssimo. [...]** **Adorei, trabalhei para caraca, fiquei maluco.** [Trabalhava] **muito mais. Eu era chefe de reportagem, eu abria o jornal, fazia duas funções, recebia um salário só. Mas curtia. Adorava. Eu era novo.** (Marcelo Auler)

Depois dessas matérias minhas da *Veja*, **eu estava de saco cheio. Na *Veja* você entrava às 10 horas da manhã e saía às 11 horas da noite.** (Marcelo Auler)

No momento em que relata o seu ingresso no mercado de trabalho como estagiário da Rádio Globo, Auler destaca que a rotina intensa foi a primeira característica da profissão com a qual se deparou. Poucos meses depois, também encarou o duplo emprego.

Acabei começando a trabalhar [na Rádio Globo] no dia 20 de janeiro de 74, que aqui no Rio é feriado, dia de São Sebastião. **Já comecei trabalhando em um feriado para caracterizar bem que eu não ia ter fins de semana e feriados.** (Marcelo Auler)

Eu precisava do duplo salário para pagar a faculdade. Então, **eu começava às 7 da manhã, parava ao meio-dia, ia para a aula às 2 da tarde. A aula acabava às 6 horas, 6 e pouco. Às 6 eu pegava no horário da noite. Eu nunca assistia a última aula. E ia até as 11 da noite, pra ir de ônibus para casa, para as 7 da manhã estar de volta.** Essa foi a minha vida durante 3 anos e eu não acabei a faculdade. (Marcelo Auler)

Carlos Wagner ressalta que o trabalho não termina quando se sai da redação, conforme o seguinte trecho, já analisado na seção sobre a entrega de si.

Eu tinha um horário na Zero Hora. **Mas eu na Zero Hora trabalhava 24 horas.** Entendeu? **Não é à toa que tenho um monte de casamentos fracassados. Por que eu trabalhava 24 horas? [...]** Tu acaba te envolvendo. Tu está fora do jornal, mas aí tu tem que fazer fonte, tem que saber o que está acontecendo, tem que tomar pé, conversar com o cara, tem que ligar, estar rolando o dia todo. Entendeu? **Tem que estar rolando o dia todo, né, Livia?** (Carlos Wagner)

*Deadlines* a serem cumpridos, deslocamentos curtos e viagens mais longas fazem parte da rotina de alguns jornalistas. Fazem também com que o trabalho tome bastante espaço da vida pessoal.

Era uma **loucura**, porque o **carro ia correndo, voltava correndo**, e eu tinha que escrever o texto, porque **tinha o horário de fechamento da revista**. (Katia Perin)

**Eu sempre viajei bastante, mas no *Globo Repórter* eram viagens longas, às vezes 20, 25 dias. Às vezes até fora do Brasil.** Um *Globo Repórter* que eu fiz no Egito, fiquei um mês lá. Em Cuba também quase um mês. Eram **viagens longas**. No *Fantástico*, **a partir de 2010 são viagens mais curtas**: às vezes duram uma semana, 10 dias, 3 dias, 4 dias. **Mas também de imersão no tema**. (Marcelo Canellas)

Como vimos, o tempo concedido para a apuração tende a diminuir com a passagem para período pós-industrial. A maior pressão do tempo sobre a rotina é uma das grandes características do jornalismo contemporâneo.

Um repórter não podia **se dar ao luxo de ficar mais de uma semana, duas semanas, com uma matéria** (Katia Perin)

Tanto tempo dedicado ao trabalho contribuiu para que Ana Estela de Sousa Pinto se casasse com jornalistas, três vezes. Assim como Katia Perin conheceu seu marido na redação da *Placar*, Ana Estela se envolveu com pessoas da mesma empresa.

[casar com jornalistas] foi mais por contingência. **A gente fica muito, muito tempo aqui dentro**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Quando Ana Estela teve sua filha, sentiu que a ajuda de uma empregada amenizou a dificuldade que teria devido aos horários irregulares. Mas acredita que, em muitos casos, pode ser complicado ter uma criança, quando os dois pais são jornalistas.

Acho que aqui **a gente sempre trabalha mais do que 8 horas**, né, por dia. E a questão **não só do número de horas, a carga horária, mas os horários...** a gente trabalha em horários que **vão até tarde da noite**. Então, quando você tem uma criança em casa é **complicado**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Se você trabalha na edição é que eu acho que torna um pouco mais **difícil** essa questão. Porque **você chega tarde**. Quando você chega, ou **o seu filho já está dormindo** ou você chega na hora de ele dormir, **ou ele vai dormir tarde demais**, então isso **complica** um pouco a vida, principalmente **quando os dois fazem isso**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Com um filho só sempre é mais fácil e, por sorte, eu tinha condições pra ter alguém me ajudando também em casa. Se não, com **pai e mãe jornalistas, com os horários que a gente tem e tal, talvez fosse realmente difícil, bem mais difícil**, acho que é... mas no meu caso específico nunca foi. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Elder Ogliari não teve filhos. Hoje, imagina que seria bom ter tido. Assim como reavalia essa questão, também olha para outros aspectos da sua vida como jornalista com ressalvas. Quando entrou no *Correio do Povo*, seu emprego atual, deixou claro que buscava outro estilo de vida.

Eu vim aqui e conversei com o Telmo<sup>35</sup> e quis saber o seguinte ó: **no *Estadão* eu não vivi. Eu passei 13 anos lá sem poder ir a um cinema à noite, sem poder ir ao teatro, sem poder jantar com os amigos... meu casamento naufragou, porque eu nunca estava em casa. Se eu estivesse em casa, eu estava sempre nervoso, sempre estressado... Se eu estivesse em casa, eu estava trabalhando, porque eu trabalhava em casa também, quando eu chegava em casa.** Disse para ele: **“Eu não quero mais essa vida”**. “Não. Aqui a gente respeita horário.” “Então tá.” (Elder Ogliari)

Mesmo com a previsão de uma rotina mais tranquila, Elder pediu, em nosso primeiro contato, que telefonássemos antes de ir ao seu encontro para a realização da entrevista (conforme registrado em nosso caderno de campo). “Vai que apareça alguma coisa urgente... uma entrevista que eu tenha que fazer. Sabe como é jornalista...”. Durante a nossa conversa, fomos interrompidos uma vez por um telefonema, duas por alguém que, desavisado, entrava na sala e uma outra para que ele buscasse uma água e checasse se havia algo novo na sua mesa. Ele voltou a entrar em contato algumas vezes, após a entrevista, para complementar informações.

Da mesma forma, a conversa com Carlos Wagner foi interrompida em vários momentos por telefonemas e mensagens de *Whatsapp*. Já na entrevista de Marcelo Canellas não tivemos motivos para pausas. No entanto, precisamos remarcar o encontro algumas vezes, pois, mesmo estando de férias, ele tinha diversas coisas a resolver, projetos para dar andamento. No caso de Marcelo Auler, precisamos interromper nosso primeiro encontro para que conseguisse cumprir um *deadline*. Voltamos a nos encontrar depois que a reportagem para o *Jornal do Brasil* foi entregue. Com esse relato, pretendemos mostrar o quanto os contatos com os entrevistados antes, durante e após as entrevistas são significativos para conhecermos a rotina e suas identidades, de forma complementar às histórias de vida.

---

35 Telmo Flor é diretor de redação do jornal *Correio do Povo*.



### 6.1.2.3 Sofrimento

O sofrimento é uma categoria complementar à anterior: o profissional demonstra cansaço e estresse por encarar uma rotina de trabalho exaustiva. Esse é também um sentido recorrente nos discursos analisados.

Como vimos, desde cedo Elder Ogliari vincula a identidade para si ao jornalismo – antes mesmo de ser um profissional ou de ingressar na faculdade. Seu discurso é predominantemente romântico, mas os trechos que remetem ao sofrimento são bastante significativos. O sentido começa a aparecer ainda no período da graduação, uma vez que precisou se desdobrar entre estudos e trabalho para conseguir pagar o curso.

O tempo de Famecos foi assim... eu, **de certa forma, renunciei a minha juventude** para estudar, porque, assim, eu **trabalhava de dia e estudava à noite, estava sempre muito cansado... e tudo o que eu gastava com pagar a Famecos.** Eu não fiz financiamento, essas coisas. E eu **só consegui, porque eu consegui uma vaga na Casa de Estudante**, ali da Riachuelo, a Ceuaca, que agora está interditada até... ali a gente pagava uma mensalidade simbólica, então, assim, se eu não gastava com moradia, o que foi um grande... mas, assim, **eu não conseguia... raras vezes eu fui a um show. Eu ia no cinema com frequência menor do que eu gostava, tanto por falta de tempo quanto de dinheiro. E festas... eu não tive turma de festas, assim..** (Elder Ogliari)

A falta de tempo para si mesmo e para o lazer o acompanhou durante a sua carreira, atingindo o seu ápice nos anos 2000, quando se tornou correspondente do Rio Grande do Sul do jornal *O Estado de S. Paulo*. Neste trecho, Elder diz que, às vezes, sente falta da burocracia própria do trabalho bancário, da que tanto procurou fugir.

É que depois, **com o passar dos anos, vai ter um dia que vai te dar saudade da burocracia**, porque, assim, **quando eu era correspondente do Estadão e mesmo agora, quando eu saio daqui umas 9 da noite... e no Estadão eu não tinha horário...** o Estadão era ali na Andrade Neves, então eu fazia o mesmo trajeto. Eu moro na Duque, eu descia a Rua da Praia, ia por aqui até a Bento Martins e subia para a Duque. **Eu passava morto, esgotado de tanto trabalhar, e via as pessoas nos bares bebendo, conversando, alegres e tal... e eu: “Putz! Que saudade do tempo da burocracia, que eu saía às 6 da tarde e ia fazer um happy hour. Agora...”** [risos]. (Elder Ogliari)

Elder passou 15 anos no jornal *O Estado de S. Paulo*, até fechar a sucursal gaúcha do jornal. Na maior parte desse tempo, estava casado. O comprometimento exigido pela empresa para o

cumprimento da função, culminado na falta de tempo e no estresse diário prejudicaram seu relacionamento.

– O trabalho prejudicou a sua vida pessoal? De que forma? (Lívia)  
 – Sim. sim. Eu tenho que fazer uma ressalva aí, porque, assim, a gente não pode ficar sempre achando que é o fator externo, né? **O trabalho prejudicou no sentido de que eu não tinha vida nem para mim, o que dirá para me dedicar a uma outra pessoa.** Então, assim, **deve ser chato você morar com alguém que nunca te dá atenção, nunca está contigo, nunca né...** (Elder Ogliari)

Eu vou dar uns exemplos que aconteceram durante o casamento. Teve um ano que a minha parceira, companheira, mulher, sei lá como eu digo hoje, no aniversário dela... eu disse: **“Eu vou dar um jeito de terminar as minhas coisas mais cedo, as outras eu deixo para o dia seguinte** e nesse dia nós vamos jantar. Pelo menos nesse dia, nós vamos jantar.” Aí, tá. Eu cheguei em casa. Ela fez uma janta. Eu cheguei em casa mais cedo. **Mesmo nessas situações eu tinha que ouvir o noticiário das dez da noite, para ver se não tinha dado um terremoto no Rio Grande do Sul... e a gente está à mesa quando toca o telefone.** São Paulo chamando: “Elder, o *Jornal Nacional* deu que descobriram um dinossauro em... (aqui nessa região onde eles vivem achando dinossauro, Candelária, Mata...) **e nós queremos uma matéria para agora**”. Eu disse: “Cara, mas não dá para fazer amanhã isso? Nós vamos tomar furo se dermos amanhã?”. “Não, não. A gente viu no *Jornal Nacional*. Tem que dar agora”. “Mas eu assumi um compromisso hoje. Eu não estou em condições...”. “Não. Mas você tem que fazer, cara”. Me passaram... eles mesmos já tinham o telefone de uma fonte. Aí eu saí da mesa dando... não vou dizer que eu dei soco na parede, mas quase... fui para o escritório. Eu tenho um escritorzinho lá em casa e fui trabalhar. Deixei a Luciana jantando sozinha no dia do aniversário dela. (Elder Ogliari)

Mas tinha umas coisas... um rigor... se eu saísse um dia mais cedo se eu fosse jantar com os amigos, a Luciana, **o que era muito raro, eu levava um radinho comigo.** **O noticiário das dez** da noite da Rádio Gaúcha, que era o último do dia, **eu ouvia todinho, porque eu levei furo algumas vezes no início, por não ter acompanhado... e, assim, era uma escravidão.** **Às oito da manhã eu já tinha que ter ouvido o noticiário da manhã para passar previsão. Às onze da noite, tu tinha que estar ouvindo noticiário...** e, assim... Aí essas coisas todas, aí entra o meu lado, porque isso já seria suficiente para uma pessoa: “Sim, mas eu estou casado, estou junto com ele, por quê? Se não tem...”. Mas aí tinha o meu comportamento, que eu **ficava muito estressado, muito puto, e, assim, acabava agredindo a Luciana.** Não agredindo fisicamente. Agredindo com as palavras que, às vezes, machucam até mais né? Sobretudo, num período final que **eu estava muito estressado.** Foi um ano difícil aquele. Teve muito problema no jornal e outras coisas... então, assim, essas coisas acabavam magoando ela. Tipo assim: “Vem conversar comigo”. **“Agora não posso! Não vê que eu estou trabalhando?”.** Essas coisas machucam, entende? Aí no fim daquele ano, **ela me largou.** Então, eu não posso atribuir tudo ao jornal. É verdade que tinha tudo isso, mas o meu comportamento diante disso é que foi determinante. (Elder Ogliari)

A demanda excessiva do jornal também é observada na passagem em que Elder fala sobre os últimos momentos de convivência com seu pai. Trata-se de um episódio em que – assim como Marcelo Canellas na tragédia da Boate Kiss – foi acionado pela empresa durante suas férias.

E, assim, teve várias situações muito ruins... O meu pai estava doente. Estava com câncer, na fase final da vida dele. Como eu estava longe, nas férias eu fui para lá. Eu disse para os meus irmãos: “Nesse período é tudo comigo, para vocês descansarem, né?”. Aí ele fez uma cirurgia. Quando ele estava saindo da cirurgia, eu estava recebendo o comunicado do hospital. **Me ligaram de São Paulo**, assim: “Elder, o Lula e a Dilma vão estar em Porto Alegre amanhã. **Como você não previu isso?**”. “**Eu estou de férias!**”. “**Sim, mas os caras aqui estão reclamando que você não pode tirar férias quando o Lula e a Dilma forem para Porto Alegre**”. “Sim, mas quando eu marquei as férias, eu não sabia... não estava agendado isso. Mas faz o seguinte... **se os caras estão desse jeito, faz o seguinte: eu estou a 500 quilômetros de distância. Hoje à noite, eu pego um ônibus e amanhã eu estou lá. No meio das minhas férias. Te serve isso?**”. “**Sim. Acho que tu vai ter que fazer isso**”. Eu fiquei numa revolta... mas aí, meia hora depois, ela ligou e disse: “Olha, mudaram de ideia. Tu fica aí de férias e a gente vai contratar um *freela*, alguma coisa assim”. (Elder Ogliari)

As passagens relatadas por Elder demonstram uma entrega de si por exigência da empresa, mais do que por uma disposição do próprio jornalista – diferentemente das situações analisadas na categoria sobre comprometimento, do *ethos* romântico. O arrependimento ou a vontade de voltar atrás – não deixar o trabalho tomar conta da vida pessoal – pode ser percebido no discurso de Elder. Da mesma forma, Marcelo Auler traz considerações semelhantes quanto ao espaço que o trabalho tomou da sua vida pessoal. Na sua entrevista, assim como também na de Carlos Wagner – que diz “não é à toa que tenho um monte de casamentos fracassados” –, relata que o fato de trabalhar muito foi determinante para o fim de seus relacionamentos.

– **Eu me separei do meu segundo e desse meu último casamento por causa do blog**, que a minha esposa me sugeriu fazer. **Ela disse que eu ficava o dia inteiro no computador e era verdade. Se bobear eu fico das 7 da manhã, 6 horas da manhã, que eu acordo, às 6 horas da noite diante do computador, se não escrevendo, pelo menos bisbilhotando, lendo... me distraio... Tô cansado. Não consigo me concentrar. Atrapalha muito.** (Marcelo Auler)

– Mesmo com o blog, que é uma iniciativa sua...(Lívia)

– Pelo contrário, **como eu estou... e eu queria publicar uma matéria por dia, na época... e ela tinha razão. Eu dou razão a ela. Eu ficava o dia inteiro escrevendo.** (Marcelo Auler)

Ana Estela de Sousa Pinto e Katia Perin vinculam o sentido de sofrimento não apenas às longas e irregulares jornadas da profissão. O processo de apuração e finalização de uma reportagem é qualificado por elas como sofrido. Ainda que as duas jornalistas demonstrem uma admiração pela

atividade, ser repórter é visto como um desafio que, muitas vezes, gera um sentimento de incapacidade.

Eu tinha muita **insegurança** [...] eu achava **difícil**. Achava **difícil** entender qual era a pauta, o que eu tinha que trazer da rua, qual era o *lead*, como que eu tinha que escrever... Achava tudo **bem difícil** (sofrimento). [...] A minha **dificuldade mesmo era com a notícia. Entender qual era a notícia, afinal de contas**. Eu tinha muito... eu **sofria bastante como repórter**. Eu sempre **passava a noite pensando: “Será que eu levei um furo? Como é que vai ser amanhã? O que os meus concorrentes fizeram e tal?”**. Foi um período **difícil**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Eu achava interessante, mas eu acho que achava **mais difícil do que interessante**, na verdade (Ana Estela de Sousa Pinto)

A reportagem eu **ficava com aquela coisa durante muito tempo. Quando ela era sofrida, eu sofria muito tempo**. Quando ela era prazerosa, eu tinha prazer... **mas poucas vezes elas eram prazerosas, né? Quando ela era sofrida, não andava... Eu ficava com aquilo muito tempo. Aquilo me fazia sofrer, sabe? Me dava dor de estômago. Eu tinha sofrimento físico**. E o fechamento, a edição, não. Eu terminava no dia. [...] Então, o terminar me agradava. (Katia Perin)

**Tinha. Bastante sofrimento. Muito**. A própria dos amigos do Pelé... enquanto eu não achava todos, eu achava que eu nunca ia conseguir achar todos. E se eu não achasse todos, eu não tinha matéria, porque não adiantava achar 9. **Eu tinha que achar os 11, ou eu não tinha nada**. Então, quando eu não achava todo mundo, eu ficava sofrendo com aquilo, eu não dormia. **Como é que eu vou achar? Não tem mais onde procurar. Sabe? Era um sofrimento**. (Katia Perin)

O sofrimento relatado no início da carreira de Ana Estela – “Qual era a notícia, no final das contas?” – mantém-se no discurso que revela a imagem de si que tem no presente. Hoje, é repórter especial da *Folha de S. Paulo*. Relata que não tem mais pressão de *deadline* apertado. Mesmo, assim, o processo não deixa de ser sofrido.

Recolho um monte de informações e depois eu **fico me debatendo comigo mesma** sobre **cadê a notícia nesse monte de informações que eu recolhi**, sabe? Eu acho que **me falta** um olhar mais jornalisticamente objetivo. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Eu **sempre acho que nunca está completa** a apuração e **apuro, apuro, apuro**, e depois **fico com muita informação** e acho que o principal **o sofrimento é tirar a matéria daquele monte de coisa**, entendeu? (Ana Estela de Sousa Pinto)

Mas eu acho **muito mais difícil** [ser repórter] do que ser editora. Eu ainda **não me sinto confortável nessa função**, embora **goste de fazer**. E quando fica pronto eu **fico muito feliz**, mas **todo o processo até ficar pronto é muito sofrido pra mim, bem difícil**. Apesar de **trabalhar 30 anos nisso, eu, ainda, quase toda reportagem que eu pego ainda me faz sofrer muito**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Todos os entrevistados relatam que consideram a profissão estressante. Carlos Wagner se distingue por encontrar no estresse um valor positivo.

Tchê, **o estresse é uma coisa maravilhosa, tchê.** O que seria da nossa vida se não fosse o estresse? O que é ruim é a cerveja quente. Lívia, nós escolhemos ser complicados. Entendeu? É isso o que a gente faz. (Carlos Wagner)

Todos os outros, porém, vinculam o estresse ao sofrimento: alguns, tratam de forma mais compreensiva e naturalizada – como Marcelo Canellas – e, outros, de maneira mais crítica.

Não acho, é. **É estressante.** Não sei em todos os veículos. **A minha foi.** Eu estava conversando com a minha amiga essa que eu te falei, que fez faculdade comigo, e faz... Ela trabalha no jornalismo da Globo. **Ela fala a mesma coisa. “Pô, é muito estressante”. Você está em casa, ligam. Você está sempre ligada. Sempre querendo ouvir o que está acontecendo. Você não desliga nunca. É estressante. A cobrança é constante. É estressante. Eu acho que é estressante, sim.** (Katia Perin)

**Muito estressante. Muito estressante. Toda a noite, toda a noite, eu sonhava com o jornal. Não é assim “ah, quando eu lembro eu sonhava com jornal...”.** Eu lembrava toda manhã e toda noite eu tinha sonhado com o jornal, dia após dia durante meses. Foi bem difícil e bem estressante. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Mesmo concordando que o trabalho como jornalista é estressante, é interessante observarmos os momentos em que a menção ao estresse é amenizada com a retomada do discurso romântico sobre a profissão. Nestes trechos, o jornalismo é visto como estressante, porém recompensador.

**Acho estressante como todo o trabalho... é estressante no fechamento. É estressante quando você tem a notícia na mão e você acha que está perigando escapar... ou seja, o estresse normal da profissão.** Mas é sobretudo **profundamente prazerosa.** A reportagem de rua para mim é das etapas mais prazerosas do exercício da profissão. Assim como a etapa da confecção do roteiro e do texto, que é profundamente prazeroso. **A etapa mais maçante do processo de produção de uma grande reportagem de televisão é a da decupagem.** Aí é brabo. **Aí é um horror. É sofrido. É tedioso. É longo... é uma etapa que eu não gosto, mas é absolutamente necessária.** Eu sou daqueles que olha tudo. (Marcelo Canellas)

**Não. É muito estressante. Sempre estressante. O que tem de bom... e aí também graças ao Estadão... pelo Estadão eu viajei muito.** Conheço quase todo o Rio Grande do Sul[...] e aquilo que eu dizia de estar na História acontece... tem coisas,

assim, fui cobrir o segundo enterro do João Goulart... uma matéria minha fez o Brasil mudar a sua política para o arroz. **Tem coisas, assim, que são gratificantes, né? E talvez mais gratificante são as pessoas que a gente conhece por aí... andando, fazendo matérias. Mas que é estressante é. Sempre. Pelo menos para mim. Mas eu acho que a maioria é estressado sim.** (Elder Ogliari)

**Sim, é [estressante]. Se você levar a sério é. Mas é recompensante também. Recompensa.** (Marcelo Auler)

### 6.1.3 Continuidade ou ruptura

A imagem de si que compõe a identidade profissional, juntamente à imagem para o outro, pode ser analisada, de acordo com Dubar (1997) a partir das noções de continuidade e ruptura. No percurso de análise, procuramos identificar se o processo biográfico de construção da identidade resulta em permanência ou modificações da identidade profissional para si, a partir da observação das marcas do *ethos* romântico e da lógica de mercado nos discursos dos jornalistas entrevistados.

Observamos, predominantemente, uma manutenção da imagem de si do passado para o presente. Cinco entrevistados podem ser identificados pelo discurso romântico da profissão: Katia Perin, Marcelo Canellas, Marcelo Auler e Elder Ogliari reforçam o amor que mantêm ainda hoje, apesar dos problemas vividos, como estresse, rotinas intensas e falta de tempo para a família; Carlos Wagner é o romântico por excelência, uma vez que até mesmo o desgaste provocado pela rotina profissional é visto como elemento impulsionador do *ethos* romântico.

**Eu não escolheria outra profissão. Eu faria tudo de novo. Não quer dizer que tenha sido um mar de rosas, mas não... eu diria, assim, que fui bem-sucedido e até mais do que eu imaginava. É, bem mais do que eu imaginava.** (Elder Ogliari)

Tu te vê no fim da profissão, no fim da carreira, **embora, assim, eu tenha planos muito bons para mim para o pós-jornalismo, para o pós-geração, digamos assim, porque jornalista eu acho que nunca vou deixar de ser...** (Elder Ogliari)

**Eu continuo apaixonado pela minha profissão. Continuo apaixonado pelo que eu faço. Vou continuar fazendo jornalismo até quando eu tiver saúde, seja onde for, seja em que plataforma for.** (Marcelo Canellas)

– Mas você não desistiu do jornalismo?

– **Não. Não, né? Você não desiste do jornalismo. [risos] O jornalismo não desiste da gente.** (Katia Perin)

Tenho o maior **orgulho** do que eu fiz. O maior **orgulho** de ter passado por todos os processos... **Alguns eu gostei, outros não.** Tenho o maior orgulho, adoro, respeito a grande maioria dos profissionais que eu conheci. Conheci muito ruim também. Suponho que todas as profissões tenham isso... mas é fundamental. Eu acho tão

fundamental quanto médico, engenheiro, advogado... **é fundamental ter jornalismo na sociedade.** (Katia Perin)

**Eu não tenho a menor dúvida. Eu sou jornalista. Gosto de ser jornalista. Começaria tudo de novo. Faria algumas coisas diferentes, mas começaria tudo de novo. Eu gosto. Eu acho que eu sei fazer jornalismo.** Eu erro. Eu cometo erros, como qualquer ser humano. Eu não me considero muito infalível, o melhor... **eu me dedico e cada vez me aperfeiçoo mais.** (Marcelo Auler)

– Sua percepção sobre ser jornalista mudou do início da sua carreira para hoje ou não? (Lívia)

– Olha, eu acho que se **aperfeiçoou**. Eu acho que hoje, eu simplifico tudo em uma frasezinha curta: **eu tenho pena de quem não é repórter.** (Carlos Wagner)

Conforme observamos, Ana Estela de Sousa Pinto é a única entrevistada que não se identifica com o *ethos* romântico da profissão. Seu discurso é fortemente pragmático, ainda que, em alguns, momentos confira valor à profissão. O sofrimento que o jornalismo causa é recorrente em seu discurso. Percebemos, então, que a identidade profissional de Ana Estela é marcada pelo sentimento de não pertencimento. Porém, não houve ruptura da imagem de si como jornalista, uma vez que não menciona uma expectativa ou uma visão anterior da profissão que tenha sido desfeita ao longo do caminho. Do início da carreira até hoje, não se vê como jornalista, apesar de ser uma, na prática.

Não é que eu não me sinto... **eu sou jornalista, né? Mas eu não tenho aquela coisa... Eu sou jornalista na prática, mas eu não acho que eu sou aquela pessoa que é jornalista na essência, sabe? Na prática, sim, eu sou jornalista. É o que eu faço da hora em que eu acordo até a hora em que eu vou dormir e, às vezes, quando eu estou dormindo também, porque eu sonho com as matérias, mas eu não acho que eu internamente seja jornalista.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

## 6.2 O processo relacional

Simultaneamente ao processo biográfico – construção da identidade para si –, ocorre o processo relacional – identidade para o outro, ao longo das sucessivas socializações. A relação com o outro é intrínseca à definição da identidade (DUBAR, 1997, 2009). Por isso, após analisarmos o processo biográfico, é importante partirmos para a investigação do processo relacional. Nosso intuito não é descobrir qual a identidade conferida pelo outro aos entrevistados, de fato, uma vez que alcançar essa dimensão seria impossível. Nossa proposta, então, é refletir sobre o que cada um expressa em relação a como o outro o enxerga.

Por tratarmos de identidade profissional, interessa-nos as passagens dos discursos em que o outro é mencionado, mas somente aquelas vinculadas ao jornalismo. Buscamos identificar sentidos de reconhecimento e não reconhecimento. Segundo Dubar (1997), o reconhecimento corresponde a interações positivas – portanto, representam um reconhecimento da identidade profissional – e o não reconhecimento, a interações negativas – quando o indivíduo não é reconhecido pelo outro naquilo que atua.

Para o estudo da identidade profissional, as interações com o “outro” a serem analisadas referem-se, especialmente, a relações com colegas de profissão, chefia e a empresa, que por vezes é mencionada como um “outro”, apesar de ser uma instituição. Conforme Dubar (1997) as relações de trabalho, além das atividades coletivas das instituições, são determinantes no processo identitário relacional.

### 6.2.1 Sentidos de não reconhecimento

O não reconhecimento pode ser identificado nos relatos de demissão e não valorização do profissional. Marcelo Auler afirma que, na maioria das vezes em que saiu de uma empresa, ele pediu demissão. Relata, porém, alguns casos em que foi demitido. Um deles foi no *Jornal do Brasil*, em Brasília. O motivo para a demissão foi uma brincadeira, mas considera que tenha sido apenas um pretexto. Conta que certo dia, atendeu o telefone da redação, pensando que falava com um amigo seu. Por isso, sentiu-se à vontade para fazer uma piada, o que foi mal visto por um de seus superiores.

“Quem está falando?” “O que você acha? Para estar a essa hora trabalhando, só um bosta de um repórter como eu.” Aí do outro lado, o cara disse: “aqui é o Luiz Orlando Carneiro<sup>36</sup>. Quem está falando?”. Era o novo diretor da sucursal. “Marcelo Auler.” Aí ele saiu da sala: **“pô, Marcelo. Como você fala isso? E se fosse alguém do Rio de Janeiro?”** [...] Se fosse alguém do Rio de Janeiro, a telefonista ia ser a primeira a dizer “Atende o Rio”. E aí você atendia o Rio. Saí para fazer minhas matérias. **Quando voltei eu estava demitido. Houve uma tentativa dos mais antigos me salvarem. Todos gostavam muito de mim.** (Marcelo Auler)

Em *O Globo*, afirma ter sofrido retaliação política devido a uma campanha por reajuste salarial. Na época, ele fazia reportagens, como colaborador, para as revistas *Movimento* e *O Pasquim*, definidas, por ele, como de esquerda. Porém, procurava esconder de seus chefes a sua participação nas publicações.

---

36 Luiz Orlando Carneiro foi chefe de reportagem, editor e chefe da redação do Jornal do Brasil. Também foi chefe da sucursal do JB em Brasília.



Houve uma **reivindicação de aumento de salário**. Eles não deram. Houve uma notícia que saiu no jornal *Movimento*. **Eles acharam que eu estava envolvido ali no meio**. Eu estava envolvido indiretamente, mas estava. **Acabaram me demitindo**. (Marcelo Auler)

De forma semelhante, relata que a sua demissão da editora Bloch – onde trabalhava na revista *Manchete* – teve relação com o movimento sindical. Houve demissão em várias empresas, naquele ano de 1978. Seu colega Paulo Cesar Araújo e ele foram deslocados para trabalharem em uma publicação menor e, mais tarde, demitidos.

Na hora de registrar a chapa do sindicato, vários colegas nossos foram demitidos, porque eles ganhariam imunidade sindical. A TV Globo demitiu, o *Estadão* demitiu [...]. Em agosto ou setembro daquele ano, eu e esse amigo [...] **fomos colocados de castigo na Manchete. Nos retiraram da Manchete e nos colocaram na revista Fatos e Fotos, que era uma segunda revista**, menos importante. [...]. Aí o chefe de reportagem, disse assim [sobre o Paulo César de Araújo]: **“demite”**. O diretor disse: “não pode”. “Como não pode?” “Acaba de ser eleito diretor do sindicato. Tem imunidade”. **“Mas o Marcelo Auler é amigo dele... demite o Marcelo Auler”**. **Me demitiu**. (Marcelo Auler)

Já a demissão do jornal *O Estado de S. Paulo* deveu-se a corte de gastos.

Na época do Marcelo Beraba<sup>37</sup>, ele me chama: **“Vou ter que demitir você**, porque estamos **em crise financeira e nós estamos cortando. Você é repórter especial. Nós vamos dispensar repórter especial”**. Aí eu fui **demitido**. (Marcelo Auler)

A crise financeira levou a uma série de demissões da editora Abril, em 2017 e 2018. Katia Perin, que iniciou a sua carreira no grupo, foi uma das afetadas.

A Abril nunca fez PDV, mas eu meio que deixei avisado. Fiz entender que eu queria ir naquela turma. Não só eu. Outras pessoas fizeram isso. Dois outros executivos me falaram que fizeram a mesma coisa, porque comigo foram dois executivos da [revista] impressa, né? [...] Não foi combinado. Mas na verdade **ninguém sabia que a gente já estava no bolo**. A Abril já não ia pagar ninguém. A gente achou que aquele era o último pacote que a Abril ia pagar direitinho, que dali pra frente a Abril ia degringolar. E daí foi o que deu. Não deu. Então, como eu vi? Com indignação. (Katia Perin)

A demissão é um sinal de desvalorização. No entanto, é preciso refletir sobre a situação de crise financeira. O corte nas equipes, por si só, não revela o sentido de não reconhecimento do

---

<sup>37</sup> O jornalista carioca Marcelo Beraba iniciou sua carreira no jornal O Globo. Trabalhou na Folha de S. Paulo, no Jornal do Brasil e na Rede Globo. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

profissional, uma vez que diz respeito também a questões externas. No entanto, o enxugamento das redações é uma das características vinculadas ao jornalismo pós-industrial, (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), que afeta diretamente a identidade profissional.

A não valorização profissional pode ser percebida também a partir do discurso da precarização do trabalho. Neste trecho, há a menção ao trabalho precário, mesmo antecedida pelo sentido de reconhecimento.

Eu não era contratado da Rádio Globo. **Eles exploravam a mão de obra, embora me tratassem bem.** Eu sou **amigo** de todos lá **até hoje.** (Marcelo Auler)

Outro exemplo é o trabalho de Elder Ogliari no *Estadão*, que já analisamos. Por mostrar-se tão extenuante, faz-nos pensar que deveria ser realizado por mais de uma pessoa. Assim, alguns relatos dos entrevistados remontam ao sentido de não reconhecimento da identidade profissional, especialmente quando o “outro” é alguém com cargo superior ao jornalista.

No entanto, o sentido de reconhecimento é predominante em todos os relatos. Um exemplo disso é a própria citação acima, na qual Auler diz que era explorado, porém bem tratado e bem quisto.

### 6.2.2 Sentidos de reconhecimento

São inúmeras as citações que remetem à ideia de reconhecimento nas falas dos entrevistados. A partir dessa observação, fazemos duas reflexões: a primeira é que acreditamos que o ato de narrar a trajetória de vida a alguém provoque, pela sua natureza, a emotividade e a nostalgia. Assim, conseqüentemente, podem estar mais vivas na memória as lembranças das relações positivas: o convívio com pessoas que foram importantes e que influenciaram positivamente a carreira de cada um. Relembrar situações de não reconhecimento pode ser mais desafiador. A segunda é que os critérios de seleção dos entrevistados resultaram na escolha de profissionais com décadas de experiência na profissão. A partir do momento em que decidimos estudar um grupo profissional composto por jornalistas que iniciaram suas carreiras nos anos 1980 (ou antes) e que ainda estão em atividade, foram descartados, por exemplo, pessoas que desistiram da profissão ou jovens que começaram há pouco e que ainda estejam buscando seu espaço. Assim, é compreensível que o sentido de reconhecimento seja preponderante.

Consideramos Marcelo Canellas, Ana Estela de Sousa Pinto e Carlos Wagner são os profissionais que melhor ilustram o reconhecimento da identidade profissional. Os três construíram

suas carreiras dentro de uma mesma empresa – *TV Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Zero Hora*, respectivamente. A valorização profissional é evidente nas falas em que mencionam aumentos de salários ou convites para assumirem novos projetos dentro da organização.

Carlos Wagner cita reportagens que renderam prêmios, uma forma de reconhecimento de seus pares que reforçava a sua valorização em *Zero Hora*.

**38 prêmios, sendo sete Essos regionais.** Lívია, deixa eu te dizer uma coisa. O que é o prêmio de jornalismo? **Ele é político. Ele te abre espaço dentro da redação. Hoje não mais. Mas na época sim. Ele te abria espaço e era salário. Era um argumento para ti pedir aumento.** Isso é o prêmio. Só. Tu não é mais competente que o teu amigo, que o teu colega. Tu não é mais competente que ninguém. [...] Olha, Lívია, **eu entrei na *Zero Hora* ganhando o salário mais baixo que tinha no jornal. Aí, sempre que eu ganhava um Prêmio *Esso*, eu dizia: “Olha, cara...”.** (Carlos Wagner)

– E você nunca pensou em sair da *Zero Hora*? (Lívია)  
 – **Toda vez que eu estava lá e tinha convite para trabalhar em outro lugar, os caras botaram dinheiro.** Entendeu? (Carlos Wagner)  
 – Então você era valorizado... (Lívία)  
 – **Fui valorizado. Eu posso ter um monte de broncas contra os caras, agora isso aí eu não... Eu seria um cara muito safado se eu dissesse... Eu fui valorizado.** (Carlos Wagner)

Marcelo Canellas, a todo o momento, relata uma relação com o outro de confiança. Define como essencial para o seu crescimento na profissão as apostas das chefias no seu trabalho. A ascensão foi bastante rápida. Com apenas 23 anos já era repórter do maior telejornal do país, o *Jornal Nacional*.

**Eu devo muito a esse meu chefe lá em Ribeirão, o Rubens Volpe<sup>38</sup>,** que era gerente de jornalismo da TV Ribeirão e que **passou a me dar corda. Passou a acreditar em mim. Eu passei a entrar na rede muito por aposta dele.** Comecei a fazer primeiro o *Bom Dia São Paulo*, depois o *Bom Dia Brasil*, o *Jornal Hoje*, os jornais estaduais de São Paulo, até chegar no *Jornal Nacional*. **Em um ano e pouco eu era repórter do *Jornal Nacional*, com 23 anos de idade, para a região de Ribeirão Preto.** (Marcelo Canellas)

**Começaram a prestar atenção no meu trabalho.** Então eu cheguei em Ribeirão Preto em julho de 88. Fiquei até agosto de 90. **Setembro de 90 eu fui contratado pela Rede Globo e fui para o Rio de Janeiro.** (Marcelo Canellas)

---

38 Rubens Volpe Filho foi chefe de reportagem, chefe de redação e gerente de jornalismo da EPTV Ribeirão. O jornalista faleceu em 2006.

Quando decidi que seria melhor voltar a morar em Brasília, em 1999, pois a sua mulher não se adaptou ao Rio de Janeiro, consegui firmar um acordo com a Globo para ser repórter especial.

Então eu pedi para a Globo para voltar para Brasília e voltei em 2000, como **repórter especial, fazendo reportagens especiais**. Já estava com a **carreira consolidada**. Consegui negociar com o diretor de jornalismo da época, o Schroder<sup>39</sup>, que hoje é diretor-geral da Globo, na época era diretor de jornalismo. **Eu negocieei com ele essa pegada**. Na minha volta para Brasília eu fui como repórter especial, **fora do dia a dia** para fazer **reportagens especiais** sobre política, sobre outras coisas... (Marcelo Canellas)

Como repórter especial, Canellas frequentemente escolhe suas pautas e, inclusive, é o seu próprio editor de texto. Fora das coberturas diárias, tem mais tempo para aprofundar os assuntos em reportagens mais longas. Para ele, trabalhar com grande reportagem foi uma conquista, a partir de uma boa relação com a chefia.

Eu precisei **construir o espaço da grande reportagem**. É uma trajetória, né? **Você não chega na emissora e diz “eu quero fazer grande reportagem”**. Não é assim. **Você tem que construir uma trajetória, os seus chefes têm que confiar em ti**. Por exemplo, hoje no *Fantástico* eu sou o meu editor de texto. **Essa é uma situação rara em que eu entrego um produto pronto para a direção avaliar**. É um processo. **É uma conquista. Uma relação de confiança que tu estabelece com seus chefes**. (Marcelo Canellas)

Uma passagem interessante é a que relembra a única vez em que quase foi demitido. O motivo teria sido uma limitação técnica, o que demonstra que não foi culpa sua. Mesmo nesse momento, recebeu apoio de um dos seus chefes.

No meio de uma entrevista coletiva do governador de São Paulo na época, Orestes Quércia, que entrou em disputa política com Sarney, presidente da República, a fita acabou. Estava no meio da entrevista coletiva e a fita acabou. Na hora de trocar a fita, o Quércia deu uma declaração atacando o Governo Sarney. Era uma declaração nova, o *lead* do dia. **A gente ficou sem, porque foi no exato momento em que o operador tinha que trocar a fita**. Então, **todas as emissoras do Brasil tinham a declaração do Quércia, menos a Globo**. **Quando eu cheguei em Ribeirão Preto sem isso, quase fui demitido**. **O gerente de jornalismo na época, o Rubens Volpe, me protegeu**. **Me escondeu da Globo inclusive, me botando para trabalhar de madrugada para não ser demitido**. Depois de um certo tempo, eu voltei. (Marcelo Canellas)

---

39 Carlos Henrique Schroder foi diretor-geral da Rede Globo. Também atuou como diretor da Central Globo de Jornalismo e diretor de Jornalismo e Esportes. Passou pela RBS TV, TVE-RS e Folha da Tarde.

Apesar de não se identificar com a profissão, o relato sobre o olhar do outro revela um reconhecimento de Ana Estela de Sousa Pinto enquanto jornalista. Em diversas passagens, lembra de convites feitos pelos chefes para assumir novos projetos e, ainda hoje, recebe um retorno positivo pelo seu trabalho. Atualmente, na função de repórter especial, tem a liberdade de definir o seu próprio *deadline*.

Eu acho que eu fiz relativamente bem nesse tempo todo. Pelo menos é o **retorno que eu tenho, que eu tive dos meus chefes até hoje; tenho dos meus colegas.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

O Carlos Eduardo<sup>40</sup> foi ser diretor deste setor, que se chamava *Agência Folha* e eu **fui trabalhar com ele** como editora da primeira página dessas edições regionais. (Ana Estela de Sousa Pinto)

A Junia<sup>41</sup> foi dirigir a *Folha da Tarde*, que era o jornal que existia antes do jornal Agora São Paulo. Eu **fui, então, ser editora-chefe da Folha da Tarde com ela.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

Como **secretária de redação** ali da agência já tinha mudado muito, porque, enfim, eu **participei de todo o processo de selecionar as equipes** e eu **participava da discussão diária com gestores** do que seria a pauta, do que iria para a primeira página. Então, **aumentou muito a responsabilidade** também. (Ana Estela de Sousa Pinto)

92 ou 93... o jornal ia digitalizar a fotografia. Então, **o Otavio<sup>42</sup> me chamou e: “Eu preciso de alguém que organize os processos”**; porque iam mudar totalmente os processos. Então, eu **fiquei como editora de fotografia até 95.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

**O Otavio me perguntou se eu não queria cuidar do programa de qualidade**, que era um programa que tinha para tentar diminuir o número de erros, melhorar qualidade de texto do jornal e tal. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Mais ou menos **o tempo** [para entrega de uma reportagem] **que eu quiser**, quase, sabe? **Difícil alguém me colocar um prazo** do tipo “Ah, faz para semana que vem”. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Katia Perin, Elder Ogliari e Marcelo Auler também relembram momentos de reconhecimento dos seus trabalhos, seja através de prêmios, da valorização dos chefes ou de colegas.

---

40 O jornalista Carlos Eduardo iniciou sua carreira no Diário da Noite e no Diário de S. Paulo. Na Folha de S. Paulo, foi repórter, editor, secretário de redação, diretor-adjunto de redação, *ombudsman* e correspondente internacional em Washington D. C. (EUA). Trabalhou também nos Diários Associados e na TV Cultura.

41 Junia Nogueira de Sá atuou como repórter, editora e *ombudsman* em veículos como Veja, Exame e Folha de S.Paulo.

42 Otavio Frias Filho foi diretor de redação da Folha de S. Paulo e diretor editorial do Grupo Folha. O jornalista e dramaturgo faleceu em 2017, aos 61 anos.

Eu fiz aquela matéria sobre evasão de renda na Federação de Futebol.[...] **Teve uma super-repercussão. Ganhei um prêmio Abril com aquela matéria. Teve uma repercussão enorme. O Juca começou a dar entrevista em tudo o que era lugar**, porque na época era o Eduardo José Farah, que era uma pessoa que cuidava do futebol paulista há séculos e como todo cartel de futebol, desviava dinheiro a rodo. Como sempre nesse país. Mas **nunca ninguém tinha provado. O Juca era inimigo mortal do Farah e eu fui lá e fiz a matéria. Quanta gente estava lá há tanto tempo e não tinha feito a matéria. Eu fiz a matéria. Bom, aí eu já tinha um status de quem consegue fazer essas matérias bem, né?** (Katia Perin)

Essa do Pelé, eu ganhei **Prêmio Esso**. Então outras que **eles achavam que iam dar uma super-repercussão**, que deu repercussão de fato, não deu prêmio. **Essa deu prêmio.** (Katia Perin)

Eu lembro que **nunca tinha visto uma matéria tão grande dentro da Placar. O Juca estava encantado com aquele negócio, todo mundo estava amando aquela matéria com aquela apuração.** (Katia Perin)

Daí eles **me colocaram de chefe de redação** em Chapecó e eu queria Florianópolis. Mas, assim, eu **já entrei num cargo de chefia**. Não que eu quisesse isso, eu queria era passar pela reportagem. (Elder Ogliari)

E eu soube pelos meus amigos que **eles gostaram de mim** e eu já estava interessado, porque, assim, o texto da *Gazeta Mercantil* era um texto muito bom, né? (Elder Ogliari)

**Eu acabei sendo editor, chefe de área, em quase todos lugares que passei, porque acaba sendo um prêmio para as pessoas que se destacam um pouco ganharem mais.** Entende? (Elder Ogliari)

Marcelo Auler cita inúmeras vezes os laços de amizade que cultivou ao longo da sua carreira. A todo momento, quando está falando sobre a sua rotina ou relatando alguma cobertura, cita alguém que foi importante para ele naquela hora. Muitas vezes, diz que a amizade permanece até hoje.

A *Gazeta Mercantil* me passou para a Isto É. Eu não gostei de trabalhar na sucursal da *Isto É*. Fiquei um mês, dois meses. O editor da revista, um **amigão meu até hoje**, ontem eu estava tocando roda de samba com ele... (Marcelo Auler)

Um dos caras que comandou a greve inclusive fazendo piquete no próprio *Jornal do Brasil* era um **amigo meu. Virou um amigo meu, Tom**. Foi demitido. (Marcelo Auler)

**Eu era amigo de uma garota do O Globo e eu dava furo nela todo dia**, porque eu peguei um filão. Peguei uma fonte. Um grande escândalo. (Marcelo Auler)

Aí o JB começa a sofrer mudanças e me leva o **Ancelmo Gois, virou meu amigo também**. Assume o caderno de Cidade e impõe como editor: “Eu assumo, mas eu tenho que levar o Arnaldo<sup>43</sup> e o Marcelo do Rio”. O Arnaldo como subchefe e eu como repórter. (Marcelo Auler)

Eu vou tirar férias e vou trabalhar gratuitamente na campanha do Luiz Inácio Lula da Silva, **com meu amigo, meu irmão, Ricardo Kotscho**. (Marcelo Auler)

Na *Veja* você entrava às 10 horas da manhã e saía às 11 horas da noite. **O Ancelmo me enchia o saco. Era meu amigo, meu irmão, mas me enchia o saco**. (Marcelo Auler)

**Aí eu recebi o convite para ir para o *Estadão*, de uma muito amiga minha, Suely Caldas<sup>44</sup>, lá daquela época do meu início de carreira. Ela era cunhada do Paulo César, aquele meu amigo. Casada com um outro jornalista, Álvaro Caldas<sup>45</sup>, que é meu amigo até hoje**. (Marcelo Auler)

Seu discurso revela a dimensão que o processo relacional tem na sua identidade profissional. As relações estabelecidas com seus colegas de profissão são retomadas a todo momento de forma positiva, reforçando a imagem que tem de si como jornalista. É o que faz Carlos Wagner. Como já observamos, seus “colegas de trincheira” e “amigos de luta” são lembrados a todo instante, trazendo força à ideia de que ele faz parte de um grupo profissional e que sua identidade é vinculada ao sentido de embate.

### 6.3 Mudanças tecnológicas e o trabalho jornalístico

Após finalizada a análise da identidade profissional dos jornalistas, propomos, no presente tópico, analisar alguns trechos em que os entrevistados falam sobre as transformações que eles testemunharam na passagem do período industrial para o pós-industrial. Todos eles vivenciaram a aposentadoria das máquinas de escrever nas redações, a introdução dos computadores e a chegada da Internet e das redes sociais digitais. Como toda grande mudança tecnológica, relatam problemas técnicos e de operacionalização e descrevem o processo de adaptação.

*O Diário Catarinense* ele foi, assim, **foi o primeiro jornal on-line do país, o primeiro que usou computadores na redação**. Então, era tudo novidade. [...] A ideia era assim: **escreve a matéria no computador e já transmite on-line**. Era uma grande novidade e por isso eles investiram na ideia da **redação**

43 Arnaldo César Ricci Jacob atuou em diversos veículos: Correio da Manhã, Diário de Notícias, O Globo, TV Globo, Manchete, Exame, O Jornal, O Dia, Jornal do Brasil e TV Bandeirantes. Na revista *Veja*, foi chefe de redação.

44 Suely Caldas é jornalista e professora. Foi colunista do *Estadão*.

45 Álvaro Caldas trabalhou nas principais redações do Rio de Janeiro e de São Paulo: O Globo, Jornal do Brasil, Jornal dos Sports, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, Última Hora e TV Globo, entre outros. Colaborou em jornais da imprensa alternativa, como Movimento e Pasquim.

**descentralizada. [...] Ao mesmo tempo em que era uma modernidade, era uma coisa que atrapalhava bastante, porque, assim, não funcionava. A transmissão de dados era uma coisa... se você hoje reclama da lentidão da Internet, você imagina estar transmitindo a matéria, corta e só volta daqui a duas horas... porque os dados iam de Chapecó para Lages, de Lages para Curitiba, de Curitiba para Florianópolis. Então era muito comum a gente ter que parar tudo e gravar a matéria nas fitas do telex. Você conhece o telex? Acho que não né? [risos]. (Elder Ogliari)**

A palavra telex<sup>46</sup>, de fato, não diz muito para quem ingressou há pouco na profissão. Dos anos 1980 para cá, a tecnologia mudou em grande velocidade. Nos discursos analisados, ouvimos menções à máquina de escrever, mimeógrafo, fita, máquina fotográfica analógica, câmera U-Matic, lista telefônica e, é claro, o bom e velho bloquinho de notas.

No entanto, como sublinha Jenkins (2009), estamos falando de uma transformação cultural e social, muito além da tecnológica. Por isso, mais do que conhecer as mudanças técnicas, buscamos analisar reflexões observadas em seus discursos que dizem respeito ao impacto provocado pela internet e pelas mídias sociais digitais no fazer jornalístico e no mercado. Além disso, procuramos observar o que pensam sobre o futuro da profissão. Nosso intuito não é fazer um levantamento das mudanças relatadas, muito menos dar conta de um panorama do jornalismo contemporâneo, uma vez que dedicamos o capítulo 2 para esse fim. Em vez disso, pretendemos destacar observações dos entrevistados, que nos permitem refletir sobre o jornalismo contemporâneo e, conseqüentemente, sobre a identidade profissional. Mais do que trazer respostas, desejamos trazer suas inquietações, de forma complementar à análise já realizada, pois percebemos que, uma vez que essa transição ainda está em curso, seus efeitos ainda estão tentando ser compreendidos.

### *6.3.1 Mudanças na prática jornalística*

A inserção da internet nas redações e o desenvolvimento de novas tecnologias no final do século 20 facilitou, em muitos aspectos, o trabalho dos jornalistas. Essa conclusão é unânime entre os entrevistados. Uma mudança notável, de acordo com eles, foi a ampliação das possibilidades de apuração das reportagens. O processo tornou-se muito menos penoso e mais rápido.

Katia Perin relata que, na época em que era repórter, a investigação era muito mais difícil, pois, na maioria das vezes, não se tinha fácil acesso às informações. Dois exemplos citados por ela são as reportagens sobre Ademir da Guia, ex-jogador de futebol do Palmeiras, e sobre o time de

---

46 Telex era um sistema utilizado pelas empresas para comunicação imediata com outros escritórios, que funcionava a partir de uma máquina, ligada a uma rede semelhante à telefônica.



infância do Pelé, em Bauru. Em ambos os casos, sua incumbência era encontrar pessoas, com poucas pistas de onde poderiam estar.

**A gente está falando de uma época em que não havia internet, não era fácil descobrir o que as pessoas estavam fazendo. Ninguém tinha rede social... Então, se a pessoas sumia, ela sumia mesmo. Ninguém sabia onde ela estava, né?** Então, “ninguém ouviu mais falar do Ademir da Guia, vamos descobrir onde está?”. (Katia Perin)

**Porque hoje você faz nas redes sociais, né? Você vê o cara... “Esse aqui. Vamos ver a lista de amigos dele. Tem aqui o fulano...” Em dez minutos você achou todo mundo. Eu levei quatro meses para achar todo mundo** [o time do Pelé]. E era assim... eu sabia que o Paçoca chamava Vladimir Pereira da Silva. Eu não lembro, mas vamos chutar. Tá, o Vladimir Pereira da Silva, você sabe que hoje está morando em Sorocaba. **Aí eu para a lista telefônica e ficava ligando para todos os Vladimir Pereira da Silva, entendeu?** “O senhor foi o que jogou com o Pelé quando era criança?”. “Quê?”. Não era. Sabe, era assim. Era esse o sistema. Até que eu fui e achava um. Achava um e esse um sabia de mais dois. Sabe? Achava esses dois, esses dois sabiam de mais um. (Katia Perin)

Da mesma forma, Ana Estela de Sousa Pinto lembra dos desafios de quando iniciou como repórter, antes da difusão da internet. Porém, ressalva que a facilidade na apuração não é uma conquista da profissão se ela não vem acompanhada dos princípios jornalísticos, como o contato com as fontes e a checagem. Quando muitas situações podem ser resolvidas dentro da redação, existe o risco de se perder o rigor na apuração.

Depois veio a internet que mudou muito a maneira de apurar também, né? Porque quando eu comecei como repórter... **telefone você procurava na lista telefônica.** Retorno da rua você dava do orelhão. Não tinha celular, não tinha... Era tudo analógico mesmo. **E era muito mais difícil e demorado você encontrar as fontes, entrar em contato com as fontes... tinha muito mais coisas que você precisava realmente ir, fazer na rua, não conseguia fazer aqui.** Enfim, tinha **muito menos possibilidades de pesquisa**, de informação, muito menos acesso à informação, né? **A internet facilitou bastante o trabalho de reportagem**, eu acho. **Claro, se você não mantiver os princípios de conversar mesmo com a fonte**, quando for necessário ir falar pessoalmente com ela... ouvir várias pessoas, recheicar a informação. **Se mantiver todos os princípios básicos do jornalismo, eu acho que a internet facilita bastante.** (Ana Estela de Sousa Pinto)

Marcelo Auler faz observação semelhante. Nas descrições sobre reportagens que realizou em diferentes veículos, relata longos caminhos percorridos e a persistência para encontrar respostas, até mesmo nas investigações que parecem infrutíferas. Por isso, faz uma crítica ao jornalismo atual, que muitas vezes é feito dentro das redações e as reportagens, declaratórias.

Dizia pra todo mundo: **tem que ralar no espinho. Tem que gastar sola de sapato. As pessoas hoje querem fazer jornalismo apenas pela internet, ou por telefone.** (Marcelo Auler)

– Você acha que as novas tecnologias facilitaram a vida dos jornalistas? (Lívia)  
 – **Claro que facilitaram**, a vida de qualquer um. Claro que facilitaram. **Mas também atrapalham. Atrapalham na medida em que as pessoas se acomodam. Na medida em que pegam aqui e publicam ali. Não enxergam. Não param pra pensar. Não pode ser isso. Não pode ser.** (Marcelo Auler)

**As pessoas estão se acomodando em fazer matérias dentro da redação ou de pegar informação com delegado, com procurador, não sei o quê... Já fiz muito isso. Na minha época, que eu frequentava a Procuradoria, eles fazem uma denúncia, que não era segredo de justiça, eles me mostravam a denúncia. Mas eu ia lá ouvir os outros lados. Eu ia lá checar. Não era receber e publicar apenas.** (Marcelo Auler)

Marcelo Canellas relata algumas mudanças provocadas pela evolução tecnológica, que tornaram possíveis coberturas, até então, inimagináveis. No seu primeiro emprego, como repórter de polícia, sua única ferramenta era um bloco de anotações.

Eu chegava nas delegacias para pegar os boletins de ocorrência... porque **naquele tempo era assim: tu tinha que acordar de madrugada e passar nas principais delegacias e ver o que era notícia antes que fosse distribuído para a delegacia central.** (Marcelo Canellas)

Já na televisão era diferente, pois o equipamento, ainda que longe de ser avançado, era essencial.

A gente usava uma câmera U-matic. Um cabo ligava a câmera à caixa de VT onde ficava a fita. Tem até **situações cômicas** assim... por exemplo de uma **perseguição... o cinegrafista se desconectar do operador e parar de gravar. Correria... e o cabo se desconectar.** (Marcelo Canellas)

A transformação da produção jornalística televisiva de lá para cá foi radical. Poder mostrar lugares e realidades distantes, de forma instantânea qualificou o jornalismo e fortaleceu a sua função de retratar a realidade social.

Eu me lembro que quando eu comecei em Ribeirão Preto a gente viajava pra Franca, pra Pirassununga, para cidades mais distantes... tinha um santinho – que era uma fotografia do repórter ao telefone, aquele telefone de fio –, que **tu entrava de orelhão ao vivo no jornal. “Agora Marcelo Canellas vai entrar ao vivo de Franca por telefone.”** Aí eu falava no telefone e entrava o meu santinho que era

uma fotografia... **imagina! Hoje tu pode entrar ao vivo do fundo do mar. Pode entrevistar um astronauta em órbita ao vivo... com o telefone celular tu entra ao vivo no meio da Floresta Amazônica.** Então, é uma mudança... o arsenal tecnológico que os jornalistas de hoje têm é **absolutamente impressionante. Os nativos digitais, que são os meus filhos... a tecnologia que eles têm à disposição para facilitar a vida é absolutamente impressionante.** (Marcelo Canellas)

Entretanto, assim como Ana Estela e Marcelo Auler, Marcelo Canellas faz ressalvas. Questiona se o avanço tecnológico foi acompanhado pela melhoria na qualidade do jornalismo.

– Para fazer pesquisa... fazer pesquisa quando eu comecei na profissão **30 anos atrás tu tinha que revisar quilos e quilos de jornais, revistas, enciclopédias... pesquisar horas, folheando papel. Hoje tu coloca um verbete no Google... olha como é a pesquisa hoje. É uma facilidade. O que não significa que você tenha um jornalismo de melhor qualidade, porque não adianta tu ter um aparato tecnológico maravilhoso se a pessoa que está ali não tem as ferramentas teóricas para elucidar o que está diante de si. Essa é a grande questão. Porque... será que a evolução tecnológica assombrosa que nós tivemos nos últimos 30 anos, que é o tempo que eu tenho de profissão, foi acompanhada por uma evolução ética do jornalista diante da vida, diante da notícia?** Essa é a grande pergunta que a gente tem que fazer. (Marcelo Canellas)

– E o que você acha? (Lívia)

– **Eu acho que não. Eu acho que não corresponde. Eu acho que a gente está devendo. Acho que o jornalismo brasileiro está devendo em aprofundamento, em explicação do Brasil.** Especialmente num momento como esse. Acho que esse é o **grande momento da grande reportagem.** O momento de polarização, de falta de horizonte e de incerteza diante do futuro **é o momento em que a grande reportagem tem que explicar o Brasil.** Eu estou convencido que a gente tem pela frente um campo fértil aí para a grande reportagem. (Marcelo Canellas)

Para Carlos Wagner, a chegada da Internet foi revolucionária na sua rotina como repórter. Trouxe soluções para os problemas de comunicação, que dificultavam o seu trabalho ao viajar pelo interior do Brasil. Afastou-se um dos grandes medos até então existentes na prática profissional: o risco de não conseguir enviar a matéria para a redação.

A vida do repórter até virem os computadores, com o *on-line*, **era um inferno. Tu passava mais tempo tentando mandar a matéria, mandar as fotos para a redação, do que trabalhando. Era um inferno.** Principalmente para mim que sempre trabalhei fora, nos rincões, com problema de comunicação, que **para tu encontrar um telefone, tinha que andar 50 quilômetros, sabe? Olha, só quem viveu aquele inferno para saber o que que é...** por exemplo, tu trabalhava 10 horas no dia, tá? **5 horas era tentando mandar matéria para a redação. Era uma merda. Era uma merda.** Quando tu estava no interiorzão, Mato Grosso, por aí... [...] Tu tinha que mandar foto, tu tinha que mandar texto... **E era um telefone para trinta repórteres, sabe? Era um estresse. Era um estresse. Era briga em hotel. Nós brigávamos no hotel pelo telefone.** (Carlos Wagner)

**Já me acontecia muitas vezes... eu não tinha redigido a matéria, aí tu conseguia um telefone para ligar para a redação e ia redigindo de cabeça... eu**

já fiz até duas páginas. Tu tem o teu bloquinho, tu começa a falar: “pá, pá, pá...” Entendeu? (Carlos Wagner)

**A partir do momento em que as redações foram conectadas, mudou tudo. [...] A partir disso, escrever tornou-se um prazer. Tu escrevia sem medo. Sem medo de tu escrever e não conseguir mandar para o jornal. Olha, Livia, tu sabe o que é tu escrever e não conseguir mandar para o jornal?** Isso me aconteceu, não foi uma, foram várias vezes. **Tu não conseguia mandar,** porque os telefones da região toda caíam. Ou tu escrever e **tu ter que fazer 100 quilômetros para conseguir um telefone, porque todos os telefones caíram.** O que a ditadura militar fazia? Nós quando tinha confronto de terras em uma região... **eles tiravam todos os telefones do ar. Te fodiam.** Entendeu? **Te fodiam.** (Carlos Wagner)

No momento em que as redações foram conectadas, o mundo inteiro foi. Uma mudança fundamental na prática do jornalista é a chegada de outros atores no ecossistema jornalístico, como descrevem Anderson, Bell e Shirky (2013). A partir de então, o papel do jornalista, bem como a hegemonia das empresas passam a ser reconfigurados, gerando diferentes pontos de vista.

Eu acho que mudou, porque **os grandes veículos já não são mais os únicos produtores de notícia.** Qualquer pessoa hoje pode ser produtora de notícia. O que a gente... uma prerrogativa a mais que a gente tem hoje, que a gente não tinha, **é de ser uma espécie de curador desse mar de informações que existe.** A gente **separar o joio do trigo... o que é notícia de fato e o que não é. E quem tem a ferramenta pra isso é o jornalista profissional.** (Marcelo Canellas)

Para Canellas, o jornalista profissional mantém a sua relevância no período atual, mesmo com a entrada no cenário de pessoas comuns e iniciativas aptas a produzir conteúdo. A grande reportagem é citada por ele, como forma de aprofundamento de temas, bastante necessário hoje, que deve estar a cargo dos jornalistas profissionais.

Enquanto isso, Ana Estela de Sousa Pinto, parece não dar tanta relevância à produção e divulgação de notícias por não-jornalistas. Ela afirma que o público pode hoje “comentar” as notícias publicadas pelas grandes empresas. A empresa continua sendo central no seu discurso. A jornalista não percebe, portanto, que a entrada de outros atores tenha abalado a estrutura organizacional da qual faz parte. É interessante observar a valorização da grande empresa no seu discurso, uma vez que tem, como analisamos, uma visão pragmática da profissão, ligada à lógica de mercado.

Mudou porque **o público pode comentar direto as suas matérias, né?** Acho que talvez seja essa a principal mudança. **E você consegue, também, você mesma divulgar diretamente para as pessoas as suas matérias, nas redes sociais ou em outros lugares...** [...] A gente fazia um blog de jornalismo, de treinamento de

jornalismo. E o blog, ele é uma ferramenta incrível pro treinamento, porque você **consegue dialogar com as pessoas com muita facilidade**. As pessoas que não estão fazendo treinamento, estão lá fora, mas se interessam pelo assunto... elas **mandam perguntas e você responde**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Olha, é verdade. Tem muita gente produzindo... mas acho que **isso não afeta muito o trabalho de quem está aqui dentro**, não. Porque, assim, **eu acho que se mantém a diferença entre o jornalismo profissional, que é feito por uma empresa de jornalismo, que tem que prestar contas para os seus leitores, seus assinantes, seus clientes e pros seus acionistas, né? E o conteúdo que é produzido de forma amadora**. A diferença é que o conteúdo produzido de forma amadora hoje, ele pode estar acessível para quem quiser. Antigamente também tinha gente produzindo conteúdo de forma amadora, mas ele circulava de uma forma mais restrita. Mas eu não vejo... eu acho que no começo houve uma preocupação maior, quando começaram a aparecer, sei lá, o jornalista cidadão. **Acho que houve uma preocupação maior de que isso pudesse afetar muito o trabalho dos jornalistas profissionais, mas eu não vi isso acontecer. E hoje em dia eu também não vejo muito. Eu não me sinto afetada em nada por isso. Acho “ok” que as pessoas produzam o que elas quiserem e o público também tem o direito de procurar informação onde ele quiser**. E se ele achar importante procurar num jornal institucionalizado, no jornalismo profissional, ele vai encontrar. Se ele não achar, **se ele quiser ficar lendo o que aparecer na frente dele, é o direito dele**. (Ana Estela de Sousa Pinto)

Já Carlos Wagner, entende que essa mudança é mais radical. Até quem está no banheiro, mexendo no celular, consegue criar algo que vai ser amplamente difundido, diz. Para ele, é imprescindível que o jornalista se especialize em algum assunto e busque formas de financiar seu trabalho fora da lógica das grandes redações.

### 6.3.2. Mercado de trabalho

Carlos Wagner e Elder Ogliari afirmam que o fechamento do mercado nos últimos anos é visível. Assim, acreditam que quem consegue fugir da lógica da grande empresa tem mais possibilidades.

E sabe que foi a decisão mais acertada que eu tomei [entrar no Correio do Povo], porque **desde então nunca mais surgiu nenhuma proposta de emprego. O mercado fechou completamente**. É impressionante o que eu vejo de colegas antigos: “Elder, tu sabe de alguma coisa?”. **O mercado, assim, para quem é de redação que nem foi a minha geração, para quem é, assim, meio dependente da coisa de escrever para um jornal e tem a minha idade, não tem mercado. Se conseguir é quase um... é um ponto fora da curva**. Então, como eu sou um rato de redação, acho que foi uma lição muito acertada. (Elder Ogliari)

**Muito mais importante tu montar o teu negócio e te especializar. Tu ir pra estrada. Tu saber te vender. Sabe? Tu saber te administrar, né?** Tu saber que tu tem que fazer três, quatro coisas. Ganhar um pouquinho de dinheiro aqui, outro ali. **Mas tu tem que ter uma coisa em que tu é referência.** E o que me espanta é que as universidades estão formando desempregados. **Lívia, não tem mais emprego, Lívia. Não tem mais emprego. Acabou o emprego para jornalista e para um monte de profissão.** (Carlos Wagner)

Katia Perin avalia que foram vários os processos que levaram à venda da editora Abril e às demissões em massa.

Então, tem a crise no país econômica, tem a crise da imprensa de uma forma geral e tem a crise da própria Abril. Na Abril tem essas três crises paralelas. A Abril **não soube administrar direito a passagem para a Internet.** Ela **nunca soube administrar isso.** Então, eu fiquei lá dentro 18 anos e eu vivi tudo isso. Ela não soube administrar. **Foi perdendo chão. Foi perdendo o trem.** Entrou nessa **crise lastimável.** Foi vendida na quinta-feira por 100 mil reais. Uma dívida de um bilhão e 600 milhões, astronômica. Não pagou os 800... foi o número de pessoas que demitiu no dia 6 de agosto, mas a recuperação judicial abrangeu inclusive os que eles tinham demitido em dezembro que eram mais 400 e poucos. **Então mais de 1500 pessoas aí sem receber nada da Abril.** (Katia Perin)

Ver a empresa em que trabalhou por 18 anos definhar dessa forma e encontrar-se na situação de desemprego é difícil. Trata-se de um momento que gera dúvidas. No momento da entrevista, Katia Perin não sabia exatamente quais seriam seus próximos passos, mas sabia que o jornalismo continuaria fazendo parte da sua vida. Em relação ao trabalho jornalístico diante da redução dos recursos disponíveis, ela lamenta que esteja sendo afetado. “O bom jornalismo custa caro”, diz. É possível perceber o sentido de nostalgia próprio do discurso romântico, nos termos definidos por Lago (2002), quando compara as coberturas que fez no passado com as que são realizadas hoje ou quando lembra os investimentos feitos pela *Veja*, cerca de uma década atrás.

**Investiu-se muito dinheiro no site da Veja, muito.** Naquele ano... Eu sei de cor esse dado, porque eu dei para muitas pessoas e **muitas nem acreditam...** **Em um ano eu entrevistei 100 pessoas.** Na verdade, para ser exata, **114 pessoas,** que era para contratar gente para formar uma equipe. A equipe tinha 80 pessoas. Eu **contratei gente no Rio, contratei gente em Brasília... Tinha sucursal no Rio... Olha só! Que luxo que foi, né? A gente tinha uma sucursal no Rio de Janeiro para o site!** Não estou falando para a imprensa, hein? **Só para o site! Para a imprensa sempre teve, né?** (Katia Perin)

**Foi muito legal aquela matéria** [a do time do Pelé]. Mas era uma **matéria no estilo antigo, né? Hoje que repórter pode se dar ao luxo de ficar 3, 4 meses? Gente... Ninguém mais.** E isso, assim, depois na condição de editora e de chefe

de equipe eu mesma sabia que aquilo não podia se repetir, sabe? Quantas vezes eu tive na mão uma pauta que eu gostaria de ter feito o que o Maranhão<sup>47</sup> fez comigo, sabe? Pegar um repórter que eu sabia que ia fazer bem e falar para ele: “Fulano, faz isso.” **Quantas vezes eu tive essa pauta e gostaria de ter invertido o papel e sabia que não era mais... Sabia que não podia ser feito. Não tinha mais como ser feito.** Por que não tinha mais como ser feito? Por mil motivos. Primeiro, porque, embora fosse mais fácil, ele ia achar tudo aquilo lá em muito pouco tempo graças à internet, né? **Mas não tinha mais estrutura da empresa, do mercado, para aquilo, né? Um carro não podia mais ficar à disposição de um repórter. Um fotógrafo não podia mais ficar à disposição de um repórter. Um repórter não podia se dar ao luxo de ficar mais de uma semana, duas semanas, com uma matéria. Duas semanas tinha que ser capa da revista para ficar com aquilo.** Então, era meio decepcionante isso, sabe? De você não poder proporcionar a um subordinado aquilo que você teve a chance de fazer. (Katia Perin)

O relato de Katia Perin ilustra uma realidade de redução dos custos para a produção de notícias, bem como de precarização do mercado de trabalho. O que fica evidente é que o jornalismo atravessa um momento de transição e de incertezas. O resultado desse processo ainda é desconhecido. Diante disso, os jornalistas entrevistados reforçam a necessidade de retorno aos princípios jornalísticos e, apesar de tudo, apostam no jornalismo feito por profissionais.

Mas a gente está aprendendo. A gente está num momento de transição... a gente não sabe... **a gente está um pouco apreensivo**, porque **todo momento de transição tecnológica causa apreensão**. Mas existem coisas a serem inventadas. Existem plataformas se consolidando... e mesmo os veículos tradicionais se adequando a uma nova realidade, que está em curso, que é um processo em curso, **que a gente não sabe como vai ser**, mas que está acontecendo... que **causa apreensão, obviamente... a precarização das relações de trabalho... o enxugamento das redações tradicionais... isso é uma realidade concreta. Como que isso vai se ajustar... aí não sabemos.** Mas uma coisa é certa: **o prestígio de um veículo, seja ele qual for, do grande ao pequeno, ele é dado pela credibilidade que o jornalismo profissional é capaz de conferir a ele.** Isso eu estou convencido... que **o jornalismo profissional é que dá a qualquer veículo o maior patrimônio que ele pode ter, que é a credibilidade e o prestígio que advém da credibilidade.** (Marcelo Canellas)

### 6.3.3 Urgência e onipresença

Como vimos anteriormente, Carlos Wagner é categórico ao afirmar o quanto sua vida melhorou quando a internet foi incorporada na sua rotina de trabalho. É interessante, porém,

---

47 O jornalista Carlos Maranhão trabalhou por mais de 40 anos na Editora Abril. Ocupou cargos de direção nas revistas Veja e Placar.

perceber que, assim como a tecnologia concedeu mais tempo livre ao repórter, ela também foi responsável por suprimi-lo.

No final da década de 90, quando começou a internet, aí que a nossa vida começou a facilitar. **Começou a sobrar mais tempo para a gente beber, porque antes a gente tinha que beber trabalhando. Mais tempo. Por outro lado, complicou a nossa vida porque a gente ficava *on-line* e a redação ficava enchendo o saco o tempo todo. Sabe?** (Carlos Wagner)

O relato de Wagner vai ao encontro do que dizem Pereira e Adghirni (2011, p.45): “A pressão do tempo sobre a produção das notícias é uma das marcas indelévels do jornalismo ao longo de sua história, mas o desenvolvimento das tecnologias digitais acelerou este processo nos últimos 20 anos”. Conforme o relato de Wagner e a experiência de Elder Ogliari no *Estadão*, o jornalista passou a ser encontrado em todos os lugares e o tempo para o trabalho, cada vez mais, confundido com o tempo da vida pessoal.

Estar sempre conectado parece ser uma prerrogativa do período pós-industrial. A exigência de onipresença e a urgência chegaram a todas as instâncias do fazer jornalístico. No universo *on-line* elas são ainda mais evidentes. Quanto a isso, uma observação esclarecedora é a que faz Katia Perin, sobre a prática de reprodução nos *sites* de notícias.

No começo **aquilo me espantava um pouco, porque apurava-se um pouco e reproduzia-se muito**. Então, **aquilo me incomodava um pouco**. Tipo assim: “**tem que subir logo**”, né? O termo não era mais fechar. Fechar era do jornal, do papel. Ali era subir. Então, “**tem que subir logo**”. Então, **muitas vezes pegava-se matéria da Agência Estado, reescrevia-se e publicava-se, mas não era nossa apuração**. Era apuração da *Agência Estado*. Aquilo no começo me incomodava um pouco. Depois, **virou uma prática, né?** Hoje na Internet, **a gente sabe que os veículos de comunicação de Internet trabalham assim, com pouca apuração e muita reprodução**. Mas no começo me incomodava, **porque eu vim daquela escola onde cada um produz a sua... o seu jornalismo**. (Katia Perin)

**O site funcionava 24 horas**, certo? [...] Às vezes eu não tinha seis pessoas em uma editoria, eu tinha 4 pessoas em uma editoria. Ciência, por exemplo, tinha 4 pessoas. Era uma de manhã, duas à tarde e uma à noite. Então, **se essa da manhã estava apurando uma matéria, por exemplo, eu já tinha que chamar alguém de Brasil para ajudar em Ciência**. E aí enquanto essa pessoa estava apurando uma matéria, **eu não podia ficar sem nada no site. Eu tinha que pôr uma coisa**. Daí a gente puxava alguma coisa da *Agência*, entendeu? Então, é diferente de jornal.[...] **O site, ele está publicando a todo o tempo. E se ele não está publicando a todo o tempo, ele está perdendo para o concorrente, porque o concorrente está publicando a todo o tempo**. [...] A gente tinha as assinaturas da *Nature*, da *Science*... Então, fulano entrava na *Science*, via lá o último estudo: “Kátia, tem isso, isso e isso. Vale?”. Aí eu discutia com ele se valia ou não e a gente fazia uma matéria sobre o estudo que ele estava me sugerindo. Então era isso, sabe? **O que não podia era ficar muito tempo sem publicar nada. Por causa da**



**concorrência, por volume, por audiência... porque se você publica pouco, a audiência foge.** É um universo completamente diferente. (Katia Perin)

Então, assim, **Lava Jato, às 6 horas da manhã, era repórter nosso que fazia? Claro que não.** A gente não tinha repórter Lava Jato. Nem tinha repórter às 6 horas da manhã lá. O que a gente tinha? **A gente tinha Agência Estado.** Então, **esperava a Agência Estado soltar a Lava Jato. Subia.** Publicava a manchete com a notícia: “Lava Jato está na casa do fulano de tal. Do Cabral<sup>48</sup>”. Publicava a notícia. **Aí chamamos um repórter:** “Vem mais cedo. Hoje tem Cabral preso pela Lava Jato.” **O cara começava a apurar. Aí a gente ia crescendo a matéria,** que é outra coisa da Internet. Não é coisa do papel. **Crescer a matéria.** A gente publica “Cabral foi preso pela Lava Jato”, às 6 horas da manhã. Depois, é o dia inteiro com o Cabral foi preso pela Lava Jato com **milhares de notícias durante o dia.** Então, **o repórter que é o primeiro não é nem o que vai terminar a notícia, porque no meio dia passaram três ou quatro repórteres naquela mesma matéria.** Então, você entendeu como é diferente? **Se antes eu ficava com uma matéria três meses, agora são quatro repórteres para uma matéria durante o dia inteiro.** (Katia Perin)

A necessidade de publicar a todo o momento e de estar presente em todos os locais são imperativos do jornalismo *on-line*, na avaliação de Katia Perin, e resultam em pressão sobre a equipe e maior reprodução de notícias. O jornalista tem menos tempo para apuração antes de publicar e, portanto, não consegue dedicar-se ao tema em sua plenitude. Essa é outra característica do jornalismo pós-industrial citada por Anderson, Bell e Shirky (2013): o produto jornalístico é aberto – ele pode ser retomado e refeito, quando necessário. Essa é uma vantagem, conforme os autores, por permitir que o conteúdo seja aprofundado posteriormente, podendo inclusive contar com contribuições do público. O que se observa, porém, é que a lógica de mercado, com a exigência da velocidade, leva a práticas não desejadas, como a reprodução.

Outra característica do jornalismo *on-line* criticada por Katia Perin é a influência das redes sociais digitais na definição das pautas.

**A gente começou a produzir em função das redes sociais.** Eu usava o termo, **costumo usar o termo: nós passamos a ser reféns das redes sociais.** Começou com os veículos *on-line*, mas depois, passou para a revista. **A revista fazia uma matéria sobre o Zezé de Camargo, porque as redes sociais estavam dando isso, estavam gostando disso. O Jornal Nacional começou a fazer uma matéria sobre o Zezé de Camargo, porque as redes sociais...** Então, os grandes veículos viraram **reféns** das redes sociais. Só se fazia coisas que as redes sociais... Os memes... **Os memes viraram notícia.** Para o bem ou para o mal, os memes viraram notícia. Então, quando as redações tradicionais passaram a se pautar pelas redes sociais, as redes sociais ganharam mais importância. **Por isso, nós estamos nessa crise que nós estamos hoje.** (Katia Perin)

---

48 Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro, foi preso na Operação Lava Jato, em 2016.

Quando a gente fazia uma matéria como aquela lá da *Placar* que o cara não sabia que o menino que tinha jogado com o Pelé aos 10 anos – estou só te dando um exemplo, né? - hoje é assessor do ministro de Minas e energia... Ele não sabia, mas ele descobriu. **Hoje, é ele que está me dizendo que o Zezé de Camargo se separou da mulher e eu que tenho que correr atrás dele, entendeu?** Não sou mais eu que estou oferecendo. **Eu estou correndo atrás do que ele está me informando.** É o leitor que está fazendo isso. É o leitor que está me oferecendo a pauta. Não eu fornecendo a matéria para ele. [...] **Tem consequências na qualidade eu acho.** Hoje... Não é 100%, lógico. Nada é 100%. **Mas tem problemas de qualidade e de credibilidade, porque uma matéria da separação do Zezé de Camargo tem mais importância que a prisão do Cabral, porque pouca gente quer saber de mais uma prisão.** Pouca gente quer saber de mais um cara da Lava Jato. Pouca gente quer saber de mais um esquema de corrupção. **Mas todo mundo quer saber se a Anitta se separou do marido dela.** (Katia Perin)

A questão colocada por Katia Perin sobre o que interessa ao público leva à reflexão sobre o futuro da profissão, uma questão que ainda gera dúvidas.

#### 6.3.4 O futuro da profissão

O que, afinal, interessa ao público? Essa é uma questão levantada por alguns entrevistados sobre o caminho que o jornalismo está percorrendo e para onde vai. Ana Estela de Sousa Pinto diz que o momento é delicado e que não consegue fazer muitas projeções. Mais do que uma crise financeira do jornalismo, o que a preocupa é o risco de que a informação jornalística não seja valorizada.

Eu acho que **o grande perigo é o perigo de uma mudança cultural na qual as pessoas deixem de achar importante receber informação checada e de qualidade, que elas passem a achar isso irrelevante. Passem a deixar de dar importância para isso. Deixar de se importar com qual é a fonte da informação...** ou deixar de se importar em ter uma fonte de informação jornalística profissional. Acho que essa é a grande crise, o grande risco de que o jornalismo entre em uma crise realmente séria, mais do que a crise do modelo de negócios que veio com a introdução da Internet, dos buscadores e tudo mais. (Ana Estela de Sousa Pinto)

A difusão de *fake news* e a percepção de que, muitas vezes, as pessoas preferem informações passadas por amigos e parentes fazem com que o jornalista se coloque esse questionamento. Para Marcelo Auler, a profissão corre o risco de extinção, que só pode ser evitado se o jornalista levar a sério o processo de apuração, a fim de retomar a confiança do público.

**Se você não vai levar a sério** essa história eu estou te falando de **você apurar realmente o que acontece, ouvir o outro lado, checar, você só compra a versão oficial, seja ela de A, B ou C, você não está levando ao leitor uma informação fidedigna, em que ele possa confiar.** Aí aparece no *Facebook*, no *site*, não sei aonde, no *Instagram*, no sei lá... no *Whatsapp*... as versões mais mirabolantes, contadas por pessoas que não são jornalistas, que não percebem que há uma coisa gritante, um erro gritante ali. Várias vezes, eu recebo de listas do *Telegram* uma informação como se fosse... Aí eu vou lá e digo: “Olha aqui: isso saiu dia tal. Isso saiu há 3 anos atrás. Isso...”. **Se o jornalismo não está levando a sério apurar direito o que está acontecendo e bota qualquer merda na página do jornal ou no site do jornal, daqui a pouco o leitor diz: “mas eu não preciso deles”. Como está dizendo: “Eu não preciso da TV Globo. TV Globo direciona a informação”.** Claro que o povão lá no interior não vai saber isso e vai comprar a versão da TV Globo, mas **se o jornalismo não tomar esse cuidado, com todas essas mídias sociais que surgiram aí, é uma profissão em extinção.** (Marcelo Auler)

Já Carlos Wagner entende que o futuro do jornalismo depende de ele se manter relevante. Ele acredita que as pessoas sempre vão procurar histórias interessantes e informações especializadas.

As pessoas conversam entre si pelas redes. Elas conversam entre si. **Elas se resolvem nas redes.** Mas aí... Tá, mas o Carlos Wagner apareceu com uma novidade... Hoje nós voltamos a ser o que a nossa origem sempre foi. **Nós temos uma novidade para contar. Isso nos torna relevantes. As pessoas vão procurar ler o que a gente escreve, ou ver o vídeo, ou escutar o que a gente fala, se a gente tiver uma novidade para contar.** (Carlos Wagner)

Apesar das ressalvas, nota-se um reforço na ideia de que o jornalismo se mantém essencial em um cenário de grandes transformações.

Eu acho que o que está em crise são os meios de produção, são as **empresas que se estruturaram**, entende? As empresas que não se adaptaram. Mas **isso não significa que a nossa profissão está extinta.** A extinção das empresas de jornalismo, como tu conhece hoje, não significa a extinção da nossa profissão. Isso tem que ficar claro. Isso tem que ficar muito claro. (Carlos Wagner)

Eu acho que **é fundamental para que a democracia exista. É fundamental para que a sociedade seja desenvolvida. É fundamental para a formação das pessoas.** Tudo isso é a **essência do jornalismo.** O que mudou? **Mudou o formato. Mudou o processo de produção. Nisso piorou em algumas coisas, melhorou em outras.** (Katia Perin)

Eu ainda não tenho uma resposta. A resposta que eu teria seria... eu **acho que o jornalismo não pode e não vai acabar. A sociedade depende, precisa do jornalismo. Agora, como vai ser feito eu não sei. Eu acho que no futuro não vai ser feito com jornal impresso. Nessa estrutura que eu chego aqui... hoje eu que**

vou ter que fazer a pauta, porque o colega teve que fazer uma viagem. [...] De tarde chegam os repórteres, pegam suas pautas e vão trotar. No fim da tarde, eu edito. Eu acho que essa fórmula existe até quando existirem os jornais, mas não é uma fórmula que vai existir por muito tempo. Talvez alguns anos ainda... sei lá. **Agora, isso não quer dizer que não se vá precisar fazer boas matérias, boas apurações, boas investigações, ainda mais do jeito que está agora que é tudo *fake news*. Não se sabe o que é verdade e o que é mentira. Então, assim, o bom jornalismo, o jornalismo que procura a verdade.** Eu não tenho a pretensão de achar que o jornalismo diz a verdade, mas eu acho que procura. Quem é jornalista do bem procura. **Esse aí vai ter que sobreviver.** Se vai ser mediante sistemas de empresas que contratam funcionários ou se vai ser por meio de pequeno núcleo de jornalistas que se unem para fazer ou individualmente, que também é possível, eu não sei. **Mas a boa informação é uma coisa muito preciosa para a sociedade prescindir dela.** (Elder Ogliari)

A partir dos discursos analisados nesta seção, observamos que há um esforço de compreender as mudanças ainda em curso. A crítica a práticas jornalísticas atuais, a desconfiança aparente do público, as observações quanto à precarização das rotinas produtivas e ao fechamento do mercado de trabalho geram uma sensação de instabilidade. Mesmo assim, o que se sobressai é a crença na atividade profissional.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a identidade profissional de jornalistas em um contexto de profundas transformações mostrou-se um grande desafio. Em primeiro lugar, entendemos que a identidade por si só não pode ser totalmente apreendida, uma vez que é resultado de diversos processos complexos – o *habitus*, as experiências ao longo da vida, o olhar do outro e o olhar de si. Os relatos apresentam versões ou fragmentos de uma representação da identidade, uma vez que a linguagem faz objetivações que não possibilitam acesso ao real no mundo social. Além disso, a memória dos sujeitos elege determinados acontecimentos, aspectos e observações em detrimento de outros, conscientemente ou não. Assim, chegamos ao final da pesquisa convencidos da impossibilidade de se apreender a identidade profissional em toda a sua complexidade. O que conseguimos, a partir de uma proposta metodológica, foi nos aproximar das respostas que procuramos.

Nosso objetivo foi investigar as mudanças e permanências na identidade dos jornalistas que testemunharam a passagem do período industrial para o pós-industrial. Como objetivos específicos, através das histórias de vida de seis jornalistas que ingressaram no mundo do trabalho na década de 1980 ou 1970 e que continuam em atividade em veículos de comunicação, procuramos analisar questões relacionadas a valores, papéis, responsabilidades e desafios enfrentados nesse período de transição. Também procuramos identificar e compreender fatores na vida desses jornalistas que contribuíram para forjar a identidade para si (processo biográfico) e a identidade para o outro (processo relacional).

Para isso, optamos pela História Oral, mais especificamente pela entrevista de história de vida. A técnica permitiu que investigássemos as formações e reconstruções das identidades. Foram convidados e aceitaram fazer parte da pesquisa os seguintes jornalistas: Ana Estela de Sousa Pinto, Carlos Wagner, Elder Ogliari, Marcelo Auler, Marcelo Canellas e Katia Perin. Ao relatar suas histórias de vida e experiências no campo jornalístico, os entrevistados trouxeram muitas respostas para as nossas inquietações. Outras, permanecem em aberto.

A História Oral mostrou-se uma metodologia extremamente rica e que possibilitaria muitas outras abordagens e possibilidades de aproximação do objeto. Concluímos este trabalho com a certeza de que ela nos levaria a novas e importantes investigações. Acreditamos, por exemplo, que as entrevistas de Katia Perin e Ana Estela de Sousa Pinto trazem questões muito relevantes para um estudo de gênero. Não era nosso objetivo, aqui, investigar especificamente as implicações sobre ser jornalista e mulher, apesar de constarem, em alguns momentos, em nossa análise. Um assunto de tamanha importância, no entanto, mereceria ser aprofundado em outro momento. Os dados e informações das entrevistas permanecem como fonte primária para muitas outras análises.

Da mesma forma, entendemos que o nosso estudo não seria capaz de dar conta da complexidade de todas as formas de trabalho típicas do período pós-industrial. Não priorizamos, por exemplo, jornalistas que buscam alternativas longe dos veículos de comunicação, como empreendedores ou *freelancers*. Também não foi nosso objetivo investigar os profissionais que atuam em proximidade com outras áreas da comunicação, como o *marketing* e as assessorias. Entendemos, portanto, que outras pesquisas abrangendo diferentes configurações de trabalho, cada vez mais comuns na contemporaneidade, também seriam de grande contribuição para os estudos do jornalismo.

Como dissemos desde o início, tomamos como base teórica autores como Bourdieu (1983, 1996, 2004, 2009), Dubar (1997) e Berger e Luckmann (2012), a partir dos quais estudamos a constituição da identidade pelo sujeito no processo de socialização. Observamos que ela é herdada, em parte, mas se mantém em constante movimento. Na contemporaneidade, ela é ainda mais complexa, uma vez que o caráter comunitário das sociedades tradicionais tende a dar lugar à fluidez da sociedade conectada em rede (CASTELLS, 1999). O indivíduo vê-se diante de muitas outras possibilidades de identidade. Como consequência, é possível observar a dissolução, o hibridismo ou o reforço de identidades (HALL, 2001).

No campo do jornalismo, observamos que a identidade jornalística é constantemente confrontada com a aproximação de outras profissões. A necessidade de fixar fronteiras está no cerne da profissionalização no jornalismo, como aponta Ruellan (2007), e é uma questão que volta à tona com as exigências características do jornalismo de mercado. Nestes novos tempos, a profissão corre o risco de ser banalizada num *continuum* das profissões de comunicação, como aponta Neveu (2006).

A fim de demarcar espaço, o *ethos* jornalístico, proveniente de um *habitus* profissional, foi fortemente difundido nesse e em outros campos sociais. Os modos de ver, agir e pensar dentro da profissão – ou uma representação do mundo estabelecida em uma ordem do discurso (RUELLAN, 2017) – são apreendidos pelos profissionais no ensino superior, mas, principalmente, nas rotinas diárias e no contato com colegas de profissão.

Assim, levando em consideração a forma como a cultura profissional se desenvolveu e pensando nas mudanças no ecossistema midiático do final do século 20 até hoje, procuramos identificar como a identidade jornalística foi construída e ressignificada ao longo da vida dos entrevistados. Na tentativa de nos aproximar da identidade de cada um, baseamo-nos em Dubar (1997), que entende que ela é constituída de dois processos: o *biográfico* e o *relacional*. O primeiro, diz respeito à identidade para si, que o autor entende poder ser analisada em termos de continuidade ou ruptura. O segundo trata da identidade para o outro, que pode ser estudada a partir das noções de

reconhecimento e não reconhecimento do outro. Por isso, dividimos a análise sobre a identidade nesses dois pontos e adicionamos um terceiro: as reflexões dos jornalistas sobre *mudanças tecnológicas e o trabalho jornalístico*, que caracterizam a passagem do período industrial para o pós-industrial.

A fim de analisar a identidade para si, optamos por identificar nas entrevistas os sentidos que remetessem ao *ethos* romântico da profissão e à lógica de mercado, uma vez que entendemos que ambos são constitutivos, embora opostos, do discurso sobre a profissão. Como ressalta Bourdieu (1997), o campo jornalístico é composto pelo polo comercial, em oposição ao polo ideológico. Formamos, então, categorias com os sentidos que se sobressaíram das falas dos entrevistados. Cabe, no entanto, reforçar que a categorização é um exercício para melhor compreender aquilo que é pesquisado. Percebemos que muitos trechos possuem mais de um sentido e poderiam ser caracterizados de outras formas. Também é comum que um indivíduo apresente visões contraditórias. Afinal, a realidade é complexa e ao pesquisador cabe lançar mão de procedimentos metodológicos a fim de se aproximar dela.

Na análise, observamos uma predominância do discurso romântico da profissão, porém, sem negligenciar as exigências próprias da lógica de mercado e os problemas advindos das rotinas intensas de trabalho. O *ethos* romântico é constantemente reforçado nos discursos de cinco entrevistados: Elder Ogliari, Marcelo Canellas, Marcelo Auler, Katia Perin e Carlos Wagner.

Consideramos Carlos Wagner o romântico por excelência, uma vez que todos os problemas relatados (como as rotinas intensas e a falta de tempo para a família) são compreendidos por ele como prerrogativas da profissão. No seu discurso, não há, em nenhum momento, questionamento ou insatisfação quanto ao fato de sua vida profissional tomar o espaço da sua vida pessoal. Wagner possui um traço muito forte do que Travancas (2011) chama de *commitment* – a adesão ao trabalho ou a doação do tempo para o envolvimento na atividade profissional, apesar das dificuldades das jornadas diárias.

O *comprometimento e entrega de si* foi, na verdade, o sentido mais recorrente nos discursos dos jornalistas, até mesmo daqueles que relatam desconforto com as exigências da profissão. Deixar a família em segundo plano, interromper as férias e passar dias e noites dedicando-se a uma investigação são situações relatadas em diversos momentos. A necessidade de ser persistente e encarar as adversidades para conseguir o furo jornalístico também está presente nas falas e pode ser vinculada ao compromisso que se tem com a atividade profissional.

Junto a esse sentido está a ideia de *missão*: eles acreditam que o jornalista precisa agir em prol de um bem maior e não apenas para cumprir uma atividade como em outra profissão qualquer. Observamos que a noção de que existe uma missão a ser cumprida é tão enraizada no imaginário

sobre a profissão que até mesmo Ana Estela de Sousa Pinto, que vê o jornalismo de forma mais pragmática, a carrega em seu discurso. A crença na missão – levar a informação ao público, vigiar os demais poderes, defender a liberdade e a democracia – faz com que os jornalistas entrevistados enfrentem as adversidades que se colocam no trabalho diário.

Identificamos também o *amor* pela profissão em diversos momentos das entrevistas, sentido também relacionado à compreensão de que o jornalismo se distingue de outras atividades. A crítica a outras profissões burocráticas é representativa dessa categoria e, ao mesmo tempo, é retomada nas falas que aproximam o jornalismo da *aventura*. Os entrevistados que produzem um discurso predominantemente romântico atrelam suas identidades à *inquiétude*, à vontade de conhecer o mundo e de testemunhar a História. Por isso, o jornalismo também é relacionado à adrenalina e ao inesperado. É sentido como profissão que possibilita vivenciar experiências novas a cada dia.

Palavras e frases que retomam a ideia de *embate* também são constantes. Nelas, é perceptível a noção de que o jornalista precisa lutar ou enfrentar aqueles que estão no seu caminho para chegar ao fim de uma investigação. Carlos Wagner é o entrevistado que mais reforça esse sentido, ao referir-se aos seus colegas de profissão como amigos de “trincheira”. Nos trechos em que os jornalistas mencionam a ditadura militar, o embate também é resgatado ao frisar a necessidade de ter que driblar a censura para que determinadas reportagens pudessem ser publicadas.

Por fim, identificamos a presença da *politização* como elemento constitutivo da identidade profissional de alguns entrevistados. Cabe ressaltar, no entanto, que esse sentido não é generalizado. Está presente, principalmente, nas falas de Marcelo Canellas e Marcelo Auler. A consciência política – não necessariamente partidária – é sentida como motivadora do exercício da profissão. Isso condiz com a ideia de missão, uma vez que demonstra que o jornalista preocupa-se em mudar aspectos da realidade social. Não podemos, no entanto, afirmar que a politização é constitutiva da identidade profissional de todos os jornalistas, mas a consideramos um elemento que leva muitos à escolha da profissão.

Ainda que o discurso romântico seja predominante, observamos a presença de sentidos ligados à lógica de mercado da profissão. Conforme mencionamos ao analisar o *comprometimento e a entrega de si*, são constantes nas falas dos entrevistados as referências às *rotinas intensas* na profissão. Cumprir longas jornadas e não dispor de finais de semana são aspectos mencionados por todos. Em alguns casos, a exigência de estar conectado ao trabalho o dia inteiro é exacerbado, como no caso de Elder Ogliari, que precisava ouvir o noticiário no rádio, da manhã até a noite e mesmo durante os jantares com os amigos e com a esposa. As rotinas intensas levam a outro sentido



recorrente: o *sofrimento*. O fim do casamento e a falta de tempo para os filhos são extremos que percebemos em várias das histórias de vida. Estar sempre ligado ao jornalismo, mesmo fora do horário de trabalho, leva o profissional, às vezes, a sonhar com as reportagens enquanto dorme, como relatam Ana Estela de Sousa Pinto e Katia Perin. O sofrimento, no entanto, não é causado apenas pela entrega do tempo. O esforço para chegar ao fim de uma grande reportagem, para não “levar um furo” e para encontrar o que é a notícia, de fato, são alguns dos aspectos mencionados que causam sofrimento.

Além disso, observamos a presença do *pragmatismo* no discurso sobre a lógica de mercado da profissão. Nesse ponto, a entrevista de Ana Estela de Sousa Pinto mostrou-se um ponto fora da curva. Apesar de reconhecer a importância do jornalismo para a sociedade, ela não se vê como jornalista, apesar de somar 30 anos na profissão. Ela é a única entrevistada que separa o discurso sobre o jornalismo do discurso sobre si. Ao dizer que “caiu” na *Folha de S. Paulo*, que não escolheu ser jornalista e que, provavelmente, seria feliz também em outra profissão, Ana Estela se diferencia dos demais entrevistados que possuem uma visão predominantemente romântica da profissão.

Assim, observamos nas entrevistas analisadas uma *continuidade* da identidade profissional na passagem do período industrial para o pós-industrial. Até mesmo no caso de Ana Estela de Sousa Pinto, sua visão sobre a profissão e sobre a forma como se coloca no jornalismo não apresentou mudanças significativas do início da sua carreira até hoje, uma vez que ela relata nunca ter tido expectativas em relação à profissão. Já os demais entrevistados afirmam que veem o jornalismo da mesma maneira de como viam décadas atrás. Apesar dos relatos sobre as implicações negativas da entrega de si à profissão, o amor pelo jornalismo e o comprometimento se mantêm ainda hoje. Com isso, observamos a força da *illusio* nos discursos analisados (BOURDIEU, 2008). Os jornalistas que mantêm a visão romântica da profissão demonstram verdadeira adesão às regras do jogo. Eles acreditam que todo o esforço e os problemas enfrentados são recompensados, ou seja, creem que o jogo merece ser jogado.

Em relação à identidade para o outro, ou o *processo relacional*, identificamos o predomínio do *reconhecimento*. Os colegas de trabalho aparecem diversas vezes como importantes para o desenvolvimento profissional de cada entrevistado. O relacionamento com a chefia é de confiança, na maioria das vezes. Cabem duas ressalvas, no entanto. Em primeiro lugar, optamos por trabalhar com um grupo de jornalistas com décadas de experiência e ainda em atividade. Esses critérios por si só, portanto, levam a profissionais que têm reconhecimento e que tiveram conquistas na sua vida profissional. Em segundo lugar, entendemos que o *reconhecimento* tende a ser valorizado nos relatos, uma vez que estamos trabalhando com entrevistas de histórias de vida. É possível que, no ato de lembrar aspectos da vida profissional, haja uma tendência a priorizar as boas lembranças e

relacionamentos bem-sucedidos, em detrimento das lembranças ruins que são, conscientemente ou não, deixadas de lado. Da mesma forma, o ato de lembrar do passado tende a resgatar sentimentos de amor e nostalgia, o que precisa ser levado em conta quanto à identificação de uma predominância do discurso romântico nos relatos.

Em relação ao discurso sobre as mudanças tecnológicas e o trabalho jornalístico, observamos um esforço de compreender algo que ainda está muito difuso: o rumo do jornalismo e o lugar do jornalista em meio a tantas transformações. De uma forma geral, a mudança tecnológica é vista como facilitadora dos processos de produção jornalística, porém, com ressalvas. Os jornalistas veem com preocupação práticas como o aumento da produção de matérias sem sair da redação, sem o rigor com a checagem e com os princípios éticos. O período pós-industrial também trouxe consigo a exacerbação da urgência e da onipresença: é preciso publicar a todo o instante e estar por dentro de todos os assuntos, o que aumenta a pressão no trabalho. A profundidade das pautas também é prejudicada, segundo os entrevistados. O tempo e os recursos para produzir uma matéria diminuem. A grande reportagem acaba se tornando privilégio para poucos profissionais.

A necessidade de se diferenciar diante do enxugamento das redações e da entrada de novos atores no cenário jornalístico – amadores e profissionais de outras áreas – é também reforçada. O futuro da profissão, para os entrevistados, vai ao encontro do que postulam Kovach e Rosenstiel (2014): mesmo na era das redes, são necessários jornalistas para o desenvolvimento da sociedade democrática, mas para se manter relevantes é preciso que haja uma retomada dos princípios que regem a profissão.

Dito isso, avaliamos que a *continuidade* da identidade profissional de jornalistas que vivenciaram a transição do período industrial para o pós-industrial, com a *manutenção* de um discurso predominantemente romântico, funciona como um gancho emocional, capaz de retomar a visão ideológica da profissão sempre que necessário: primeiro, como forma de reafirmar que todo o esforço da entrega de si vale a pena, mesmo diante das rotinas intensas e das pressões organizacionais; segundo, para encarar melhor as prerrogativas desse novo período, como a produção de informação crescente por não jornalistas ou o aumento da exigência para agir mais de acordo com as leis do mercado. Assim como o estabelecimento de uma identidade jornalística comum se deu, conforme Ruellan (2007), no processo de profissionalização como forma de reivindicar a sua legitimidade no campo social e impedir que outros agentes tomassem o espaço destinado aos jornalistas, da mesma forma hoje, diante da instabilidade que vive a profissão, ela é defendida.

A manutenção da visão romântica é, portanto, uma forma de resistência, nos termos observados por Hall (2001): diante de tantas identidades disponíveis e de tanta fluidez, existe o

movimento de reforço de identidades. A emotividade e a nostalgia próprias do ato de lembrar a vida potencializam essa resistência. A lembrança das grandes reportagens, que levavam, muitas vezes, meses para serem finalizadas, e a percepção que cada vez o tempo é mais curto, propicia o entendimento de que é preciso retomar práticas do período industrial, a fim de manter os princípios da profissão e justificar a relevância do jornalismo na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalista: do mito ao mercado**. Florianópolis: Insular, 2017.

\_\_\_\_\_. O jornalista sênior nas empresas de mídia. In: **11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo** (SBPJor), 2013, Brasília. 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2013.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALFONSO, Luciano. **Percepções profissionais do jornalismo cultural sobre ethos jornalístico e mediação das artes visuais**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily, SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista ESPM**, v. 5, n. 2, 2013.

AULER, Marcelo. **História de vida de Marcelo Auler**. Rio de Janeiro, 18 nov. 2018. Entrevista concedida à autora.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECKER, Jean-Jacques. *O handicap do a posteriori*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. *The Platform Press: How Silicon Valley Reengineered Journalism*. **Tow Center for Digital Journalism**, Columbia University, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Paris do Segundo Império**. In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 34. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. Compreender. In: **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. p. 693-713.

\_\_\_\_\_. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**; Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39, São Paulo: Editora Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

- \_\_\_\_\_. **O senso prático**. Coleção Sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. The political field, the social science field, and the journalistic field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik (org.). **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005. p. 29-47.
- CANELLAS, Marcelo. **História de vida de Marcelo Canellas**. Santa Maria, 21 nov. 2018. Entrevista concedida à autora.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 2. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.
- CHODAN, Lucinda. **História de vida de Lucinda Chodan**. Montreal, 2018. Entrevista concedida em 12 jan. 2018.
- DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Ed. USP, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Lisboa: Porto Editora, 1997.
- \_\_\_\_\_. Entre crise global e crises ordinárias: a crise das identidades. **Plural**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 18.1, p.175-184, 2011.
- \_\_\_\_\_. **La socialisation**: Construction des identités sociales et professionnelles. Paris: Armand Colin, 1991.
- FIGARO, Roseli. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.
- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias**: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2008.
- \_\_\_\_\_. Jornalismo, ação racional conforme os fins e os valores. **Revista E-Compós**. Brasília, v. 19, p. 1-14, 2016.
- \_\_\_\_\_. **O jornalismo no conglomerado de mídia**: reestruturação produtiva sob o capitalismo global. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert (2004). Sabotagem, 1963.
- GROHMANN, Rafael do Nascimento. Pierre Bourdieu e a Crítica do Jornalismo. **Actas do 6º Congresso SOPCOM**. Lisboa: Universidade Lusófona, p. 2662-2673, 2009.
- GUILHERMANO, Livia. A crise não é do jornalismo, mas do seu financiamento: entrevista com Jean Charron. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 45, p. 292-295, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82397/51010>> Acesso em: 18 de abril de 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- HUGHES, Everett Cherrington. **Men and their work**. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1958.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Blur: how to know what's true in the age of information overload**. Nova Iorque: Bloomsbury, 2010.
- \_\_\_\_\_. **The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect**. Nova Iorque: Three Rivers Press, 2014.
- LAGO, Cláudia. **O Romantismo morreu? Viva o romantismo! Ethos romântico no jornalismo**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2002.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- MATON, Karl. Habitus. In: **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. GRENFELL, Michael (org.). Petrópolis: Vozes, 2018. p. 73-94.
- MARCELO AULER. Blog Marcelo Auler repórter. Disponível em: <<https://marceloauler.com.br>> Acesso em: 30 de novembro de 2018.
- MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXI, n. 1, p. 25-38, jan/jun 1998.
- MEMÓRIA GLOBO. Perfil profissional de Marcelo Canellas. 2004. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/marcelo-canellas.htm>> Acesso em: 20 novembro de 2018.
- MICK, Jacques. A precarização e o trabalho dos jornalistas brasileiros. **Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília: UnB, 2013.
- NEVEU, Érik. As notícias sem jornalistas: uma ameaça real ou uma história de terror? **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, p. 29-57, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- OGLIARI, Elder. **História de vida de Elder Ogliari**. Porto Alegre, 5 nov. 2018. Entrevista concedida a autora.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39, São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA, Fábio Henrique. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. In: II Simpósio de Pesquisa e Iniciação Científica: Migração Internacional e Desenvolvimento Regional, 2004, Governador Valadares (MG). **Anais do II Simpósio de Pesquisa e Iniciação Científica**. Governador Valadares: Univale, 2004.

\_\_\_\_\_. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil**. Identidades, práticas e transformações no mundo social. 2008. 468 f. Tese (Doutorado em Comunicação)- Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan.-jun. 2011.

PERIN, Katia. **História de vida de Katia Perin**. Porto Alegre, 22 dez. 2018. Entrevista concedida à autora.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **História de vida de Ana Estela de Sousa Pinto**. São Paulo, 8 nov. 2018. Entrevista concedida à autora.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RUELLAN, Denis. Grupo profissional e mercado de trabalho do jornalismo. **Comunicação e espaço público**. v. 1, n. 1, p. 27-48, jan.-jul. 2001.

\_\_\_\_\_. **Les “Pro” du journalisme: de l’état au statut, la construction d’un espace professionnel**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 1997.

\_\_\_\_\_. Um ser profissional: ou como percebê-lo. **Brazilian Journalism Research**. v. 13, n. 1, p. 6-19, jan.-abr. 2017.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOLOSKI, John. O jornalista e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 133-146.

THOMSON, Patrícia. Campo. In: **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. GRENFELL, Michael (org.). Petrópolis: Vozes, 2018. p. 95-114.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. I. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. **A tribo jornalística – uma comunidade transnacional**. 1. ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. V. II. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. 4 ed. São Paulo: Summus, 2011.

ZELIZER, Barbie. **Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa**. Comunicação & Linguagens, n. 27. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

WAGNER, Carlos. **História de vida de Carlos Wagner**. Porto Alegre, 6 nov. 2018. Entrevista concedida à autora.



## APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DE PERGUNTAS

1. Conte sobre o local onde nasceu e como foi sua infância.
2. Você lembra de ter contato com o jornalismo no âmbito familiar?
3. Quais eram suas aspirações na infância e na adolescência?
4. Você acha que a sua família teve papel determinante na sua decisão de trabalhar como jornalista?
5. Você fez o ensino superior? Onde? Em qual especialidade?
6. Como foi a sua entrada no mercado de trabalho?
7. Você lembra quando decidiu ser jornalista e por quê?
8. Como foi o seu primeiro trabalho na área? Quais eram as tecnologias utilizadas e qual era a sua função?
9. O que você pensava sobre ser jornalista naquela época?
10. Como era a sua rotina de trabalho e suas responsabilidades?
11. Quais outros empregos e funções você teve?
12. Conte sobre sua vida pessoal. Você é casado? Tem filhos?
13. Quais as implicações da rotina de trabalho como jornalista na sua vida pessoal?
14. Fale sobre sua rotina de trabalho atual. Quais tecnologias você usa?
15. Você considera o seu trabalho estressante?
16. Você já foi ou é sindicalizado?
17. Você testemunhou muitas mudanças tecnológicas. Que implicações você acredita que elas tiveram sobre a atividade profissional? Qual a sua percepção sobre o seu papel enquanto jornalista?
18. Quais valores profissionais são importantes para você? Você acredita que os compartilha com seus colegas de profissão?
19. Como é a sua relação com o público hoje? Houve mudanças do início da sua carreira para cá?
20. Com a maior produção de conteúdo por pessoas comuns e a queda de financiamento da publicidade, você acha que o jornalismo está em crise? Como você vê o futuro da profissão?
21. Você acha que a sua percepção e seu sentimento sobre a profissão é diferente hoje em relação ao começo da sua carreira?

## APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra da pesquisadora responsável.

**Informações sobre a Pesquisa:**

**Título do projeto (de dissertação):** IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS: histórias de vida na transição do período industrial para o pós-industrial

**Pesquisadora Responsável:** Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

**Telefone para contato:** (51) 993299435

**Telefone CEP/UFRGS:** 3308-3738

**E-mail para contato:** virginia@ufrgs.br

**Pesquisadoras participantes:** Virginia Pradelina da Silveira Fonseca e Livia Guilhermano da Silva

Na pesquisa que estamos propondo, pretendemos estudar quais mudanças se operam na identidade profissional de jornalistas que viveram a transição tecnológica, com a difusão da internet, e demais transformações do campo do jornalismo nas últimas décadas. Para tanto, pretendemos entrevistar profissionais, aplicando a metodologia História de vida, que consiste em ouvir relatos das trajetórias de vida dos participantes. As entrevistas terão duração de 2 a 4 horas, aproximadamente, com roteiro pré- estruturado (entrevistas semiestruturadas), serão gravadas e posteriormente transcritas. As informações colhidas serão utilizadas somente com propósito acadêmico para fins de consulta e argumentação nesta pesquisa. Consideramos que os riscos a que você, enquanto informante, está sujeito(a) limitam-se a eventuais desconfortos ou constrangimentos para relatar a uma pessoa de fora das suas relações (a entrevistadora) aspectos da sua vida pessoal ou profissional. Da mesma forma, eventuais constrangimentos em tornar públicas essas informações, que irão circular pelo menos no ambiente acadêmico. Para minimizar esses riscos e eventuais danos, informamos que você poderá se recusar a participar da pesquisa ou mesmo a responder a determinados questionamentos. Ainda assim, depois de realizada a entrevista, asseguramos o seu direito ao arrependimento e/ou à exclusão parcial de declarações que tenha dado e que não queira ver publicada. Entretanto, sua participação é extremamente importante para que se possa refletir acerca dos objetivos de pesquisa e trará contribuições para o avanço dos estudos em Jornalismo, área acadêmica ainda em processo de consolidação junto às Ciências Sociais Aplicadas. Além disso, entendemos que a participação na pesquisa trará como gratificação o reconhecimento da sua trajetória e a possibilidade de compartilhá-la com as novas gerações de profissionais em processo de formação.

Por se tratar de entrevistas de História de vida, você terá o nome divulgado. Porém, cabe referir com veemência que será assegurada a proteção da identidade das instituições e de sujeitos que forem citados durante as entrevistas, sempre que você julgar necessário. Garantimos também o sigilo de toda e qualquer informação que você não desejar que seja publicada. Esta pesquisa será financiada com recursos das próprias pesquisadoras. Ao participar, você não terá nenhum tipo de

despesa, bem como nada será pago por sua colaboração, ficando as informações dadas de sua plena responsabilidade.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

Lívia Guilhermano da Silva

## CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Ao concordar com este termo, estou ciente de que fui informado(a) de forma clara e detalhada dos objetivos e da justificativa do presente projeto de pesquisa.

Tenho conhecimento que receberei respostas a qualquer dúvida sobre os procedimentos relacionados com a pesquisa.

Entendo que serei identificado, porém as informações que considero confidenciais serão mantidas em sigilo pelas pesquisadoras. Estou ciente de que posso solicitar a não divulgação de trechos da entrevista, em caso de arrependimento. Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das informações obtidas.

Eu, \_\_\_\_\_,

concordo com a minha participação neste estudo, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelos pesquisadores sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo.

**Local e data:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Assinatura do responsável:** \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – EXEMPLO DE TABELA DE ANÁLISE

Ana Estela de Sousa Pinto	
<p><b>Imagem de si no passado</b></p>	<p>- Tinha uma vida bem de moleque no sítio. Por isso que eu quis fazer agronomia depois, porque eu <b>pensava em trabalhar com agricultura</b> mesmo, com fazenda e tal... <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- Eu fiz agronomia para morar lá, trabalhar lá no interior e cuidar do sítio dele. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- Não tem ninguém jornalista na minha família e <b>nunca tinha me ocorrido trabalhar com jornalismo</b>, não.</p> <p>- Então foi <b>meio por acaso</b>. Não foi nada muito: “Ah, vou ser... quero ser jornalista”. Foi um pouco por <b>falta de opção...</b> eu estava procurando alguma coisa pra fazer e apareceu essa oportunidade. <b>Eu acabei sendo selecionada</b> e depois apareceu essa vaga. Eu comecei a trabalhar e fui ficando, fui ficando... estou aqui até agora. <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- recolho um monte de informações e depois eu <b>fico me debatendo</b> comigo mesmo sobre cadê a notícia nesse monte de informação que eu recolhi, sabe? Eu acho que <b>me falta</b> um olhar mais jornalisticamente objetivo. <b>(sofrimento)</b></p> <p>- mas como eu <b>não nasci jornalista, nem cresci jornalista</b>, e acho que <b>virei</b> jornalista pelas <b>contingências da vida</b> <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- eu tinha muita <b>insegurança</b> [...] eu achava <b>difícil</b>. Achava <b>difícil</b> entender qual era a pauta, o que eu tinha que trazer da rua, qual era o <i>lead</i>, como que eu te escrever... Achava tudo <b>bem difícil</b> <b>(sofrimento)</b>.</p> <p>- A minha <b>dificuldade mesmo era com a notícia</b>. Entender qual era a notícia, afinal de contas. Eu tinha muito... eu <b>sofria bastante como repórter</b>. Eu sempre <b>passava a noite pensando</b>: “Será que eu levei um furo? Como é que vai ser amanhã? O que os meus concorrentes fizeram e tal?”. Foi um período <b>difícil</b>. <b>(sofrimento)</b></p> <p>- eu achava interessante, mas eu acho que achava <b>mais difícil do que interessante</b>, na verdade <b>(sofrimento)</b></p> <p>- <b>Muito estressante. Muito estressante. Toda a noite, toda a noite, eu sonhava com o jornal</b>. Não é assim “ah, quando eu lembro eu sonhava com jornal...”. Eu lembrava toda manhã e <b>toda noite eu tinha sonhado com o jornal, dia após dia durante meses</b>. Foi bem difícil e <b>bem estressante</b>. <b>(sofrimento; rotina intensa)</b></p> <p>- apesar de eu <b>não dominar totalmente a linguagem jornalística</b>, às vezes eu <b>apanhava um pouco</b> para fazer título e tal, mas a edição do texto, trabalhar com texto, era algo que era mais fácil para mim <b>(sofrimento)</b>.</p> <p>- eu achava <b>importante ter o diploma, para se eu precisasse no futuro trabalhar em outro lugar</b>. <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- hoje a gente ainda <b>trabalha muito</b>, mas quando eu comecei a trabalhar <b>era tranquilo ser 15 horas por dia</b>, sabe? Era bem comum. Então, era muito mais <b>intensivo</b> o aprendizado do que na faculdade. E também, por outro lado, como eu <b>trabalhava 15 horas por dia eu não conseguia me dedicar</b> tanto à faculdade, né? <b>(rotina intensa)</b></p> <p>- Mas, enfim, fiz [a faculdade] <b>porque eu precisava fazer</b>, na verdade. <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- [casar com jornalistas] foi mais por contingência. <b>A gente fica muito, muito tempo aqui dentro</b>. <b>(rotina intensa; pragmatismo)</b></p> <p>- eu meio que <b>fui deixando as coisas acontecerem</b> e como nunca aconteceu... nunca aconteceu de me chamarem. [...] Enfim, <b>nunca pensei não em mudar de empresa, nem de trabalho</b> <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- No começo da minha carreira, eu <b>não tinha a menor ideia do que era um jornalista</b>. Realmente, não tinha ideia... [...] então, passou do “O” a alguém que trabalha há 30 anos nisso, né? Então, eu acho que eu <b>nunca tive nenhuma visão romântica do jornalismo</b>, porque eu <b>não tinha ideia do que o que ele fazia</b>, então, eu <b>não passei por essa fase de achar que jornalista é o cara que vai mudar o mundo</b> e depois perceber que não é isso. Eu <b>nunca passei por isso, porque eu não achava nada sobre o que era o jornalismo</b>. Eu já caí direto na redação, fazendo um monte de <b>tarefas do dia a dia, de rotina</b> e tal, coisas menores, já entrei de cara nessa realidade, então eu não tive essa.. <b>(pragmatismo)</b></p>
<p><b>Processo biográfico</b></p>	<p>- Eu acho que <b>até hoje eu não me sinto jornalista</b>. Eu muitas vezes <b>me questiono</b> sobre isso, assim. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- acho que eu consigo fazer <b>com um grau de qualidade</b>, mas <b>não é algo com o qual eu me identifique de forma fácil, nem natural</b>. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- Então, não sei, mas <b>até hoje eu não me sinto assim uma jornalista</b>. “Sou uma jornalista”. <b>(não pertencimento)</b> É o que eu faço. <b>Eu gosto muito</b>. Eu acho que eu <b>fiz relativamente bem</b> nesse tempo todo. <b>(gosto pela profissão)</b></p> <p>- hoje a gente ainda <b>trabalha muito</b>. <b>(rotina intensa)</b></p> <p>- Eu <b>gosto</b> do trabalho que eu faço hoje como repórter, porque eu <b>tenho bastante liberdade</b>. O repórter especial, muitas vezes, <b>pode escolher</b> sua pauta ou quase sempre pode escolher sua pauta. Tem <b>mais tempo</b> pra fazer... e aí, eu consigo fazer umas reportagens aprofundadas. Eu acho <b>bem interessante</b>, mas eu acho <b>muito mais difícil</b> do que ser editora. Eu ainda <b>não me sinto confortável</b> nessa função, embora <b>goste de fazer</b>. E quando fica pronto eu <b>fico muito feliz</b>, mas todo o processo até ficar pronto é <b>muito sofrido pra mim, bem difícil</b>. Apesar de <b>trabalhar 30 anos nisso, eu, ainda</b>, quase toda reportagem que eu pego <b>ainda me faz sofrer muito</b>. <b>(gosto pela profissão; sofrimento)</b></p> <p>- Eu <b>sempre acho que nunca está completa</b> a apuração e <b>apuro, apuro, apuro</b>, e depois <b>fico com muita informação</b> e acho que o principal <b>o sofrimento</b> é tirar a matéria daquele monte de coisa, entendeu? <b>(sofrimento)</b></p> <p>- Acho que aqui a <b>gente sempre trabalha mais do que 8 horas</b>, né, por dia. E a questão <b>não só do número de horas, a carga horária, mas os horários...</b> a gente trabalha em horários que <b>vão até tarde da noite</b>. Então, quando você tem uma criança em casa é <b>complicado</b>. <b>(rotina intensa)</b></p>
<p><b>Imagem de si hoje</b></p>	<p>- Eu acho que <b>até hoje eu não me sinto jornalista</b>. Eu muitas vezes <b>me questiono</b> sobre isso, assim. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- acho que eu consigo fazer <b>com um grau de qualidade</b>, mas <b>não é algo com o qual eu me identifique de forma fácil, nem natural</b>. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- Então, não sei, mas <b>até hoje eu não me sinto assim uma jornalista</b>. “Sou uma jornalista”. <b>(não pertencimento)</b> É o que eu faço. <b>Eu gosto muito</b>. Eu acho que eu <b>fiz relativamente bem</b> nesse tempo todo. <b>(gosto pela profissão)</b></p> <p>- hoje a gente ainda <b>trabalha muito</b>. <b>(rotina intensa)</b></p> <p>- Eu <b>gosto</b> do trabalho que eu faço hoje como repórter, porque eu <b>tenho bastante liberdade</b>. O repórter especial, muitas vezes, <b>pode escolher</b> sua pauta ou quase sempre pode escolher sua pauta. Tem <b>mais tempo</b> pra fazer... e aí, eu consigo fazer umas reportagens aprofundadas. Eu acho <b>bem interessante</b>, mas eu acho <b>muito mais difícil</b> do que ser editora. Eu ainda <b>não me sinto confortável</b> nessa função, embora <b>goste de fazer</b>. E quando fica pronto eu <b>fico muito feliz</b>, mas todo o processo até ficar pronto é <b>muito sofrido pra mim, bem difícil</b>. Apesar de <b>trabalhar 30 anos nisso, eu, ainda</b>, quase toda reportagem que eu pego <b>ainda me faz sofrer muito</b>. <b>(gosto pela profissão; sofrimento)</b></p> <p>- Eu <b>sempre acho que nunca está completa</b> a apuração e <b>apuro, apuro, apuro</b>, e depois <b>fico com muita informação</b> e acho que o principal <b>o sofrimento</b> é tirar a matéria daquele monte de coisa, entendeu? <b>(sofrimento)</b></p> <p>- Acho que aqui a <b>gente sempre trabalha mais do que 8 horas</b>, né, por dia. E a questão <b>não só do número de horas, a carga horária, mas os horários...</b> a gente trabalha em horários que <b>vão até tarde da noite</b>. Então, quando você tem uma criança em casa é <b>complicado</b>. <b>(rotina intensa)</b></p>

	<p>- <b>Eu estou feliz</b> com o que aconteceu. <b>Não chegou a ser uma escolha, escolha.</b> [...] Muitas das matérias que eu fiz <b>tiveram impacto</b> na vida das pessoas. <b>(gosto pela profissão; pragmatismo)</b></p> <p>- Então, eu <b>fico feliz</b>, assim, com esses caminhos pelos quais eu fui. <b>Se eu tivesse ido para outra profissão, talvez eu também tivesse contente</b>, assim. Não é que... mas eu <b>não me arrependo de ter continuado como jornalista</b>, nem falo, assim, de ter escolhido... como eu te falei, eu acho que <b>não foi uma escolha minha</b>... mas eu não me arrependo de ter seguido por esse caminho, não. Eu acho que foi muito... eu sou <b>bem feliz</b> por ter feito tudo o que eu fiz até hoje. <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- Não é que eu não me sinto... <b>eu sou jornalista, né? Mas eu não tenho aquela coisa</b>... Eu sou <b>jornalista na prática</b>, mas eu <b>não acho que eu sou aquela pessoa que é jornalista na essência</b>, sabe? <b>Na prática, sim, eu sou jornalista.</b> É o que eu faço da hora em que eu acordo até a hora em que eu vou dormir e, às vezes, quando eu estou dormindo também, porque eu sonho com as matérias, mas eu não acho que eu internamente seja jornalista. <b>(pragmatismo; entrega de si)</b></p>
<p><b>Imagem que tem de outros jornalistas (comparação consigo)</b></p>	<p>- Eu vejo tantas <b>outras pessoas que realmente têm o jornalismo do sangue</b>, que têm uma mentalidade muito diferente da minha e uma <b>forma de ver o mundo</b> muito específica do jornalismo e eu <b>acho que eu não tenho</b>. Eu acho que sou bem uma pessoa bem mais generalista. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>-eu acho que eu tenho um ponto de vista um pouco diferente da maior parte dos meus colegas e dos meus editores. <b>(não pertencimento)</b></p> <p>-Eu acho que <b>muitas das pessoas com quem eu trabalho têm uma segurança maior</b> ao tomar decisões. Enfim, talvez tenham <b>menos dúvidas do que eu.</b> <b>(não pertencimento)</b></p> <p>- Se não, com <b>pai e mãe jornalistas, com os horários que a gente tem e tal, talvez fosse realmente difícil, bem mais difícil</b>, acho que é... mas no meu caso específico nunca foi. <b>(rotina intensa)</b></p>
<p><b>Processo relacional</b></p>	<p>- Eu acho que eu fiz relativamente bem nesse tempo todo. Pelo menos é o <b>retorno que eu tenho, que eu tive dos meus chefes até hoje; tenho dos meus colegas.</b> <b>(reconhecimento)</b></p> <p>- o Carlos Eduardo foi ser diretor deste setor, que se chamava Agência Folha e eu <b>fui trabalhar com ele</b> como editora da primeira página dessas edições regionais. <b>(reconhecimento)</b></p> <p>-Eu fui, <b>então, ser editora-chefe da Folha da Tarde com ela.</b> <b>(reconhecimento)</b></p> <p>- eu participei de todo o processo de selecionar as equipes e eu <b>participava da discussão diária com gestores</b> do que seria falta pauta, do que iria para a primeira página. Então, <b> aumentou muito a responsabilidade também.</b> <b>(reconhecimento)</b></p> <p>- quanto mais <b>responsabilidade</b> você tem, <b>mais coisas ficam sob seu critério.</b> <b>(reconhecimento)</b></p> <p>- o Otávio me chamou e: <b>“Eu preciso de alguém que organize os processos”.</b> <b>(reconhecimento)</b></p> <p>- o Otávio me perguntou se eu não queria cuidar do programa de qualidade, que era um programa que tinha para tentar diminuir o número de erros, melhorar qualidade de texto do jornal e tal.</p> <p>-<b>Já voltei</b> para o programa de treinamento, em 98, [...] <b>responsável</b> pelo treinamento e pela qualidade. <b>(reconhecimento)</b></p> <p>- [tempo concedido para entrega de uma reportagem] Mais ou menos <b>o tempo que eu quiser</b> quase, sabe? <b>Difícil alguém me colocar um prazo</b> do tipo “Ah, faz para semana que vem”. <b>(reconhecimento)</b></p> <p>Já teve chefes com os quais eu <b>não me dei tão bem, já levei muita bronca</b> na vida, <b>já quase fui demitida</b> e tal... mas, em geral, sim. <b>Em geral, eu tive bons chefes. Fui sortuda.</b> <b>(não-reconhecimento; reconhecimento)</b></p>
<p><b>Imagem que tem da profissão</b></p>	<p>- se você trabalha na edição é que eu acho que torna um pouco mais <b>difícil</b> essa questão. Porque <b> você chega tarde</b>. Quando você chega, ou <b>o seu filho já está dormindo</b> ou você chega na hora de ele dormir, <b>ou ele vai dormir tarde demais</b>, então isso <b>complica</b> um pouco a vida, principalmente <b>quando os dois fazem isso.</b> <b>(rotina intensa)</b></p> <p>- Eu acho que um dos principais é essa questão de <b>ser fiscal</b> dos outros poderes, de ser um dos <b>pontos de equilíbrio, de contrapeso, né? Entre os diferentes poderes.</b> <b>(ethos romântico)</b> Acho que o outro é <b>prestação de serviço</b>. Acho muito importante e pouco valorizado, geralmente, nas redações. Mas eu acho muito <b>importante</b>. Por meio do jornal, você <b>facilita a vida</b> de muitas pessoas, <b>impede enganos</b>. Acho que a questão da responsabilidade... Eu acho que é muito importante você ter cuidado com aquilo que publica, porque você pode destruir a vida de uma pessoa e depois de destruída não tem como consertar. Destruir reputação, destruir empresas... enfim, acho que tem que ter muita <b>noção da responsabilidade</b> que é ser um jornalista de um meio de comunicação de alcance, né? <b>(pragmatismo)</b></p> <p>- <b>Não chegou a ser uma escolha, escolha.</b> Mas eu acho que é uma <b>profissão muito interessante</b>, que primeiro te permite atuar na sociedade de fato, sabe? <b>(pragmatismo; gosto pela profissão)</b></p> <p>- Então, te permite produzir algo, digamos, para o <b>bem da sociedade</b> por um lado, por outro te dá acesso a muita coisa, né? Te <b>dá acesso a pessoas interessantes, eventos interessantes</b>, te permite conhecer melhor a cidade em que você vive, o país, o mundo mesmo... acho que é uma <b>profissão muito rica.</b> <b>(ethos romântico)</b></p> <p>-a minha visão do jornalismo, eu acho que é essa: que é um trabalho que tem que procurar levar informação relevante e interessante para o público, informação <b>capaz de manter as instituições funcionando bem, olhar criticamente para os poderes, dar publicidade</b> e tentar <b>trazer luz a abusos de poder</b> que estejam sendo cometidos, ou que alguém esteja tentando esconder... Enfim, tentar <b>esclarecer as pessoas</b> sobre informações que mudam a vida delas, que melhoram a vida delas, acho que é um pouco isso... <b>(ethos romântico; pragmatismo).</b></p>

Link para a íntegra das seis entrevistas:

<https://drive.google.com/drive/folders/1XeL772QpDKCWZnqZaigtV2qk6inxsSb5?usp=sharing>